

Cartas para MAGDA

Francisca Maciel
Delaine Cafiero
Egon de Oliveira Rangel
[ORGANIZAÇÃO]



EDITOR

Marcos Marcionilo

CONSELHO EDITORIAL

Ana Stahl Zilles [Unisinos]

Angela Paiva Dionisio [UFPE]

Carlos Alberto Faraco [UFPR]

Celso Ferrarezi Jr. [UNIFAL]

Egon de Oliveira Rangel [PUC-SP]

Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]

José Ribamar Lopes Batista Jr. [UFPI/CTF/LPT]

Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]

Marcos Bagno [UnB]

Maria Marta Pereira Scherre [UFES]

Roberto Mulinacci [Universidade de Bolonha]

Roxane Rojo [UNICAMP]

Salma Tannus Muchail [PUC-SP]

Sírio Possenti [UNICAMP]

Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

Tommaso Raso [UFMG]

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva [UFMG/CNPq]

Francisca Maciel
Delaine Cafiero
Egon de Oliveira Rangel
[organização]

Cartas para
MAGDA

Direção: ANDRÉIA CUSTÓDIO
Capa e diagramação: TELMA CUSTÓDIO
Coleta dos originais: NATÁLIA VIEIRA
Formatação papel de carta: THOMAZ SOUZA

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C342

Cartas para Magda [recurso eletrônico] / organização Francisca Maciel, Delaine Cafiero, Egon de Oliveira Rangel. - 1. ed. - São Paulo : Parábola, 2021
recurso digital

Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-7934-220-2 (recurso eletrônico)

1. Soares, Magda Becker, 1932- - Correspondência. 2. Alfabetização - Brasil. 3. Letramento - Brasil. 4. Livros eletrônicos. I. Maciel, Francisca. II. Cafiero, Delaine. III. Rangel, Egon de Oliveira.

21-73106

CDD: 869.6
CDU: 82-6(81)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Direitos reservados à

PARÁBOLA EDITORIAL

Rua Dr. Mário Vicente, 394 - Ipiranga

04270-000 São Paulo, SP

pabx: [11] 5061-9262 | 5061-8075 | fax: [11] 2589-9263

home page: www.parabolaeditorial.com.br

e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-7934-220-2 [digital]

© do texto: VV.AA., 2021

© da edição: Parábola Editorial, São Paulo, 2021

Sumário

Apresentação	9
O gênero carta.....	II
O atendimento à proposta.....	12
A organização das cartas.....	14
Mundo da prática	16
Josélia Alves Barreto Leal	21
Selma Martines Peres	23
Fernanda Colli.....	24
Chrisley Soares Félix	25
Márcia de Souza dos Santos	27
Raimunda Maria de Laia.....	28
Marciani Militão Vieira.....	30
Luciana Paula Rincon.....	32
Walquiria Almeida de Jesus.....	34
Naiara Oliveira Amorim	35
Jacqueline Ferreira Alves Marques da Silva.....	38
Cleideni A. do Nascimento Acco.....	39
Rosana Aparecida Alves Reis	41
Sandra da Matta Virgem Gomes	44
Viviane Lavarini	46
Andreia Aparecida Suli da Costa	47
Adriana Mota Ivo Martins.....	50
Juliane Gomes de Oliveira.....	52
Mirlene Barcelos Teles	54
Eliane do Carmo Cruz.....	56
Maria Elisa de Araújo Grossi.....	57
Graça Sette.....	58
Ana Kátia Costa Silva, Camilli de Castro Barros, Graciely Garcia Soares, Lucineide Alves Batista Lobo, Márcia Vânia Silvério Perfeito, Vânia Márcia Silvério Perfeito - SEEDF	60

Maximiliana Greggio Ramos Ferreira	61
Rosangela Guerra	62
Luciana Mara Torres Buccini	64
Íris Freua Assumpção	66
Ana Paula Pedersoli.....	68
Olga Regina Lio Rocha.....	69
Avany Xavier.....	71
Rossana Helena Rodrigues Caldeira.....	72
Anicézia Romanhol Bette	74
Rosânia A. Silva.....	75
Vera Lúcia Fernandes de Sousa Lima	76
Liana Pinheiro Ferreira	78
Márcia Gilliotti	79
Márcia Lima Xavier	81
Magally Ferraz.....	82
Aline do Nascimento	83
Edlaine Fernanda Aragon de Souza.....	85
Elizabeth Araújo	87
Júnio do Nascimento Arantes.....	88
Juliano Guerra Rocha	92
Francisca Maciel	96
Mundo acadêmico.....	97
Luciane Manera Magalhães	99
José Olímpio de Magalhães	101
Maria de Fátima Cardoso Gomes (Mafá).....	102
Heloisa Chalmers Sisle	106
Daniel Cardoso.....	108
Rildo Cosson	110
Rosa M. Hessel Silveira	113
Heliana Brina Brandão (Brisa).....	115
Janice Helena Chaves Marinho	116
Maria das Graças de Castro Bregunci (Gracinha)	119
Ludmila Thomé de Andrade.....	121
Antônio Marcos Murta.....	124
Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo.....	126
Maria Aparecida Lopes Rossi.....	130

Kely Cristina Nogueira Souto	132
Maria Celina de Assis	134
Lívia Suassuna.....	137
Liane Araújo.....	140
Welessandra Benfica.....	146
Mônica Correia Baptista.....	148
Isabel Cristina Alves da Silva Frade	150
Luciana Piccoli, Marília Forgearini Nunes, Renata Sperrhake, Sandra dos Santos Andrade - Grupo Aula	152
Adriana Francisca de Medeiros e Francisco Rariosvaldo de Oliveira ..	154
Cecília Goulart	157
Daniela Perri Bandeira.....	159
Maria da Graça Costa Val	160
Eliana Borges Correia de Albuquerque	163
Carla Viana Coscarelli.....	164
Francisca Maciel	166
Cancionila Janzkovski Cardoso (Kátia).....	169
Sara Mourão Monteiro.....	171
Renata Sperrhake	173
Maria Lúcia Castanheira (Lalu).....	175
Silvania Sousa do Nascimento.....	177
Artur Gomes de Moraes	180
Ceres Prado Leite	182
Maria Ângela Paulino.....	185
Aracy Martins	187
Ana Galvão (Aninha)	190
Lourival Martins Filho e Adelma Barros-Mendes	193
Valéria Resende.....	194
Heloísa Rocha de Alkimim	196
Maria Zélia Versiani Machado.....	198
Jilvania L. S. Bazzo.....	201
Sulamita Nagem.....	202
Iara Augusta da Silva	204
Paula Gomides.....	207
Anabela K. Ferrarini	208
Ywanoska Gama	211

Samira Zaidan	217
Antônio Augusto Gomes Batista (Dute)	222
Egon de Oliveira Rangel	228
Marcos Bagno	231
Antonieta Cunha	233
Ceris Ribas.....	240
Resposta de Magda às cartas incentivadas pelo Ceale.....	241
Posfácio	244
Três lições que aprendi com Magda Soares.....	245
Anne-Marie Chartier	

Apresentação

Magda Becker Soares, professora titular emérita da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), fundadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) da mesma faculdade, é uma das principais referências em alfabetização e letramento do país. Seu trabalho e sua presença, entretanto, vão muito além do que suas obras acadêmicas e didáticas permitem supor. Envolvem um conjunto de afetos, de memórias, de experiências vividas e sentidas por todos que a conhecem, seja *através de textos*, seja pessoalmente: convivendo com ela na universidade, participando de grupos de pesquisas ou de encontros de formação; ou, mais recentemente, assistindo às suas *lives*.

O que deu origem às cartas aqui reunidas foi o desejo de prestar uma homenagem a Magda por ela ser o que é — seja na pesquisa e no debate acadêmico, seja na formação docente continuada — e representar tanto na vida de tantos. A ideia surgiu em conversas de um grupo de amigos, em meados de 2020, em plena pandemia. A vontade de encontrar, de abraçar, de se fazer presente ao menos pela palavra levou o grupo a propor a escrita desse gênero. Inicialmente, a intenção era fazer uma entrega no aniversário dela, em setembro daquele ano, mas a dificuldade de tempo só permitiu que o presente fosse concretizado no Natal, numa edição fruto de puro afeto e artesanato editorial.

Como até junho deste ano muitas pessoas ainda quiseram escrever, as cartas continuaram chegando e pedindo passagem. Assim, este e-book compila todas as que, até o presente momento, tiveram sua publicação autorizada por seus remetentes. E dá publicidade a elas como forma de resgatar a primeira ideia: abraçar Magda em seu aniversário. A escrita foi um modo de dar voz àqueles que a conhecem de diferentes espaços, para que todos pudessem falar aberta e diretamente, dizendo o que ela representa em sua formação pessoal, acadêmica e profissional.

Desde o princípio, o desejo era unir dois pontos muito importantes que marcaram e marcam a vida e a obra de Magda Soares: a teoria e a prática. Essa necessidade se expressa em sua extensa produção, referência no campo de estudos educacionais tanto para pesquisadores quanto para professores da educação básica.

Visando falar diretamente ao público pretendido, a página do Ceale <https://bit.ly/3utPzJ7>, fez a seguinte chamada:

Cartas sempre foram motivo de alegria para quem as escreve e para quem as recebe. Pode parecer estranho pedir a você para escrever cartas através das redes sociais, mas é de se pensar que justamente tais redes nos possibilitaram chegar até você, mesmo sem o conhecimento presencial. Acontece que temos em comum a destinatária de nossas missivas: alguém que é amiga, colega, ex-professora, ex-orientadora, autora do livro que você usou em suas turmas de Língua Portuguesa ou aluno que estudou em alguma edição dos livros didáticos de Magda.

Sim, Magda Soares é nossa destinatária. Para quem não sabe, ela é a fundadora do Ceale. Além disso, para nós, ela também é, principalmente, nossa maior referência e inspiração em como estabelecer uma verdadeira relação de troca entre a academia e os professores alfabetizadores. Magda, tanto para os íntimos quanto para os não íntimos — pois ela é receptiva e afetuosa com quem conhece e não conhece — ensinou e ainda ensina a todos nós constantemente durante os seus anos de dedicação ao professorado. Mais do que isso, dedica até hoje seu tempo de vida para realizar, na teoria e na prática, uma educação justa em nosso país.

Para nós, do Ceale, Magda é isso e muito mais. E para você, o que Magda significa em sua formação pessoal, profissional e humana?

Convidamos você que nos lê a escrever uma carta para Magda respondendo a essa pergunta. Queremos compilar cartas de pessoas do Brasil inteiro em um e-book, para registrar todo o carinho que Magda desperta em nós, educadores.

A carta deve ter até mil palavras e deve ser enviada (em arquivo word) para o e-mail cartasparamagda@gmail.com. Se você puder, envie antes do Natal, ela ficaria feliz de receber esse presente.

Contamos com você!

EQUIPE CEALE

O gênero carta

Na Apresentação do livro *Prezado senhor, prezada senhora*¹, Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battella Gotlib referem-se ao uso do correio eletrônico, que então ameaçava fazer a carta cair em desuso. As suspeitas não chegaram a se concretizar completamente; vários fatos confirmam isso. Um deles está aqui: foi exatamente através de e-mails — e até mesmo como e-mails — que as *Cartas para Magda* circularam, originadas de diferentes localidades do país. Numerosas, afetuosas, atestando sua permanência e vitalidade, exibem diversidade de estilos e sotaques. E, ao mesmo tempo, manifestam consonância nos testemunhos de admiração incondicional e no reconhecimento da importância da grande mestra na vida de cada remetente.

No entanto, mudou o veículo que aproxima o remetente do destinatário; e, com ele, mudaram vários vetores do gênero: o estilo parece ter-se libertado das fórmulas tradicionais, ainda que conviva com elas, produzindo novos efeitos de sentido; o tipo de discurso, ainda que permaneça fiel ao plano de enunciação próprio de um discurso de experiência pessoal vivida, às vezes, tende a expandi-lo e a atualizá-lo, como numa conversação face a face ou mesmo num e-mail; e o plano geral do texto se ampliou, liberto, também ele, do relato das novidades no campo da intimidade.

Por outro lado, se a carta é um gênero normalmente orientado para a esfera do domínio privado, nesta coletânea ela não só não ignora como se oferece ao domínio público, com o consentimento expresso daqueles que a escreveram. Mobilizando e renovando os recursos epistolares, essas cartas perfazem e formalizam um incontestado documento de duas faces: de um lado, expõem o perfil da professora, pesquisadora e escritora que marcou uma trajetória e mesmo toda uma formação acadêmica; de outro, refletem, como num espelho, a influência generosa do saber pedagógico construído por Magda Soares nas práticas profissionais dos educadores.

Deixando de lado qualquer teorização epistolográfica, o que interessa, aqui, é o que há de humano e de vivido nessas vozes escritas, nessas falas do coração, nesses relatos de experiências, nesses depoimentos e testemunhos de gratidão. São leitores, colegas, alunos, orientandos, professores, pesqui-

¹ São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

sadores que, de certo modo, atuam e põem em diálogo os conhecimentos teóricos e as ações em sala de aula por todo o Brasil. São amigos próximos ou distantes, que não necessariamente precisam de um encontro físico com Magda para a terem presente em suas vidas acadêmicas ou em suas práticas docentes. Será que Magda sabe de tantos amigos que tem?

Em geral, escrevemos cartas — de amor, de amizade, de agradecimento — movidos pela empatia que temos com aquele(a) para quem escrevemos. Queremos falar de nossa vida passada, presente e futura. A mão vai escrevendo, muitas vezes sem muito controle sobre o que escreve: os pensamentos e o desejo são mais fortes. Deixar que a mão deslize sobre o papel ou sobre o teclado é deixar fluir pensamentos, sentimentos. Assim, a carta é — como aponta Foucault, ao investigar a correspondência entre os estoicos — *uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros*. Torna o escritor presente àquele a quem a dirige, porque escrever é mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. Nesse sentido, as cartas aqui reunidas são, *simultaneamente, um olhar que se volta para o destinatário e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz*.

O atendimento à proposta

É dentro de um contexto próprio de produção que as respostas dadas em diferentes textos podem ser compreendidas. Ao mesmo tempo que a pergunta norteadora para as cartas se colocou como possibilidade, também impôs limites: *E para você, o que Magda significa em sua formação pessoal, profissional e humana?*

Em muitos textos, é possível ver que não é essa a pergunta que move a escrita do remetente, que responde a perguntas que lhe são próprias, nascidas de uma relação muito particular. Os autores escreveram para *saber como anda a vida*; ou para dizer da falta que os encontros fazem, *dos papos sobre amores, viagens, coisinhas*. Escreveram para contar dos medos e incertezas diante da pandemia e do atual momento político do país. E marcaram nos textos agradecimentos, memórias de tempos vividos em orientações, palestras, pesquisas ou em encontros presenciais ou virtuais. A propósito, o destaque dado às *lives* é notável, em comentários entusiasmados a essas visitas. Foram muitas as vezes em que Magda entrou na casa daqueles que

estavam ávidos para conhecê-la ou para revê-la, para *matar saudades*, para ouvi-la e aprender um pouco mais com ela.

Outro exemplo que evidencia a forma pessoal e particular com que cada remetente lidou com a consigna proposta foi o manejo do gênero. Como escrever uma carta pessoal, um gênero privado, que convida à intimidade, sabendo que a dimensão do público estará presente? Como escrever com um número delimitado de palavras, quando se tem tanto a dizer? Como escrever com tempo marcado para que o envio fosse até o Natal? Isso pode ser sentido não só na voz dos diferentes interlocutores como também nos modos como esses se apropriaram das instruções dadas (ou as subverteram) e realizaram seus textos. Algumas pessoas marcaram esse incômodo expressando objetivamente a dificuldade da tarefa; outras, recorreram às mais diferentes estratégias discursivas. Em consequência, não escreveram uma carta, no sentido mais *estável* e estrito do gênero, com local e data, saudação, corpo do texto e assinatura. As circunstâncias da comunicação levaram à escrita de e-mails, bilhetes, cartões, poemas ou outros gêneros que, provavelmente, nem é possível nomear. Aqui, no entanto, todos são chamados de *cartas*, porque um gênero é aquilo que seus praticantes fazem dele.

Também o grau e o tipo de (in)formalidade foram uma forma de subversão. Se, por um lado, há textos com um certo distanciamento respeitoso, construído pela representação que o interlocutor tem da homenageada, há outros com uma linguagem leve, próxima, colorida e viva, em textos que entrecruzam a escrita e a oralidade. Assim, ao lado de saudações formais como: *Prezada Dra. Magda Becker Soares* ou *Professora e mestra* ou, ainda, *Cara Sra. Soares*, acentuadas pelo uso cerimonioso de *senhora*, estão, também, usos que atualizam ou inauguram uma relação próxima, como: *Olá, querida Magda* ou *Minha querida professora*, combinados com a força expressiva do tratamento por você/tu alternadamente.

Por tudo que buscam expressar, pelo contexto em que foram escritas e pelo que representam, as cartas compiladas neste e-book tiveram um mínimo de interferência editorial e vêm transcritas praticamente como vieram de seus autores. Trata-se de produtos de condições de produção e de estratégias de interação e enunciação muito particulares e específicas. Desse modo, conteúdo, forma e demais recursos linguísticos testemunham as es-

colhas feitas pelos escreventes para dizerem o que queriam dizer de modo a gerar sentidos e, mais que isso, atingir os efeitos desejados.

A organização das cartas

Magda Soares foi recebendo as cartas à medida que elas chegavam: um primeiro conjunto, na véspera do Natal de 2020; um outro, em abril deste ano; e ainda algumas esparsas, depois dessa data. A organização adotada para o conjunto do material, neste e-book, resgata, em boa medida, a ordem de recebimento e promove um agrupamento em duas partes, numa tentativa de evidenciar a teoria e a prática que ecoam nos textos, assim como o seu inevitável entrelaçamento nas vozes que neles se manifestam. São professores que falam de suas experiências com a alfabetização e o ensino de língua, das descobertas que fizeram a partir do conceito de letramento. São graduandos e orientandos, profissionais em formação, que relatam como encontraram algumas das respostas que buscavam e como se defrontaram com um conjunto de possibilidades e perspectivas, nos livros, ensaios e artigos que liam. São colegas, companheiros de pesquisa e de caminhada que se emocionam ao rememorem os caminhos percorridos, a palavra de apoio, o incentivo durante a jornada, a história construída juntos, a militância por uma escola pública igualitária e de qualidade.

Em uma das cartas, a professora Maria Celina escreve:

Magda traz para o mundo acadêmico uma reflexão importantíssima: saíamos dos muros acadêmicos, vamos lá no chão da ESCOLA, razão maior da nossa existência, vamos lá saber o que será e o que deve ser.

Daí a nossa intenção de deixar ver e ouvir como esses dois mundos se distinguem e se aproximam, nas vozes daqueles que escrevem para Magda. “Mundo da prática” e “Mundo acadêmico” foram, então, os dois subtítulos usados para agrupar essas vozes. A palavra *mundo* traz a ideia de conjunto, de tudo o que existe em um determinado espaço, assim como das formas com que nele se interligam. Também poderíamos empregar a palavra *circuito*, para dar a dimensão de trajetória percorrida de um ponto a outro, como nas corridas em que o ponto de chegada é também o ponto de partida. Assim entendido, *circuito* implica a ideia de dialogismo: um ponto retornando ao outro, alimentando e sendo alimentado pelo outro.

Estabelecer essa organização não foi tarefa fácil; e o agrupamento escolhido pode parecer paradoxal. Uma carta alocada num grupo bem poderia estar no outro: independentemente da identidade atual do remetente, há relativa interdependência entre eles. Há cartas escritas por alguém que, hoje, é um pesquisador que atua na universidade; mas em que a voz predominante é a do aluno que viveu as dificuldades de se inserir na profissão ou na pesquisa. Há professores da educação básica que traçam um paralelo entre sua prática de alfabetização, vivenciada ao longo de vários anos, e as teorias às quais teve acesso; e, assim, traz evidências muito concretas de como toda prática é embasada por uma teoria, mesmo quando não se tem muita consciência de que teoria é essa. Difícil pensar as cartas enviadas a Magda Soares a partir de um só enquadramento. Este, é apenas uma tentativa; e um convite à entrada no diálogo, sempre necessário, entre reflexão e ação.

Por fim, seguem os nossos agradecimentos. Em primeiro lugar, a todos os que escreveram e, assim, tornaram possível esta homenagem. Agradecemos também a Natália Vieira e ao Thomaz, do Ceale, pelo recebimento de todo material e pela formatação da primeira versão. Agradecimento muito especial a Marcos Marcionilo, que prontamente atendeu à proposta de parceria com o Ceale neste empreendimento; e à sua Editora Parábola, que viabilizou esta publicação, tornando possível compartilhar e amplificar uma conversa que, agora editada profissionalmente, se anuncia debate.

A ORGANIZAÇÃO

Mundo da prática

Professores da educação básica, ex-alunos da graduação e da pós, ex-orientandos de mestrado e de doutorado, autores de livros didáticos, jornalista, bibliotecária representam, nesta coletânea, as vozes daqueles que ensinam e aprendem no seu fazer diário. As cartas revelam como Magda é inspiração, estímulo e referência para a prática profissional de cada um. Mostram, ainda, como ela foi capaz de mudar os rumos, corrigir rotas, como se lê em uma delas, na voz que se assume como uma ex-aluna que conheceu Magda por meio da leitura de *Linguagem e escola: uma perspectiva social*: “Você chegou assim vestida em uma capa vermelha, surrada pelo uso de um exemplar disputado na biblioteca”. A leitura foi responsável por tirar a remetente da zona de conforto, levando-a a pensar um caminho mais atento em relação ao outro, *o público, os filhos da classe trabalhadora*.

Assim como esse, são muitos os relatos de transformações provocadas por textos, aulas, palestras e *lives* de Magda. *Linguagem e escola* é, sem dúvida, um divisor de águas para muitos, que passam a enxergar o quanto é preciso repensar constantemente a sua prática, para não reproduzir elementos de exclusão social por meio da linguagem, como o livro defende. Em mais de uma das cartas, há a constatação da atualidade de *Linguagem e escola* e do quanto o texto ainda dialoga com propostas de uma escola transformadora e emancipadora. Uma escola que não desconsidera quem são os seus estudantes.

Alfabetização: a questão dos métodos e *Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever* são os dois livros recentes mais citados nesta parte da coletânea. O que se revela é que é impossível manusear esses livros, assim como qualquer outro da autora, sem sentir os traços marcantes de sua personalidade e de sua pedagogia de inspiração freiriana: mãos e vozes dos professores alfabetizadores unidos com Magda num mesmo propósito.

Por fim, para que se possa ir direto à leitura desta coletânea, é possível afirmar que as cartas referendam o que diz uma das remetentes: o amor emanado de Magda *é contagiante e tem o poder de ofertar o que há de melhor nos seres humanos, produzindo mudanças significativas na vida de quem deixar-se envolver nele*.

Contagem, 20 de dezembro de 2020

Querida e estimada Professora Magda,

Fiquei e estou ainda bastante emocionada quando resolvi começar a escrever esta carta para você.

Pensei em tudo: Não ser piegas, sem assunto e muito menos bajuladora. Tenho um propósito com esta carta: ser clara, objetiva e sincera.

Trabalhei muito e hoje, já com 72 anos, ainda trabalho na rede de Belo Horizonte como alfabetizadora. Pesa-me saber que estou prestes a me aposentar.

Percorri algumas escolas de Contagem e Belo Horizonte, como "ora": Supervisora, orientadora, diretora (falo "ora" procurando ser original), mas, assim como você, o que me completa e realiza na passagem por este mundo é a minha opção por ser professora.

Trabalhando há tanto tempo em sala de aula, quando vislumbro atualmente a possibilidade de retrocesso, no tocante à alfabetização, sinto-me apavorada. À medida que eu for escrevendo, meu temor se esclarecerá.

Lembro-me daqueles inícios de anos letivos quando nos debruçávamos na elaboração do planejamento para o "Período Preparatório" – um estágio, como se dizia – para assegurar ao aluno a prontidão necessária na tarefa de aprender a ler. Acreditávamos que com aquelas atividades ampliaríamos o campo de experiências das crianças, com respeito ao desenvolvimento do pensamento e da linguagem.

Era como se a criança nada soubesse antes de entrar na escola e precisasse de um período que a preparasse para aprender a ler. Para isso precisava realizar atividades "interessantes", como a escrita e a leitura de fichas como "Boa Tarde!" "Bom Dia!" Treino da coordenação motora grossa e fina. Cobrir caminhos e mais caminhos, imitando a letra cursiva; observação e cuidado com os bichinhos e plantas... Somando tudo isso, lá se iam os meses de fevereiro e março – se a classe fosse rotulada como "C" ou "D", provavelmente seu pe-

ríodo preparatório se estenderia até o final do ano. Eram as classes especiais, dos alunos considerados problemas que deveriam ser encaminhados para os psicólogos, fonoaudiólogos, pediatras etc. Que desespero! Não ia sobrar tempo para aplicar o método escolhido pela escola, depois de uma incansável discussão sobre qual seria o melhor. Esse melhor era sempre uma nova cartilha ou pré-livro lançado na praça. Uns diziam: "Acho que esse ano o melhor método vai ser 'Abelhinha' eles aprendem os sons das letras... o pior é que ninguém sabe fazer estes sons e..." e desculpe-me completar: a vaca ia pro brejo! "Eu creio que misturar tudo dá melhor resultado!", alguém intervinha.

Nessa discussão para escolha de um método, escolhia-se um, pedindo a Deus que, até o final do ano, pelo menos metade da turma estivesse lendo algumas palavras da cartilha. Se tal fato não acontecesse, partíamos para "pós-alfabetização"; uma válvula de escape que se resumia em caracterizar uma dificuldade da criança frente à situação de ensino-aprendizagem, colocar-lhe um rótulo e encaminhá-la para um provável especialista.

As dúvidas persistiam, questionávamos os métodos, as dificuldades das crianças, a ausência da família, nossos baixos salários. Nesse cenário, era muito doloroso o processo de alfabetização tanto para as crianças quanto para nós. O caminho era repetir, copiar, treinar, memorizar. Através de uma pseudoludicidade, fazíamos nossas crianças reproduzirem sons ilegíveis, numa abelhinha tancha e descontextualizada que picava a cognição dos nossos alunos com a caneta vermelha nas avaliações.

Porém, num dia alvissareiro, que certamente não foi o 7 de Setembro, dia do seu aniversário, Contagem teve a maravilhosa ideia de convidar você para falar-nos sobre Emília Ferreiro e a psicogênese da língua escrita. Naqueles idos dos anos 1990, você nos apresentou a "reinvenção da alfabetização". Quanto ensinamento!

Você conseguiu colocar-nos para refletir. Havia dois métodos: o sintético e o analítico, e a partir deles várias cartilhas que jamais questionaram como o aluno pensava e o que ele sabia. Aprendemos a ver, assim como o *Menino que aprendeu a ver*, da Ruth Rocha que a criança é um ser ativo e participante nesse processo de aprendizagem. Através da psicogênese, pudemos descobrir como a criança vai construindo a compreensão da língua escrita.

Como você bem afirma, aprendemos que a criança não é introduzida no mundo da escrita quando entra para a escola, mas que o faz de uma maneira informal e "ametódica", desde o nascimento. Maravilhada por seus ensinamentos, refiz o meu caminho como alfabetizadora. Tenho sempre em mãos suas obras primas: *Linguagem e escola: uma perspectiva social* (com maestria você nos alerta para o fato da discriminação social reproduzida no seio da escola); *Alfabetização e letramento* (fazendo distinção entre os dois, mas deixando bem claro que são indissociáveis); e seu premiadíssimo *Alfabetização: a questão dos métodos* – um verdadeiro *handbook*, como afirma Artur Gomes de Morais.

Faltou-nos protagonismo, estudo e intencionalidade para fazermos uma educação de qualidade neste país. Temos tudo para alçar voo, criar estratégias, intervenções e metodologias no processo de alfabetização e letramento, mas ainda existe no nosso meio aquela velha história: "Um certo Galileu Galilei anda dizendo por aí que a Terra não é o centro do universo".

Certa professora Magda Soares também anda apregoando por aqui que devemos alfabetizar letrando e que a pergunta não é o que ensinar, mas *como a criança aprende*.

E aí, minha amiga, com 88 anos, depois de tantas pesquisas, perdas de noites de sono e dedicação querem fazer uma fogueira dos seus ensinamentos? Letramento é o vilão da história?

Chego a sentir um frio na barriga e uma dor na espinha.

Vamos nos reencontrar com a "abelhinha" zunindo no *Caminho pedregoso* no treino de sons e sílabas? As crianças agora vão ter que engolir fonemas impronunciáveis por que os "blogueiros" e vendedores de "pacotes" assim o desejam?

Os saudosos da era de Aristóteles não conseguem ver o sol como o centro do sistema e os planetas girando em torno dele. A teoria do heliocentrismo quer "gravitacionar" novamente na cabeça dos alienados.

Toda revolução científica é muito dolorosa. O pai da ciência moderna foi considerado um herege pelo tribunal da Santa Inquisição, chegando a ser perseguido e julgado pela igreja, pois suas teorias eram consideradas polêmicas, controversas e sem "as ditas bases científicas" da época.

Alfabetização e letramento. Que afronta! É o vilão de todo fracasso educacional no país!

Esbravejam. Conhecendo e acreditando no seu trabalho **verdadeiramente científico**, isso corta como um punhal e chega a doer e sangrar o âmago da alma. Esteja certa: **Letramento importa e não abrimos mão dele! continuaremos a alfalettrar!**

Nomeamos você **Mãe da Alfabetização Brasileira**, sem nenhum direito à fogueira!

Querida Magda, nesse pedacinho de papel e na escrita desta carta aproveito a chance para lhe dizer o quanto somos gratos pela riqueza das suas obras e pela sua contribuição para o nosso desenvolvimento profissional. Não vou lhe chamar de mito, deusa, rainha, âncora, luz. Você é bem mais do que isso. Você é **Mestra!** E seu maior legado e o prêmio que sempre recebeu e merece receber é nossa eterna gratidão, apreço e reconhecimento, pois sabemos o quanto a educação brasileira e as crianças deste país devem a você. Não é a professora Josélia quem lhe escreve esta carta, mas simbolicamente são aqueles que, através dos ensinamentos que você transferiu para nós ao longo de sua vida, tivemos o privilégio de alfabetizar e letrar, retirando-os do analfabetismo funcional e inserindo-os num mundo letrado e alfabetizado.

Por meio de você, querida professora, a gente vê novos caminhos, novas reflexões, novos objetivos e novos planos.

Com muito carinho e gratidão deixo aqui o meu abraço.

Josélia Alves Barreto Leal

Catalão, 19 de dezembro de 2020

Querida Magda,

Encontro marcado! Não, não me refiro ao livro do Fernando Sabino. Mas ao meu encontro com Magda Soares. Te conheci na universidade, lá no curso de Pedagogia, no interior de Goiás, lendo *Linguagem e escola: uma perspectiva social*.

Você chegou assim, vestida em uma capa vermelha, surrada pelo uso de um único exemplar disputado da biblioteca.

Tenho que ser sincera, você não chegou de mansinho, sua presença foi marcante e intensa desde o início. Com palavras carregadas de força e objetividade, você conseguia alcançar os lugares mais acomodados e alienados do meu pensamento.

Assim, desde o primeiro encontro, você me tirou da zona de conforto, me provocando a pensar um caminho mais atento em relação ao outro, ao público, aos filhos e filhas da classe trabalhadora. Sim, eu os via antes, mas era com olhos cobertos por uma espécie de catarata social, que me impedia de ver as mazelas da sociedade. Fracasso da/na escola, me demorei ali, me desconstruí, pois eu queria ver e aprender. Da minha primeira experiência com a docência até hoje, agora atuando no ensino superior, você não me deixou mais. Talvez você não saiba, mas você está bem próxima de mim, nas minhas aulas, nos meus textos, nas minhas pesquisas, até mesmo nas minhas conversas de boteco. Então, digo que temos uma intimidade, coisa de leitora-autora, mas também de você como mulher, professora, pesquisadora e fundadora do Ceale. Você me inspira.

No mestrado na UFMG, lembro do dia que te vi no corredor da FaE. O coração disparou: bem ali, na minha frente, estava aquela que colaborou para que eu tomasse um novo curso em minha vida. Você e meus professores me inspiraram a estar ali na UFMG buscando uma qualificação.

Numas das atividades da "Quarta na FaE", lá estava você, auditório cheio. Depois da primeira vez que participei de uma palestra sua, a leitura passou também a ter uma dimensão sonora, lia ouvindo sua

voz, seu ritmo, suas pausas para respirar. Qual foi minha surpresa quando Aparecida Paiva, minha orientadora, convidou você para fazer o parecer do meu projeto de pesquisa. Foi um misto de alegria, expectativa e responsabilidade. E você dizia: "essa menina gosta muito de imagens, e temos que ver, temos que falar em *linguagens* aqui na linha". Esse gostar de imagens permaneceu e permanece até hoje.

Você me acompanhou no doutorado e nem preciso dizer o quanto pude contar contigo na sala de aula. Afinal, eu nunca estou só, pois você, Freire e tantos outros autores/as nunca me abandonam. De mãos dadas seguimos, resistindo aos tempos sombrios, esperançando e olhando para nossas crianças das escolas públicas.

Ah, na Anped de Porto de Galinhas pude te abraçar e tirar uns cliques de você recebendo seu prêmio Paulo Freire.

Nem preciso falar de *Alfabetização: a questão de métodos*, nem das *Múltiplas facetas do letramento* e do recente *Alfaletrar* porque você já sabe que não só fazem parte da minha formação, como também da formação de meus alunos e alunas.

Magda, o nosso encontro marcou minha vida e minha trajetória profissional. Fico olhando você, sua atuação profissional e seu compromisso contínuo, a experiência de Lagoa Santa, você é o meu melhor exemplo. E, sim, acredito que a formação se faz também sendo exemplo, com nossas práticas e coerências.

Obrigada por resistir a tantos períodos sombrios, vividos e que estamos vivendo em nosso país. Enfim, queria te dizer que assim como você nunca me deixa sozinha, em minha vivência docente, você também não está só. Sua indignação é minha e somos muitas.

Meu muito obrigada! Abraço,

Selma Martines Peres

Araçatuba, 17 de dezembro de 2020

Querida Magda,

Como anda a vida? Espero que esteja bem. Aqui estamos ainda passando por um período delicado de medos, mas a fé que nos move é maior do que qualquer incerteza que existe.

Estou escrevendo para lhe agradecer pela oportunidade defendida pela senhora de podermos garantir a liberdade de nossos alunos; pela luta incansável para que a sociedade torne-se detentora de seu direito de autonomia, direito esse garantido não apenas pela nossa alfabetização, mas pelo letramento, que devem seguir juntos, graças a estudos conclusivos realizados pela senhora.

Mesmo com toda essa liberdade garantida por nossa língua, infelizmente não encontro palavras para descrever o enorme bem que a senhora fez, faz e principalmente representa. Obrigada por acreditar nas pessoas. Por permitir que elas sonhem, que elas interajam e possam exercer através da comunicação a diferença na sociedade, permitindo inclusive sonhar com um mundo melhor, pois graças a pessoas como a senhora, com estudos edificantes que fundamentam todo nosso ensino, oportunizamos que pessoas possam seguir em frente.

Desejo que possa receber nem que for um por cento da gratidão que temos pela sua contribuição para o mundo, pois mesmo essa porcentagem é suficiente para alegrar um coração para toda uma vida, tamanha a proporção de nosso carinho pela sua vida.

Obrigada por representar a esperança de um mundo melhor.

Que as luzes de Natal continuem acesas durante o próximo ano que está por chegar, proporcionando paz, sabedoria e muito amor.

São pessoas como a senhora que nos motivam diariamente em nossa luta, mostrando que a humanidade tem jeito, e principalmente que todos podem aprender. Gratidão eterna.

Os sonhos não podem acabar. Boas Festas hoje e sempre

Fernanda Colli

Belo Horizonte, 15 de dezembro de 2020

Querida Magda,

segue com carinho um pequeno gesto de gratidão a você, em forma de texto.

Magda é inspiração, Magda é ação, Magda é beleza. Magda é um amor sem fim, que nos ensina, contagia e nos motiva a buscar sempre o nosso melhor. Ela é inspiração, humildade e doação.

Magda segue meu percurso não apenas acadêmico, mas também profissional e humano. Me acolhe sempre que peço ajuda e, de uma maneira simples e carregada de riqueza, me mostra possibilidades de percurso para trilhar caminhos para uma educação de qualidade, acolhedora, com olhar afetuoso e atento aos estudantes.

Magda esteve comigo na graduação, por meio de palestras, de seus livros e das falas das professoras, sempre tomando-a como referência. Esteve comigo no mestrado, doando-me tempo, livro e ideias para construir junto a mim e minha orientadora o percurso de pesquisa.

Me acolheu no doutorado e entendeu quando precisei mudar o rumo da pesquisa, me incentivando e me ensinando que a vida é um caminho de incerteza e que não temos o controle dela.

Me acolheu quando, como profissional, pedi ajuda para formação de minha equipe de trabalho. Não só nos levou a pensar caminhos, como se colocou à disposição para continuar nos ajudando.

Magda, você é fonte de inspiração, exemplo de bondade e humildade. Obrigada porque minha vida e minha história têm muito de você. Obrigada porque você me ensina a ser melhor e a querer aprender mais diariamente, para fazer o melhor por onde eu for e com quem eu for.

Obrigada pela preciosidade, grandiosidade, humildade e amor que representa em mim.

Um beijo carinhoso!

Chrisley

Belo Horizonte, 17 de dezembro de 2020

Estimada mestra Magda Soares,

Ao escrever esta singela carta, rememorei a minha infância, em que caminhava alguns quilômetros para ir à casa da minha avó materna para escrever as cartas para os parentes que residiam no Nordeste e, ainda, o grandioso filme estrelado por Fernanda Montenegro intitulado *Central do Brasil*. Escrever uma carta, naquela época de 1990, era muito significativo, e percebo o quanto as crianças de hoje não têm essa estima com a escrita à mão e com as letras com profunda intimidade.

Escrevo-lhe esta carta para desejar boas festas e longevidade. Além disso, quero lhe contar o quanto a senhora significa em minha formação pessoal, profissional e humana. Com imenso carinho, confesso que a primeira vez que vi seu nome foi na minha formação profissional, na disciplina Alfabetização e Letramento, no curso de Pedagogia da PUC Minas. Depois do primeiro contato, muitas foram as referências em que seu sobrenome estava presente: "De acordo com Soares...", e por aí vai.

Na minha formação profissional, posso dizer que você é fonte de conhecimento, oráculo de sabedoria construído com muitas pesquisas, maná de inspiração sobre alfabetização e letramento. Meu sonho de menina, filha de pais semianalfabetos, é chegar ao mestrado estudando o que se tornou a minha paixão: o processo de alfabetização mediado pelo uso de TDIC.

Posso afirmar que na minha formação pessoal é um refrigério à alma, é um enamorar-se com o trabalho de apresentar as palavras, com a conquista da criança de desvendar o código alfabético e, para além disso, a possibilidade de tornar a leitura e a escrita numa fonte inenarrável de possibilidades para transformar a realidade, num humilde trabalho de formiguinhas que vêm e vão. Pessoas como você, tão comprometidas com o que fazem, servem para acender o brilho no olhar dos universitários que caminham para se tornarem profissionais. Digo daquele brilho fervoroso ao falar com propriedade das dificuldades, acertos e erros com que um professor alfabetizador se depara ano a ano. Aquele brilho lampejante, cheio

de intenso amor e orgulho do trabalho que realiza na vida de seus alunos, aquela paixão que transcende o imaginário infantil de ver na "primeira professorinha" um aconchego e alguém que ensinou as primeiras letras. Você é uma das pessoas que mais me inspiram a seguir em frente e sempre pesquisar, seu nome está eternizado em meu coração.

E, o que dizer sobre o quanto você significa para a formação humana de todos nós? Ah... gostaria de dizer que você com certeza contribuiu, contribui e por muitos e muitos anos contribuirá para que o mundo possa ser melhor! Nas muitas facetas que você nos apontou, mais do que teorizar você conseguiu mostrar que pode existir uma ponte segura entre a teoria e a prática. Sei que a vida não é só feita de alegrias, mas quando a tristeza lhe vier fazer companhia, não a deixe fazer morada. Lembre-se que seu nome ecoa por todo o Brasil, e até mesmo fora dele, tornando sonhos realidade. Lembre-se ainda que você é a pedra angular de muitas práticas docentes alfabetizadoras.

Enfim, querida mestra, só tenho a agradecer por fazer parte da minha vida de tantas formas especiais. Mesmo sem a conhecer pessoalmente, digo que conversamos todos os dias, que gosto de ir no *Glossário do Ceale* e ver conceitos que a senhora contribuiu para estarem lá. Obrigada por ser essa luz de conhecimento para tantas almas que perambulavam pela escuridão.

Como de costume na minha família: "A bença, querida mestra das letras".

Um abraço do meu tamanho,

Márcia de Souza dos Santos

Belo Horizonte, 23 de dezembro de 2020.

Professora e mestra Magda Soares,

Eu, Raimunda Maria de Laia, professora da Escola Municipal Israel Pinheiro, de Belo Horizonte, tenho grande admiração pelo seu trabalho, sua dedicação, sua pesquisa diária, seus ensinamentos e sua coragem.

Gosto de ouvir e assistir suas palestras que, apesar de toda a minha simplicidade de professora alfabetizadora, trazem para a minha prática muitas alternativas de trabalho.

A sua literatura, tem um papel importante no meu cotidiano, em sala de aula. Acredito sempre nas possibilidades de cada aluno e nunca desisto de nenhum. Ao ouvir você, sinto a importância que dá para cada conquista alcançada. Também valorizo todos os objetivos vencidos pelo meu aluno, por mais simples que sejam.

Como falar dos seus livros? Não me sinto preparada para tal tarefa. O que me encantou no *Alfalettrar*, além de todo conteúdo, foi a singeleza da prática. É o como fazer.

Só tenho a agradecer e ficar feliz, porque eu acredito no potencial do meu aluno, e jamais desisto de nenhum.

Obrigada, Magda, por você existir.

Raimunda Maria de Laia – professora

Joinville/SC, 24 de dezembro de 2020

Prezada Dra. Magda Becker Soares,

venho lhe expressar a minha gratidão. Seus saberes e conhecimentos sobre alfabetização e letramento influenciaram na minha formação acadêmica. É uma honra lhe escrever, pois a senhora é referência em alfabetização e letramento no Brasil e me espelho nos seus escritos sobre o assunto.

Observo que sua carreira, no início, foi direcionada à alfabetização, sendo que iniciou sua carreira profissional na educação lecionando nas séries iniciais para crianças de baixa renda, com sua experiência nas escolas e pesquisas no campo educacional. Tendo em vista sua busca pelo saber no processo de ensino e aprendizagem, fez mestrado e doutorado sobre a escola pública. Trabalhou cinco anos em uma creche, onde aprendeu junto às crianças da educação infantil e observou as condições de vida das crianças nas favelas e periferias.

Porém, a sua maior pesquisa sobre alfabetização aconteceu na cidade de Lagoa Santa em Minas Gerais, quando a Secretaria de Educação convidou-a para um trabalho educacional, porque as avaliações dos estudantes estavam com rendimentos negativos. Trabalhou com a rede pública escolar do local e procurou melhorar a qualidade de ensino nas escolas. Foi lá que surgiu o lema: "Todas as crianças têm o direito de ler e escrever". Através de suas pesquisas e estudos, escreveu vários livros sobre alfabetização e letramento, como *Alfabetização: a questão dos métodos*, *Alfabetização e letramento*, *Alfalettrar*. Suas palavras são coesas e influenciam o professor a ser pesquisador.

Ressalto que seu exemplo e sua dedicação à alfabetização e ao letramento têm influenciado muitos acadêmicos. Me formei em pedagogia e fiz pós-graduação em educação infantil, anos iniciais e gestão escolar. Fiz meus trabalhos de conclusão de curso baseados em *Alfabetização e letramento*, sendo os temas "Alfabetização e letramento na construção do saber" e "Alfabetizar: letrando nos anos iniciais do Ensino Fundamental".

Através de minhas pesquisas em seus livros, passei a acompanhar a editora Contexto, o Ceale, seus artigos e suas entrevistas, que foram um grande aprendizado para a minha formação. Aprendi de forma gradativa em cada leitura e entrevista, participei da *live* de lançamento do livro *Alfabetrar*, pela editora Contexto, que tanto veio somar ao meu aprendizado. Me ensinou o papel do professor alfabetizador, em que o foco principal na aprendizagem deve ser a criança: será que meu aluno está aprendendo da maneira que estou ensinando?

Pensar não como vou ensinar, ou que método vou usar, mas sim como a criança vai aprender, como vou acompanhar o desenvolvimento cognitivo do meu aluno e refletir se o professor conseguiu atingir o aluno positivamente em seu desenvolvimento da maneira que ensina. Porém, o professor deve focar na aprendizagem da criança, acompanhar o ritmo de cada aluno individualmente e acompanhar este processo de alfabetizar como uma etapa prazerosa na vida do indivíduo.

Portanto, venho agradecer por seus estudos e pesquisas ao longo de muitos anos de dedicação e empenho, sempre pensando no melhor para a educação das crianças e na formação de professores alfabetizadores, pois me influenciou a ser uma professora com o foco na alfabetização. Com carinho e apreço por seus livros e suas palavras em seus vídeos e entrevistas, muito obrigada, Doutora Magda Becker Soares, lhe desejo saúde, paz e felicidades.

Marciani Militão Vieira
Pedagoga e Pós-graduada em Educação Infantil,
anos iniciais e em Gestão Escolar

Belo Horizonte, 24 de dezembro de 2020

Olá, querida Magda Soares

Saúde, paz e bem!

Meu nome é Luciana Paula Rincon, sou aluna do último período do curso de Pedagogia, na UFMG, e monitora do PROEF1 Ceale FaE UFMG.

Venho aqui neste momento trazer uma mensagem que expressa todo o meu carinho, respeito e admiração por você e tudo o que você representa para a pedagogia e para a educação.

Sem dúvida, seguirei a minha formação profissional, acadêmica e humana tendo como referência os seus exemplos, ensinamentos, reflexões e práticas pedagógicas sobre o complexo e maravilhoso processo que é alfabetizar.

Seguirei tendo como base fundamental para minha ação como pedagoga a fundamentação teórico-prática, as suas orientações, diálogos e propostas, além da consciência da importância social e humana da educação no nosso país.

Sou cotidianamente inspirada por você a buscar uma formação ampla, qualificada, crítica, reflexiva, humanizada e que me possibilite oferecer aos meus educandos e educandas um processo de educação e de alfabetização que vise a multiplicidade de práticas em que eles e elas possam se conscientizar de que são sujeitos de direitos, capazes de superar dificuldades e produzir cultura, história e conhecimentos, em especial na EJA – modalidade que acolhe no nosso país milhões de pessoas que tiveram durante sua vida e na educação o estigma do fracasso, da negligência, da negação, da discriminação e da exclusão.

A EJA, sem dúvida, é um espaço de diversidade de sujeitos que foram durante décadas excluídos historicamente do direito à educação e expostos a políticas públicas que foram ineficientes e responsáveis por produzir uma “massa de oprimidos”.

Me inspiro em você, Magda, para buscar, valorizar, reconhecer e proporcionar no PROEF1, no Ceale FaE UFMG, e na minha prática como

educadora em qualquer segmento e ambiente em que eu estiver atuando, uma nova e desafiadora prática pedagógica que enxergue esses sujeitos e todos os seus contextos.

Me inspiro em você, Magda, para desenvolver uma prática pedagógica acolhedora, com múltiplas e qualificadas propostas pedagógicas, que respeite as subjetividades desses sujeitos em processo de alfabetização e formação, sobretudo na EJA, espaço em que devemos produzir uma educação emancipatória e humanizada, reconhecendo esses sujeitos, seus fracassos e abandonos dentro da educação.

Assim, estou aqui feliz e agradecida por ter essa maravilhosa oportunidade de homenageá-la, mas em especial por poder agradecer por tudo o que você realizou, produziu e ensinou na pedagogia e na educação. Agradeço imensamente por tudo o que você representa, em especial para a pedagogia, para o Ceale, para a UFMG, para a formação profissional, acadêmica e humana de todos e de todas que fazem parte desse maravilhoso universo que é a educação.

“O educador se eterniza em cada ser que educa” – Paulo Freire.

Luciana Paula Rincon

Belo Horizonte, 23 de dezembro de 2020

Estimada professora Magda!

Espero que esteja bem e desfrutando de muita saúde.

Meu nome é Walquiria, trabalho na rede Municipal de Belo Horizonte. Sou formada em Pedagogia pela UEMG e atualmente cursando pós-graduação em Educação: Conhecimentos e Inclusão Social, na UFMG.

Tenho grande carinho e admiração por seus livros e toda a sua trajetória, que é tão inspiradora, fazendo diferença em minha prática como profissional da Educação. A sua história de vida, estudos e dedicação ao ensino têm grande significado para mim.

É motivador ouvir de uma especialista em alfabetização que já compartilhou milhares de práticas de sucesso – que com certeza têm sido aproveitadas por tantos educadores neste Brasil – que toda criança pode aprender a ler e escrever.

Em suas palestras, você evidencia a sua paixão por Lagoa Santa e pelo trabalho realizado com as professoras. Que privilegiadas elas foram!

O meu contato com a sua extensa lista de publicações, livros acadêmicos e didáticos em que debrucei e tive grande prazer ao ler, trouxe novos olhares e o desejo de fazer sempre o melhor para uma educação mais justa e eficiente. Como aprendi e aprendo até hoje! Como desfrutei de conhecimentos! Gratidão, Magda!

Recentemente tive o privilégio de ouvi-la em um Seminário de Educação promovido pela professora Francisca, tendo a participação de alguns colegas de mestrado e doutorado como também professoras, Isabel Frade, Gilcinei, Mônica e outros. Que memória fantástica ao relatar a sua história! E, com muita determinação e confiança, você nos passou a mensagem de que tudo é possível, não devemos desistir, mas avançar sempre. Compartilhou conosco que o segredo está nas perguntas que fazemos aos nossos alunos: "O que falta é o tempo das perguntas..."

Querida professora Magda, vou terminando por aqui. Você sempre será muito especial e me emociono ao dizer que você marcou a minha história.

Um abraço mesmo que de longe, mas sincero e afetuoso.

Walquiria Almeida de Jesus

Feira de Santana, 16 de dezembro de 2020

Prezada senhora Magda Soares:

Venho através desta carta lhe comunicar que a senhora é especial, mas por quê?

Porque a senhora, assim como algumas de nós professoras, somos profissionais da educação que formamos outros profissionais, somos a base desde a educação infantil, refletimos sobre os valores que devemos levar...

Obrigada por me ensinar.

Desejo um feliz Natal e um feliz Ano Novo ...

Você, profissional da educação, professora, faz toda a diferença nas nossas vidas!!!

Com amor,

Naiara Oliveira Amorim
Pedagoga UNIRB e psicopedagoga

Lagoa Santa, 15 de dezembro de 2020

Querida Magda:

Desejo que esteja tudo bem com você!

Magda, é um orgulho muito grande escrever-lhe esta carta. Através dela deixarei registrada toda minha gratidão a você, que é uma pessoa incrível, com um coração grandioso e que tem a capacidade de doar-se ao outro sem reservas.

Posso afirmar que passei por dois momentos cruciais em minha carreira, o primeiro antecede a sua presença, foi o tempo em que tentava alfabetizar meus alunos com base nos textos, livros e conhecimentos que adquiri na faculdade, que na verdade, não me aproximavam da realidade das crianças e do contexto da sala de aula.

Lembro-me das vezes que ficava a pensar: "O que farei com essas crianças?" "Que atividades serão ideais?" "Estou fazendo o certo?" Essas e outras dúvidas permeavam a minha cabeça e eu sentia que faltava algo, que poderia fazer mais, porém eu não sabia o que faltava e como realizar.

Mas obtive todas as respostas no segundo e mais importante momento da minha vida, este transborda meu coração de alegria, pois me faz sentir uma pessoa melhor que está contribuindo para a formação de inúmeras crianças de maneira eficaz, como uma profissional capacitada, capaz de interferir e modificar a realidade dos alunos.

Magda, é uma emoção muito grande falar sobre o momento em que você gentilmente dedicou seu tempo, seu conhecimento e sua experiência de vida comigo e com todos os professores da rede de Lagoa Santa, através do Projeto Alfalettar. Essa proposta de desenvolvimento profissional, que você idealizou, colocou em prática e mantém até hoje, mudou a história da educação aqui em nossa cidade.

Ressalto que este momento é único e especial em minha vida porque muda a minha visão sobre o processo educativo, me ajuda a olhar e pensar em cada aluno, e isso só foi possível a partir do momento em que comecei a estudar, com sua orientação, sobre o processo de

alfabetização e letramento, sobre como podemos criar estratégias para auxiliar nossos alunos a avançar na leitura, na escrita e em toda sua trajetória escolar. Consegui aprender como posso de verdade auxiliar as crianças, com autonomia, respeito às diferenças, agregando valores e compartilhando saberes.

Todo esse tempo que convivemos, e olha que já são doze anos, trouxe uma maturidade profissional indescritível. Estar semanalmente ao seu lado partilhando seu conhecimento e as vivências de sala de aula em tempo real é algo que trouxe uma tranquilidade, uma sensação maravilhosa de estar seguindo na direção que conduz ao sucesso na escolarização das nossas crianças e isso é realmente extraordinário.

Aprendi com você a valorizar a literatura infantil, a inspirar meus alunos a se tornarem leitores assíduos e apaixonados por livros. Aprendi que sempre é tempo de construir e ampliar a nossa relação com os livros e que não é necessário ter uma razão específica para ler, o importante é sentir o prazer em ler.

Você me ajudou a compreender que, além da minha paixão por ensinar, eu deveria também estar em constante busca por novos conhecimentos, que é imprescindível a dedicação aos estudos para me sentir conectada com as mudanças que ocorrem o tempo todo no processo educativo. Você ofereceu oportunidades singulares de aprimorar toda a minha prática.

Sabe, Magda, fica bem difícil mensurar tudo o que construí em minha carreira, mas o que consigo determinar é bem profundo, porque diz respeito ao tipo de profissional que me tornei, a partir do dia em que tive a honra de conviver com você. Tenho certeza de que serei capaz de fazer o melhor pela educação das crianças.

Preciso mencionar também as minhas vivências pessoais, você participou dos momentos mais marcantes da minha vida, namorei, noivei, casei, tive duas filhas, mudei de cidade, realizei sonhos, passei por tragédias familiares, e você sempre presente com uma palavra amiga e um abraço afetuoso. Isto estará marcado eternamente em minhas memórias.

Quero deixar registrados toda minha gratidão e amor a você. Obrigada por me ouvir, aconselhar, me instruir e especialmente por ser a melhor **professora** da minha vida.

Desejo-lhe um Feliz Natal e um Ano Novo com muitas realizações,
amor, saúde, paz e felicidades! Que Deus continue sempre te
iluminando.

Carinhosamente,

Jacqueline Ferreira Alves Marques da Silva

Estimada professora Magda Soares,

Embora eu não tenha sido sua aluna ou orientanda e não tenha tido um contato direto com a senhora, eu a “conheço” desde a época da minha graduação em Letras no início do século XXI, lá na Universidade Estadual de Ponta Grossa, no interior do Paraná. O seu nome era mais um entre os nomes de tantos teóricos que estudamos na graduação. Muitos, inclusive, falavam do contexto da sala de aula, mas sem experimentar o chão da escola. Mas o seu trabalho como professora e pesquisadora sempre buscou conciliar a teoria e a prática.

Li também alguns textos seus na pós-graduação. No entanto, um texto, por mais que traga um traço autoral, é marcado por uma impessoalidade. Foi somente neste ano, quando ingressei no Programa em Educação da UFMG, em pleno contexto de pandemia, o que nos impeliu a nos reunirmos virtualmente, que passei a “conhecer” melhor a profissional e a pessoa Magda Soares. Assisti a algumas de suas *lives* e ao ouvi-la falar com encantamento sobre o seu trabalho no município de Lagoa Santa, me ficou evidente o seu amor pela educação e o seu compromisso social com as crianças mais pobres.

O seu entusiasmo, a sua dedicação e disposição em compartilhar sua extensa bagagem de conhecimento e experiência são admiráveis. A senhora também nos ensina muito através da sua postura profissional, mostrando que mesmo diante das adversidades do sistema educacional é possível mudar essa realidade. Pode estar certa de que tem inspirado, positivamente, muitos profissionais da educação ao longo da sua carreira. Talvez esse seja o maior legado que um educador pode deixar. Parabéns pela sua belíssima trajetória profissional!

Minha admiração e respeito!

Cleideni A. do Nascimento Acco
Doutoranda da FAE/UFMG

Santa Luzia, 21 de dezembro de 2020.

Prezada Magda!

Espero que esta te encontre Bem e Feliz, como transpareceu estar no primeiro encontro da linha de pesquisa Educação e Linguagem da Faculdade de Educação da UFMG, dando início aos seminários do segundo semestre desse fatídico ano de 2020, do qual podemos eleger como proveitosos e alentadores esses momentos de partilha, que mesmo à distância, condição imposta pelas circunstâncias em que vivemos nos últimos meses, e que vem oportunizando encontros que, talvez, não seriam possíveis presencialmente.

Sei que apesar do isolamento, o qual mudou consideravelmente nossas rotinas, este não tirou de você a alegria e satisfação em continuar trabalhando em prol da educação e, educação de qualidade, em especial a alfabetização, pela qual você dedicou e continua dedicando sua vida, nos presenteando com artigos, palestras, livros e agora *lives*, dada a sua generosidade em falar sobre temas que lhe são caros, não nos permitindo esmorecer diante de tantos obstáculos em nossa caminhada.

Peço desculpas pelo cumprimento formal ao iniciar esta carta, confesso que não me senti à vontade para me expressar de outra maneira, talvez pelo respeito a você e ao seu trabalho. Aproveito para estender minhas desculpas por optar em usar o pronome pessoal em segunda pessoa para me dirigir a você e não pelo termo *senhora*, quem sabe essa liberdade está intrínseca ao gênero carta, não uma carta de cunho formal, mas uma carta direcionada à pessoa responsável pelo sucesso e singeleza do encontro que menciono no início desta, o qual me deixou muito à vontade, como se estivesse ouvindo uma história, a sua história, sentada no tapete ou em um *puff* em sua biblioteca, não vou dizer que tomando um chá, não, não, não, afinal não ficaria bem para mim, enquanto bibliotecária, mas que eu gostaria muito de conhecer pessoalmente, isso sim gostaria! E, não só a biblioteca, mas todos os espaços ocupados pelos seus livros, seus textos e suas leituras, penso que esses espaços devem exalar a essência do conhecimento, que se faz presente em você.

Acho que você deve estar curiosa para saber quem sou eu, de onde venho, qual a minha ligação com a educação, como cheguei até você. Vou falar, então, um pouquinho sobre mim: sou bibliotecária da

UFMG e com muito orgulho estou atuando no Centro Pedagógico, espaço de alfabetização, de conhecimento, de trocas, de criação, de formação e muito mais. O seu nome me foi apresentado ainda na graduação, início dos anos 2000, na Escola de biblioteconomia, hoje Ciência da Informação da UFMG, através do livro *Letramento Literário: um tema em três gêneros*, ao qual tenho o prazer de retomar hoje no mestrado para embasar o conceito de *letramento literário* que faço uso em minha pesquisa. E por falar em mestrado e pesquisa tenho a honra de ter como orientadora a professora Francisca Maciel, que foi sua orientanda, daí fiquei pensando: que felicidade a minha, pois tendo sido você orientadora da Francisca, um pouco de seu ficou nela, assim como um pouco dela ficará em mim. Acredito que a Francisca te tem e sempre terá como sua orientadora, como um porto seguro, como parte de sua brilhante caminhada na educação com foco e dedicação para com a alfabetização, pode haver pontos de discordância entre ambas, em algum momento, claro, afinal é aí que o conhecimento é construído, é alimentado e disseminado. Os olhos da Francisca brilham quando fala de você e/ou com você e esse sentimento é visível ao mediar os encontros em que você está presente.

Não vou me alongar, afinal sei o quão ocupada você é e que seu tempo é muito bem planejado, percebi isso ao assistir a *live* Alfabetização e Letramento: teorias e práticas (ABRALIN) em julho e também o Ceale Debate em setembro, ambos no corrente ano, o que não foi diferente em nosso encontro no seminário da linha.

Desejo de coração que você continue com a mesma disposição, independente de isolamento, do virtual ao presencial, com a mesma alegria em transmitir sua razão de estar no mundo, de buscar por um mundo melhor, alfabetizado, e por uma educação de qualidade, pautada no amor pelo educar, no compromisso e na ética. Acima de tudo, seja feliz, viva como acredita que deva viver, pela família, pelos amigos, pela educação, pela ALFABETIZAÇÃO!

De alguém que acredita ter apreendido pelo menos um pontinho no universo de seu conhecimento, seja através de seus textos - impressos e digitais - sua fala - presencial e virtual - ou nas orientações da Francisca.

Sinta-se abraçada e aceite meus votos sinceros de melhores dias para todos nós!

Rosana Aparecida Alves Reis
Bibliotecária CP/UFMG - Mestranda em Educação

Itabuna-BA, 17 de dezembro de 2020

Querida professora Magda Soares,

Espero que esta carta a encontre com saúde, em paz, feliz e com uma leve e real sensação de dever cumprido.

Estou na primeira hora da madrugada do dia 17 de dezembro de 2020. Ano atípico, árido para milhares de famílias desse nosso país e de todo o mundo. Mas também, para mim, um ano de aproximações, no distanciamento; um ano de descobertas; de autoconhecimento e de possibilidades de realização de sonhos. Como esse que agora vejo materializado.

Desde que soube da chamada do CEALE, para a escrita de carta endereçada à senhora, fiquei muito inquieta, ansiosa, porque sempre nutri em mim o desejo de expressar-lhe a minha gratidão, publicamente.

Sou uma, das muitas ex-alunas suas, que tiveram a oportunidade e a sorte de desfrutar da convivência com a senhora, em meados dos anos 1980. Encontro este que fez toda a diferença em minha vida, em vários aspectos.

Na época em que fui sua aluna, eu era uma professora recém-concurada, principiante na carreira do magistério e ainda graduanda do penúltimo semestre do curso de Pedagogia.

Nessa minha primeira experiência profissional, havia me deparado com uma realidade de escola pública, nunca antes apresentada a mim; nunca antes descrita a mim e nem sequer imaginada! Uma "escola corredor", extensão lateral de uma igreja católica, localizada num bairro periférico da cidade de Itabuna, classificada como "escola isolada". Ali, fora designada a atuar de maneira solitária, improvisada, agarrando-me ao método adotado então pela rede de ensino municipal, o método silábico.

Aquele era o local em que eu teria que ensaiar os meus primeiros passos na docência, mas me vi às voltas exercendo múltiplas funções para as quais não tinha nenhum preparo.

Lá estando, encontrei condições precárias de trabalho e, também, um amontoado de alunos espremidos num pequeno espaço. Todos nós

estávamos ali, trancafiados numa espécie de jaula, "impedidos de ser", por atrás de uma grade, que servia de porta e que nos separava da rua, do mundo a ser vivido, desvelado. Muitos deles eram crianças, outros pré-adolescentes e até adolescentes; todos ávidos por aprender a ler e a escrever. Eram ex-alunos de três professoras que haviam passado por aquela "escola" por, no máximo, três meses cada uma. Assustei-me! Achei que também não iria suportar! Porque tamanho era o meu despreparo profissional, além da insegurança motivada por meu desconhecimento da área de atuação e, principalmente, pela ausência de percepção crítica do contexto social, o que me impedia de ver os seus reflexos projetados no âmbito da sala de aula e em mim mesma. Foi sobretudo esse fato impactante que me levou, em 1999, a escrever a minha dissertação de mestrado intitulada *Alunos de ninguém: um estudo sobre a multirrepetência em classes de alfabetização*.

Mas onde a senhora entra nessa minha história?

É que tive o privilégio, naquele momento crucial da minha vida e da minha carreira profissional, com o seu auxílio, de encontrar sentido na existência. Desfrutar de sua companhia, seriedade, generosidade na partilha do conhecimento e sensibilidade aguçada, enquanto aluna no Curso de Especialização da PUC de Minas Gerais, em três disciplinas, foi como banhar-me numa "lagoa santa". Naqueles momentos, pude sentir de perto a força do seu ser, a indignação que a movia, o seu gosto pelo conhecimento, o seu compromisso com a escola pública. Pude estar com alguém que me proporcionou fazer uma leitura aguçada da realidade, que me mostrou a importância político-pedagógica da docência e, sobretudo, a importância da prática pedagógica do(a) professor(a) alfabetizador(a).

Professora Magda, a senhora me fez olhar várias facetas, ter respeito por aquelas crianças e jovens, não julgá-los, não culpabilizá-los, tampouco, às suas famílias nem a mim mesma. Influenciou na minha defesa do ensino público de qualidade e na decisão de querer seguir na carreira do magistério, com foco na alfabetização, principalmente destinada aos filhos das camadas populares.

Todo esse tempo, professora, estivemos juntas. Eu acompanho a sua trajetória, como educadora, por meio de suas ações pedagógicas e de suas produções direcionadas à alfabetização. É impossível manusear os seus livros, ou melhor, suas obras (em destaque, *Alfabetização: a questão do método* e *Alfalettrar: toda criança pode*

*aprender a ler e a escrever), sem sentir os traços da sua personalidade; a vida inquieta, pulsante; as muitas mãos e vozes dos professores alfabetizadores juntos, com a senhora, num mesmo propósito; a dedicação, a persistência, o compromisso, a coerência e a sua humildade em colocar-se como aprendiz. Isso tudo pode ser resumido, a meu ver, numa só palavra: **amor**. Este é contagiante e tem o poder de oferecer o que há de melhor nos seres humanos, como o fez com a senhora, produzindo mudanças significativas na vida de quem deixar-se nele envolver. E foi o que aconteceu comigo.*

A senhora será sempre um dos pilares da minha construção humana e profissional. Agradeço a Deus tê-la colocado no meu caminho! Um abraço afetuoso.

Sua ex-aluna e admiradora,

Sandra da Matta Virgem Gomes

Lagoa Santa, 22 de dezembro de 2020

Querida Magda,

Eu agradeço pela oportunidade de poder conviver com você e poder absorver só um pouco da sua vasta experiência e dedicação à educação.

Fazer parte do Núcleo de Alfabetização e Letramento do Município de Lagoa Santa, que foi criado por você, envolvendo pesquisas e estudos de uma vida inteira, preparando professores para darem o melhor de si às nossas crianças, foi o melhor presente que recebi na vida. Tudo o que lhe devo não tem preço!

Pessoas como você, capazes de doar a vida pela educação, nos enchem de orgulho! Exemplo de dedicação, além um ser humano capaz de transmitir tanto conhecimento com uma doçura e ao mesmo tempo com tanta firmeza. Não é somente com suas palavras e nem tão somente com suas obras que aprendemos muito com você, e sim pelas suas atitudes, concretas e efetivas.

Eu, próxima de completar 30 anos de magistério, pensando estar próxima de me aposentar e já ter dado muito de mim pela educação, aprendi com você que ainda não fiz nada e tenho muito que aprender e contribuir. Sempre é tempo de dar o melhor de nós...

Obrigada por tanta dedicação e carinho com as crianças do Município de Lagoa Santa e do Brasil.

As lições que aprendi com você, sua energia e desejo de ver todas as crianças alfabetizadas, seus estudos compartilhados e suas obras dedicadas à melhoria do ensino estão eternizados em minha memória para sempre.

Nunca conseguirei expressar a importância que você tem na minha vida profissional e pessoal. Mas sei que tem uma forma de lhe agradecer um pouco do muito que lhe devo. Quando coloco em prática na escola suas experiências e ensinamentos, repassando para as professoras, que através de seus projetos também repassam para seus alunos, fazendo com que eles aprendam e principalmente evoluam como seres humanos, estou contribuindo para sua realização,

não é mesmo? Sei da sua felicidade ao ver o sucesso do seu Projeto Alfalettrar estampado nas atividades das nossas crianças e na felicidade de cada um envolvido nesse processo!

Prometo que sempre farei o que estiver ao meu alcance e seguirei seus passos, para atingir o maior número de crianças felizes e alfabetizadas!

Despeço-me de você, Magda, deixando um forte abraço cheio de saudades e na esperança de estarmos juntas em breve em nossos seminários semanais.

Carinhosamente,

Viviane Lavarini
Professora do Núcleo de Alfabetização e
Letramento da Creche Nossa Senhora de Belém

Cerqueira César, interior de São Paulo, 22 de dezembro de 2020

Querida professora Magda

Poucas pessoas vêm ao mundo para encantar: você é uma delas. Encantei-me com você ainda na minha primeira graduação, no curso de Letras, pelos idos de 2004. Eu era jovem e fui tocada por suas sábias palavras e desejo ardente de uma educação pública de qualidade. Ali conheci, por sua voz, o termo *letramento* e abracei com você essa causa nas reflexões tecidas em meu trabalho de conclusão de curso.

Veza ou outra voltamos a nos “encontrar” e, de um lado e do outro das páginas, pudemos conversar, uma conversa oculta e responsiva que tem autor e leitor. Assim fui me formando professora, alfabetizadora apaixonada e, mais recentemente, pesquisadora. Em minhas práticas reverberam ecos de sua coragem, determinação, persistência e afeto que a mim me servem de inspiração.

Poucas pessoas se tornam referência: você é uma delas. E não me refiro apenas aos livros, artigos e publicações, tão relevantes e assertivas, que endossam muitos estudos (científicos!). Você é referência humana, professora Magda: alguém que acredita no potencial de alunos e professores; que enxerga na educação um caminho possível e encantador, mas nem por isso simplista ou superficial.

Poucas são as pessoas em quem eu me espelho: você é uma delas. Como professora, quero seguir suas reflexões e pensar cotidianamente que sim, *toda criança pode aprender a ler e escrever!* Enquanto pesquisadora, desejo, assim como você, levantar a bandeira da alfabetização e do letramento, enaltecer a nossa escola pública, ousar sonhar... Como mulher (mãe, esposa, amiga, filha, e tantos outros papéis), me espelho em você, Magda, como um símbolo de resistência, empoderamento, afeto e sabedoria.

Obrigada por nos ensinar com seus gestos, palavras e impressos. Por deixar o mundo mais humano. Por garimpar nos solos da educação uma alfabetização humanizadora, afetiva e lúdica. Obrigada, professora querida, por existir!

Andreia Suli

Belo Horizonte, 21 de dezembro de 2020

Querida Magda,

Sou professora da Educação Infantil e Anos Iniciais da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte e atuo na equipe pedagógica da Secretaria de Educação (SMED). Tomei a liberdade de escrever me dirigindo a você pelo primeiro nome, pois nas oportunidades que em pude visitá-la nas mostras de alfabetização em Lagoa Santa, me senti extremamente acolhida. E o "querida" foi o adjetivo que encontrei, mas não representa verdadeiramente todo o afeto que tenho por você, por sua história de vida e por tudo o que vem construindo para os professores deste país. Principalmente neste momento que estamos vivenciando politicamente: como professora alfabetizadora que me identifico com os defensores da luta pelos direitos das crianças a serem alfabetizados na "leitura do mundo" e não só na "leitura das palavras", encontro em você uma grande inspiração.

Nesta oportunidade ímpar de escrever uma carta, gostaria de socializar com você as minhas memórias, com uma breve "seleção de fatos e ideias do passado em função de seus efeitos no presente", citando suas palavras do livro *Metamemória, memórias: travessia de uma educadora*. Nas poucas disciplinas relacionadas à alfabetização, vários autores eram muito críticos em relação aos métodos, mas, na atuação profissional, a prática da sala de aula ainda me deixava com muitas dúvidas no início da minha atuação. Foi compartilhando os desafios que uma colega me convidou para uma discussão mais aprofundada sobre as facetas da alfabetização, ao fazer o relato de uma palestra sua da qual ela participou. Ainda tenho viva a memória da imagem do caderno dela com as anotações, que nos provocaram a refletir nossas ações nas turmas de 5º ano em que estávamos atuando e ousamos "desinventar" e "reinventar" as práticas de alfabetização. Várias ideias nasceram desta discussão, como o livro coletivo com a história da turma e a publicação de um livro sobre um inseto que as crianças estavam estudando.

Em 2005 fui aprovada no Processo Seletivo Interno para fazer parte do Núcleo de Alfabetização e Letramento da SMED de Belo Horizonte. Ampliaram-se os desafios na atuação como formadora de professores:

não bastava compreender os referenciais teóricos e ter práticas de sala de aula coerentes, as indagações estavam agora em como contribuir na formação dos professores da Rede Municipal. A minha compreensão sobre alfabetizar na perspectiva do letramento foi se consolidando também nas discussões realizadas nos cursos em parceria com o Ceale (Instrumentos da Alfabetização) e com o MEC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa). Nos últimos anos de vigência do PNAIC, eu e minha equipe da Secretaria promovemos o curso Pressupostos da Alfabetização na Perspectiva do Letramento, que teve a participação de mais de 400 professores alfabetizadores e estava todo fundamentado nas concepções de suas publicações. Em cada turma, em cada tentativa de transposição para a prática, um novo mergulho nas leituras e novas descobertas iam ampliando nossos horizontes.

Outra contribuição importante na qual me apoiei em suas publicações e experiências foi na questão da alfabetização na Educação Infantil. Em certo momento da história da Secretaria de Educação, vivenciamos situações em que a necessidade do diálogo sobre esta temática chegava para as equipes de gestão em forma de cobranças feitas tanto aos professores da Educação Infantil quanto aos professores do Fundamental, que se acusavam mutuamente de não saber conduzir os processos de formação das crianças, provocados pelos resultados insatisfatórios que se revelavam nas avaliações. Na SMED, os responsáveis por esses segmentos precisaram de muito estudo, muita pesquisa, muitas visitas à exposição do Alfalettrar e às escolas, para que o alinhamento de uma política de continuidade começasse a aflorar. No ano passado, tivemos alguns encontros que considero como marcos históricos neste movimento. A equipe da Educação Infantil apresentou para a equipe do Fundamental suas concepções e práticas e vice-versa, levando também escolas dos dois segmentos para socializar suas ações. Em um dos encontros, fiz uma apresentação do livro *Alfabetização: a questão dos métodos*. Ao final dos encontros ficou bem claro para todos que estávamos falando de uma mesma concepção que se concretiza de diversas formas e que era necessário aprofundar a discussão com todos os professores da rede municipal de ensino. Foi emocionante.

Mas suas contribuições extrapolaram as questões relacionadas à alfabetização, passando também por minha formação pessoal. Como mestranda, me aventurei no caminho desafiante da pesquisa (auto) biográfica. Estou estudando sobre a formação realizada pelos coor-

denadores pedagógicos e minha dissertação é também o meu Memorial de Formação. Desenvolver-me na escrita (autobiográfica) foi uma novidade para mim. Uma das minhas autoras de referência, Maria da Conceição Passeggi, citou o livro *Metamemória* como um bom exemplo de memorial acadêmico. A leitura do livro foi um divisor de águas na minha compreensão sobre memoriais, tanto de formação quanto acadêmico, pois se constituiu como um exemplar inspirador, extremamente bem construído de uma narrativa de vida. Mesmo entendendo que não se trata de um Memorial de Formação, conhecer melhor o gênero Memorial Acadêmico me possibilitou perceber as peculiaridades de cada um destes gêneros. Mas muito mais que isto: me abriu os olhos para a importância da tessitura, do "bordado" que o texto deve ter. E me chamou a atenção para o fato de que as narrativas não são neutras, elas dizem de um contexto que vai muito além do espaço de trabalho em que estamos inseridos.

Este delicado momento que estamos vivendo de isolamento social devido à covid-19 ampliou muito minhas preocupações com as questões sociais, econômicas, políticas e de saúde, tanto da família quanto de um modo mais amplo. Mas tem sido também uma oportunidade de aprender a olhar a vida por outros ângulos e a valorizar mais o que o mundo tem de melhor: o seu aspecto humano. Neste sentido, querida Magda, você também é um grande exemplo para mim e acredito que para todos os que tiveram a oportunidade de conhecê-la um pouco mais. Sua força, coragem e determinação nos motivam a acreditar que tudo pode ser diferente.

Então, por tudo o que você significou e significa em minha vida, por todas as oportunidades que você me possibilitou enxergar no ensino, na aprendizagem e na vida, permitindo-me novos "bordados" nesta caminhada, minha gratidão!

Adriana Mota

Belo Horizonte, 22 de dezembro de 2020

Olá, Magda!

Sou a Juliane, professora alfabetizadora e pesquisadora da área de alfabetização e gostaria de dizer-lhe algumas palavras.

Você fez e faz parte do meu percurso profissional desde meu ingresso no curso de pedagogia na FaE/UFMG, no ano de 2004. Minhas leituras e meu primeiro contato com seus textos (história da alfabetização) começaram nessa época e, desde então, não tenho palavras para descrever o quanto seus estudos foram e têm sido enriquecedores para minha nutrição diária como professora alfabetizadora.

Pelas mãos da minha querida orientadora Francisca, fui inserida no Ceale no campo da alfabetização de jovens e adultos, e fui envolvida pela aprendizagem da língua dentro desta modalidade de ensino, sendo este meu campo de dedicação como professora e pesquisadora há mais de dez anos.

E veja que aqui estou: passei pela pesquisa e extensão, mestrado e doutorado dentro do Ceale, tendo você, sempre, como minha referência maior.

Sei o quanto sou privilegiada por ter a sorte de vivenciar e compartilhar de suas palestras presenciais na FaE/UFMG, e pelas discussões nas aulas de graduação e pós-graduação de suas ex-orientandas, hoje muitas professoras da FaE e algumas companheiras da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.

Enfim, tudo isso para dizer que até 2020 você era minha grande inspiração acadêmica, uma mestra e guru dos meus estudos, pela forma respeitosa de se relacionar com os conhecimentos e o desenvolvimento dos sujeitos alfabetizando de nosso país, sejam eles crianças, jovens ou adultos. E principalmente pela sua dedicação e olhar para aqueles advindos das escolas públicas, como é o caso da minha própria trajetória de vida escolar.

Bom, mas já falei bastante e o que mais gostaria de contar ainda não foi dito! Neste ano de 2020, um evento específico me marcou muito sensivelmente. Gostaria de dividi-lo com você.

Caracterizado por tanta distância física, de tantos desafios emocionais, me deparei com a vivência mais rica e impulsionadora em sua forma de falar e viver a experiência de professora e pensadora dos estudos e práticas de alfabetização.

Às vezes, nas situações mais desprezíveis e inesperadas, sem muito avisar, é que nós somos surpreendidas com uma experiência profunda, que nos toca e nos ensina pela sua essência de verdade. E foi assim..

Fui assistir ao vivo sua *live* no canal do Abralín, no dia 31/7/2020, e depois de uma aula gentilmente ministrada por você, me deparei, ao final de sua fala, com sua emoção ao saber do número de pessoas lhe escutando.

Assistir àquela cena de surpresa e satisfação também me emocionou profundamente, fiquei aqui com meus pensamentos: "Como uma pessoa com esta bagagem, com esta trajetória e este reconhecimento já tão certo e consolidado se emociona em uma *live*/palestra pelo número de ouvintes?"

Nesta *live*, me deparei com o pulsar de viver que você manifesta! Eu havia acabado de convalescer da contaminação pela covid-19 (eu e parte do meu núcleo familiar), andava desmotivada e com "ressaca" da sensação de solidão pelos longos dias de isolamento total. Sua fala veio como um presente, um recado, uma flecha direta para mim: "Vai logo se 'balançando' e se refazendo do que passou e vamos seguir adiante, segue seu caminho e se entrega".

Escrevendo esta carta, me recordo de sua emoção e me vejo novamente contagiada pela sua existência. Obrigada, Magda! Levo comigo esta lembrança de vitalidade e o seu pulsar pelo outro, pela vida.

Antes eu admirava a Magda Soares, educadora e teórica do campo da alfabetização e letramento, hoje eu admiro a Magda pessoa, gente que vibra e sabe "se adaptar" aos momentos e dar valor ao presente, a cada experiência vivida.

Obrigada por toda generosidade de sempre. Sigamos na missão de educar!

Com admiração,

Juliane Gomes de Oliveira

Querida amiga Magda,

Nossa! Que missão! Escrever para Magda Soares e transformar em palavras sentimentos indescritíveis! Mas vamos lá!

Magda Becker Soares, professora titular emérita, pesquisadora, autora, graduada em Letras, doutora, ganhadora de inúmeros prêmios, consultora, tudo isso era o que sabia e conhecia sobre você há aproximadamente oito anos, mas hoje sei que você é muito mais que tudo isso.

Fui agraciada em 2013 com um convite para fazer parte do Núcleo de Alfabetização e Letramento e, é claro, não hesitei, era a minha chance de conhecer, conviver, aprender com uma pessoa, que até então, era um "mito". É! Pra mim você também era um mito!

Cheguei de mansinho, me sentei um pouco distante, muito acanhada, mas ao mesmo tempo cheia de expectativas e vontade de aprender, aprender com você, Magda Soares.

Os anos foram passando e eu me aproximando, hoje digo que me sento quase em seu colo, porque preciso estar o mais próxima possível para não perder uma só palavra, pois não são apenas palavras, é o conhecimento que você transmite de maneira singular. Sempre me pego dizendo: "Como é simples! Por que não me foi ensinado dessa forma quando ainda era aluna?"

Durante estes quase oito anos você me ensinou tanto! Ensinou a gostar e entender a Língua Portuguesa (sempre tive péssimas notas), que a educação é o caminho e que não podemos desanimar, que o direito das crianças precisa ser respeitado e que cabe a nós, educadores, lutar por eles, que precisamos acreditar no poder que temos para fazer a diferença na vida de cada criança que passa pelas nossas mãos.

Quando estou fazendo repasses às professoras da escola é que mais percebo as mudanças em meu perfil profissional. Além de me ensinar os conteúdos, você também ensinou, através do exemplo, a falar com segurança, a transmitir com clareza o que aprendemos, a ouvir, a discutir, a descobrir novas estratégias.

Mas é só isso? Nada! Você deixou de ser "mito" e virou realidade! Você é muito mais que uma consultora! Se eu a admirava pelo que

ouvia sobre a profissional que você sempre foi, hoje a admiro como profissional e como pessoa. Tenho a honra de me considerar sua fã-discípula-amiga.

Quantas vezes o cansaço, o esgotamento físico e mental já me colocou em posição de desistir, de me desligar do Núcleo de Alfabetização, mas como comunicar a você? Como encarar tanta força, vitalidade, coragem que você transmite? Como abandonar nossos encontros? Como me privar de continuar a aprender?

Esse ano não nos encontramos, de forma presencial, mas você permaneceu firme e continuou compartilhando seus conhecimentos. Foram várias *lives*, e-mails... e nós duas mantivemos nossos encontros. Mesmo depois de oito anos, você tem sempre algo a me ensinar. Durante as *lives*, fiz vários registros e quando me surge alguma dúvida, recorro a você através de e-mails, que sempre responde, atenciosa.

Eu só tenho a agradecer pela oportunidade de conhecer, aprender e conviver com você. A nossa cumplicidade resume tudo!

Obrigada por existir!

Forte abraço e beijos saudosos!

Mirlene Barcelos Teles

Lagoa Santa, 22 de dezembro de 2020

Querida Magda,

Hoje acordei com a mensagem de uma amiga da escola, convidando-me a participar de uma singela homenagem a você. Ela me perguntou: o que significa Magda Soares em sua formação profissional, pessoal e humana?

Ao refletir sobre o assunto, revivi cada momento de minha história na educação. Sabe, Magda, você não me conhece pessoalmente, mas saiba que faz parte de minha vida acadêmica e profissional e sendo assim também é parte integrante de minha formação pessoal e humana.

Venho de uma família simples, minha mãe não teve a oportunidade de estudar, filha mais velha de uma família numerosa, começou cedo a trabalhar não aprendendo sequer a escrever seu nome. Casou-se nova, tentando mudar sua vida, que era muito difícil, pois trabalhava na roça, veio para a cidade em busca de uma vida melhor. Infelizmente também não foi muito feliz com suas escolhas. Mas em meio a tudo isso, teve 4 filhos aos quais se dedicou integralmente. Eu, filha desta mulher maravilhosa que me ensinou a sempre lutar para realizar meus sonhos, ensinei a ela escrever seu nome, e foi assim que começou minha história com alfabetização.

Aos 22 anos, perdi minha mãe. Então resolvi voltar a estudar e fazer magistério. Acredito que foi uma forma de homenagear a mulher que embora nunca tivesse a oportunidade de ir para escola, sempre valorizou a educação. Ao perdê-la, acreditei que ao ingressar nessa profissão teria a oportunidade de ver novamente olhos brilhando ao aprender a ler e escrever e assim rever o mesmo brilho que vi nos olhos de minha mãe.

Em 2007, fui contratada pela Prefeitura de Lagoa Santa para trabalhar na Creche Menino Jesus, na Várzea. E foi nesta escola que conheci Magda Soares. Através desta instituição, fui escolhida para participar do Projeto Alfalettar. Para mim foi surreal, pois a Magda Soares, que conhecia apenas nos livros, inacreditavelmente estava ali, diante de meus olhos, contemplando-nos com sua

sabedoria, dividindo seus conhecimentos. Esse projeto foi um divisor em minha vida profissional. Começava ali uma transformação em minha forma de pensar e de agir dentro de uma sala de aula.

Em 2008, fui efetivada em outra escola, Mércia Margarida, embora não fosse mais possível acompanhar diretamente seus ensinamentos, me apropriava deles através das representantes da escola. Foram muitos encontros, muitos trabalhos, muitas realizações.

Durante esses anos, fui alimentada pela sabedoria dessa mulher maravilhosa, que nos fala com tanta simplicidade. Como era gratificante, ao fazer a faculdade de Pedagogia, ao estudar e discutir algum de seus textos poder dizer para o colega que na minha cidade participo de um projeto que é conduzido magistralmente por Magda Soares.

Sabe, Magda, acho que poderia falar horas e horas sobre você e todo o bem que você fez e faz em minha vida. Saiba que nestes doze anos que estou na escola Mércia, a cada ano, a cada projeto que realizamos em cada um deles tem a inspiração vinda de você. Tudo que realizamos, e cada brilho que vejo nos olhos de meus alunos, que tanto sonhei em ver e que lembram os da minha mãe, só foi possível graças a você e todo o conhecimento que generosamente compartilhou com todos nós.

Em 2021, tenho mais um desafio a superar. Estarei novamente representando minha escola no Núcleo de Alfabetização. Espero ser capaz de repassar para minhas colegas tudo que aprendi com você e o que ainda pretendo aprender.

Por tudo isso, obrigada pela sua generosidade, por sua inspiração, por sua magnitude, por sua existência. Obrigada por fazer parte de minha vida.

Um beijo em seu coração generoso que compartilha seu conhecimento e nos inspira a cada dia.

Atenciosamente,

Eliane do Carmo Cruz

Belo Horizonte, 21 de dezembro de 2020.

Querida professora Magda Soares,

Como vai? A minha admiração por você é imensa e ela começou quando eu estava no curso de Pedagogia, ao final da década de 80. Estudei na Faculdade de Educação da UFMG e você quase foi minha professora, sabia? Lembro-me que, à época, você se afastou para o Pós-doc e não foi possível ministrar aula para a turma.

Querida professora Magda, desde a graduação, leio os seus textos e fico admirada com a sua clareza e didática na escrita. Como sempre amei o tema Alfabetização, acho que já li quase tudo que você escreveu sobre esse assunto... e como os seus textos me ajudaram na prática de alfabetizadora!

Sinto-me privilegiada por você ter feito parte da minha banca de Mestrado. Está lembrada? Foi em 2008. Quanto aprendizado! 10 anos depois defendi o Doutorado e os seus textos e livros continuaram me acompanhando.

Magda, saiba que sempre fui/sou a sua fã e passei a admirá-la ainda mais quando iniciou o Projeto "Alfalettrar", em Lagoa Santa. Que exemplo! Acredito num processo de formação que acontece junto às professoras e professores, refletindo com eles sobre a prática de alfabetização, buscando ouvir o que dizem, conhecendo os seus desafios e dúvidas. E quantos desafios, não é?

Professora Magda Soares, obrigada por tudo!! Por ser a minha referência de profissional... Obrigada por lutar por uma educação de qualidade há tantos anos! A você, toda a minha admiração, gratidão, respeito e carinho...

Elisa Grossi

Querida Magda, boa tarde!

Você foi fundamental em minha trajetória de vida.

No Colégio Estadual Dr. Odilon Behrens em Guanhães estudei nos livros *Português através de textos*.

Lia o livro todo, antes das aulas, logo que eram comprados. Lia de novo durante as aulas.

Quis ser professora de Português por causa de seus livros.

Fui aluna do Edson Nascimento e lá estava você me ensinando a ser professora com a mediação luxuosa do querido Edson.

Fui dar aulas com sua coleção *Comunicação e expressão em língua portuguesa*.

Suas coleções me acompanharam durante toda a minha carreira em sala de aula do Ensino Básico.

Escrevo livros didáticos inspirada em você, Mestreza querida.



,Saúde e Amor



Graça Sette

Brasília, 22 de dezembro de 2020

Magnífica Magda Soares,

Por meio dessas sinceras palavras queremos demonstrar a nossa gratidão por todo o conhecimento produzido para o campo da alfabetização e do letramento. Os nossos “saberes-fazer” estão marcados por suas digitais pedagógicas, que nos transformaram em alfabetizadoras comprometidas com o ato de esperar.

Querida Magda, a cidadania exercida por você, expressa na genialidade de suas obras, nos convida a pensar a natureza complexa e multifacetada da alfabetização e a confrontar teorias e práticas, utopias e realidade. Com você temos compreendido a necessidade de alfabetizar letrando. Sabemos que alfabetização e letramento são processos que conservam suas especificidades, mas se completam para que a leitura e a escrita sejam aprendidas.

Defensora das forças progressistas e superação das desigualdades sociais, mesmo diante das atuais condições impostas, você nos orienta a lutar pelos direitos de aprendizagem de todas as crianças brasileiras, voltando nossa atenção para suas necessidades, na apropriação do sistema de escrita alfabética e de habilidades de seu uso, fundamentadas pelas teorias do desenvolvimento cognitivo e linguístico, fazendo com que estejamos sempre prontas a aprender, refletir e melhorar nossas ações cotidianas.

Os prêmios e as condecorações recebidas destacam-se pelo seu pioneirismo na alfabetização, pela defesa do poder da aprendizagem da língua portuguesa e pela sua trajetória na fundação do Centro de Estudos sobre Alfabetização, Leitura e Escrita da UFMG. E ainda encontrou fôlego para criar o Núcleo de Alfabetização e Letramento, na cidade de Lagoa Santa/MG.

Enquanto leitoras assíduas de suas obras, desde a graduação, aprendemos que qualquer criança pode aprender a ler e a escrever. Sua influência na formação de professores e a relevância de seu trabalho para a educação brasileira são imensuráveis. Nosso desafio é iniciar, avançar ou consolidar a alfabetização dos estudantes. Como professoras da educação básica, alfabetizadoras da rede

pública do Distrito Federal, mestras e mestrandas em Educação pela UnB, cuja área de pesquisa é a alfabetização, acompanhamos sua trajetória e sua dedicação. A admiração construída permitiu-nos essa carta-homenagem... Quer mais evidências que isso?!

Neste instigante processo do conhecimento, sua sensibilidade nos permite refletir sobre a condição humana do sujeito que aprende. Compreendemos que alfabetizar e letrar vai muito além da prevalência de métodos, e esta história, indubitavelmente, necessita de determinação e reforços. Acreditamos que sim, é possível construir uma nação que se levante com coragem diante do fracasso que milhares de crianças vivenciam no Brasil.

Por meio de sua garra e resiliência, nos comprometemos, coletivamente, a adentrar esse território permeado por contradições. Não estamos solitárias neste árido espaço, temos angariado força e resistência diante das arbitrariedades constituídas nas desestruturas políticas. Não compactuamos com o ato de subjugar anos de pesquisas e estudos no campo da alfabetização e letramento, nos aliamos às resistências porque temos em quem nos inspirar nesta trajetória.

É impossível discutir, com seriedade, sobre alfabetização e letramento sem mencionar Magda Soares. Os seus escritos trouxeram luz para nossas pesquisas e a intensidade de uma incompletude que nos conduz a buscar cada dia mais, com a sede de adentrar em territórios dominados, vazios ou muitas vezes esquecidos... Porque o outro nos importa, a educação importa, como nos diz Paulo Freire, esse processo de constante criação do conhecimento e de busca da transformação da realidade pela ação-reflexão humana. Assim, seguimos empenhadas na promoção da justiça, da equidade e da vida.

Grande abraço de quem reconhece no seu trabalho um objetivo a ser percorrido.

Com muito carinho,

Ana Kátia da Costa Silva – SEEDF
Camilli de Castro Barros – SEEDF
Graciely Garcia Soares – SEEDF
Lucineide Alves Batista Lobo – SEEDF
Márcia Vânia Silvério Perfeito – SEEDF
Vânia Márcia Silvério Perfeito – SEEDF

Belo Horizonte, 23 de dezembro de 2020

Prezada Professora Magda,

Sinto-me honrada em compartilhar com você essas breves palavras.

Eu a conheço faz muitos anos, desde a década de 1990, e aprendi muito com cada palavra sua, dita pelas suas obras e outros escritos, ou verbalizada nas palestras e debates, sempre acompanhada de gestos meigos, postura paciente e expressão que nos convida a ouvi-la atenta, pois temos a certeza de que muito aprenderemos.

A alfabetização é um processo mágico, que não é mágica, descobrimos isso muito cedo. Precisa de cuidado, de atenção, de continuidade e sistematização. E só é possível aos educadores, para atuar de forma efetiva junto aos estudantes, se durante todo o percurso profissional a formação continuada estiver presente. E talvez você não tenha ideia de quantos alfabetizadores ajudou a formar e de para quantos tantos outros professores foi capaz de potencializar a prática pedagógica.

A dimensão do seu trabalho não cabe em palavras e em medidas exatas. Só quem teve o privilégio de tê-la como referência bibliográfica sabe a infinidade de aprendizagem e desenvolvimento.

Sonhava em fazer um mestrado e tê-la como orientadora, mas as urgências da vida conduziram-me não ao mestrado, mas, igualmente importante, às leituras das suas obras, as quais faço com prazer imenso, saboreando cada passagem, na certeza de que estou me construindo uma profissional melhor.

Tivemos um ano com muitos desafios. Precisamos muitas vezes nos reinventar, repensar as nossas certezas e nos fortalecer com o apoio de outros. 2020 está findando, mas continuamos certos de estarmos juntos no enfrentamento dos desafios cotidianos e com muita esperança de que 2021 nos trará a vacina contra a covid-19, saúde, paz e muitos encontros alegres.

Desejo-lhe todas as bênçãos possíveis para a sua vida. Muito obrigada por tanto ensinamento, Professora Magda.

Um afetuoso abraço,

Maximiliana

Querida professora Magda Soares,

Lembro-me com carinho das minhas primeiras entrevistas com você. Eu era uma repórter iniciante no jornalismo de educação. Você generosa e pacientemente me ajudou muito. Quantas vezes telefonei para pedir sua orientação e, mesmo com tanto trabalho, você me atendia sempre.

Como não amar uma entrevistada com brilho nos olhos e que fala coisas lindas? Como não amar uma entrevistada que tem uma coleção de bruxinhas?

Quanta admiração por você, professora Magda Soares!

Um beijo meu!

Feliz Natal e um Ano Novo cheio de esperança

Rosangela Guerra
Jornalista

Belo Horizonte, 23 de dezembro de 2020

Cara Magda,

Meu nome é Luciana e sou aluna do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFMG. Assim como você, sou formada em Letras. O amor pela sala de aula me aproximou da FaE, onde eu defendi o mestrado e agora curso o doutorado sob a orientação da Zélia. Estar no Programa da FaE é uma grande alegria, pois, além da qualidade mais do que certificada do curso, é estar na casa onde estiveram pesquisadores inspiradores, especialmente você.

Neste ano difícil, em que precisamos nos reinventar em tantos aspectos da vida, inclusive no fazer da sala de aula, ter tido a oportunidade de escutá-la algumas vezes, por meio das *lives* que tomaram nossas agendas, foi um grande presente. A última vez em que nos “encontramos” foi na aula inaugural do Seminário de Pesquisa, junto da Francisca, da Zélia e de outros colegas e uma fala de um deles após a *live* resumiu o que sentimos. Ele dizia: “Só de estarmos com a Magda já estamos aprendendo!”. E ele tem muita razão. Seu trabalho e sua dedicação nos inspiram enquanto pesquisadores e como profissionais.

Desde que me formei, nunca mais saí da sala de aula; mesmo durante o mestrado e agora com o doutorado, permaneci atuando como professora da educação básica, acreditando que prática e pesquisa, principalmente na educação, precisam andar juntas. Dentre os tantos livros, artigos e as tantas vezes que a ouvi falar, essa sua proximidade com a sala de aula (com as professoras, com as crianças) – todas as vezes em que você a enfatizou e defendeu – me ajudou a ter certeza da escolha por me manter dentro da escola.

Gostaria de agradecer pela inspiração que você é para todos nós professores e pesquisadores. Sou grata também pela disposição em compartilhar conosco seu trabalho e suas experiências por meio das publicações, com aquela escrita tão didática; grata pelos eventos, presenciais ou não, com suas falas sempre motivadoras e, claro, provocadoras. Com certeza, saímos sempre diferentes de um encontro com você, seja ele por meio do livro ou da escuta.

Por fim, Magda, desejo que sinta o carinho que toda essa gente que admira seu trabalho sente por você, que receba em forma de saúde, alegria e amor, a gratidão que sentimos ao aprendermos com você. Muita luz em sua vida!

Forte abraço,

Luciana Mara Torres Buccini

Belo Horizonte, 23 de dezembro de 2020

Cara Magda,

Meu nome é Íris, me formei em Pedagogia pela UFMG em 2017 e agora estou no Mestrado na mesma instituição, sob orientação da Prof^a Isabel Frade. Sinto-me privilegiada! Tenho a sensação de que estou colhendo frutos do trabalho que a senhora realizou com Isabel (e com tantos outros professores da Faculdade de Educação), dos ensinamentos e conselhos. São sementes que foram plantadas e que serão colhidas por muitas gerações, afetando diretamente a educação das crianças brasileiras, pode ter certeza disso.

No dia 16/12/2020, tive a oportunidade de ouvir um pouco da história da senhora, juntamente com outros alunos e professores da linha de pesquisa "Educação e Linguagem", e uma fala sua me chamou muito a atenção: "tudo no mundo está dando respostas, o que falta é o tempo das perguntas". Somos o tempo todo treinados a dar respostas, de preferências as corretas (que outras pessoas querem ouvir) e, ao adentrarmos a área da pesquisa acadêmica, o movimento é o contrário, como a senhora disse. É necessário fazer perguntas, algo que nem sempre sabemos como fazer. Ser educadora é saber ver, ouvir, analisar e perguntar, assim também em sala de aula com as crianças, é preciso estimular que elas façam as perguntas, criem hipóteses e reflitam sobre aquilo que estão vendo.

Seus livros, sua maneira de escrever e de falar sobre a alfabetização nos ensinam mais do que as técnicas para a aprendizagem da leitura e escrita, nos ensinam novas maneiras de ver, de olhar e compreender a criança em seu processo de aprendizagem sobre a língua. Em minha experiência como professora alfabetizadora, percebo os reflexos positivos de minha formação na Faculdade de Educação da UFMG e sei que muito disso devemos à senhora, que tanto dedicou seu trabalho e esforços para a criação do CEALE e, conseqüentemente, de um excelente curso de formação para professores.

Magda, que sua vida seja sempre de muita luz, paz, felicidade e amor. Obrigada por sua dedicação e comprometimento com a educação no Brasil, pois mudou e continua mudando a forma como cada professora e professor, que conhece seu trabalho, enxerga a criança e trabalha com ela.

Com carinho,

Íris Freua Assumpção

Querida Magda,

Espero que tudo esteja bem com você.

Estes escritos aqui são, simplesmente, para agradecer-lhe mais uma vez por ser uma inspiração em minha vida: uma inspiração profissional, pessoal e humana. Ter a oportunidade de compartilhar essa vida com você é uma imensa felicidade. Você é para mim uma referência não só acadêmica, mas uma referência de mulher, de fortaleza, de luta, de sabedoria, de conhecimento, de coerência e de compromisso.

Esses dias escutei uma pessoa dizendo que só de olhar para você já aprende algo. E essa pessoa estava certa, sua luz é tão reluzente que você se tornou um farol para todos nós, orientando nossos passos nessa caminhada da vida. A sua trajetória, a sua história de vida me ensinou que "vamos bordando a nossa vida, sem conhecer por inteiro o risco. (...) De vez em quando, voltamos a olhar para o bordado já feito e sob ele desvendamos o risco desconhecido..." (Soares, 1981) e, de bordado em bordado, vamos nos constituindo, nos formando. Muito obrigada por fazer parte de uma maneira tão especial da minha formação de professora, pesquisadora e mulher.

Você, Magda, é para mim um exemplo de coerência e de possibilidade verdadeira e significativa de diálogo entre a pesquisa e a prática de sala de aula – teoria e prática. Com você aprendi que "enquanto as pesquisas vão sendo feitas, porém, propostas concretas podem, desde já, ser apresentadas. Não se trata de esperar que as pesquisas configurem uma teoria que venha orientar a prática; trata-se de procurar teorias que vão esclarecendo os fatos e nossas ideias sobre os fatos, e, ao mesmo tempo, exercer uma ação efetiva que possa ir transformando os fatos" (Soares, 1991, p. 113).

Com você, Magda, aprendi que precisamos ser fortes, corajosas, saber denunciar, mas ao mesmo tempo saber enunciar, agir frente aos desafios da vida. Você me ensinou a viver com dignidade, respeito e compromisso uma contradição: "o inconformismo com a realidade social, que busca expressão na crítica, e o compromisso com

a prática social, que obriga à ação nessa mesma realidade que se crítica” (Soares, 1991, p. 23).

E, por fim, com você aprendi também o que dizia Paulo Freire, que “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação- reflexão”. Siga firme na luta pela qualidade da educação pública! Conte comigo, sempre, para lhe ajudar a segurar o bastão da educação. Nunca me esquecerei da história do bastão que você me contou com os olhos cheios de emoção na sala da sua casa. Lembra?

Muito obrigada por me acolher em sua casa! Muito obrigada por me ajudar e me inspirar a retomar os trabalhos do Núcleo de Alfabetização e Letramento na Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. Muito obrigada pela sua generosidade em compartilhar conhecimento, sabedoria e humildade. Muito obrigada por lutar pela qualidade da educação pública, pela qualidade da alfabetização e letramento. Muito obrigada por ser essa luz reluzente!

Muito obrigada, Magda, por tudo!

Desejo um Feliz Natal, cheio de amor, fé e esperança. E um novo ano sereno e estimulante ao mesmo tempo!

Um forte e afetuoso abraço.

Ana Paula Pedersoli

Bom dia, Magda Soares!

Foi muito bacana ter uma profissional como você em minha caminhada. Você foi meu apoio, suporte para minhas conquistas profissionais e, como não dizer, humanas.

Sempre tive grande interesse na alfabetização e em 2001 ganhei o Prêmio Lúcia Casasanta em primeiro lugar com o trabalho "Projeto Horta na Alfabetização".

E foi aí que me aproximei da concepção de letramento, ainda de forma bem humilde, porém instigante. Meu conhecimento se iniciou quando se pensava em "alfabetização na perspectiva do letramento" até chegar na frase que se resume "alfabetização e letramento".

Outro momento marcante nessa caminhada de encontros foi no PNAIC como orientadora e que tanto me ajudou a crescer em meu profissionalismo e, o melhor de tudo, possibilitou reencontrá-la e estar ainda mais próxima de seu carinho e afeto.

Hoje, sou diretora de escola com a grande missão de consolidar a alfabetização e letramento das crianças, com prazer e significado.

Muito obrigada pelo seu profissionalismo e a grandiosa pessoa que você é. Um forte e carinhoso abraço,

Olga Regina Lio Rocha
Escola Municipal Professora Maria Modesta Cravo | SMED

Vitória, 23 de dezembro de 2020

Querida Magda

Meu abraço carinhoso.

Como você passou os dias tão conturbados de 2020?

Imagino que não muito satisfeita, da mesma maneira que eu. No entanto, frente a tantos momentos difíceis que passei, além dos decorrentes da pandemia, uma alegria surge agora: a de resgatar minha verve missivista e escrever uma carta para uma pessoa de quem tanto gosto e que muito admiro: **você**.

Quando fui convidada para fazer parte do e-book com cartas para você, criei "alma nova". Um objetivo surgia para preencher os últimos dias de um ano tão sofrido e complicado. Que bom! Que alegria! E sabe por quê? Porque você sempre representou muito para mim. Amiga, meiga, carismática, competente, modelo de profissional, mestra inesquecível, orientadora paciente, crítica e esclarecedora. Além de muito gentil, alegre, educada e bonitona.

Imagino que muitas das qualidades que destaquei serão apontadas em diversas cartas, porém há uma passagem que tivemos juntas de que nunca me esquecerei. Era noite. Véspera de minha defesa de mestrado. Há dias não nos comunicávamos. Eu aflita com mil e uma supostas questões que a banca poderia me fazer e com receio de não me sair bem. Ligo para você ansiosa. Você me atende e, como sempre atenciosa, aceita que eu vá à sua casa conversar um pouco. Chego rapidinho.

Você me recebe com todo carinho. Conversamos um pouco e em seguida você me ouve atentamente falando aflita sobre minhas expectativas e diz: "Avani, por que essa preocupação? Eu estou tranquila. Lembre-se de que você é a pessoa que mais sabe sobre o que escreveu. Esqueça tudo que está pensando. Amanhã seja você mesma recorrendo ao que você sabe e domina". Naquele momento você me mostrou e me passou mais uma de suas qualidades: a segurança. A importância de estar segura de um trabalho sério, bem feito e bem orientado.

Voltei para casa muito aliviada. Confesso que custei a dormir, mas no peito sentia uma sensação gostosa de orgulho pessoal pelo meu trabalho e por ter você como orientadora. Dormi com a certeza de que me sairia bem. E assim aconteceu.

Teria muitas passagens para relembrar, mas acho que já fui suficientemente clara em relação a meu reconhecimento quanto à pessoa maravilhosa que você é. Tentei e tento ter em minha formação pessoal e profissional um pouco do muito que você foi, é e será para todos nós.

Feliz 2021, amiga!!

Avany

Querida professora Magda, boa tarde!

Fiquei tão feliz com a possibilidade de escrever uma carta para a senhora!

A primeira vez que ouvi falar sobre a senhora foi em 1999, quando fiz uma pós-graduação em Alfabetização e Letramento na PUC, Coração Eucarístico. Nessa época morava em Lavras/MG. Alfabetização já era um tema que chamava a minha atenção, mas nunca tinha ouvido falar em Letramento. A partir dessa pós-graduação, iniciei meus estudos sobre alfabetização e letramento e mudei a minha prática pedagógica.

Tempos depois me casei e passei a morar em Belo Horizonte. Por meio de uma colega de trabalho fiquei sabendo do seu projeto em Lagoa Santa. E para a minha surpresa tive acesso a um e-mail seu.

Resolvi escrever para a senhora e fui convidada a ir a Lagoa Santa conhecer a proposta do Alfalettrar. Participei de um encontro com a senhora e algumas educadoras de Varginha. Vê-la de perto, tão acessível e compartilhando conosco seus conhecimentos, foi um sonho realizado.

Participei de algumas Mostras de Literatura e de Jogos em Lagoa Santa e levei as educadoras da escola em que trabalho para ouvi-la.

Nesse ano tive o prazer de acompanhá-la em algumas *lives* e comprar o seu novo livro. A senhora é um exemplo de amor à profissão, busca, reinvenção, inovação, superação, persistência, trabalho, doação, humildade, energia de vida, paciência.

Obrigada por tudo!

Feliz Natal e um ano de 2021 de muitos sonhos realizados e lives.

Deus a abençoe.

Um grande e carinhoso abraço

Rossana Helena Rodrigues Caldeira

**Sonho realizado e
eternizado no meu coração**



Cataguases, MG, 26 de dezembro de 2020

Querida prof^a Magda Soares,

Tudo bem? Espero que sim!

Meu nome é Anicézia P. Romanhol Bette, moro em Cataguases (MG), Terra do Movimento Verde, vertente do Modernismo de São Paulo. Aqui é um local onde a cultura ainda se faz presente, por meio de obras de artistas como Oscar Niemeyer, Candido Portinari, Djani-
ra, sem contar os filmes de Humberto Mauro, o paisagismo de Burle Marx e tantos escritores, desde a *Revista Verde* até os nossos dias, como Luiz Ruffato, entre outros.

Estou com 50 anos e atuo como professora há 32 anos. Comecei cedo, com 16. Sou graduada em Letras, com especialização pela PUC-BH, em Literatura Brasileira, e Mestrado em Letras. Ministro aulas na UEMG, Universidade do Estado de Minas, Unidade de Leopoldina, desde 2013. Lá, trabalho no curso de Pedagogia e tenho realizado muitos projetos relacionados à alfabetização e ao letramento, utilizando inúmeras de suas palestras, artigos e livros, inclusive este último, *Alfabetar*. "Toda criança pode aprender a ler e a escrever" tem sido motivo de minhas aulas de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e no PIBID.

Quero dizer que a senhora é uma inspiração para mim e meus alunos licenciandos. Saiba que me espelho todos os dias na profissional e no ser humano que é. Assim como a senhora, também sou defensora da escola pública e do ensino de qualidade. Tenho um grupo denominado "Conto Sonoro – Contadores de Histórias da UEMG", que leva a literatura infantil para as escolas infantis e as de anos iniciais do Ensino Fundamental de Leopoldina e região.

Em 2019, fiquei entusiasmadíssima em vê-la, no CONBALF, na UFMG, mas, infelizmente, a senhora não pôde comparecer.

Obrigada por seu idealismo e sua perseverança para com a Educação Pública brasileira, pois as *lives* das quais participa, nestes tempos pandêmicos e distópicos, cada dia são mais claras, didáticas, com um discurso tão coeso, tão objetivo, tão sério e tão

apaixonante! Meu grande sonho é que pudesse falar, um dia, para os licenciandos de Pedagogia da UEMG-Leopoldina. Seria um prazer inenarrável!

Para 2021, desejo que as palavras saúde, esperança e determinação permaneçam despertas na sua vida. Afinal, elas são o oxigênio que renova o nosso pensar e fazer pedagógicos, seja na Educação Básica ou nas licenciaturas.

Abraço alfaletroso,

Anicézia Romanhol Bette

Belo Horizonte, 15 de dezembro de 2020

Prezada Magda Soares,

Espero que esteja bem. Sonho um dia conhecê-la pessoalmente. Quem sabe tomarmos um café e comermos um delicioso pão de queijo? Admiro seu trabalho e sua contumácia em questões cruciais para uma sociedade igualitária. As letras fizeram da sua vida uma constante luta para dias e pessoas melhores. Elas, as letras, me salvam e seus livros são minha fonte de pesquisa e direcionam minha prática pedagógica dentro da sala de aula.

Assim como você, sonho com uma educação pública de qualidade e para todos. Tenho consciência da minha responsabilidade como professora alfabetizadora. Nos últimos meses, tenho buscado conhecer sobre seu trabalho na cidade de Lagoa Santa (MG), que envolve da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I. O livro *Alfalettrar* é meu companheiro desde seu lançamento. Ele é uma ação educativa sugerida para todos.

Em sua *live* de lançamento do livro supracitado, realizada no dia 8 de setembro, sua fala me emocionou: "Cada criança tem seu ritmo de aprendizagem e nenhuma deve ficar para trás". Como professora alfabetizadora, tive que buscar formação para além da formação inicial. O que me move é o conhecimento. Acredito em sua força transgressora.

Foi um prazer escrever para você! Espero que esteja bem e feliz!
Abraços,

Magda Soares das letras,
Das canetas,
Do letramento e da alfabetização,
Do amor pela educação.

Rosânia A. Silva

Belo Horizonte, 26 de dezembro de 2020

Cara PROFESSORA Magda Soares

Foi com muita alegria que recebi o convite do Ceale para escrever uma carta a você. Não é por acaso que escrevi “professora” com letras maiúsculas: é porque assim eu a vejo e considero. Fui sua aluna entre os anos de 1993 e 1997, quando me graduei em Pedagogia, na inesquecível FaE, local que ainda frequento para participar de cursos e palestras.

Devo a você a compreensão da importância do letramento no processo de alfabetização, tanto de crianças como de adultos. Essa compreensão ficou profundamente gravada no meu coração e na minha mente e é permanente guia para orientar os(as) professores(as) com os(as) quais trabalho até hoje.

Mais tarde, em 2004, adotamos na escola sua coleção *Português: uma proposta para o letramento*, que possibilitou à professora do primeiro ano do Ensino Fundamental I uma forma de trabalho toda especial, baseada justamente no conceito de letramento, e que resultou na rápida aquisição e compreensão leitora dos nossos alunos. Desde então, o letramento tem sido o foco principal não só em Língua Portuguesa, como também em Matemática e nas demais disciplinas.

É uma grande honra ser sua aluna. Digo ser porque continuo a beber nos seus ensinamentos, enquanto exerço minhas funções de coordenadora pedagógica, no Colégio Paulo Freire (salve, salve!), onde ainda trabalho, vinte anos depois de me aposentar.

Quero desejar a você muita saúde, energia e que seu entusiasmo pela educação de qualidade continue a ser nosso esteio nessa jornada, cada vez mais difícil, que empreendemos.

Aceite meu abraço carinhoso e meu respeito pela grande educadora que você é.

Beijos!

Vera Lúcia Fernandes de Sousa Lima
Graduada em julho de 1997 – FaE-UFMG

Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 2021

À Professora Magda Soares

Sinto muita honra pela oportunidade de escrever uma carta a alguém que me ensinou a medida da reconstrução pessoal dentro da profissão que abracei na vida, a Educação.

Mas qual reconstrução se deu? A de perceber que podia fazer a diferença na vida daquelas crianças a quem me propunha educar, ensinando a caminhar.

Como a maioria das professoras, vinha de experiências tradicionais na formação escolar desde a infância. Como imaginar que poderia fazer com que entendessem que eram personagens principais da própria formação? Isso se deu quando entendi que o letramento não servia só para os textos que os fazia ler em sala de aula. Era para além da escola, era para muito tempo depois, durante a caminhada particular de cada um de nós. Era perceber que deveriam e poderiam entender por si mesmos as intenções para além das tarefas e notas que poderiam ter nas "provas", era levar para as provas a serem vividas individualmente que poderíamos partilhar na fase escolar e ampliar para a vida, e assim poder dar sentido ao que passariam a ler pela caminhada diária.

Foi isso que fiz particularmente, aprendi a entender minha ação pedagógica para além das salas em que eu dava aulas diariamente. Pude projetar minha ação para além das provas escolares e fazer sentido em cada lembrança na vida de alguém.

Obrigada por me fazer entender que alfabetizar e letrar eram coisas que precisavam ser feitas juntas, paralelamente às propostas escolares, precisavam estar na minha própria ação como professora que projetava cada aprendizagem para cada aluno. É! Eu educava sem formatar e conseguia ver que cada um precisava de uma ação minha individualmente para crescer junto enquanto turma/equipe naquela ou nesta escola.

Pude perceber que a norma culta era necessária, mas não podia ser paralisante no momento de compreender a mensagem de cada indivi-

duo a quem eu ensinava. Cada um tinha um momento em que aquilo tudo faria sentido, o seu sentido próprio, a sua aprendizagem seria completada quando fizesse sentido.

Obrigada por me letrar a cada vez que lia e relia seus ensinamentos ofertados carinhosamente, ensinamento que se dava por ter sido entendido na hora em que nos ensinava carinhosamente. Senti seu colo a cada vez que quis desistir, ou que parecia que nada dava certo. A Professora Magda Soares, cuidadosamente, mostrou que podia persistir e andar pra frente, mas que voltar atrás não era errado e que, sim, fazia-se necessário voltar ou refazer, buscar caminhos diversos ou novos para mim.

Só posso agradecer por me guiar nessa forma, para mim, nova, de ver o outro e entender que podia partir dali e não de um começo que eu imaginava ser o único. Não existe um caminho único, não existe um só caminho para ensinar a alguém e formar leitores que serão melhores por entenderem a si e à leitura como importantes para a vida.

Gratidão eterna à Professora Magda Soares que está em minha vida e meu coração como essa doce professora que me amparou na caminhada de poder ser também professora.

Minha eterna gratidão,

Liana Pinheiro Ferreira

Araraquara, 18 de janeiro de 2021

Cara professora Magda,

Apesar de nunca ter sido sua aluna, sinto como se estivesse sentada na primeira carteira de sua sala, ouvindo atentamente sua aula e relatando todas as dúvidas e angústias que tive como professora iniciante.

Saímos da universidade com uma visão idealizada da sala de aula, acreditando que tudo o que temos a fazer é "transmitir os conhecimentos historicamente acumulados pela sociedade". E, sim, isso é importante e necessário, mas o como fazer acaba se tornando uma incógnita, pois aquilo que considerávamos desnecessário é essencial para o sucesso escolar dos estudantes.

Trabalhar a alfabetização e o letramento não foi uma coisa que aprendi na universidade (apesar de ter me formado em uma das melhores do Brasil), mas aprendi inicialmente nos seus vídeos, depois em artigos e livros. E, principalmente, aprendi ao observar o modo humano que a senhora tem ao olhar para cada professor, para cada criança, para cada trabalhinho e cada sondagem. Sabe identificar o conhecimento presente naquilo e como aprofundar e estimular a aprendizagem.

Como me renovei e me motivei com seus relatos! E como sua trajetória de amor e dedicação à educação me inspira todos os dias... Esta carta é só para lhe agradecer por sua existência, dedicação, perseverança e luta por uma educação de qualidade, principalmente para as crianças das camadas populares. E desculpe a frase piegas, mas quem lhe escreve também acredita, apesar de todas as dificuldades, no poder transformador da educação.

Carinhosamente,

Márcia Gilliotti

Jequié-BA, 10 de março de 2021

PROFESSORA MAGDA SOARES



Esta carta é para expressar minha estima e apreço pelas relevantes obras escritas que deram base à minha formação pessoal, profissional e humana, pois me ensinaram e têm me ensinado que a educação não existe se não for para libertar o indivíduo de suas amarras sociais.

Compreendi ainda mais a importância da minha profissão, a responsabilidade e oportunidade que temos de educar crianças para vida em sociedade, dessa forma dialogando com os postulados de Paulo Freire.

Quando ingressei no Mestrado em Ensino da UESB de Vitória da Conquista em 2019, abriu-se um mundo de leituras que me fez perceber ainda mais quão valiosas eram a sua literatura sobre alfabetização e letramento. Finalizei meu curso com a dissertação em que estudei se era possível alfabetizar e letrar numa escola pública no município de Jequié-BA. Minha questão de pesquisa foi: "Quais as concepções teórico-metodológicas para alfabetizar e letrar de uma professora alfabetizadora considerada bem-sucedida nos anos iniciais do Ensino Fundamental no município de Jequié-BA?".

O mestrado também me deu o prazer de ingressar em um grupo de pesquisa chamado PROALFA, no qual pude aprofundar ainda mais minhas leituras e tive o privilégio de tê-la como palestrante numa roda de conversa dedicada à nossa equipe.

Por isso, é com imenso prazer que lhe escrevo esta carta para expressar toda minha admiração e carinho. Todas as vezes que te ouço

nas lives me emociono. Tenho 27 anos na educação e quero poder ter saúde e força para, assim como a senhora, contribuir com a educação da minha cidade, do meu estado e quem sabe do meu país.

Um abraço carinhoso e obrigada por toda a sapiência que disponibiliza para que possamos crescer profissionalmente, pessoalmente e como seres humanos nessa Terra. Saiba que sou uma fiel divulgadora de seus valiosos estudos e que sua luta não foi e nunca será em vão.

Fica em paz!

Márcia Lima Xavier
Professora do Município de Jequié-BA

01.03.2021

Querida Magda:

No ano passado, assisti a uma live sua. Como sempre, envolvente! No final, a coordenadora pergunta a você o que estava lendo e você disse, com muita ênfase, que estava lendo Elena Ferrante e Amós Oz. Prestei atenção no encantamento que essas leituras lhe proporcionavam.

Passados alguns dias, encontrei a tetralogia de Elena Ferrante e entendi o porquê do seu entusiasmo e encantamento. Para mim, foi amor à primeira vista pela escrita dela. Sigo lendo os livros dela e os seus também. Em 2020, li como há muito não lia tanto!

Acho que já tive a oportunidade de tê-la como ouvinte numa aula da qual fui aluna do professor Ataliba, no PREPES da PUC, nos anos 97/98.

Trabalhei muitos anos com a EJA, anos iniciais e concordo com você que na forma de trabalhar a alfabetização é muito parecida com a forma com a qual se alfabetizam crianças, porém adequando o conteúdo e repetindo as experiências de cada um. Paul Freire presente na maneira como trabalhar/alfabetizar.

Durante 6 anos, tive a grata experiência de trabalhar no atendimento educacional especializado AEE, que atende estudantes com deficiência. Suas teorias sobre alfabetização também foram sempre presentes.

Em 2019, tive uma das melhores experiências profissionais/pessoais. Dei aulas para mulheres em situação de rua e em uso prejudicial de drogas. Essa experiência transformou mais uma vez o meu olhar. Vi o tanto que a aprendizagem, "a escola", o fazer pedagógico são transformadores e transformam.

Desejo a você uma vida longa e profícua!

Um abraço cheio de afeto.

Magally Ferraz

14/01/2021

Quanta honra poder escrever para Vossa Senhoria! Esta carta está sendo redigida por uma jovem de 22 anos, que se formou há pouco tempo em Pedagogia, visto que seu grande amor é a alfabetização.

Poderíamos falar de alfabetização sem falar de Magda Soares? Impossível! É nossa patrona da alfabetização... Ela simplifica a prática por meio de seus escritos, aquela que tem um vasto conhecimento sobre a particularidade de cada indivíduo, que inspira, que dá ânimo, que recarrega nossas energias a cada página lida de seus livros, é um convite ao saber.

Ela é sinônimo de amor, quando o assunto é ensinar.

Você faz a diferença para as alfabetizadoras que assim como você, trabalham com a alma, e quando realizamos um trabalho com a alma, se torna "a hora do lazer" e fazemos por merecer. Quero poder me tornar uma Magda, para os alunos, escola e comunidade, vamos erradicar o analfabetismo, com seus ensinamentos.

Com amor,

Aline do Nascimento

Itapevi, fevereiro de 2021

Querida Magda,

a carta que segue abaixo foi escrita no ano de 2018, quando tive conhecimento da obra *Alfabetização: o método em questão*. Na ocasião, me aprofundei um pouco mais sobre sua trajetória acadêmica e pude ter o prazer de conhecer suas contribuições para a escola pública brasileira. Nessa semana tive conhecimento do projeto do Ceale e lembrei dessa carta guardada desde aquele ano. Busquei nos meus arquivos e para minha alegria encontrei a carta e agora tenho imensa alegria de poder fazer chegar até seu destino certo.

Cotia, maio de 2018

Querida Professora Magda Soares,

sinto-me motivada a escrever esta carta/e-mail depois de ler o texto de apresentação do seu livro *Alfabetização: a questão dos métodos*. À medida que lia o texto, fui buscando os textos de sua autoria que eram citados e fui compreendendo o caminho trilhado pelos inúmeros anos de pesquisa desenvolvidos no âmbito da universidade e depois as inquietações que a levaram após a aposentadoria a ir em busca da escola pública.

Foi uma experiência emocionante, enquanto professora alfabetizadora, poder dialogar com seus textos, desde a publicação de 1985 no *Cadernos de Pesquisa da FCC* até a recente publicação no CENPEC.

Compartilho com a senhora que a minha experiência enquanto professora alfabetizadora é marcada pelas mesmas inquietações que a motivaram a voluntariar-se na escola pública. No entanto, na minha trajetória nem sempre tive o privilégio de ter bons interlocutores como a senhora; tenho certeza que a sua atuação foi fundamental para que as ações no campo da alfabetização fossem organizadas no município de Lagoa Santa.

A questão do método tem sido amplamente discutida. Entretanto, nem sempre essas discussões chegam à sala de aula, por vezes o professor sozinho não é capaz de dar encaminhamento às dúvidas que vão surgindo ao longo do processo e não encontra nos pares e gestores interlocutores com formação que contribua para reflexão sobre esses processos.

Enfim, estou muito inspirada para a leitura do livro, que inicio esta semana e antes mesmo de estudá-lo quis compartilhar o quanto a leitura da apresentação já foi gratificante e de grande significado a partir da leitura dos textos citados nela.

A palavra é gratidão, por voltar seu olhar para a escola pública e manter seu compromisso com ela.

Grande abraço,

Edlaine Fernanda Aragon de Souza

Belo Horizonte, 30 de março de 2021

Bom dia, Magda Soares.

Hoje é para mim um dia muito especial, pois estou tendo a oportunidade de escrever para você, Magda Soares. Até o momento, estou pensando e não sei como nomeá-la: professora, mestra, doutora, escritora, pesquisadora... são tantos nomes que a representam, mas acredito que com seu perfil de humildade, característico de todas as pessoas que são na verdade superiores, vou chamá-la de Magda.

Meu primeiro contato com suas obras foi quando fiz o curso de Pedagogia, na FaFi-Bh. Formei-me em 1986, e, durante minha trajetória como estudante, uma muito querida professora, Sílvia Garcia Rodrigues, me estimulou e incentivou, além de ser pesquisadora e estudiosa, a ler suas obras. Com certeza, elas me ajudaram a buscar os caminhos para me tornar professora e pedagoga. Mais tarde, decidi fazer o curso de Biblioteconomia na UFMG.

Na instituição, conheci o CEALE, centro de referência para todos os engajados na educação de qualidade. Nesta época, fui contratada como professora substituta e tive a oportunidade de participar do evento "Jogo do Livro". As duas experiências foram incríveis e afirmo que meus horizontes como educadora se abriram de forma extraordinária. Destaco que a leitura de suas obras me ajudou a integrar meus conhecimentos, o que foi essencial para aperfeiçoar minha jornada e contínua formação na docência. A cada dia novos desafios vão sendo apresentados a nós profissionais da educação e, atualmente, com o distanciamento social imposto pela pandemia da covid-19, tivemos que enfrentar mais um: o trabalho remoto.

Enquanto professora da Educação Infantil, no município de Vespasiano/MG, vou intensificar a releitura de suas obras sobre alfabetização e letramento, literatura infantil, consciência fonológica e outras, pois tenho a certeza de que elas serão de grande valia nesta fase que estou passando, uma vez que são atemporais.

Não posso deixar de contar, querida Magda, como as *lives* a que assisti com você me acalentaram nessa pandemia. Além dos novos conhecimentos, das dicas para reinventar minha prática, da certe-

za de que estou no caminho certo para me aperfeiçoar como pessoa, elas confirmaram a percepção que sempre tive da pessoa empática, afetuosa, extremamente generosa que você é. Para minha formação humana, pessoal e profissional que caminham juntas, quando realizando meu trabalho com amor, afeto, diálogo, acredito que suas obras dialogam comigo em todos os campos.

Magda, obrigada por estar em minha caminhada e na de outros professores e educadores. Sua simplicidade em tratar e falar ultrapassa todos os muros da educação, ajudando e fazendo repensar a caminhada.

Afetuoso abraço,

Elizabeth Araújo

Santa Branca, 13 de abril de 2021

Querida professora Magda:

Hoje é meu aniversário! 38 anos e deles, vinte de profissão com turmas de alfabetização (minha grande paixão!). Sou efetivo em duas redes municipais e confesso que a dupla jornada por vezes me desanima, entretanto sigo forte e buscando ser cada vez mais um bom alfabetizador!

Escrevo para agradecer tudo o que fez e faz pela educação, especialmente pela alfabetização. Meus olhos marejaram em sua primeira *live* em 2020, já que até então só a via por meio do livro *Alfabetização: a questão dos métodos* e vídeos de anos anteriores. Me emocionei quando a senhora apareceu naquela poltrona e aqueles livros nos fazendo lembrar quem era aquela sábia senhora ali a nos falar! Tenho aprendido tanto em suas *lives*, me esclarecendo ainda mais questões lidas em seus livros (estou terminando o *Alfalettrar*)! Leio, anoto, rabisco e busco compartilhar com minhas colegas do ciclo de alfabetização! Acredito na escola pública e me vejo com um compromisso social nas mãos ao trabalhar com o ciclo de alfabetização!

Graças à senhora, ao Artur e à Maria do Rosário Mortatti, tenho enriquecido minha teoria ao longo dessa pandemia, fortalecendo minhas ideias e me preparando para ser um alfabetizador melhor e assertivo.

Obrigado, obrigado, obrigado!

Lagoa Santa teve a sorte de ouro ao ser premiada com suas orientações, estudos e presença. Meu sonho é ver acontecer aqui em minha cidade (15.000 habitantes apenas) a revolução que a senhora promoveu em Lagoa Santa. Sigamos fortes, juntos, resistindo, levando seu nome e seus ideais para o Brasil todo! Como diria Maria do Rosário: **"Magda Soares, a grande dama da educação brasileira"**!

Deus a abençoe!

Com carinho,

Professor Júnio do Nascimento Arantes

CARTA DE UM PROFESSOR GOIANO A MAGDA SOARES

Cara Professora Magda Soares,

Não tive o privilégio de ser seu aluno, mas fui formado pelos ensinamentos dos seus livros e artigos publicados sobre alfabetização, leitura e escrita. Por isso, deixe que me apresente: sou o Juliano Guerra Rocha, Professor da Educação Básica na rede pública em Itumbiara, no sul do estado de Goiás. Em cada palavra escrita pela senhora, eu me aproximava dos ideais de uma escola *verdadeiramente inclusiva e alfabetizadora*. A senhora tinha razão, Professora, ao autografar para mim um dos seus livros durante um evento em que nos encontramos:

“Para Juliano,

Esperando que este livro me conserve a seu lado.

Magda Soares

10 - 9 - 10”

Transcrição do autógrafo no livro *Alfabetização e letramento* (6ª edição, Editora Contexto, 2010).

Esse livro e tantos outros escritos da senhora estão comigo, em minha biblioteca, me conservaram ao seu lado. Guardo-os com carinho e sempre os revisito para refletir sobre a minha prática, enquanto professor e pesquisador. Por isso, nesta carta, gostaria de destacar algumas das suas contribuições para minha geração e para muitas outras que virão, demonstrando as marcas que seus escritos deixaram em mim.

“Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram *casa e comida*”. Com esse trecho de Lygia Bojunga, quero lhe dizer, Professora, quanto o conjunto de sua obra é inspirador e vivaz! Quanto me sinto *abrigado e alimentado* pelas suas proposições, que consideram os professores e seus saberes. Teorias que

estão vinculadas diretamente com o fazer pedagógico e com a escola! Lembro-me de quando li pela primeira vez o livro *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. Eu estava na graduação e no período de estágio supervisionado. A primeira leitura que fiz foi de um volume tomado emprestado da biblioteca da faculdade, e logo essa obra encabeçou a lista dos livros que eu desejava ter para mim, para os meus estudos. Quando comecei a trabalhar como auxiliar em turmas de pré-escola e do ciclo de alfabetização, numa escola particular da minha cidade, foi ele o primeiro livro que consegui adquirir com o meu salário de estagiário. A edição de *Linguagem e escola* que comprei tinha a capa vermelha. Eu ostentava o meu livrinho vermelho, citando-o, mostrando-o em apresentações e nas conversas com os amigos da escola. Além de a obra ser marcante pelo seu conteúdo, sempre que a observo em minha estante devo confessar que ela também me traz as memórias mais felizes de um tempo em que consegui independência financeira e tive a certeza de que eu me tornaria professor de Língua Portuguesa. "Penso que o livro é uma das possibilidades de felicidade de que dispomos, nós, os homens" (Jorge Luis Borges). Com *Linguagem e escola* aprendi, Professora Magda, o quanto o professor precisa repensar constantemente a sua prática, para que não reproduza elementos de exclusão social por meio da linguagem. Essa obra se demonstrava atual naquele momento (em 2007) e, hoje, percebo o quanto ela ainda é recente e dialoga com a proposta de uma escola transformadora e emancipadora. Uma escola que não desconsidera quem são os estudantes!

Outro livro seu que me marcou muito e que, de certa forma, me apresentou aos estudos do campo do letramento foi *Letramento: um tema em três gêneros*. De forma clara e didática, ele me mostrou alguns conceitos basilares para compreender noções das práticas escolares, sociais e culturais com a leitura e a escrita. Nesse texto, Professora Magda, me senti muito provocado. Há um diálogo direto entre a senhora e seu leitor, de modo que em vários trechos do livro fiz anotações, respondendo para mim mesmo alguns de seus questionamentos, buscando outros livros e debatendo constantemente sobre determinadas (in)certezas que eu tinha sobre o tema alfabetização e letramento. Parafraseando Bartolomeu Campos de Queirós, diria que *cada palavra dessa obra descortinava um horizonte, cada frase anunciava outra estação. Esse livro foi passaporte, um bilhete de partida para a minha decisão de me dedicar às pesquisas na área da alfabetização.*

Alguns dos capítulos desse livro – *Letramento: um tema em três gêneros* – estiveram entre as indicações de leituras do Programa Pró-Letramento aqui em Goiás. Em 2009, eu atuava como professor dos anos iniciais na rede municipal de ensino de Itumbiara e entre colegas de profissão debatemos alguns excertos de sua obra. As discussões foram acaloradas, nem todos, na ocasião, concordavam com a proposta do letramento, colocando-a como “mais uma obrigação do professor”. Argumentavam que “não haveria tempo de alfabetizar e letrar os alunos na mesma série”, insistindo que “ou se faz uma coisa ou se faz outra coisa”. Tivemos a oportunidade também de refletir sobre o seu artigo “Letramento e alfabetização: as muitas facetas”, publicado na *Revista Brasileira de Educação*, em 2004. Foi perceptível a mudança de mentalidade de alguns docentes a respeito de uma proposta de alfabetização e letramento como “processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis”, tal como a senhora defende. Fizemos uma relação entre suas colocações escritas nesse texto e as múltiplas possibilidades para concretização de práticas de alfabetização e de letramento desde a Educação Infantil.

“Nós lemos para saber que não estamos sozinhos” (C. S. Lewis). E, de fato, me senti muito representado e percebi o quanto nós, professores da Educação Básica, podemos fazer a diferença ao estudarmos sobre o processo de aprendizagem da criança, sobre como ela aprende o sistema de escrita alfabética. Suas duas últimas obras, *Alfabetização: a questão dos métodos* e *Alfaletrar*, são textos essenciais para todo professor que deseja ser um estudioso e pesquisador a respeito do processo de alfabetização.

Quero destacar, em especial, o livro *Alfaletrar*. Ele tem sido nossa inspiração e referência bibliográfica, por aqui, para debatermos com alfabetizadoras as dimensões da aprendizagem do sistema de escrita alfabética e dos usos e funções sociais da língua escrita. O modo como o livro foi estruturado faz com que a leitura seja tão prazerosa que percebemos o tempo todo o diálogo entre a teoria e a prática. Em vários momentos, na primeira leitura desse livro, eu parava, anotava minhas impressões nas bordas das páginas e sorria sozinho, encantado por o processo de aquisição da linguagem escrita ser algo desafiador e ao mesmo tempo apaixonante. Sentia-me tal como a personagem de Clarice Lispector no conto “Felicidade clandestina”: “às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo”.

Professora Magda, nos aproximamos não apenas pelos seus livros, como também por meio de uma pessoa para mim muito especial, Francisca Maciel, uma querida amiga e professora, que me orienta no pós-doutorado na UFMG. Ela me apresentou mais de perto a pesquisa "Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento" e estou cada vez mais encantado por esse projeto. Consegui enxergar outra Magda que não conhecia e que passei a admirar ainda mais: a professora e sensível pesquisadora, pessoa humana e carinhosa.

Por fim, quero enfatizar que vivemos um período no Brasil em que as ciências humanas e os pesquisadores vêm sendo atacados por um governo ultraconservador e de extrema direita. O campo da alfabetização sofre tais consequências com tentativas que pretendem silenciar, apagar a proposta de educação popular de pensadores como Paulo Freire e da senhora. Por isso, Professora Magda, falo em meu nome e de muitos professores brasileiros: estamos ao seu lado, não apenas por admiração pela sua trajetória e sabedoria! Estamos a seu lado porque acreditamos numa proposta humanizadora e emancipadora de alfabetização de todos os cidadãos brasileiros. Nunca será a força de uma lei ou as páginas de uma política que desconsidera as(os) alfabetizadoras(es) e seus saberes que silenciarão as pesquisas e as pessoas que defendem uma educação para todos, que defendem que todos podem aprender a ler e a escrever.

Sua obra, sua história e seu exemplo estarão conosco para sempre, Professora!

Um abraço.

Juliano Guerra Rocha
Professor da Educação Básica nas Redes Municipal e
Estadual de Itumbiara, no estado de Goiás
Itumbiara, inverno de 2021

Carta número 2

Minha professora e orientadora Magda,

Tudo parecia fácil ao pensar em escrever várias cartas. Ledo engano, depois de ler quase cem cartas para você, vindas de diferentes cidades brasileiras, escritas por pessoas tão diferentes e tão singulares. Muitas delas vocês nem se conhecem pessoalmente.

Ao lado do prazer de ser uma leitora privilegiada dessas cartas, sou uma das responsáveis pela organização delas, em um arquivo para lhe enviar. Você sabe disso. Assim aumenta a minha responsabilidade na escrita desta segunda carta, afinal, deixei em aberto esse compromisso.

Passados catorze anos, tive a oportunidade de conhecer a autora do meu livro azul, *Português através de textos*, de Magda Becker Guimarães. O meu maior interesse agora era com a alfabetização, interesse que foi crescendo durante a minha graduação na FaE.

Fui conhecê-la, pessoalmente, como coordenadora do PREPES da PUC-MG, curso de pós-graduação em alfabetização. E olha que não a conheci na Faculdade, durante minha graduação. Possivelmente, você estava envolvida na consolidação do programa de pós-graduação da FaE e da Linha Educação e Linguagem, da qual faço parte atualmente.

A experiência como aluna do PREPES foi única, melhor ainda foi conhecer e ter como professoras: você, Marisinha, Amelinha, e o saudoso Daniel Alvarenga, entre outros conhecidos.

Ter a primeira edição do livro (1986) *Linguagem e escola* e estudar o livro junto com a autora foi um duplo presente. As minhas anotações, ao longo do livro, trazem muito de sua voz, explicações, indicações bibliográficas, tais como: *Psicologia cognitiva*, de Maria Lucia Brum Rego; *Sociolinguística*, de Dino Preti, *Guia prático do alfabetizador*, de Miriam Lemle, e *Seminário multidisciplinar de alfabetização*, INEP, que estão escritos na página do sumário. Desse modo, eu ia refinando minha minúscula biblioteca.

Faço aqui uma pequena digressão. Em 1986, como sua aluna, não tive coragem de pedir-lhe que autografasse meu livro. Desejo guardado até 2016, tomadas pela emoção você escreveu:

Francisca, querida:

Em 2016, a 1a. Edição deste livro em suas mãos!

Que alegria para uma autora ver sua leitura cuidadosa nas marcas nas páginas!

Com carinho,

Magda 2016

Retomando o *Linguagem e escola*, foi uma leitura incomodativa, afinal, minha experiência profissional era com uma escola privada, classe média alta. Fracasso na e da alfabetização, deficiência linguística, diferença, deficiência não existiam; e, quando era detectada alguma deficiência, o caminho das clínicas era o adequado.

Se a realidade profissional onde eu atuava estava distante do que eu lia no seu livro, suas aulas expositivas e provocativas me tiraram da zona de conforto, tanto assim que fui levada a fazer os trabalhos de todas as disciplinas em escolas públicas e, preferencialmente, na Favela da Serra e Cafezal, próximas do lugar onde eu morava e atuava; as favelas lá e eu moradora do bairro Cruzeiro.

A vida e seus paradoxos. E como um livro e sua autora ajudaram-me a ver as duas faces da moeda da educação das camadas populares que foram sendo agregadas a outras facetas do processo de alfabetização.

Nunca lhe perguntei, mas você mal me conhecia, e convidou-me para participar da *Pesquisa Alfabetização no Brasil, o estado do conhecimento*. O financiamento da pesquisa previa duas bolsas: uma de graduação e outra de aperfeiçoamento, destinada aos recém-egressos da graduação. Encaixava-me neste perfil. Teria sido a seleção ao acaso, aposta na Francisca? Não sei, só você poderá me responder – se quiser, é claro!

O que tenho a dizer-lhe, Magda, é que sou muito grata por ter tido a oportunidade de trabalhar como sua bolsista nesta pesquisa, onde estou até hoje. Aprender a fazer levantamento bibliográfico, organizar os dados, ler teses e dissertações, fossem elas impressas ou microfilmadas... Confesso que não tenho saudades destas últimas, feitas em uma salinha escura, sem ventilação da Biblioteca da FaE.

Aprender o processo de leitura: título, resumo, sumário, referências bibliográficas, eram os passos iniciais antes da leitura integral da tese ou dissertação e depois produzir o resumo para analisá-las, segundo as categorias predefinidas.

Como meus resumos eram malfeitos, longos, e você, pacientemente, mostrava-me as incoerências, as redundâncias e as informações importantes que não estavam nos resumos. O mesmo ocorria com a classificação das pesquisas nas categorias. Meu Deus, quanta paciência de sua parte!

Hoje vejo que nesse aprendizado você já me orientava para o mestrado e doutorado, ensinando-me a importância do recorte no objeto de pesquisa, em não desejar e acreditar que resolveria o problema da alfabetização do Brasil com uma pesquisa.

As orientações se estendiam em verdadeiras aulas expositivas, em que você chegava à FaE carregada com sua grande sacola de feira (de palha), as frutas e legumes eram transformados em livros de Pierre Bourdieu, Shirley Heat, Pêcheux, Brian Street, Walter Ong, Graff, os clássicos e tantos outros trazidos de suas viagens a Londres.

Suas aulas deixavam-nos fascinadas não só pela sua didática, planejamento e nas abordagens aos conhecimentos sociológicos, antropológicos, históricos sobre a educação e linguagem. Provocava-nos com a leitura de *A Reprodução* a quebrar com a lógica reprodutivista e fazer uma omelete. Provocava-nos a questionar os paradigmas de poder da linguagem, dos discursos, levando-nos a conhecer e nos colocar no ponto do vista do outro, do menos privilegiado, dos marginalizados socialmente.

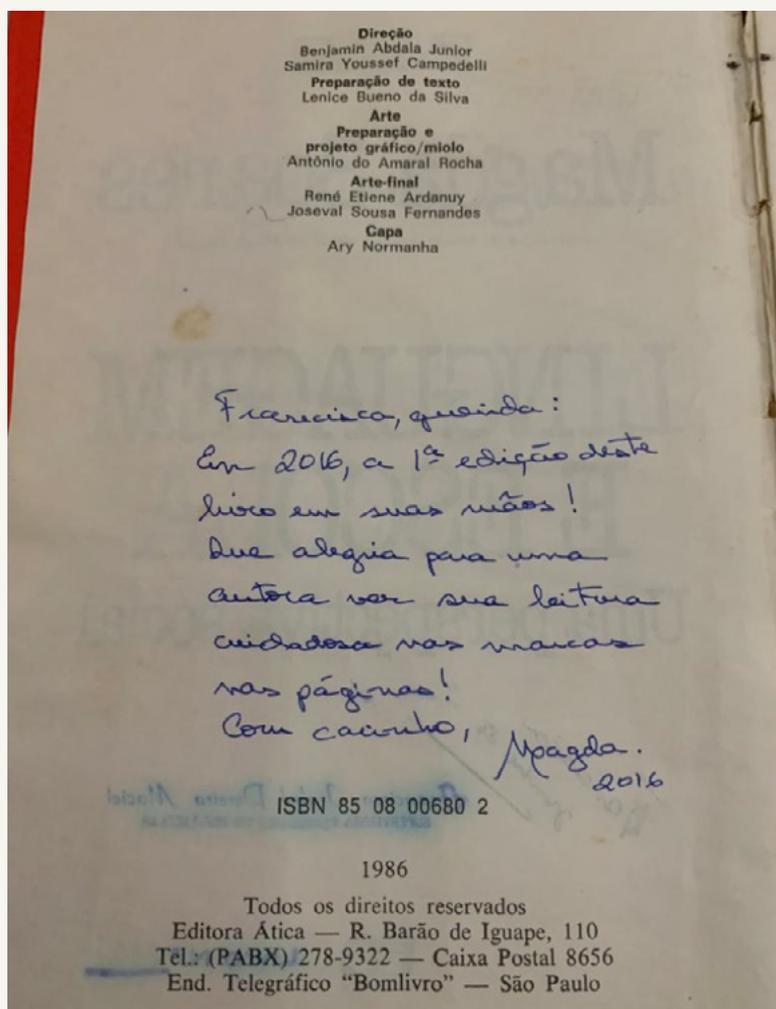
Como sua aluna e orientanda, não só eu, esforçávamos nas leituras e estudos buscando o diálogo com nossos objetos de pesquisa, confesso que não era fácil,

Tê-la oficialmente como orientadora no mestrado e doutorado foi outro presente em minha formação acadêmica. Duas pesquisas bem

distintas, o mestrado na perspectiva etnográfica e a abordagem histórica no doutorado, em comum, a alfabetização. Investimento profissional e acadêmico iniciado com você, como sua aluna e como sua bolsista, da pesquisa *Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento*, legado do qual me orgulho de ser coordenadora.

Aqui fica sempre sua aluna e orientanda,

Francisca Maciel



Mundo acadêmico

“Mundo acadêmico” congrega textos escritos tanto por colegas da universidade, pesquisadores de grupos de pesquisa ou de entidades acadêmicas quanto de amigos que já eram amigos e que tinham a pesquisa em comum, além de outros interesses. Fica evidente o porquê desses interlocutores falarem do jeito que falam. Alguns falam que vão marcar encontros ou comer biscoito de limão na casa de Magda, assim que a pandemia arrefecer, e revelam a intimidade de uma amizade já tecida. Outros trazem memórias, *exercícios de metamemórias* de quem pôde sentir a presença de Magda já nos anos de curso ginásial (o atual ensino fundamental II), ou no início de sua carreira como professor. O livro *Português através de texto* (com as séries demarcadas pela cor da capa: azul, na primeira série; alaranjada, na segunda; verde, na terceira; lilás, na quarta) aparece, então, como exemplo do quanto a obra de Magda sempre esteve à frente de seu tempo e do papel que o seu uso como estudante teve em futuras escolhas profissionais. Produzida na década de 1960 e usada até meados dos anos 1990, a coleção punha em prática concepções sobre as quais a academia no Brasil só iria se debruçar nos anos 2000. A coleção é lembrada tanto por quem estudou nela quanto por aqueles que deram seus primeiros passos na vida profissional utilizando-a. Esse é o caso também do livro *Técnica de redação*, escrito em parceria com Edson Nascimento Campos.

É forte, também, nas vozes manifestas nesse grupo de cartas, a luta por uma escola pública de qualidade, uma escola para todos. A participação direta e indireta de Magda em políticas públicas federais para o ensino de Língua Portuguesa, nas últimas três décadas, também se evidencia aqui, evocando um terceiro contexto para a reflexão e a atuação de Magda. Sua contribuição pioneira para a montagem do processo de avaliação de livros didáticos no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), a breve participação na primeira avaliação oficial das cartilhas da época, a contribuição indireta, mas enriquecedora, para uma concepção posterior do que se deve demandar de um material destinado à alfabetização das novas gerações, sua nova coleção didática, *Português: uma proposta para o letramento*, destinada ao ensino fundamental na perspectiva das políticas educacionais da redemocratização e da virada pragmática no ensino de língua materna, são mencionadas explicitamente; ou vêm aludidas pelos remetentes que militaram nas mesmas políticas.

Em todas as cartas desse grupo, entretanto, o mesmo fenômeno do grupo anterior se repete: a prática profissional do educador, os rumos da vida republicana e democrática e os afetos se entrelaçam. E criam um tecido de relações pessoais com o saber e com a vida. Agora, na voz daqueles que, reconhecendo e participando do mundo da prática, habitam o mundo acadêmico.

Juiz de Fora, 15 de dezembro de 2020

Querida e admirada Magda,

Que alegria poder escrever-lhe uma carta e poder dizer um pouquinho do que você significa para mim! Magda, profissionalmente você é minha inspiração, a referência em alfabetização e letramento. Minhas aulas são recheadas por seus artigos que trazem muito de você: pessoa estudiosa, dedicada, criteriosa. Você faz parte de minha formação desde o início da década de 1990, por meio de suas publicações. Embora não tenha tido o privilégio de ser sua aluna, institucionalmente, sou aluna de seus livros e, mais recentemente, de suas *lives*.

Sua sensibilidade para e com o outro foi, também, um aprendizado que marcou minha formação humana, a busca por melhores condições para nossas crianças da escola pública. Continuamos nesta empreitada e acreditamos que podemos fazer a diferença assim como você tem feito durante tantas décadas de dedicação à causa da alfabetização neste país.

Quero confessar que conhecê-la, pessoalmente, foi um grande privilégio, pois pude desfrutar da delícia que é estar ao seu lado. Você é muito especial, pessoa linda e incrível, exemplo para mim. Saiba que as sementes que você plantou nesta caminhada frutificaram e continuarão dando seus belos frutos Brasil afora. Nada foi em vão.

Obrigada pelo tempo dedicado aos estudos, ao outro, a nós professoras alfabetizadoras e formadoras de professoras.

Receba meu abraço de gratidão por tudo o que você significa para mim enquanto pessoa e profissional.

Em homenagem ao seu ALFALETRAR, deixo um acróstico para você, sabendo que a lista de adjetivos para qualificá-la é interminável.

MARAVILHOSA

AMADA

GENEROSA

DEDICADA

ABENÇOADA

SINGELA

OTIMISTA

ADMIRÁVEL

RELUZENTE

ENCANTADORA

SUPER ESPECIAL

Com carinho e admiração,

Luciane Manera Magalhães

Prezada Magda,

A iniciativa do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), da Faculdade de Educação da UFMG, de homenageá-la por seu trabalho em prol da educação em nosso país deu-me a oportunidade de expressar-lhe, nesta carta, minha admiração sempre crescente desde que a conheci há mais de cinquenta anos, mais precisamente em 1970, quando eu, recém-licenciado em Letras, lecionava Língua Portuguesa no Colégio Estadual de Uberlândia, da 5a à 8a séries.

Recordo-me desse nosso primeiro encontro em BH, numa ampla sala da Rua Carangola, sede da antiga FAFICH, que abrigava vários professores, dentre os quais me recordo de Alaíde Lisboa (muito amável), Guido e Alaíde Inah González, sua fiel escudeira (já explico). Fui para convidar-lhe a proferir uma palestra para os professores de Uberlândia sobre seu inovador livro de ensino de Língua Portuguesa – *Português através de textos* – que a tornou conhecida no Brasil inteiro e foi reeditado e melhorado até 1990. Você indicou uma data e eu disse que iria consultar o pessoal em Uberlândia para ver se era possível. Foi aí que Alaíde González me chamou a um canto e me deu um puxão de orelha do qual nunca mais me esqueci: “*Você não pode responder assim à Magda! É ela quem determina a data! Não fica bem lhe impor uma*”. Depois, em outras visitas à sala da FAFICH, percebi que Alaíde, que se tornara minha amiga, era uma grande admiradora sua e, mesmo, uma defensora; daí o “fiel escudeira”, escrito acima.

A verdade é que você foi a Uberlândia, proferiu uma palestra sobre a nova proposta didática para o ensino de Português, com o auditório superlotado, respondendo a inúmeras perguntas da plateia. Não sei quem financiou a viagem, mas penso que foi a editora, que tinha interesse em divulgar a obra publicada. Usei seu livro nos vários anos em que fui professor do estado e sabia os textos praticamente de cor, para admiração dos alunos que ficavam intrigados sobre como eu poderia ler o texto sem estar com o livro aberto. É que eu dava aulas para oito turmas da 5a série (ou de outra) e, claro, depois de várias aulas explorando o mesmo texto nem precisava mais de abrir o livro. Essa oportunidade de ter-lhe conhecido e de atuar por vários anos no ensino secundário usando seu livro e consultando seu “Manual do Professor” foi muito importante quando comecei a lecionar na UFU (Universidade Federal de Uberlândia) a disciplina Prática de Ensino de Português. Até hoje guardo com carinho os primeiros volumes do seu *Português através de textos*.

Quis o destino que, a partir de 1998, eu me tornasse professor da Faculdade de Letras da UFMG e pudesse acompanhar mais de perto seu reconhecido e premiado trabalho, agora mais voltado para o campo da alfabetização e do letramento, através de livros e palestras que ultrapassam nossas fronteiras. Tenho acompanhado sua luta em prol da educação em nosso país, principalmente em favor dos mais desfavorecidos, enfrentando desgovernos e trabalhando voluntariamente com o desenvolvimento profissional de alfabetizadores na rede municipal de Lagoa Santa, na região metropolitana de Belo Horizonte, onde há onze anos lidera o Núcleo de Alfabetização e Letramento. Não é à toa que você nasceu num 7 de setembro, para pregar a independência através da educação de nosso povo.

Na FALE, tanto na graduação quanto na Pós-Graduação (PósLin), mas principalmente no Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), dirigido ao aperfeiçoamento dos professores da rede pública, tive novamente a oportunidade de me aproximar de suas propostas em torno de alfabetização e letramento, sempre muito apreciadas pelos alunos e abertas a um diálogo construtivo.

Mesmo a FALE estando tão perto da Faculdade de Educação, tivemos poucos encontros quando você por lá aparecia para alguma banca ou palestra. Lembro-me, no entanto, de um dia você ter-me dito: "*Suba a pé de vez em quando a colina e apareça na FaE para batermos um papo!*" Cumpre dizer que os alunos da licenciatura da FALE faziam sempre esse trajeto quando começavam a fazer os estágios obrigatórios, sob orientação de algum professor da Educação. Hoje, aposentado e morando no interior, tenho remorsos de não ter atendido ao seu amável convite.

Creio ter respondido, por essa carta, à feliz iniciativa do CEALE (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita), da Faculdade de Educação da UFMG, ao perguntar: *Para você, o que Magda significa em sua formação pessoal, profissional e humana?* Encerro, pois, parabenizando-a mais uma vez pelo seu reconhecido trabalho direcionado aos professores educadores de nosso país, lembrando que são eles que atuam na linha de frente da educação de nosso povo, e que você se tornou corresponsável por essa atuação. Como disse Saint-Exupéry: "*Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas*". Magda, você nos cativou ao longo de todos esses anos.

Um grande e saudoso abraço!

Prof. José Olímpio de Magalhães, FALE, UFMG

Belo Horizonte, 15 de dezembro de 2020

Prezada Magda,

É com alegria que lhe escrevo atendendo à chamada do CEALE para respondermos à pergunta: "para você, o que Magda significa em sua formação pessoal, profissional e humana?".

Para mim você significa **inspiração** para ser uma professora/pesquisadora inclusiva, solidária e aberta ao diálogo com alunos tanto da graduação quanto da pós-graduação. Significa também **inspiração** para avançar com base no que você já produziu junto a professores e alunos da Educação Básica e Ensino Superior no que tange aos processos de letramentos em nosso país que você denomina de **alfaletrar**. **Inspiração** para continuar lutando por um país mais justo e uma educação de qualidade para todos os brasileiros.

Enfim, querida Magda, desejo a você e familiares muita paz, saúde e amor nesses tempos tão difíceis que estamos vivendo.

Abraços fraternos,

Mafá

Cara Magda,

Que bom poder enviar esta mensagem para uma colega que tanto admiro. Eu já gostava de teus escritos, mas o livro *Alfabetização: a questão dos métodos* superou as já altas expectativas que eu tinha sobre o que você poderia produzir. É mais assombroso ainda um livro destes escrito por uma mulher na tua idade, e com a atividade intensa que o trabalho (mais admiração...) em Lagoa Santa requer. Não bastassem estes mergulhos na pesquisa e na formação, ainda enfrentou galhardamente os ataques à estreita alfabetização fônica proposta por este desgoverno.

Desejo que toda esta vida que transborda no teu trabalho continue energizando a educação brasileira, tão necessitada que está de vida, enfrentamento, trabalho, seriedade, rigor, elementos tão presentes na tua trajetória e em teu presente.

Sou professora na área de alfabetização e ensino de Língua Portuguesa e é uma grande alegria poder discutir teus textos, desde 2009, quando venho atuando num dos cursos de Pedagogia nesta área na UFSCar.

Gratidão e que a tua imensa contribuição para termos uma educação de melhor qualidade e um mundo melhor retorne pra você em pequenas felicidades.

Compartilho os versos de Emicida, a partir de Belchior, no álbum *Amarelo*, que me impactou no documentário *É tudo pra ontem: Esse ano eu morri, mas ano que vem eu não morro*. E, finalizo, com a letra completa da canção "AmarElo":

Presentemente eu posso me
Considerar um sujeito de sorte
Porque apesar de muito moço
Me sinto são e salvo e forte

E tenho comigo pensado
Deus é brasileiro e anda do meu lado
E assim já não posso sofrer no ano passado

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Eu sonho mais alto que drones
Combustível do meu tipo? A fome
Pra arregaçar como um ciclone
Pra que amanhã não seja só um ontem
Com um novo nome

O abutre ronda, ansioso pela queda
Findo mágoa, mano, eu sou mais que essa merda
Corpo, mente, alma, um, tipo Ayurveda
Estilo água eu corro no meio das pedra

Na trama, tudo os drama turvo, eu sou um dramaturgo
Conclama a se afastar da lama, enquanto inflama o mundo
Sem melodrama, eu busco grana, isso é hosana em curso
Capulanas, catanas, buscar nirvana é o recurso

É um mundo cão pra nós, perder não é opção, certo?
De onde o vento faz a curva, brota o papo reto
Num deixo quieto, num tem como deixar quieto
A meta é deixar sem chão quem riu de nós sem teto, vai

Tenho sangrado demais (demais)
Tenho chorado pra cachorro (aham)
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Tenho sangrado demais (demais)
Tenho chorado pra cachorro (aham)
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Figurinha premiada, brilho no escuro
Desde a quebrada avulso
De gorro, alto do morro e os camarada tudo
De peça no forro e os piores impulsos

Só eu e Deus sabe o que é não ter nada, ser expulso
Ponho linhas no mundo, mas já quis pôr no pulso
Sem o torro, nossa vida não vale a de um cachorro, triste
Hoje cedo não era um hit, era um pedido de socorro

Mano, rancor é igual tumor, envenena raiz
Onde a plateia só deseja ser feliz, saca?
Com uma presença aérea, onde a última tendência
É depressão com aparência de férias

Vovó diz: Odiar o diabo é mó' boi
Difícil é viver no inferno e vem à tona
Que o mesmo império canalha
Que não te leva a sério
Interfere pra te levar à lona
Então revide, diz

Tenho sangrado demais (demais)
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Tenho sangrado demais (demais)
Tenho chorado pra cachorro (aham)
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes
Não, melhor, figurantes
Que nem devia tá aqui

Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes

Tanta dor rouba nossa voz
Sabe o que resta de nós?
Alvos passeando por aí

Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência
Me resumir a sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi

Por fim, permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem
É o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir, aí

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri (as duas mãos pro ar, Municipal)
Mas esse ano eu não morro (vem, vem, vem, vem)

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Este ano talvez tenhamos morrido, mas no ano que vem, não morreremos. Lutar, lutar e lutar!

Abraço,

Heloisa Chalmers Sisle

Belo Horizonte – MG, 16 de dezembro de 2020

Soares (1990) e ponto! Era tudo o que eu, por muito tempo, conhecia sobre a senhora, professora Magda. E confesso: não raras vezes me referia a Soares (1990) pensando se tratar de um autor, pois sendo eu do universo geográfico as referências teóricas me eram outras.

Eis que, em 2017, ao integrar o corpo docente da Faculdade de Educação da UEMG e passar a ministrar uma disciplina que tem a obra *Educação como prática de liberdade*, de Paulo Freire como bibliografia básica, me instiguei a explorar o termo *alfabetização*, visto que, nessa obra, Freire defendia que alfabetizar e conscientizar fazem parte de um processo educativo que, ao mesmo tempo que escolariza, liberta e transforma.

Assim, por necessidade da profissão, em um determinado dia do ano de 2017 me coloquei a compreender o termo *alfabetização*. Em uma simples busca no Google, constatei uma certa recorrência do sobrenome Soares, o mesmo Soares (1990) que eu ligeiramente conhecia. Comecei a ler um, depois outro, mais três, mais quatro dos textos de Soares. Eles são didáticos, claros, tangíveis e viciantes. Não deu outra: me transformei num leitor sedento da produção de Soares.

Nesse ínterim, logrei aprovação no doutorado em Educação, da Faculdade de Educação da UFMG, e passei a conviver com mestres que são referências para mim e que a todo momento citam a professora Magda como referência para eles.

Comecei a juntar as pontas do destino: Soares (1990), que eu pensava ser autor e que, por necessidade da profissão, passei a ser leitor voraz da sua produção é a mesma referência das minhas referências (a repetição do termo referência é proposital).

Pontas ligadas, destino decifrado: Soares (1990) é a professora Magda e chamá-la de professora é um orgulho para mim, mesmo não tendo sido diretamente seu aluno, pois, mais que na condição da ilustre autora mineira que tem uma vida dedicada à educação e aos estudos da alfabetização e do letramento, a senhora, como professora, já estava preparando o terreno para a transformação do meu destino antes que vida eu tivesse.

É hoje a inspiração da tese de doutorado de um sujeito nordestino, de pai desconhecido, filho de mãe negra, com pouca escolarização, que o criou com muito esmero, trabalhando em casas de família. Esse sujeito que parecia ter um *cursus* predefinido, subverteu-se do determinismo cruel por meio de uma educação humana que conscientiza, liberta e transforma e segue vencendo barreiras sociais, econômicas e intelectuais.

É graças a essa educação que a senhora defende, teoriza e pratica, que contrariei a lógica perversa: sou o único com nível superior de uma família nordestina e numerosa, que se tornou professor universitário e que vai ser doutor no Sudeste orientado pela ex-orientanda da professora Magda.

Com toda modéstia, professora Magda, acho que eu sou a materialização dessa educação que transforma por uma alfabetização que escolariza e conscientiza e que a senhora não só teorizou como efetivamente cumpriu quando, por exemplo, formou as Isabéis que um dia formariam os Daniéis e que hoje formam novos sujeitos Brasil afora.

Por tudo isso, a autora e professora Magda Becker Soares ocupa um lugar perene em minha formação profissional, acadêmica e, principalmente, humana. Tem nome e sobrenome completo. Tem pertença em meu coração.

Muito obrigado, professora Magda, por não ter desistido dessa educação que rompe com os estabelecidos. A sua incessante teimosia transformou não só a minha vida, como a de uma família inteira. E, sem dúvida alguma, continuará a transformar vidas de gerações presentes e futuras.

Daniel Cardoso

Cara Profa. Magda,

Há muito não escrevo cartas. Escrevo textos de não mais que um parágrafo no *e-mail*, mensagens de um período no WhatsApp e caracteres contados no Twitter. São escritas de comunicação, de trocas de informações, de contato que uma carta abarca e vai além, como você bem sabe.

Penso nessas diferenças e tento aqui escrever uma carta que fale da gratidão que todos nós, professores e estudiosos da linguagem e da educação, temos pelos seus ensinamentos em livros, bancas, concursos, palestras e aulas. Não me faltam palavras, nem exemplos desses fazeres do cotidiano acadêmico, para falar de sua atuação como pesquisadora e professora da Faculdade de Educação, mas não quero fazer um relato de fatos diversos.

Procuro fazer um exercício de metamemória e retomar o primeiro contato que tivemos. Eu era professor da 8ª série do primeiro grau, e o livro *Técnica de redação*, com uma capa que para mim remetia à bandeira do Japão, desvelou um oriente que nenhum dos livros didáticos adotados no Colégio Acriano conseguia sequer indicar. Nem preciso dizer que, depois da leitura desse livro, minhas aulas de Língua Portuguesa ganharam uma nova rota para a produção de textos. Mais que técnicas e estratégias didáticas, o livro me deu segurança sobre o que e como ensinar a escrever naquela escola.

Ao longo de meus quarenta anos de docência, outros tantos textos seus vieram me apontar caminhos e ajudaram a construir os passos com que os percorri. Textos escritos, textos falados, textos ouvidos de seus alunos que foram meus colegas de trabalho e pesquisa no Ceale, textos colhidos de alunos de seus alunos que também foram meus alunos. Textos que me prepararam para concurso público de professor. Textos que orientaram a seleção de livros no PNL D e no PNBE. Textos que ajudaram a responder dúvidas e questões de meus alunos nos cursos de Pedagogia e Letras. Textos que cito constantemente em oficinas com professores em serviço e nos cursos de pós-graduação sobre ser pesquisador, ser professor e ser educador em nosso país. Textos que também tratam de coisas nossas como vida cigana, prêmios recolhidos, mulheres degoladas e um jovem estudante que te acena do outro lado da vitrine da Harrods.

Em todos esses textos, lições de uma mestra que ensina com eles e para além deles. Lições aprendidas e repassadas a outros aprendizes dessa fina arte de ser professor. Para você que é autora de todos esses textos e por todos esses textos é que escrevi essa carta. Uma carta que, na verdade, poderia – agora percebo isso muito claramente – ser uma única palavra: Obrigado.

Rildo Cosson
João Pessoa, dezembro de muito sol de 2020

Xangri-lá, 23 de dezembro de 2020

Prezada Magda:

Como começar esta carta? Como te dizer, Magda (e me permito, audaciosamente, usar o *tu*, tão íntimo e tão peculiar da nossa fala regional...), da tua centralidade na minha formação e atuação como professora de escola básica, como professora universitária formadora de professores, como pesquisadora e extensionista em escolas públicas, e, mesmo, como autora de alguns artigos sobre ensino de língua materna, para os quais sempre buscava a tua palavra sábia como inspiração...?

Também pensei em quantas cartas receberias e se eu seria a tua "discípula" mais velha a te escrever (afinal, completei a minha sétima década de vida durante a pandemia). E resolvi apenas relembrar alguns encontros que tive contigo, através, principalmente, das tuas obras.

1974... (46 anos atrás...). Recém-formada em Letras, começo a atuar como professora de 5ª série (assim se chamava), de Português, em escola pública de um arrabalde de Porto Alegre. Na época, eu iniciava um mestrado em Letras (gramática gerativa, Chomsky, Lennenberg), mas minhas turminhas não pareciam ter nada a ver com a teorização acadêmica que eu então estudava. E encontro – por indicação de colegas? – o precioso livro de capa azul – *Comunicação em Língua Portuguesa*, de uma autora que eu desconhecia. Balões de quadrinhos? Reportagem de jornal (seria sobre o lixo ou a memória me trai)? Emília de Lobato desligando a chave do tamanho? Que joia, aquele livro! O que depois se tornou trivial nos livros didáticos de Língua Portuguesa era ousado e inusitado na época em que estava se ensaiando uma primeira saída do ensino gramatical estrito...

Alguns poucos anos depois, ingressando como professora numa escola pública de Ensino Médio, sou convocada a dar aulas de "Redação e Expressão" e me cai nas mãos (isto é, encontro numa livraria), *Técnica de Redação*, de Magda e Edson Nascimento. Infelizmente, meu exemplar se perdeu, mas me lembro do encantamento que tive com o livro e de "adaptações" que eu fazia para meus alunos e que tu, Magda, certamente me perdoarias. Naquele tempo, meu encontro con-

tigo era apenas através dos livros e do teu nome, que eu já intuía com “selo de qualidade”.

Passam-se alguns anos e me torno professora universitária trabalhando com Didática de Linguagem, então dominada por uma metodologia que enfatizava jogos e recursos lúdicos para “ensinar” coisas velhas e inquestionadas, num ativismo que me desagradava. E... um novo encontro bibliográfico contigo, Magda – este talvez o mais duradouro: *Linguagem e escola: uma perspectiva social*, o livrinho vermelho da Ática, do qual comprei mais de um exemplar, porque emprestava e... não voltava. Simultaneamente profundo e claro – como é, aliás, uma das marcas da tua escrita, Magda, que muito prezo –, o livro me desafiou a ler os textos dos autores-fonte e fazê-los dialogar também com as questões da realidade linguística da escola brasileira e das minhas alunas.

Mas, para além dos encontros bibliográficos, e li muitos artigos teus, me vali deles para planejar atividades, oficinas, para discutir com meus colegas da área de língua materna – comecei a assistir às tuas palestras, participações em mesas-redondas, falas em eventos. Foram muitas – talvez a primeira tenha sido num encontro da Associação de Professores de Língua e Literatura RS (anos 1980?). COLES, reuniões da ANPED, ENDIPES? E conheci a Magda palestrante – uma fala organizada, clara, perspicaz e relevante, sempre costurando avanços e reflexões teóricas com a escola real (não com uma ideia vaga de escola, anacrônica, elitista armadilha em que tantos palestrantes renomados da cena acadêmica brasileira, eminentes teóricos, caem). Por isso, sempre fui te ouvir, Magda, de certa forma querendo me espelhar em ti como intelectual – estudiosa, informada e conectada com novos estudos, mas, simultaneamente, compromissada com a escola pública, com nossos alunos e alunas, com a perspectiva de contribuir de fato para um aperfeiçoamento da escola e das professoras para a realização de um trabalho pedagógico sensível às circunstâncias e condições, mas que apostasse em mudanças.

Várias décadas depois – 2010? 2011? 2012? não sei – como coordenadora de uma equipe em uma edição do PNBE literário, tive o privilégio de participar, na UFMG, do grupo do Ceale que selecionava os acervos definitivos para anos iniciais. Tive a honra de conviver com “gigantes” do campo e certamente eu estava bem intimidada... Mas a maior alegria foi ver que tu (que considero, ao lado do Wanderley Geraldi, a grande renovadora do ensino de língua materna

no Brasil [e nem falei na abordagem do letramento...]), ao vivo e em cores, eras humana, simples, empática, sensível e autêntica! Nenhum grau de empáfia (que tua história permitiria), nenhum tom de "voto de Minerva", nenhuma imposição... mas contribuições relevantes e sábias.

Magda, o que dizer mais? Que foste, és e ainda serás muito importante para várias gerações de professores e professoras de língua materna, para alfabetizadoras, para supervisoras e outros profissionais da educação. Assim como foste minha "guru" – e acho que pude levar muitas alunas e alunos a te conhecerem –, foste também "farol" para muita gente. Teu trabalho de tantas décadas rendeu muitos frutos – ainda que o momento das políticas educacionais seja desalentador, mas... isto passa... – que são impossíveis de quantificar. E tudo isto porque, além de uma intelectual de primeira (para usar um termo coloquial), és pessoa de muitas qualidades humanas, entre as quais avultam o compromisso ético e a simplicidade (que não é simplismo, mas autenticidade).

Gratidão, Magda! Muito, muito obrigada por tudo que fizeste, por mim, pela educação e pelas crianças brasileiras!

Grande abraço e boas festas!

Rosa M. Hessel Silveira

Magda querida,

Que saudade! Não fui te ver em 2019, não levei o presentinho de Natal... Nem sempre vou à sua casa na época certa, mas sempre vou. E, na loucura deste 2020, desta vez não fui te ver. Quando pensei em marcar o nosso encontro, o mundo caiu em nossas cabeças! Nada de encontros, nada de abraços, daqueles que nos confortam, daqueles iguais aos seus que nos acalentam.

Sinto falta.

Fiquei pensando, nesses dias, em nossa história: sabe que só pude conseguir escrever uma tese com você de orientadora, né? Por quê? O seu jeito de respeitar cada um do jeitinho que é, de ouvir, de ir com calma, devagarinho, tirando da gente o melhor possível! Mesmo de mim, que nada tenho de acadêmica, você conseguiu que eu pudesse terminar o texto, não sem dores, mas do meu jeito.

E, agora, me vem à memória o seu aniversário em Mariana. Lembra? Consegui tocar a "Marcha turca", de Mozart, com a Elisa Freixo! Pra você! Foi um dia de tanta emoção! E, hoje, voltando a estudar piano, te ouço sempre dizendo que eu precisava voltar pra música. Quero te dizer que tocar tem sido uma festa. Te agradeço por mais esse incentivo.

Sua visita com o seu filho em Mariana, o jantar na casa do Cisalpino, com a Bárbara e o Mário, meu aniversário de 50 anos! Quantos retalhos da nossa história, de saborosos gostos!

Sinto falta.

Aqui, de longe, fico orgulhosa de ter uma amiga com essa força, que não para de produzir. Bacana demais!

Os nossos papos sobre amores, viagens, coisinhas. O tempo do *whisky*, do vinho, dos tira-gostos.

Sinto falta.

Mas... tenho fé: em breve, vamos nos ver sem o vírus, bem de perto, com o olhar leve e o riso aberto e o mais longe que der dos que preferem negar, ignorar e apostar no desacerto.

Beijo desse tamanho.

Brisa

Ceale*
30 anos

Belo Horizonte, 24 de dezembro de 2020

Querida Magda Soares,

Embora não tenha sido sua aluna, a presença de suas pesquisas na minha vida se fez marcante. Os trabalhos sobre o ensino de português através do texto, as técnicas de redação, as noções de letramento, as explanações sobre aquisição do sistema da escrita e do desenvolvimento de habilidades textuais se tornaram possíveis graças à leitura e ao estudo de suas obras, bem como às lições aprendidas em suas palestras.

Sua contribuição foi sempre importante nas minhas aulas e nas orientações que dei a meus pós-graduandos. E sua simpatia, sua disposição para compartilhar tanto saber e seu olhar carinhoso também me ensinaram o que é ser grande.

Assim, mesmo que sem poesia, eu não poderia deixar de dizer o quanto você enriquece a nossa vida, e desejar-lhe um FELIZ NATAL!!

Beijos,

Janice Helena Chaves Marinho

Belo Horizonte, 17 de dezembro de 2020

Querida Magda,

Escrever uma carta para você me permite exercitar um de meus gêneros prediletos, o epistolar – infelizmente em desuso! Permite também que eu reforce uma prerrogativa exclusiva da condição humana – a de lembrar e ser lembrada! E, sobretudo, permite que eu faça uma declaração já redundante – a do meu amor por você!

Há décadas você está em minha vida, primeiro à distância e depois muito perto.

Conheci seu nome, sua fama e seu ativismo ainda nos anos 1960/70, por seu protagonismo no Colégio Universitário, na Faculdade de Educação em criação e na UFMG efervescente em lutas e resistências. Como aluna e depois docente nessa instituição, eu já rastreava veredas e travessias com suas fortes marcas, que ultrapassavam o ensino da Língua Portuguesa. Nesta sua expertise, ainda bebi na fonte de seus livros e coleções, acompanhando estudos de meus filhos, em sua escolarização básica.

Fui chegando perto de você em disciplinas do mestrado, correndo atrás até de bônus extras das optativas. Você me prestigiou escrevendo um belo e exagerado prefácio de um de meus livros, em 1986, sobre *Interação em sala de aula*, o que me encheu de orgulho! Mais perto ficamos, três anos após a criação do CEALE, sob sua liderança.

Era o ano de 1993 e você me orientava no Doutorado em Educação, na linha Linguagem e Educação.

Todos os seus alunos tinham o privilégio e o pesado encargo de “*passarem por todas as ações desenvolvidas pelo Ceale*” – conforme suas palavras que nunca esqueci! Para você, era critério incondicional e insubstituível de plena formação, para além das fronteiras acadêmicas. Nosso foco era, sempre, todo e qualquer desafio emanado da educação pública, preferencialmente nos anos iniciais da alfabetização – compromisso social da mestra, legado assumido por várias gerações de alunos.

Desde então, muito trabalho, muita aprendizagem, muitas pesquisas e publicações partilhadas. Não falarei delas aqui, porque isto é uma carta! Mas você terá tantas lembranças de discípulos e

fãs, que precisa saber de alguns marcos inesquecíveis para mim, induzidos ou produzidos diretamente por sua ação educativa e sensibilidade humana.

Incrível, por exemplo, foi uma pesquisa coordenada por você, em 1993, que permitiu minha longa imersão em várias escolas de nossa rede municipal. Demos o título de "*Confronto entre a produção científica sobre construtivismo e alfabetização e a prática pedagógica da alfabetização na escola pública*". Ainda datilografada, lembra? Não foi publicada, mas abria todo o meu interesse (e de tantos educadores) por esse campo. E ainda recebi seu empurrão para ter coragem de apresentar trabalhos em eventos externos de maior porte. Sou tímida "constitutivamente", silenciada ao longo de minha história escolar – embora ninguém acredite! Mas você captou minha fragilidade... e simulou um mal-estar repentino, para me forçar a apresentar o trabalho, sozinha, na reunião da ANPED de 1994. Passei a noite insone, adentrei o salão com olheiras... mas ali estava um começo de muitas outras exposições públicas, sempre penosas, porém imprescindíveis. Sob seu olhar aprovador, suas bênçãos!

Para esticar o mote dessa nossa pesquisa tão marcante, preciso lhe dizer que tenho muito orgulho de nossos estudos e produções, naquela época, sobre os rumos do construtivismo na América Latina e no Brasil. Recebemos Emília Ferreiro no Ceale e fomos para eventos e periódicos ao lado dela; produzi, a partir daí, um livrinho que você lançou numa coleção interna e depois projetou para edições maiores (*Construtivismo: grandes e pequenas dúvidas*, 1995). Tínhamos (você, eu e nossos parceiros de estudos) a convicção de que não embarcávamos em modismos ou doutrinas. Interessava-nos o estudo consistente das concepções de um ideário pedagógico em expansão, sem perder a visão crítica de que, uma vez apropriadas por professores, elas se resignificariam em suas práticas. Precisaríamos ser continuamente rediscutidas, mediadas por experiências e formações. Não era assim? Por isso mesmo, experimento grande dissabor – e muitos outros sentimentos que não são pertinentes só a uma carta! – ao constatar conexões rasas e injustas que se estabeleceriam posteriormente, com uma visão espontaneísta de ensino ou ausência de sistematização curricular.

Seguindo você, trabalhamos muito para adensar seus princípios coerentes com a educação pública de qualidade, a formação continuada de professores, a indissociabilidade de alfabetização e

letramento, a avaliação criteriosa de livros didáticos de Alfabetização e Língua Portuguesa, a proposição de matrizes de aprendizagem e de avaliação diagnóstica! Tantos cadernos e coleções, tantos conflitos e impasses, tanto reconhecimento e ampliação de parcerias! Você jamais deu trégua – se afastou pela aposentadoria, mas nunca de nós, do Ceale, dos alfabetizadores da educação pública, do DNA de seu trabalho.

Continuou frenética, *alfaletando* nas escolas, nas publicações, nas telas das *lives* – modalidade que você multiplicou e dominou, com total competência, no ano surreal de 2020 (uma *infinitena* das mais produtivas pra você, por sorte nossa!). E, nos *chats*, fãs elogiando: *elegância, lucidez, humildade, sensibilidade!* Eu pensava, sempre: “vai ser *multifacetada* assim!!!”

Como me orgulho dessa trajetória construída nas ações priorizadas pelo CEALE e, sobretudo, na trilha de seu legado, seu sólido ensinamento, sua generosidade e acolhida permanentes! Devo a tudo isso minha constituição como professora e pesquisadora. Plagiano do você, e graças a sua *travessia, por escolha, por prazer, por vocação, por convicção, por compromisso social.*

Isso não tem preço, não pode ser dimensionado só nesta carta. Mas eu sei e quem testemunhou sempre saberá. Se a gratidão é a memória do coração, este é seu lugar, sempre, em minha vida.

Parabéns por sua existência exuberante! Obrigada pelo privilégio de fazer parte de sua história, aprendendo com sua densidade e me divertindo com sua leveza!

Sua admiradora, com enorme afeto,

Gracinha

(MARIA DAS GRAÇAS DE CASTRO BREGUNCI)

Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 2020

Querida Magda,

Imaginando aqui a minha cartinha para esta ilustre dama como apenas mais uma, peixe parte do cardume nessa enxurrada de tantas e tantas cartas que você receberá...

Deixo aqui minhas impressões de minha tão profunda admiração por sua pessoa de professora e pesquisadora. Deito aqui minhas letras, palavras até vãs, no meio do mar de tantas inúmeras admirações, dedicadas letras à pesquisadora de letras, à educadora magna, Magda querida, autora de quem me faço leitora convicta, professora que escreve dando aulas, professora palestrante que ensina tantas lições a quem se interessar pela alfabetização na educação brasileira. E ensina, e alfabetiza-nos, fazendo pensar de novo.

Desde minha idade mais tenra, ainda quando nos bancos da universidade, lembro-me bem a data, 1986, meu último ano de formação inicial em Letras, lendo *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. Tomei-te um pedacinho emprestada no título de minha dissertação de mestrado "Linguagem e escola na voz dos professores", em que trato de professores de todas as disciplinas e seu trato com a linguagem. "Papisa da Alfabetização" é como me refiro à sua figura, ilustre, abençoando-nos, colocando-se para nós em uma posição de quem tudo vê (inaugurando o Ceale com um banco de teses e dissertações) e de quem esperamos a formulação de um juízo, uma opinião. Suas opiniões vêm como grandes parábolas, que estudamos e lemos, deleitando-nos e ampliando-nos o horizonte do olhar, em reflexões que nos enredam, fazendo histórias em cada uma de nossas histórias, agarrando e desafiando os conceitos novos do campo, que realizam sonhos que todos nós pesquisadores gostaríamos de realizar.

Sua Lagoa Santa é a culminância coerente que qualquer pesquisador poderia almejar, ao alfabetizar uma cidade inteira, e ser a formadora-máter de todas as alfabetizadoras daquele território, expandindo-se para além, escrevendo-se com esta parceria docente,

mulher valente, desbravadora e inovadora, ciente e científica, debate e lastro. Adentra as comunidades de práticas, de letramento, de leitura-escrita, de aprendizagens. Ouve, tece, recoloca as questões. Magda, obrigada por sua linda trajetória que nos deixa trilhas e desejos de mais rodar sobre elas e de abrir outras picadas, entradas e estradas, pontes e travessas, para marcar os chãos das escolas brasileiras.

Obrigada por suas palavras, por suas ações, por sua vida que se estende por tantas outras. Um beijo enorme de reconhecimento e agradecimento,

Ludmila Thomé de Andrade

Ouro Branco, 18 de dezembro de 2020

Querida Magda!

Permita-me chamá-la de querida. É a forma que encontrei para externar o carinho, respeito, admiração e importância que a senhora teve e tem na minha vida pessoal e profissional.

Sou filho de trabalhadores rurais e nasci em 1966 quando a senhora publicava *Português através de textos*. Meus pais não falavam o português que é valorizado nas escolas e queriam que seus filhos aprendessem aquele português para que não continuássemos marginalizados por sermos "pés-descalços".

Frequentei uma escola de uma sala só, onde minha professora alfabetizadora era também a diretora, cozinheira e faxineira da escola. Na mesma sala sem carteiras, nos sentávamos em um grande banco de madeira e aprendíamos a ler. Meu primeiro caderno foi feito com papel de embrulhar pão. Minha mãe costurou o caderno e minha irmã mais velha fez as linhas. Era o que eu tinha. Mas era muito, Magda, era o meu tesouro.

A vida foi passando, comecei a vender leite de porta em porta na pequena cidade de Urucânia para prosseguir com meus estudos. A mãe não tinha a leitura das palavras, mas tinha a leitura do mundo. Quando me sentia inferior às demais crianças, ela me colocava no colo e dizia: você vai ser um grande homem, meu filho! Não compreendia bem, mas não duvidava do amor materno. O sonho dos meus pais passou a ser o meu sonho também.

Estudei a vida inteira em escolas públicas. Desenvolvi um gosto pela leitura e pela escrita que impressionavam todos da região. Tornei-me professor e fui alfabetizar os meus iguais.

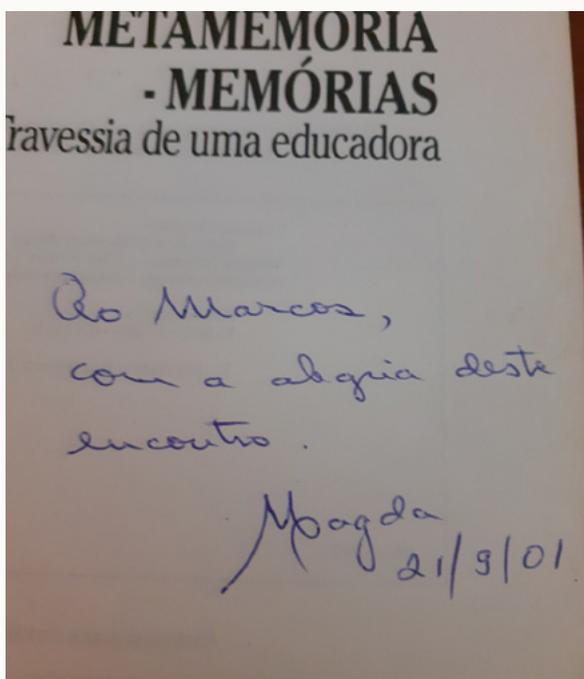
Na década de 1990, li *Linguagem e escola: uma perspectiva social*, de sua autoria. A cada página pensava: ela está escrevendo para mim, um dia quero conhecer a professora Magda.

Desde então, era meu objetivo te encontrar, te abraçar e não falar nada, apenas te abraçar. Mas a UFMG era para mim algo muito distante, inacessível.

Novamente a vida com seus mistérios e magias colocou na minha vida uma professora da UFMG que te conhecia. Falei com ela sobre o meu sonho. Ela me disse: "venha fazer mestrado conosco, quem sabe você não encontra com a Magda?"

A esta altura eu já estava lendo *Metamemória/Memórias – Travessia de uma educadora*. Andava com o livro o tempo todo pelos corredores da Faculdade de Educação na esperança de encontrá-la para que pudesse assiná-lo para mim.

No dia 21 de setembro de 2001, deu-se o encontro. Assisti a uma palestra da senhora e, ao final, me aproximei morrendo de medo, tremendo, e pedi para te dar um abraço. Você me abraçou, e eu te pedi que assinasse o livro. Carregada de um amor freiriano, a senhora permitiu o abraço e assinou o livro. Foi uma *démarche* na minha vida pessoal e profissional. A senhora escreveu:



Querida Magda, hoje sou professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Minas Gerais e trabalho no curso de Pedagogia na área de alfabetização. A senhora e Paulo Freire são

minhas referências teóricas. Oriento trabalhos de conclusão de curso sempre com memoriais de formação. Todo estudante que oriento lê a senhora. Tenho todos os seus livros.

Escreveria páginas e páginas para a senhora e em todas registraria uma palavra que não dissocio desse ser humano iluminado que é a senhora: **gratidão!**

Obrigado por existir na minha vida.

Abraço carinhoso,

Marcos Murta (Antônio Marcos Murta)

São João d'El-Rei, 18 de dezembro de 2020

Querida Magda,

Escrevo estas linhas olhando para a fotografia de uma menina sentada numa mesa segurando um lápis e posando para um fotógrafo desconhecido, responsável pelo registro daquele momento único na sua vida escolar. No ano de 1972, Magda, numa pequena cidade do sertão do Ceará, eu iniciava meu processo de alfabetização numa turma de jovens e adultos, assistindo às aulas em pé. Eu tinha apenas seis anos e o direito à escola só viria no ano seguinte, ao completar os sete. Essa imagem retrata o processo de exclusão social que não apenas eu, mas muitas crianças do Brasil sofreram e, em pleno século XXI, ainda sofrem. Bem menos, é verdade, as coisas melhoraram, hoje "temos vagas" para todas as crianças, porém, a precarização ainda é um traço da educação pública.

Sou testemunha da sua luta pela educação pública de qualidade, pelo direito à alfabetização para todas as crianças, do seu empenho na formação de pesquisadores. Suas aulas, às quais tive o privilégio de assistir, são memoráveis. Nunca me esqueço da sacola de livros logo na primeira aula em que você apresentava todas as janelas possíveis para a entrada pela porta da frente no campo acadêmico, especialmente da pesquisa em alfabetização. Aquele seu gesto é por mim repetido sistematicamente nas minhas aulas. Paulo Freire diz que ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo. E você, Magda, uma mulher da palavra, é um exemplo, não apenas para mim, mas para muitas gerações de pesquisadores neste país que tiveram e têm acesso à sua generosa vontade de ensinar. Tantos anos de investimento e dedicação inspiraram-nos a nos manter atentos aos processos de exclusão social, a usar as armas possíveis na luta, que é de todos, pois não se empunham bandeiras sozinhos.

Em tempos de pandemia, resta-nos a esperança e o desejo de que novos ventos soprem o horizonte, tangendo para longe a crueldade dos governantes de plantão, renovando a luta com as palavras, ain-

da seja vã, como disse o poeta maior. E você é parte estruturante desta luta.

Um abraço afetuoso

Socorro Nunes

Um poema para Magda Soares

após gutemberg

livros são janelas
abertas às páginas
do tempo

janelas são páginas
abertas
às retinas atentas

Catalão, 16 de dezembro de 2020

Querida Professora Magda Soares,

Sou uma goiana típica que aprecia os frutos do cerrado como o pequi e a guabiroba e sabe apreciar uma boa música regional. Além disso, gosto de colocar o pé na estrada e dar umas voltinhas por esse mundo. Outra grande paixão é a língua portuguesa que me inspira e seduz com seus mistérios e sutilezas. Foi essa paixão que me aproximou dos seus escritos, estudos, ideias.

Minha história com os livros e textos escritos pela senhora se inicia em 1992, quando fui aprovada para ministrar as disciplinas Leitura e Redação e Metodologia e Conteúdo de Língua Portuguesa, no curso de Pedagogia, no então Campus da Universidade Federal de Goiás, hoje Universidade Federal de Catalão. Em meu primeiro ano na docência do ensino superior, recebi da professora que se aposentava o livro *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. Que descoberta!!!

Intuitivamente, sabia que as diferenças linguísticas se tornam deficiências, mas só após essa leitura comecei a de fato entender a profundidade dessas deficiências e a real necessidade de usar o ensino da língua como objeto de transformação. Junto com esse entendimento, vieram autores como Labov e Bourdieu, que descortinaram para mim conceitos e ideias novas e me levaram para outros estudos e leituras. Uma dessas leituras foi o livro *Linguagem, escrita e poder*, de Maurizio Gnerre. A leitura do livro com turmas de metodologia e conteúdo de Língua Portuguesa passou a ser o primeiro item do programa e, a partir dessa leitura, fazíamos importantes problematizações sobre o papel da escola na educação das camadas populares e as variantes da língua que, apesar de legítimas, acabam sendo discriminadas pela escola e, principalmente, pela sociedade. Continuo voltando ao livro sempre que necessito e apresentando-o para minhas orientandas de mestrado e bolsistas de iniciação científica.

Depois vieram mais livros: *Letramento: um tema em três gêneros*, no qual a senhora nos esclarece sobre a origem do termo *letramento* e nos ajuda a compreender tal conceito. No livro *Alfabetização e*

Letramento, aprendemos as várias perspectivas de análise do termo *alfabetismo*. A apresentação de vários exemplos de escritos de crianças evidência como a escola leva a uma desaprendizagem das funções da escrita na sociedade. Ressalto ainda aqui dois textos que me marcaram e ajudaram a pensar minha tese de doutorado: o primeiro foi *Letramento e escolarização*, publicado no livro *Letramento no Brasil*; outro foi *A escolarização da literatura infantil e juvenil*. Com eles, aprendi sobre a escolarização da escrita e suas implicações nos usos sociais da língua escrita. Desde então, fico ávida para saber dos novos textos publicados e livros lançados. Quando soube do *Alfabetização: a questão dos métodos*, fiquei louca para comprar, mas moro em uma cidade que não tem livrarias e não sou muito afeita às compras pela internet. No primeiro congresso em que fui, após o lançamento, encontrei o livro e, desde então, tem se tornado leitura obrigatória para meus orientandos de mestrado. Também estudei os livros com alunas que faziam parte do PIBID, em 2018, e todas elas quiseram adquirir o livro. Minha última aquisição foi o *Alfaletrar*, que está aqui guardado esperando para ser degustado.

Além da leitura dos seus textos, tive a felicidade de ouvi-la, professora Magda, duas vezes assisti a palestras suas no Cole em Campinas, na Anped Centro-Oeste, realizada em Goiânia e na PUC de Belo Horizonte. Em todas essas oportunidades eu ouvia suas palavras, encantada com a clareza de sua exposição e o carinho que emana de sua voz.

Também tive a ousadia de ligar para a senhora. Como será que consegui o número? Não me lembro. A ligação era para convidá-la para uma palestra na nossa universidade. Liguei sem esperança de conseguir sequer falar com a senhora, mas qual não foi minha surpresa quando ouvi sua voz atendendo o telefone. Tivemos uma conversa amável, a senhora, gentilmente, respondeu que não podia atender ao convite porque estava organizando uma coleção de livros didáticos, explicando que assim conseguiria falar aos professores de todo o Brasil, não só com os de Catalão.

Por último, deixei para falar de um texto que, além da discussão que traz, me provocou uma enorme vontade de ler, outro texto que ainda não consegui encontrar. Trata-se de "O livro didático como fonte para história da leitura e da formação do professor-leitor". Com a leitura deste, me enchi de vontade de conhecer Anto-

logia nacional mas, principalmente, fiquei aguardando de desejo de ler: "A última corrida de touros em Salvaterra", parodiando a sua citação "nunca tal texto saiu da minha cabeça", já tentei encontrá-lo, quem sabe uma hora dou sorte.

Querida Magda, eu poderia ficar aqui por muitas e muitas páginas falando com a senhora, mas minhas mil palavras já se esgotam. Ao me despedir, deixo o poema abaixo, que, para mim, remete a duas questões sobre a importância do ensino da leitura e da escrita: condição das pessoas analfabetas na nossa sociedade que "veve na treva escura", e o fato de que aqueles que aprendem a ler adquirem uma visão mais crítica, passando a ler "as injustiça dos home". Um grande abraço, professora. Adorei a oportunidade de te escrever.

Autobiografia

Mas porém como a leitura
É a maió diciprina
E veve na treva iscura
Quem seu nome não assina,
Mesmo na lida pesada,
Para uma escola atrasada
Tinha uma parte do dia,
Onde estudei argum mês
Com um veio camponês
Que quase nada sabia.
Meu professô era fogo
Na base do português,
Catálogo, era catalôgo,
Mas grande favô me fez.
O mesmo nunca esqueci,
Foi com ele que aprendi
Minhas premêra lição,
Muito a ele tô devendo,
Saí escrevendo e lendo
Mesmo sem pontuação.
Depois só fiz meus estudo,
Mas não nos livro escola
Eu gostava de lê tudo,
Revista, livro e jorná.

Com mais uns tempo pra frente,
Mesmo vagarosamente,
Não errava nenhum nome.
Lia no claro da luz
As pregação de Jesus
E as injustiça dos home.

(Patativa do Assaré)

Com grande afeto, me despeço,

Maria Aparecida Lopes Rossi

Belo Horizonte, 18 de dezembro de 2020

Querida Magda,

A escrita dessa carta me permite resgatar um passado de muitas boas lembranças!

Em minha mente estão presentes as primeiras aulas no curso de Pedagogia, professores, professoras, colegas e funcionários com os quais convivi. Posso afirmar que a vida me presenteou de muitas maneiras.

A minha escolha por ser professora foi feita quando criança. Desde muito pequena eu dizia: "quando eu crescer quero ser professora". Cresci e sou! Esse percurso do tornar-se professora e verdadeiramente comprometer-se com o fazer sensível da profissão foi algo aprendido e lapidado com pessoas especiais. Então retomo aqui um dos períodos marcantes da minha formação – o que compreendeu a escrita da tese de doutorado. À época, a saída da minha orientadora para pós-doutorado possibilitou nossa maior aproximação, quando você generosamente passou a atuar como coorientadora da tese.

Em 2007, sentadas na sala da sua casa, estávamos eu, Marildes Marinho e você escolhendo o caminho a trilhar. O aceite para estar comigo nesse percurso foi um marco importante para a continuidade do trabalho que eu tanto almejava. A sua leitura atenta e a paixão pelo tema da alfabetização e do letramento consumiram horas de trabalho em que conversávamos sobre o fazer das professoras alfabetizadoras e a riqueza de dados.

Foram muitos encontros! Entre bolos de laranja – feitos pela minha mãe – chás e cafés, fui elaborando o trabalho, estabelecendo inúmeras relações, buscando teóricos ainda pouco conhecidos e identificando as categorias. Não posso deixar de registrar aqui a estratégia de uso das cores diversas para marcar as diferentes categorias. Nos textos, os diferentes trechos passaram a ser marcados com diferentes cores e, assim, fui visualizando o meu trabalho cada vez mais colorido. E é assim, Magda, que vejo hoje meu trabalho e a tese concluída. A cada dia é preciso dar lugar às novas cores, eleger aquilo de mais significativo que se tem, identificar tudo o que se repete, compreender e compreender...

Foi um percurso de afetos, de uma grande riqueza, a partir de um decisivo momento de acolhida. Ao anunciar, no dia da defesa, que eu seria a sua última orientanda, nós bem sabíamos que não se tratava de uma interrupção de trabalho. Ao contrário, vimos o seu crescente envolvimento em outros projetos!

Finalizo com o meu agradecimento pela oportunidade e o carinho ao longo desses anos. Muita gratidão pelo incentivo e pela alegria demonstrada por ocasião de minha aprovação como docente do Centro Pedagógico da UFMG. Havia ali, além da torcida, sua convicção de que eu seria mais uma profissional comprometida com seus ideais de uma educação pública de qualidade. E que eu estaria preservando seu ofício de alfalettar em uma instituição de referência, para a qual você tanto contribuiu em sua trajetória, ao conciliar ensino, pesquisa e administração de forma tão ativa! Trajetória que permanece exemplo para mim e inspiração para tantos, nos ensinando que temos muito a fazer – e nós podemos fazer! Sei que você ainda poderá reforçar, em um tom firme que bem conhecemos – não só podem como devem!

Um beijo grande, com saudades

Kely Cristina Nogueira Souto
Professora do Centro Pedagógico da UFMG

Boa Vista, Roraima, 15 de dezembro de 2020

Querida Magda Soares,

Escrevo estas mal traçadas linhas para te dar notícias de um Brasil Norte, que, assim como tu e também com a colaboração dos teus escritos, luta por um Brasil alfaletado. Ler teus escritos e te ouvir falar sobre esse sonho tão lindo nos inspira e nos enche de esperança para continuar. Ler Magda nos traz a compreensão científica para essa linda missão, nos desperta o sentimento de realização ao perceber que o objetivo foi alcançado e nos faz mais humanos nos tornando empáticos, para superar todos os obstáculos que essa missão possa nos trazer.

Magda nos é inspiração quando apenas com uma palavra pode nos levar a criar ações como forma de contribuir nessa missão de oportunizar o acesso à leitura e à escrita. Assim aconteceu comigo quando transformei em ação a palavra "alfaletrar". Ação esta que me chega de forma terapêutica me ajudando na recuperação de um câncer e no enfrentamento do período de pandemia, me oportunizando ajudar e ser ajudada.

A ação inspirada no livro *Alfalettar* consiste em confeccionar sacolas de tecido (feitas por mim). É quando a ação se torna terapêutica e, uma vez prontas, junto com um bilhete, são presenteadas às amigas, filhas ou netas pedindo a elas que em troca escolham crianças em vulnerabilidade social para presentear com um *kit* escolar. O *kit* deverá ser composto por cadernos, lápis, lápis de cor, um alfabeto e um livro de literatura infantil. A ação chegou também para amigas que moram no sul do Brasil com destaque para entrega de duas delas no Projeto de Natal da ONG Misturaí, que desenvolve belas ações de ajuda a pessoas em vulnerabilidade social em Porto Alegre.

Para ti diria: "Magda, tu és formação integral, nos alcançando aspectos da vida pessoal, profissional, humana e ainda ajuda em curas". Magda traz para o mundo acadêmico uma reflexão importantíssima: saíamos dos muros acadêmicos, vamos lá no chão da **escola**, razão maior de nossa existência, vamos lá saber o que será e o que

deve ser. Amo demais essa passagem da carreira dessa educadora incrível que nos traz muita inspiração e que reflete a minha forma de pensar e de me ver como parte desse processo. Magda, um abraço carinhoso. Gratidão por tudo que você tem nos ensinado.

Sem mais

Professora Maria Celina De Assis
Mestre em Educação /UFRGS

Olá,

Você está recebendo esta linda sacola e junto com ela um convite para participar da ação "Alfalettrar", que consiste em doar a uma criança em vulnerabilidade social um kit escolar, que deve conter: cadernos, lápis, lápis de cor, um alfabeto e um livro de Literatura Infantil que pode ser um que você já tenha lido. A ação tem como objetivo não só ajudar outras crianças que não tiveram a mesma oportunidade que você, mas também de despertar em você o sentimento de solidariedade. Obrigada por participar Maria Celina de Assis



Curtido por felipeas99 e outras pessoas
espacosaber01 Depois da ecobag literária para a Feira Ecológica de POA. Inspirada na obra Alfale... mais



Andréa Vasconcelos está se sentindo agradecida.
20 de nov · 49
Celina De Assis Assis obrigada pelo presente e parabéns pelo lindo projeto alfaletrar que estimula a leitura para as crianças. A Clarice Marie amou a sacola e já levou para o pesque pague.



Curtido por allcegomesti e outras pessoas
espacosaber01 Poeminha no pano para sala de recurso da Prof @catarinapadilha
edlaura Amei minha ecobag, neste final de semana vou colocar os materiais escolares para fazer a



Desafio aceito da ecobag Alfalettrar tia Celina. Obrigada pela oportunidade de poder ajudar o nosso próximo.
Celina De Assis Assis
3 DE NOV AS 21:25
4
4 comentários

Recife, 16 de dezembro de 2020

Magda, professora querida,

Como vai? Estou lhe escrevendo a convite do Ceale e fiquei muito feliz por ter esta oportunidade. Teria muitas coisas a dizer, mas, dado o limite de palavras, vou apenas destacar fatos que nos unem e que ilustram a sua importância na minha vida.

Concluí a licenciatura em Letras – Língua Portuguesa na UFPE, em dezembro de 1981. Estava com 21 anos e, dois meses depois, fui contratada para dar aulas numa escola privada do Recife, capital de Pernambuco. Nessa época, em plena ditadura militar, não havia concurso para ingressarmos nas redes públicas de ensino (o sonho de ser professora de uma escola pública só veio a se concretizar em 1988, no governo de Miguel Arraes, que havia retornado do exílio e foi eleito governador em 1986).

Então, aos 21 anos, virei professora da Escola Parque do Recife. Uma das donas da escola era Myrtha Carvalho, que tinha sido minha professora de Prática de Ensino de Português na UFPE. Myrtha é a Magda local, também uma referência para mim. Ser convidada para dar aulas na escola dela representou um grande desafio, sobretudo porque eu queria corresponder às suas expectativas. E foi aí, Magda, que tive conhecimento da sua coleção didática *Novo português através de textos*. Guardo comigo até hoje os volumes, com meus rabiscos de professora iniciante. Muito mais do que um manual didático, o NPAT era um tratado de metodologia do ensino de Língua Portuguesa e funcionou naquele momento como uma grande fonte de aprendizado e de coragem para enfrentar o desafio que tinha pela frente.

Nosso primeiro contato pessoal aconteceu em 1983, quando você proferiu uma conferência num congresso de Língua Portuguesa da PUC-SP. Procurei-a ao final para cumprimentá-la por sua lucidez e compromisso político e, no meio daquele mundaréu de gente, você me respondeu de maneira extremamente afetuosa, sorrindo. Parecia que éramos velhas conhecidas. Essa é uma de suas marcas, professora: uma grande capacidade de acolher cada um que a procure. O congresso da PUC-SP acabou funcionando como um atrativo e foi lá

que cursei o mestrado em Língua Portuguesa, no período de 1985 a 1989. Minha orientadora foi a professora Anna Maria Cintra, por quem tenho também um grande apreço. Anos depois, em 1995, minha dissertação foi publicada pela Editora Papyrus, sob o título *Ensino de língua portuguesa – uma abordagem pragmática* (com prefácio de Ezequiel Theodoro da Silva).

Nos trâmites da publicação, a editora me pediu que indicasse nomes de professores/pesquisadores aos quais ela pudesse enviar a obra para análise. Citei, entre vários, o seu nome.

Passa-se um tempo e a Papyrus volta a entrar em contato comigo para saber se eu autorizava que ela lhe informasse meu endereço. Claro que autorizei, mas não tinha ideia da finalidade disso. E aí recebo na minha casa uma delicada carta sua, em que você dizia ter lido o livro. Também guardo comigo essa carta até hoje. Aliás, sou do tempo das cartas escritas a mão... Minha história é atravessada por elas... Um dos meus prazeres nas férias, que passava no interior da Paraíba, na casa da minha avó materna, na cidade de Taperoá, era ir ao correio para enviar cartas aos meus pais, contando o que já tínhamos feito lá pelo sertão paraibano.

Retomando a história da sua carta... Minha dissertação transformada em livro continha um relato de algumas experiências de ensino que vivenciei com duas turmas de 8^a série (o atual 9^o ano do ensino fundamental). E, lá pras tantas, eu dizia, em algum momento, que tinha "inventado de reinventar Magda Soares", numa tentativa de, tomando o NPAT como base, criar uma proposta didática mais autoral. E essa tentativa foi salientada por você na carta. Nela, você dizia que era para isso que produzia livros didáticos: para que professoras e professores por este Brasil afora pudessem, em diálogo com eles, aperfeiçoar as suas práticas, ser mais propositivos e autônomos.

Professora, essa sua atitude representou muito para mim, até hoje. Não só porque me encheu de alegria e orgulho, mas porque simboliza a grande cadeia que é a formação humana e, dentro dela, a formação de professores. Foi nesse universo que encontrei uma das mais importantes interlocutoras da minha vida profissional.

Um outro encontro nosso se deu quando você atuou como examinadora da minha tese de doutorado, orientada pelo muito querido professor Wanderley Geraldi, outra das minhas referências intelec-

tuais. Naquela sala de defesas do IEL-UNICAMP, de novo vi você, sempre tão generosa, revelar uma leitura muito especial da tese. Comentou muitas coisas, cada comentário era uma mostra de sua sabedoria. Lembro, em especial, que eu havia trabalhado com testes de Língua Portuguesa de larga escala; os anexos da tese traziam vários deles. E você disse que respondeu a esses testes como se fosse uma aluna de escola pública e trouxe essa experiência para dialogar com minhas análises. Nada podia ser mais cuidadoso do que isso, nada podia ser mais original do que isso. Terminada a defesa, na noite desse mesmo dia, pudemos saborear um churrasco, num restaurante indicado por Wanderley, um gaúcho puro-sangue!

Uma rodada repleta de narrativas e risadas, que também nunca vou esquecer.

E por último, professora, trago aqui a lembrança da mensagem que você me enviou por e-mail quando eu e meu marido, que se chama Antônio, adotamos nosso primeiro filho, Mateus. Estávamos com a emoção à flor da pele, comovidos demais pela vivência dessa experiência espetacular que é a maternidade/paternidade. Na sua mensagem, além dos cumprimentos e do seu carinho, você revelou que também é mãe adotiva. Novamente, os laços que nos unem se reforçavam. Pensei, na hora, que só podia ser uma conspiração maravilhosa do universo! Quatro anos e meio depois, chegam do sertão pernambucano nossos outros dois filhos, Vitória e Caio. "Os três porquinhos"... foi como Mateus definiu o novo arranjo familiar... E você de novo chega perto para celebrar o aumento da família, com uma mensagem carregada de carinho.

Por tudo que narrei aqui, e também por aquilo que esta carta não comporta, mas que, vindo de você, reverberou em mim, sou-lhe muito grata, professora Magda. Uma mestra e um exemplo que vou sempre reverenciar e seguir.

Com carinho,

Lívia

Salvador, 19 de dezembro de 2020

Querida Magda,

Que bom isso de poder te escrever cartas! A primeira coisa que eu queria te dizer é que não me contive de alegria ao te ver recentemente animada com a possibilidade, toda nova, de falar em *lives* esse ano, lá do conforto de sua casa. E, assim, inaugurando essa modalidade, pôde ainda continuar nos brindando com seus posicionamentos tão comprometidos com a educação pública de qualidade. Que bom te ver ativa e ainda aguerrida! Não cessa o seu compromisso com a escola, a alfabetização, as professoras, a formação docente. Parece querer sempre e ainda nos provocar, mais e mais, generosa e amorosamente, a vislumbrar caminhos.

Eu, quando ainda me esboçava como professora de crianças, lá pelo final dos anos 1980, li suas palavras naquele livro vermelho, sem ainda saber quem você era e quem seria você nos meus caminhos, bem depois, pelo campo da alfabetização. Foi ali que primeiro entendi que ensinar a língua é uma questão política. Mas ainda demorei para entender que o campo da linguagem era o meu lugar. Estava me formando em psicologia, apesar do imaginário da professora, que construí desde que brincava de escola na infância, e que me interpelava a todo momento.

Quando fui incrementando meus estudos – e sempre fui muito estudiosa – guardava perguntas sobre tudo, nas margens dos livros, nos cantinhos dos cadernos de estudo, na cabeça mesmo. Os conhecimentos iam se ampliando assim, cada vez que eu ia conseguindo responder àquelas perguntas e encontrando, sempre, outras tantas a partir delas. Foi também quando aprendi que isso não acaba nunca! E, para não me perder, precisaria achar um canto onde concentrar minhas tantas perguntas. Foi quando entendi que eu era mesmo educadora e que o meu lance com a educação era no campo da linguagem. Foi então que voltou você a meus caminhos... sempre me dando corda, sem saber, nessa dinâmica de algumas respostas e muitas perguntas. De vez em vez, uma dessas perguntas resolvia morar comigo, sem nunca encontrar respostas satisfatórias, para deixar a vaga para novas perguntas.

Eram as que eu chamava de “perguntas cabeludas”. E eram elas que me impulsionavam ao conhecimento.

Pois bem! Um dia, encontrei seu e-mail, não me lembro bem como, “tomei copo de coragem” e te escrevi, para assuntar sobre alguma dessas cabeludices, tornando aquele burburinho na minha cabeça – que para mim já era um diálogo com você e com outros autores – numa conversa de verdade, por escrito. Para a minha surpresa, você me respondeu, tão amorosa. Respondeu com algo que parecia ser mais perguntas. Nem me lembro que pergunta cabeluda era, e quanto tempo mais ela morou comigo depois de sua provocação, mas guardei seu gesto como um tesouro: “Ela falou comigo!” Conteí essa história a você quando ganhei o presente de poder te visitar em sua casa em BH, e, você, referência maior, fez de tudo para parecer que importante ali era eu, me dizendo que de vez em quando visitava o meu blog e gostava do que lia. Quanta amorosidade! Depois de passar pela escola, como professora e coordenadora, pela clínica psicopedagógica, pelo mestrado e doutorado em Educação, chegando à formação de professores, segui sempre dialogando com você em seus muitos escritos, e mais ainda a cada vez que aparecia, na minha cabeça, uma pergunta daquelas. As muitas que ainda tenho (e terei muitas sempre), eu sigo tentando responder dialogando com você, mesmo se encontro, de vez em quando, para mim, algumas respostas dissonantes, em diálogo com outras perspectivas. Aliás, não tem como negar, não é? Seja alinhando-se à perspectiva que for, ninguém deixa de reconhecer a grandeza de sua contribuição ao campo.

Mas voltando a meu pedacinho nesse latifúndio, posso dizer: Magda, você me inspirou e me inspira sempre... Sua formulação sobre as diferentes facetas do ensino da linguagem escrita me acalmou muito, organizou boa parte da cabeludice nesse campo de disputas de concepções, me ajudou a não perder de vista a dimensão sociocultural e sociopolítica da alfabetização, a arrumar um lugar para uma dimensão socioantropológica do letramento, ainda que me dedique bastante à dimensão linguística e didático-pedagógica – aliás, algo que também devo muito a nossas conversas imaginadas. Seja lá o que for, e seja como chamarmos o que consideramos em cada uma dessas facetas, certo é que os princípios estão lá e, na sala de aula, as/os docentes precisam “fazer o elefante” – até essa parábola hindu, que eu já usava para falar sobre tudo isso em minhas aulas, eu encontrei em seus escritos. Que coisa!

Aliás, esse seu livro azul, que alguns acham denso, eu devorei todo, encontrando lá muitas respostas a perguntas cabeludas, pois ele meio que junta organizadamente tantos estudos dispersos que eu havia feito, sem nenhum guia, desde que morei fora do Brasil e me dei de cara com a ciência da leitura. Sabe quando lemos um poema que parece traduzir o que sentimos, de um jeito que parece até que saiu de nós? Pois tive essa epifania com a teoria ali no seu livro.

Afinal, a despeito de ter um pé na prática, sempre fui também a “louca da teoria”! Cada vez que o abro, acho alguma resposta nova. Mas, claro, perguntas cabeludas seguem rondando sempre, aqui e ali...

Hoje, como pesquisadora e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, quando me vejo ajudando estudantes a fazerem perguntas – por vezes cabeludas – e a encontrarem respostas complexas, e jamais únicas e últimas, tenho dentro de mim a certeza de que seguirei sempre, na minha cabeça, conversando com você a cada pergunta cabeluda que eu ainda encontrar por aí. E sempre as encontro, não é? Já deu para entender que tenho para-raios de perguntas cabeludas, não? Então, se é assim, a conclusão alvissareira a que chego é que, para sempre, conversarei e me lembrarei de você. Com amor e um abraço afetuoso, me despeço, por ora,

Liane

Ibirité, 21 de dezembro de 2020

Querida, admirada, necessária e sempre professora Magda Soares,

Escrevo essa carta para dar notícias minhas e ao mesmo tempo saber das suas. Era assim que começavam as cartas no tempo que a gente escrevia as missivas saudosas. As cartas sempre foram para mim lugares de ancoragem de perspectivas esperançosas. Desde a infância em que a amizade, os primeiros amores se faziam construir por meio delas, até uma lembrança do que relatarei nesse pequeno texto para começar o envio das notícias do lado de cá.

Lembro-me que, em minha pequena comunidade rural de Rio Vermelho, no Córrego do Meio, onde vivi e trabalhei como professora até os 21 anos de idade, muitos homens iam para São Paulo em busca de trabalho. Deixavam suas mulheres, seus filhos e familiares para trás. Costumavam ficar até um ano sem voltar em casa, geralmente o tempo necessário para receber os direitos da carteira assinada. Era um ano de muita saudade para aquelas mulheres, principalmente. Havia também aqueles que não voltavam e, por isso, eram anos de muita angústia e abandono. Havia também os filhos e filhas que ao completarem 18 anos iam embora, geralmente para conseguir melhores condições de vida e com o sonho de levar as famílias para a cidade grande. Os jovens de minha comunidade sumiam, deixando as famílias, com um entrecruzar-se de orgulho e solidão. A comadre relatava para minha mãe que estavam dando certo lá em São Paulo, mas os olhos distantes e profundos, sulcados pelo sol escaldante, diziam outra coisa.

Quantos e quantas enfrentaram cedo a fúria dessa cidade, da construção civil, do corte de cana no interior de São Paulo e também o desgastante, e por vezes humilhante, trabalho doméstico. Naquelas cartas, havia muito das experiências de sujeitos em movimento. Idas, vindas, saudades, notícias boas e ruins. "Escreve ai comadre Sandra", era a frase que eu ouvia ao pegar a folha em branco e a caneta: "Zé, a roça já floriu"; "Antônio, os meninos estão com muita saudade"; "Estou mandando notícias minhas para saber das suas"; "O dinheiro já chegou na conta da comadre"; "Estou de barriga de 6 meses já", "Deus te abençoe, filha"; "Por que você sumiu?", eram expressões constantes, carregadas de amores de

mulheres guerreiras e agricultoras que mesmo com a ausência dos maridos e dos filhos continuavam a lida na roça. Para algumas, a roça floria, virava colheita. Para outras, o sol vinha e queimava. Mas, para a maioria delas, depois da floração, vinha a colheita e a semente continuava a germinar. Ainda é possível ouvi-las pedir: "Comadre, escreve uma carta pra mim". Eu permaneci com o desejo de escrever latejando dentro de mim.

A UFMG, na pessoa de muitos professores colegas seus, me ajudou a escrever uma grande carta: uma tese. Nela, rascunhei a certeza que sempre anda comigo: o desejo de ensinar a todos os sujeitos a colocarem as letras no papel como vocês me ensinaram. Por essas e tantas histórias, Magda, eu venho resistindo. Nessa busca por enfrentar os ataques terríveis contra a educação pública, a saúde dos brasileiros e a conquista de uma sociedade mais humana e justa, com os quais lidamos atualmente, me deparei no meu e-mail com um pedido, em forma de questão: "*E para você, o que Magda significa em sua formação pessoal, profissional e humana?*". Não pude resistir, e enviei o convite para algumas mulheres que formo na UEMG-Unidade Ibirité e para um rapaz, que transita bem no meio dessas mulheres da Pedagogia. Estão no quarto período. É uma turma daquelas especiais, que você já teve em sua vida profissional, e que continua a formar, como em seu projeto em Lagoa Santa. No último dia de aula, eu trouxe a proposta. A disciplina de Alfabetização e Letramento, que ministro há dez anos nesse curso, ficou com um brilho a mais, e quero que saiba que você me possibilita viver essas suas "ensinagens" em cada sujeito que passa pelo meu caminho. Magda, você não deve ter noção do que produz na vida de quem te estuda, não é? Então eu vou trazer aqui essas aprendizagens construídas para você ter uma ideia de como impacta teoricamente e conceitualmente a vida daquelas pessoas que estudam você. Veja bem, se não arrepiava a gente ler essas coisas. Depois me fala se gostou dos pedacinhos que minha turma escreveu para você!

Desde que entramos para o curso de Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ibirité, ouvimos seu nome. Mas não só ele, como também toda sua trajetória profissional na área da educação de muito sucesso. Andamos aprendendo com você sobre como sermos docentes humanos, levando em consideração todos os aspectos sociais, psicológicos, culturais, econômicos e políticos dos nossos alunos. Além disso, reconhecemos o papel fundamental da alfabetização e do letramento, e, como você, acreditamos na importância des-

ses processos na vida e formação dos indivíduos. Gostaríamos de agradecer todo seu empenho, dedicação e estudo sobre o ensino-aprendizagem que fizeram nossa base: seus livros, artigos e todo material embasado nas suas reflexões muito pertinentes para a educação brasileira e transformação dela como um todo" (Andreina).

"Ao longo de sua trajetória na academia, Magda Soares dedicou sua vida ao campo da alfabetização inspirando tantos educadores a trilharem esse belo caminho de sucesso. Seu foco sempre foi pensar no aprendiz e em suas necessidades. Cabe ao professor descobrir como o estudante aprende e orientar essa aprendizagem, ou seja, alfabetizar e letrar no ritmo da criança em seu desenvolvimento cognitivo e linguístico. Uma lição que se pode tirar dos seus ensinamentos é que é preciso ensinar da maneira que a criança aprende e eis a nossa missão enquanto educadores: utilizar dos métodos, mas não como único caminho, e nunca esquecer de que o foco central deve ser o discente e a realidade em que ele está inserido dentro da sociedade e do campo educacional" (Suellen).

"Agradecemos por nos fazer vislumbrar que a alfabetização é um processo de ensino dinâmico, causador de constantes debates e influenciado por frequentes atualizações. A partir dos seus estudos e descobertas percebemos e nos deleitamos do poder que a aprendizagem da Língua Portuguesa nos confere. Você é para todos nós, estudantes de Pedagogia, e para todos os professores, uma influenciadora, e nos conscientiza de que o processo de alfabetização vai muito além de teorias. Nos ensina que, para se alfabetizar, é necessário acrescentar fatores sociais, econômicos, culturais e políticos, aplicando de forma clara e objetiva todos os métodos possíveis. Neste momento de pandemia, vivenciando aulas *on-line*, percebemos a mensagem dos seus vários artigos que nos auxiliam e nos provocam a todo momento, criando diferentes significados e nos auxiliando com soluções relacionadas aos métodos de alfabetização. Obrigada por nos mostrar os vários métodos e a diversidade linguística e cultural da Língua Portuguesa. Você nos inspira e nos deixa mais convictos de que escolhemos a profissão certa que é sermos professores. Obrigada por nos aproximar dos desiguais, contribuindo na formação social do indivíduo, alfabetizando e proporcionando a cada um

deles mais forças e condições de superar as desigualdades sociais". (Lílian)

"Sem dúvida a alfabetização é uma etapa importantíssima presente em nossas vidas, já que é nesse processo que descobrimos como ler e interpretar as coisas. Estudando sobre suas obras, li uma entrevista, onde a senhora disse: *"Minha proposta era continuar vendo como fazer, mas mudando o foco. Em vez de pensar o que faço, como alfabetizo, pensar como a criança aprende. Só posso alfabetizar essa criança se eu compreendo o processo de aprendizagem dela"*. Confesso que mudou a minha compreensão como futura professora. Sei que a construção do conhecimento e do aprendizado é fundamental para o aluno, pois é por meio da alfabetização que ele vai fazer descobertas dos mais variados assuntos, mas no decorrer desse processo, é necessário entendermos o que de fato os alunos estão aprendendo e se a forma da alfabetização está sendo prazerosa e eficaz. Gostaria de finalizar essa carta agradecendo, imensamente, por essa fala e por todas as suas obras que nos trazem tantas reflexões e aprendizados sobre a alfabetização. Meu muito obrigado!" (Sthephânia).

"É bastante pertinente, no processo de ensino e aprendizagem, que o professor alfabetizador tenha conhecimento do significado de alfabetização e letramento, portanto são processos distintos, onde alfabetização é um componente do letramento. A criatividade, a competência, a afetividade e a responsabilidade do professor são essenciais antes de assumir uma sala de aula, pois toda criança tem o direito e pode aprender a ler e escrever. Portanto é preciso compreender que alfabetização e letramento são práticas distintas, porém indissociáveis, interdependentes e simultâneas. No entanto, a falta de compreensão destes termos gera grande confusão em seu uso teórico e prático, levando à perda da especificidade (Soares, 2003). A criança nasce e, a partir desse momento, iniciam-se os saberes sociais, que serão essenciais na construção da leitura e da escrita. Na prática pedagógica, é necessário que o professor faça um diagnóstico preliminar dos conhecimentos da criança, só assim pode planejar e direcionar o ensino da alfabetização e letramento, considerando a especificidade do aluno" (Valkíria).

"Espero que a senhora esteja bem, estou escrevendo para expressar o meu respeito e admiração por você. Fiz uma pesquisa e descobri o quanto o seu trabalho foi importante para a educação brasileira. Sei que foi fundadora do Ceale (Centro de Alfabetização, leitura e escrita – FaE/UFMG), criado em 1990, com o objetivo de integrar grupos interinstitucionais voltados para a área da alfabetização e português. O seu empenho nesse projeto fez com que fosse implementado com êxito. Com olhar atento e crítico, conseguiu perceber a necessidade de desenvolver pesquisas para melhorar o desempenho das crianças no ensino e aprendizagens. Sei que o seu currículo vai muito além do Ceale, com livros muito relevantes que auxiliam os professores nas aulas. A sua grande contribuição como educadora e pessoa humana durante sua trajetória na educação é inquestionável. Parabéns e muito obrigada por compartilhar seu conhecimento através das suas obras. Me despeço aqui com muito carinho, desejando um feliz Natal e próspero Ano Novo, com muita saúde, paz e realizações" (Elizete).

"Com **MAGDA SOARES** aprendemos a revolução do **EXISTIR** em sua complexidade, em sua diversidade e em sua essência através de uma **ALFABETIZAÇÃO** libertadora social e politicamente, que traz consequências em todos os âmbitos. Há necessidade irrenunciável de ir além do 'ler e escrever', sendo indispensável que a leitura e a escrita RESPONDAM às nossas demandas sociais, políticas e que não nos oprimam mais (FREIRE). O nosso **DIREITO** de resposta é revelado com o **LETRAMENTO**, sendo este os posicionamentos políticos sociais da leitura e da escrita, em um processo crítico às demandas contextualizadas. Duas competências revolucionárias, conectadas que formam um sistema forte na construção de uma identidade crítica, vital para o enfrentamento das lutas no exercício da cidadania" (Rosilene).

"Ao ingressar no curso de Pedagogia, conhecemos muitos nomes importantes para a educação. Magda Soares está entre esses nomes. Quando iniciamos os estágios curriculares obrigatórios, é possível compreender os desafios da alfabetização. Entretanto, quando observamos as práticas realizadas nas escolas, vamos aprendendo muitos conceitos com embasamentos teóricos. Um processo dinâmico e complexo torna-se escl-

recedor quando temos a oportunidade de conhecer suas obras, compreendendo um pouco mais sobre a alfabetização. Você nos ensina muitas coisas a cada dia, influenciando positivamente a nossa graduação. Sendo assim, em um futuro próximo, poderemos contribuir para a formação de muitas crianças no nosso país.” (Larissa)

Magda, eu ultrapassei a questão técnica proposta pelo Ceale. Estou ansiosa. Mas eu havia dito à turma que o importante para nós era que a senhora nos lesse. Ainda tem muitos textos para receber, pois são estudantes do curso noturno e só fazem as atividades quando saem de seus trabalhos. Mas eu prometo que darei notícias de todos os textos que eu receber.

Em tempo. Moro perto de Brumadinho. Ontem, depois de dez meses em casa, fui até o Topo do Mundo respirar e decidi descer pelo lado oposto a BH. Eu não sabia que passaria lá na Barragem da Morte, do Córrego do Feijão. Quando vi, já estava sendo absorvida por tudo o que aconteceu por lá. A lama repisada, encobrendo os corpos, animais, plantas e sonhos.

Querida Magda, queira Deus que as lágrimas que chorei possam lavar a alma daqueles que nesse Natal não terão a quem escrever cartas, seja por consequência do vírus da pandemia, ou pelo vírus da ganância e do capitalismo, que mata e fere com sua devastação. Para esse último, a única vacina é o conhecimento, e somos gratas a você, por nos ajudar a construí-lo!

Abraços

Verão de 2020 Welessandra

Belo Horizonte, 21 de dezembro de 2020

Querida Divina Magda,

Nem vou perguntar como você está, por que tenho visto nas *lives* o quanto você está ótima. Aproveito para contar que sinto uma grande emoção ao escutá-la e que me encho de orgulho ao dizer, para minhas alunas, que você foi minha orientadora. Foi e continua sendo.

Antes de começar a escrever esta carta, corri ali nos meus guardados eletrônicos e encontrei um e-mail que trocamos em 2016. Na mensagem, você agradecia o envio da coleção *Leitura e escrita na educação infantil*, que tinha ido acompanhada de chocolate em uma "bela latinha!" (não me lembrava disso). Entre as muitas coisas que temos em comum está nosso amor por caixinhas e latinhas.

Na mesma mensagem, você me aconselhava: "se o mundo está indo para o abismo, chegue pro lado e deixe passar". Desde então, tenho tentado obstinadamente seguir seu conselho. Vou buscando "arredar" pro lado, vou chamando os amigos e amigas e deixando a multidão passar. Uma multidão que duvida da eficácia da vacina, duvida que o ser humano pisou na lua, mas acredita piamente que a Terra é plana, que o *impeachment* de uma presidenta democraticamente eleita seguiu todos os trâmites constitucionais, que o coronavírus é uma invenção de comunistas para dominar o mundo e que a ditadura militar não matou nem torturou ninguém.

Outro dia participei de uma *live* organizada por colegas da UEMG. A ideia era indicar um livro teórico que eu considerasse fundamental para a formação das futuras pedagogas. Indiquei o livro que mais marcou minha graduação: *Linguagem e escola*. Só que a *live*, Divina, ao invés de apresentar uma discussão teórica sobre as contribuições da sociolinguística para melhor compreendermos o fenômeno educativo, virou uma conversa nostálgica, um resgate da minha trajetória no Conjunto Felicidade e das suas orientações, que eram verdadeiras aulas de amor por aqueles que cotidianamente eram vítimas de toda sorte de preconceitos, dentre os quais aquele que os impedia de dizer e os condenava ao silêncio na esfera pública.

Obrigada, querida Divina, por tudo, principalmente por ter me ensinado que um Brasil alfabetizado e leitor será um país melhor para todos. Continuo pelejando e tendo em você a referência para essa luta.

Beijos da sua mucama,

Mônica Correia Baptista

Querida Magda,

Hoje sonhei que estávamos comendo juntas um biscoito de polvilho e amanheci com vontade de te levar uma broa bem mineira, para apreciar sua companhia!

Seus gostos mostram a sua mineirice, a pessoa de raiz que é e, ao mesmo tempo, a cidadã do mundo que se tornou! Esta singeleza, por mim admirada, convive com sua complexidade de uma forma singular. Sempre me senti em casa com você, no sentido de poder abrir o meu coração!

Lembro do começo de nossa convivência, de minha admiração pela pesquisadora e escritora e de como eu me angustiava com os problemas da escola pública e isso te tocava... Tornei-me uma pesquisadora com você! Reforcei minha crença na escola pública com você!

Um dia desses, a propósito de seu lindo trabalho na escola pública, você comentou que tínhamos trocado de lugar... Eu fiquei pensando nisso por um bom tempo. A pesquisa me fascina, mas a causa da escola pública está em minha alma. Assim, saiba que nos encontramos e nos encontraremos várias vezes!

De orientadora de olhar atento que nos ensinava a indagar a realidade, para amiga que conhece minhas ansiedades, meus dilemas pessoais e profissionais, tiro a lição de "olhar de Sírius".

Foram inúmeras as vezes que você me recebeu para pensarmos sobre os rumos das políticas e da educação, para refletirmos sobre as desigualdades, para discutirmos novas pesquisas e horizontes, para você dizer sobre o que estava lendo e o que eu poderia ler...

Lembra uma vez que te perguntei se haveria um repertório básico para eu ler literatura nacional e internacional, da qual me sentia excluída devido à minha trajetória? Naquela ocasião você apenas sorriu, com sua sabedoria de sempre. Certamente você sabia que, sem as amarras do acesso, tão comuns à maioria dos brasileiros que a escola tem o dever de romper, eu iria encontrar os livros certos ou eles viriam me encontrar. Há experiências que são singulares e não reproduzíveis, como as de leitura. Naquele momento eu percebi que dificilmente aquela pergunta teria alguma resposta e você não precisou falar mais nada, apenas sorriu com seu olhar franco.

Acompanhando você e vivendo experiências pela vida afora, descobri que quando você olha – e olhamos como você – de Sírius, essa é uma postura filosófica que ajuda a adquirir novas forças. E quanta força você teve e tem com este olhar!

Para mim, “olhar de Sírius” para ver as coisas em perspectiva é como entender, pela história, as condições das mudanças e as permanências. Acabei tomando o caminho da história da alfabetização, uma faceta que ainda precisa ser muito investigada, como você mesma já apontou. Se a fascinação pela pesquisa tem me levado para este lado, queria te dizer que não deixo de intervir no presente e pesquisar o presente. Como você tão bem nos ensinou: “conheça seu dever e cumpra-o”. Isto traduz sua postura ética, seu compromisso social e nos inspira a seguir em frente e em mais de uma frente. Com muito orgulho, seguimos seus passos, cuidando do legado que nos deixou: o Ceale.

Voltando a Sírius, gostaria de te dizer que os problemas passam, mas pessoas como você deixam marcas indelévels em nossa alma!

Abraço muito forte e obrigada pelo privilégio de ser sua amiga!

Isabel Cristina Alves da Silva Frade



Porto Alegre, RS, 21 de dezembro de 2020

Querida Professora Magda,

Foi na graduação que iniciamos o contato com suas obras, lendo artigos e capítulos de livros que nessa época já nos encantavam pelas ideias tão claras e inovadoras. Na pós-graduação, aprofundamos o estudo de suas obras em muitas leituras dirigidas e seminários que sempre nos motivavam a buscar mais referências da senhora.

Como professoras da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sua obra está sempre presente em nossos planos de ensino e as alunas constantemente elogiam a assertividade de seus escritos. Muitas delas escolhem, nesses momentos, direcionar suas trajetórias no curso para a área da Alfabetização e Ensino da Língua Portuguesa, assim como nós fizemos durante a graduação.

Seus últimos livros têm sido foco de nossos estudos. *Alfabetização: a questão dos métodos* foi o escolhido por nós para a realização de uma leitura compartilhada no Grupo Aula: Alfabetização, Linguagem e Ensino, nosso grupo de estudos e de extensão universitária. Essa produção rendeu muitos debates e avanços em nossas perspectivas conceituais e metodológicas. O livro recentemente publicado, *Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*, tem sido bibliografia de referência em um projeto que estamos realizando com a rede municipal de Canoas (RS), inspiradas no trabalho de desenvolvimento profissional que a senhora realiza em Lagoa Santa.

Jorge Luis Borges, em um texto chamado "O livro", questiona: "O que são as palavras deitadas num livro? O que são aqueles símbolos mortos?". E ele responde: "Nada, absolutamente. O que é um livro, se não o abrimos? É simplesmente um cubo de papel e couro, com páginas; mas, se o lemos, acontece uma coisa estranha, acho que ele muda a cada vez". Assim acontece com seus livros e escritos. Eles

exercem esse encantamento para aqueles e aquelas que se dedicam ao estudo da alfabetização. Eles “mudam a cada vez”, pois modificam o leitor, reforçam e possibilitam que os sentidos sejam ampliados, renovados ou que novos surjam.

Agora, durante a pandemia, fomos brindadas com várias *lives* protagonizadas pela senhora, o que nos possibilitou conhecê-la e admirá-la ainda mais, não apenas pela profissional que é, mas também pela pessoa tão inspiradora e guerreira em busca da qualificação da alfabetização no Brasil.

Somos inspiradas cotidianamente pelas suas palavras e, principalmente, pela sua crença no protagonismo da docência. Essa inspiração se revela em nossas práticas e em nossas reflexões, reforçando o poder da linguagem, essa capacidade humana que, ao mesmo tempo, expressa sentidos e convida para a produção de novos sentidos.

Com carinho,

Grupo Aula - Alfabetização, Linguagem e Ensino (FACED/UFRGS)



**Luciana Piccoli
Marília Forgearini Nunes
Renata Sperrhake
Sandra dos Santos Andrade**

Uma Carta/Cordel para Magda Soares

Em vinte e dois
Do derradeiro mês do ano
Escrevo essa missiva
Com duas ideias e um
plano
Saudar uma professora
querida, inteligente e
muito humana.
Prezada Magda,
É com muita satisfação
que falo aqui um pouco do
que sei sobre educação.
Que aprendi com seus
livros de letramento
e alfabetização.
"Linguagem e Escola:
na perspectiva social"
foi o primeiro livro que
li. Denunciava o não normal
Crianças fracassarem
No ensino formal
"Letramento em três
gêneros" foi a segunda
obra a estudar.
O texto tem 3 capítulos
Um deles, letramento:
como avaliar.
Tem até um poema
Para o leitor se orientar
Aprendi que Letramento
É mais que alfabetizar
É saber ler e escrever
Com a função de se
comunicar E responder
adequadamente E fazer
a escrita funcionar

"Alfabetização e
letramento", no seu
primeiro capítulo,
fala das concepções e
Práticas é um dos
subtítulo
"As muitas facetas da
alfabetização"
É um tema muito debatido.
Ler e escrever
Não pode se separar
Foi essa sua lição:
Que devem se organizar
Leituras que façam sentido
E que o sujeito
vá necessitar
No seu livro de 2016,
Ganhador do prêmio
J a b u t i
"A questão do método"
É o tema a se discutir
A consciência fonológica
Deve na alfabetização
se inserir
O livro da editora
Contexto
Tem o título "Alfalettrar"
Toda criança pode aprender
Veio muito a nos ensinar
A experiência de Lagoa
Santa é um fazer a se
replicar
Magda, infelizmente
Ainda precisamos avançar
Somos quase 11 milhões
de brasileiros

Que o nome não sabem
assinar
Apesar da universalização
do ensino
Ainda há muita coisa
a alcançar

Magda, agora preciso
terminar
Vivemos uns tristes dias
Período de muitas mortes
Momento de dor e agonia
Não tem sido fácil
Esse período de Pandemia

Abraços amazônicos

Adriana Francisca de Medeiros

Francisco Rariosvaldo de Oliveira

Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 2020

Magda, amiga muito querida,

Ano de pandemia, de partidas, de dores, de mutações e mudanças. Ano de reinvenções, dizem. Ano de luta contra um governo insano que atua na contramão de posturas democráticas, de um trabalho a favor da população – na saúde, na educação e na cultura, esse tripé fundamental. O medo entra nas brechas de nossas vidas. Só não nos derruba porque criativamente vamos descobrindo novas formas de atravessar as nuvens escuras e viver. Mais do que sobreviver, nesse período tenso.

Que alegria foi reencontrar você na primeira *live* pública que realizou via Ceale! Uma chuva de gente de todos os cantos desse país acorreu para te ver e ouvir. Milhares de pessoas, de mensagens, de acenos... "eu estou aqui". E eu também estava lá. Embevecida pela possibilidade de matar saudades – enviei mensagens emocionadas no *chat*, te acenei algumas vezes, a proximidade possível. Mas não parou aí.

Alguns dias se passaram e recebi um contato da organização do ENDIPE 2020 me convidando para entrevistar você, dentro de uma atividade no evento chamada de Conexão Entrevista. Fiquei emocionada e preocupada. Eu estava responsável por fazer o convite! E tudo aconteceu de um modo tão simples e bonito! Como você. Você me falou que não diria não para mim se eu aceitasse a atividade. Era aceitar ou aceitar! E foi uma conversa linda, um encontro de pessoas que se gostam, que têm identidades e histórias comuns. Não foi, Magda? E não pude deixar de rir quando você me solicitou que não fizesse perguntas difíceis!

Não fosse o tempo delimitado pela organização do ENDIPE, teríamos ficado naquela plataforma digital a lembrar de muitas situações vividas juntas e outras que gostamos de compartilhar! Estive com muita vontade de te levar a recordar a minha entrada no GT de Alfabetização da Anped. É inesquecível e teve um grande impacto na minha vida, acadêmica principalmente, mas não só.

Sou uma pesquisadora tardia, é bom te lembrar. Assim que me aposentei como professora da rede municipal de ensino do Rio de Ja-

neiro, me inscrevi na seleção para o curso de mestrado em Letras da PUC-Rio. A PUC foi escolhida pela facilidade, pela proximidade de casa. Era 1989. Foi custoso para mim entender o que se esperava de um projeto de pesquisa e, depois, de uma dissertação. Aspectos pragmáticos sobressaíam nos interesses de estudo da professora que queria mudar a prática de sala de aula. O Departamento de Letras me olhava de lado, apesar de ter sido aprovada em primeiro lugar. Logo depois da defesa do mestrado, conheci você num evento. Não me lembro bem. Você me incentivou a participar do GT de Alfabetização da Anped, a enviar um resumo da minha dissertação. Obedeci. Naquele mesmo ano de 1992, enviei meu trabalho. Conheci o GT e muitas mestrandas e doutorandas de Minas Gerais. Pesquisadoras do Sul do país também. E Sonia Kramer e outros pesquisadores do Rio de Janeiro.

Não tenho certeza se nesse mesmo ano ou no ano seguinte (as Anpeds aconteciam todos os anos), foi discutida a necessidade de criar o Comitê Científico para a avaliação de trabalhos submetidos aos GTs. A Anped se fortaleceria como entidade científica, para merecer o reconhecimento de pares de outras áreas de conhecimento. Nosso GT precisava indicar um nome. Você olhou para mim e disse que eu seria uma boa representante do GT no Comitê. Eu quase caí para trás! Outros pesquisadores também apoiaram a indicação. E lá fui eu trabalhar com pesquisadores que eu conhecia como autores de livros ou pelo tanto que eram citados em eventos e reuniões. Uma experiência acadêmica que me marcou para sempre. E o que dizer de você, Magda? Essa pessoa que acredita em nós, que nos empurra para frente, que nos fortalece e nos amplia mundos.

Muitas Anpeds vivi com a alegria da sua companhia: conversando, ouvindo, almoçando, para não falar de um "olé" inesquecível. Era domingo, primeiro dia de trabalho. Na tarde em que a reunião começaria. A alegria e a animação do encontro foram tão grandes que, depois de ficar algumas horas no bistrô de um parque, tivemos que sair para algum local da cidade porque o parque iria fechar. No novo local, a conversa animada não teve fim. A comida e a bebida, também não. No dia seguinte só consegui olhar para o dia na hora do almoço. Constrangida, perdi a manhã de trabalhos do GT. Encontrei você, Magda querida, animadamente conversando no final do almoço no hotel. Ao me avistar, perguntou, com um olhar brejeiro de quem entendia tudo o que havia acontecido comigo: O que aconteceu? Eu estava da cor da toalha branca da mesa e não aguentava o cheiro da

comida. E você fechou o assunto da seguinte maneira: "Você é muito fraca!". Morro de rir dessa cena até hoje.

Volta e meia, sou ameaçada de reviver esse momento! E o convite ameaçador é feito em tom de troça! Ah, como eu desejo que essa hora chegue! Quero muito sentar numa mesa com você para beber, comer e falar de todas as coisas do mundo, até fartar!

Você está carimbada na minha vida de muitas e importantes formas. Não posso esquecer da sua presença na minha banca de doutorado, na PUC-Rio também, ao lado de Sonia Kramer, Bernadete Abaurre, João Wanderley Geraldi e do meu orientador, o sociolinguista Jürgen Heye. Que debate acalorado! E você me provocou: "eu pensei que fosse dar continuidade ao estudo da dissertação"! Eu havia trabalhado com a perspectiva psicolinguística.

Que esse vendaval viral, essa fúria dos deuses, esmoreça, para que possamos matar saudades num abraço muito afetuoso! Não é muito pedir isso, não acha, Magda?

Meu carinho maior, minha admiração e meu enorme apreço por você, pessoa muito querida!

E um Natal de paz! Que o novo ano chegue menos bravo, mais doce, para podermos aproveitar mais a vida e os amigos e as amigas!

Cecilia (a Goulart)

Professora Magda,

Que privilégio escrever esta carta para a senhora através deste lindo projeto do CEALE: "O que Magda significa em sua formação pessoal, profissional e humana?"

Há muito conheço o seu trabalho. Eu tinha 11 anos quando na década de 80 o meu colégio adotou o livro *Português através de textos*. Seu nome estava lá, estampado na capa, e eu ainda não sabia que iria pronunciá-lo todos os dias em minhas aulas, até porque, eu ainda não sabia que seria professora. Passei o Ensino Fundamental, que na época era o 1º grau, com a senhora... lendo os textos, fazendo as atividades de interpretação e gramática.

Anos depois, decidi fazer o curso de Letras, sem muitas certezas... muitos professores me encantaram ali na FALE/UFMG, no entanto foi através das disciplinas de Licenciatura que fiz na Faculdade de Educação (FaE/UFMG) que comecei a descobrir meu caminho e a encontrar respostas para os grandes desafios que a escola pública me apresentava. Naquele tempo, eu havia solicitado o CAT (Certificado de Avaliação de Título) para assumir a função de professora do Estado.

As aulas de "Práticas de Língua Portuguesa" ministradas pela professora Aracy Evangelista me proporcionaram um reencontro com seus textos. *Linguagem e Escola* foi um livro muito marcante naquele momento, pois me levou a refletir sobre questões linguísticas e discursivas que nunca mais foram abandonadas em minha trajetória. O meu olhar para os/as estudantes tinha se transformado completamente. Eu me apaixonei pela Educação! Era ali o meu lugar. Passei quatro anos dando aulas de Língua Portuguesa e Literatura para adolescentes e adultos da EJA. Fui a vários congressos assistir às suas palestras. Era muito emocionante vê-la ao vivo! Lembro-me da primeira vez, como se fosse hoje, em 1999, no Congresso de Leitura do Brasil, na UNICAMP.

Quando decidi fazer o mestrado, eu só poderia voltar à FaE! Eu queria estar perto dos estudos que poderiam me aproximar da escola. Então, em 2001, conheci o conceito de Letramento através do livro *Letramento: um tema em três gêneros* indicado por minha orientadora, a professora Aparecida Paiva. Esse foi um conceito base para

construir todos os meus estudos e investigações sobre letramento digital. Seu texto *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura* apresentava respostas que eu buscava para legitimar minha dissertação. Então, um dia, em um evento na FaE, a Cidinha me apresentou a senhora. Foi ali, rapidamente, que lhe contei sobre o que andava pesquisando, a senhora sorriu... que emoção foi receber seu olhar e sua atenção, mesmo que tão breve.

Consegui passar em um concurso para professora substituta na FaE/UFMG. Lecionei várias disciplinas na área da linguagem e seus textos sempre me acompanhavam. Em todas as aulas seus ensinamentos estavam lá, seus livros, entrevistas, artigos e vídeos. Ninguém passava por essas disciplinas sem te conhecer. Além disso, as palestras, ao vivo, no pequeno auditório Luiz Pompeu, ficavam lotadas de alunos e professores. Muitos nas cadeiras e outros espremidos pelos cantos, em pé ou assentados no chão. Meu Deus, o que era aquilo? Queríamos aprender com você: meus alunos e eu!

Algum tempo depois, Graça Paulino, minha orientadora no doutorado, me propôs convidá-la para a banca de qualificação e a senhora apresentou-me uma avaliação atenta, crítica e muito direcionada. O que mais me impressionou foi a sua simplicidade e generosidade ao me avaliar. Confesso, cheguei ali tremendo, com as mãos geladas, mas a suas palavras me acolheram, abriram meus olhos para muitas possibilidades metodológicas escondidas em minha pesquisa.

Hoje sou professora de Metodologia de Língua Portuguesa na Faculdade de Educação da UEMG/Campus BH, mas já passei por muitas outras faculdades e, durante meus dezessete anos como professora do Ensino Superior, eu menciono seu nome, sua trajetória, trabalho com seus textos, seus ensinamentos. E hoje, temos o privilégio de assistir as suas *lives* e, novamente, estar perto de seus estudos, de suas construções teóricas tão importantes e coerentes neste momento político tão conturbado.

Obrigada, professora Magda, por fazer parte da minha vida...

Daniela Perri Bandeira

Querida Magda,

Vou relembrar como você foi decisiva na minha vida. Se eu acreditasse em anjo e em destino, diria que foi o anjo da guarda que pôs você no meu caminho. Ou meu orixá de cabeça, quem sabe? Ou foi o acaso que me protegeu?

Eu já tinha desistido da dissertação e do mestrado. Com o trabalho praticamente pronto, desconfiei e confirmei que meus dados não tinham relevância estatística.

Resolvi começar de novo, usando o material coletado para trabalhar no campo da linguística do texto, que estava chegando ao Brasil e me interessava muito.

É aí que você entra. Aliás, você entra na sala do Milton, que ficava em frente à minha num corredor das Letras, com um livro de Beaugrande & Dressler nas mãos. Novidade, recém-trazido de Londres.

Daí, minha vida se resolveu. De *Introduction to Text Linguistics* para a dissertação de mestrado, a coragem de te chamar pra Banca, a publicação do livro, o doutorado. E o meu filho mal-educado te dizendo "Cala a boca, Magda!". A que você respondeu com imediata pertinência: "Cala a boca você, que eu sou é a Edileusa!".

Obrigada, Magda, pela presença, pelas oportunidades, pelo exemplo, pelo afeto e, é claro, pelos horizontes que você me abriu em tantas áreas do conhecimento.

Abraço carinhoso,

Graça

Recife, 20 de dezembro de 2020

Querida Magda,

É com muita alegria que escrevo essa carta para você. Há pouco mais de um mês, no dia 16 de novembro, defendi meu memorial para professora titular da Universidade Federal de Pernambuco. Nele, relatei minhas histórias de professora alfabetizadora e professora pesquisadora da área de alfabetização, que trabalha com a formação de professores alfabetizadores. Durante a escrita do memorial, fui me dando conta da sua forte presença em minha formação e atuação profissional. Nunca fui, oficialmente, sua aluna em uma disciplina específica, mas você foi, sim, minha professora desde minha graduação em pedagogia na UFPE, na segunda metade dos anos 1980.

Como relatei em meu memorial, fiz o curso de pedagogia atuando como professora do Ciclo Básico de Alfabetização em Recife. Os desafios eram muitos e seus textos e livros orientavam minha prática de professora alfabetizadora. Além do livro *Linguagem e escola*, destaquei, em meu Memorial, um texto que para mim foi muito marcante. Trata-se do artigo intitulado "Alfabetização: a (des)aprendizagem das funções da escrita", posteriormente transformado em um dos capítulos do livro *Alfabetização e letramento*. Em uma época em que não se falava ainda em letramento, buscávamos, eu e minhas colegas da escola, construir práticas de alfabetização conciliando os estudos sobre a psicogênese da escrita, com as discussões sobre os usos e funções da escrita e as atividades de análise fonológica que eram também discutidas em nossos encontros de formação no período do ciclo de alfabetização.

Depois de fazer o mestrado em Psicologia Cognitiva na UFPE, veio o desejo de ampliar minha formação e realizar o doutorado em Educação. A escolha pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG foi baseada nos trabalhos desenvolvidos pelo Ceale, fundado por você, que já era, na época, um centro de referência nacional na área de alfabetização, leitura e escrita.

Para mim, Magda, você não é só uma referência como pesquisadora da área de alfabetização. É, também, uma inspiração no trabalho com

formação de professores. Como professora da Faculdade de Educação, você entende muito do fazer pedagógico e soube articular de forma brilhante a teoria com a prática.

Desde que li pela primeira vez, em uma disciplina do doutorado ministrada por Dute, seu livro recém-lançado *Letramento: um tema em três gêneros*, concordei com a perspectiva do “alfabetizar letrando”. Recentemente, quando analisei minha prática de professora alfabetizadora em meu memorial para titular, pude entender que, de certa forma, nós que trabalhávamos no Ciclo Básico de Alfabetização em Recife já tentávamos construir práticas nessa perspectiva nos anos finais da década de 1980.

Em 2003, você presenteou nosso GT 10 da Anped com o trabalho encomendado intitulado “Letramento e alfabetização: as muitas facetas”. Esse artigo se tornou uma referência importante em nossos trabalhos. Nós, do CEEL, centro que de certa forma é uma “cria” do Ceale, temos trabalhado na construção de práticas de alfabetização na perspectiva do “alfabetizar letrando”, buscando articular nossas atividades de pesquisa com a formação inicial e continuada de professores.

Em 2016, momento em que começamos a viver tempos difíceis com o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, você nos presenteia mais uma vez com uma obra importantíssima para a alfabetização: o livro *Alfabetização: a questão dos métodos*. Desde seu lançamento, ele se tornou leitura obrigatória em minhas aulas na graduação e pós-graduação, assim como em nosso grupo de pesquisa.

Atualmente, em um momento em que vivemos tantos retrocessos, com uma “Política Nacional de Alfabetização” que ignora os trabalhos e pesquisas desenvolvidos por professores/professoras e pesquisadores/pesquisadoras do nosso país, você nos presenteia com um livro, fruto de seu trabalho em Lagoa Santa, que apresenta “uma maneira de alfabetizar que vale a pena”. Você nos mostra que o processo de “reinvenção da alfabetização” precisa ser pautado, entre outras coisas, em construções coletivas, alicerçadas no respeito aos professores e professoras do nosso país. Seu livro *Alfabetizar* é mais um presente que você deu a todos nós – professores e professoras – comprometidos com uma alfabetização de qualidade e com a garantia do direito que todos os alunos e alunas das escolas públicas do nosso país têm de aprender a ler e escrever, e de avançar em seus conhecimentos a cada ano escolar.

Enfim, Magda querida, sou uma professora apaixonada pela alfabetização de crianças e adultos e grande admiradora do seu trabalho, que tanto me inspirou e me inspira. A cada vez que a escuto falar sobre alfabetização, ou leio seus artigos e livros, aprendo um pouco mais. Como muito bem disse o poeta Mário Quintana, citado em meu memorial, *"Na convivência, o tempo não importa. Se for um minuto, uma hora, uma vida. O que importa é o que ficou deste minuto, desta hora, desta vida..."* Não convivi muito com você e, ao mesmo tempo, convivi e convivo tanto, em tantos minutos e horas dedicados à alfabetização! Portanto, por *tudo* e por *tanto*, meu MUITO OBRIGADA!

Um grande abraço, com votos de um Feliz Natal, e um 2021 de muita saúde, felicidade e luz nas nossas vidas!

Eliana Albuquerque

Querida Magda,

A vida sempre foi muito generosa comigo. Ela capricha nas pessoas que escolhe para colocar no meu caminho. São muitos amigos de longas datas e pessoas que chegam no momento em que preciso de um norte para ajustar a rota. Você é uma dessas pessoas.

Fiquei impressionada, quando, numa matéria que ofereceu na FaE, você me indicou um texto que me ajudou a orientar o meu trabalho todo. Enquanto eu lia o texto, ficava pensando: que bruxinha! Como pode, essa professora, que nem conhece meu projeto direito, me sugerir um texto que se encaixa tão bem no que eu preciso. Você sugeriu textos para vários colegas e tenho certeza de que todos eles ficaram encantados como eu. Na turma lembro que estávamos, entre outros, Isabel, Francisca, Gilcinei e eu. Você nunca deixou de nos acompanhar e de nos inspirar.

O respeito que você tem pelos seus alunos, a sua generosidade, o seu bom humor, a sua clareza de ideias e a sua paixão pelo que você faz são inesquecíveis e contagiantes.

Te agradeço por estar presente na minha vida e por ter me ensinado tanto sobre alfabetização, letramento e afins, mas, sobretudo, a ser atenta e humana.

O que sinto por você, Magda, é muito mais que admiração. É um amor de todo tamanho.

Um beijo e um abraço longo e apertado,

Carla Viana Coscarelli

Sabará, 21 de dezembro de 2020

Carta número 1

Ei, Magda!

Acho que esta será a primeira de várias cartas que irei lhe enviar. Se fosse para escrever tudo o que desejo e penso em escrever, poderia dar ideia de um testamento, ou testemunho? E você também se cansaria.

Nesta primeira carta, volto ao ano de 1972, ano de minha entrada na primeira série ginasial no Colégio Estadual S. Sebasto, da pequenina cidade de Cruzlia. Foi nas aulas de português que tive o primeiro contato com você como autora do livro azul, pequeno, mas bem grossinho, letras miúdas: *Português através de textos*. Apesar de não ser um livro novo, meus pais sempre compravam os livros didáticos e de literatura, de segunda mão, mais baratos,  claro! Não era um livro emprestado, o livro era são meu! Não posso deixar de lembrar-me de Clarice Lispector em seu conto "Felicidade clandestina".

Confesso que já não me lembro bem dos textos e, com esse isolamento social, não posso ir até a biblioteca da FaE para rememor-los. Se pudesse ter novamente o livro azul em minha mãos, com certeza, aguaria minha memória e outras lembrncias pegariam carona com seu livro.

Entretanto, agora não posso deixar de dizer-lhe que eu nunca imaginaria conhecer pessoalmente a autora do meu primeiro livro de português de Magda Soares Guimarães; eu nunca imaginaria ser aluna no curso de especializao em Alfabetizao – PREPES – de Magda Soares; eu nunca imaginaria ter meu primeiro livro autografado *Linguagem e escola* pela autora, Magda Soares; eu nunca imaginaria ser selecionada para atuar como bolsista de aperfeiçoamento da Pesquisa ABEC, coordenada por Magda Soares; eu nunca imaginaria fazer mestrado e doutorado e ter você, Magda, como minha orientadora.

Enfim, eu nunca imaginaria que poderia ser leitora de seu livro, *Português através de textos*, ser sua aluna, sua bolsista, sua orientanda por duas vezes e sua amiga (posso dizer que sou, não é?). E, para cada uma dessas verdadeiras imaginações, merece uma carta. Adoro ler e escrever cartas!

Segue a primeira carta da Francisquinha, aluna da 1ª série ginasial de Cruzília, e leitora de seu primeiro livro de português, no ano de 1972, e o primeiro contato com você, Magda.

Um grande beijo da

Francisquinha (que cresceu, amadureceu e hoje é a professora Francisca Maciel, diretora do Ceale, criado por você, Magda!)

Rondonópolis, MT, 22 de dezembro de 2020

Querida Magda,

O ano era 1991 e eu me preparava para deixar minha casa e minha família, incluindo filhas pequenas, para sair de Rondonópolis e cursar o mestrado. Em conversa com minha cunhada, professora em Brasília, enquanto elogiava minha coragem, ela me perguntou onde eu gostaria de fazer o mestrado. Eu respondi que teria que ser na melhor universidade e no melhor programa de pós-graduação em Educação, ou seja, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, e sob orientação de Magda Soares.

Dito e feito! Fui para Minas, passei na seleção da turma que entrou em 1992, tive a honra de conhecer a autora, que eu já lia e trabalhava na graduação, e ficar sob sua orientação. No início do curso, logo percebemos que havia mais candidatas a serem suas orientandas do que as vagas que você oferecia. Lembra disso? Foram momentos de conflito e insegurança para mim, que acalentara por anos ficar sob orientação de Magda Soares. Consegui a vaga porque lutei por ela e você apostou em mim, uma desconhecida, vinda de Mato Grosso, completamente fora de seu circuito acadêmico-social. Talvez tenha pesado o fato de eu já ser professora universitária. Não sei...

Naquele movimento ímpar, característico do mestrado da UFMG daqueles tempos, o projeto foi construído coletivamente, o que implicava reuniões semanais do grupo. O processo evoluiu e a dissertação foi defendida em 1995 e, em 1997, voltei para realizar o doutorado, também sob sua orientação.

Essas duas experiências ao seu lado me constituíram como pesquisadora. Pertencer ao Ceale, idealizado e alimentado por você, participar das potentes discussões e do intenso movimento materializado em ações de pesquisa e extensão, fazer amizades caras que durarão para o resto da minha vida e aprender muito com tantas pessoas e, sobretudo, com você, tudo isso me definiu e me define.

Então, o que dizer dessa relação acadêmica e pessoal que já dura quase três décadas?

Seguir orientando uma pessoa por sete anos implica muitas coisas. Riscos, comprometimento, afetividade, paciência, respeito...

Vou ficar apenas com o último aspecto citado: respeito. É indescritível o nível de respeito que você tem pelo outro. Respeito aos processos, às ideias, às teimas (você me chamou de teimosa na defesa de mestrado), ao tempo de amadurecimento. Você, querida Mestra, conjuga como ninguém os verbos orientar *versus* libertar. E ensina. Ah, como ensina! Sabe, Magda, qual foi um dos maiores elogios que já recebi na vida? Eu conto: estava na Universidade Federal de Pernambuco para participar de duas bancas, a convite de Eliana Albuquerque e Artur Moraes. Após a realização das bancas, Eliana comentou: como você se parece com Magda! A princípio levei um susto, sem entender se era um elogio ou uma crítica. O contexto apontava para a primeira opção.

Fiquei a pensar muito nisso. E entendi que sim, como sua orientanda (como dizem por aí, eterna orientanda) tenho muito de você, de seus saberes, de seus jeitos, de seus fazeres. Aprendi com você, que inspira, não apenas a mim, mas a muitas gentes. O bom mestre faz escola!

E mesmo de longe, nos vendo pouco, continuo aprendendo com seus vídeos, seus livros, suas *lives*. Sim, moderna, antenada e cheia de energia, você aderiu às *lives* nesse ano pandêmico de 2020, como canal privilegiado para falar com os professores, estar perto deles, aprender e ensinar. Aprender? Sim, é isso que você diz e faz: estamos sempre aprendendo e ensinando. E, a cada momento, você consegue me surpreender. Nosso último encontro virtual foi uma surpresa e um verdadeiro presente para mim. Solicitei a você um pequeno vídeo, um recado, para o grupo de professores da rede municipal de Rondonópolis com o qual estava trabalhando num curso de aperfeiçoamento. E você espontaneamente sugeriu "fazer uma visita" em nossa *live* e conversar por um tempo maior com os professores. Você esperou pacientemente eu, Sílvia e Sandra darmos nossas aulas para depois entrar e fazer menções ao que dissemos, generosamente, valorizando nossas falas. Pense em nosso nervoso

e nossa emoção! Depois você abriu seu coração, narrando sobre sua trajetória de professora/pesquisadora, seus ideais, sua luta pela alfabetização e, de novo, ensinou e nos emocionou. Que presente! Presente você sempre esteve, ao longo de minha carreira, em todos os meus cursos, pois, de minha perspectiva, não dá para discutir o ensino da língua materna e da alfabetização sem ter Magda Soares nas referências bibliográficas. É isso que você representa para mim e, acredito, para milhares de professores/as brasileiros/as.

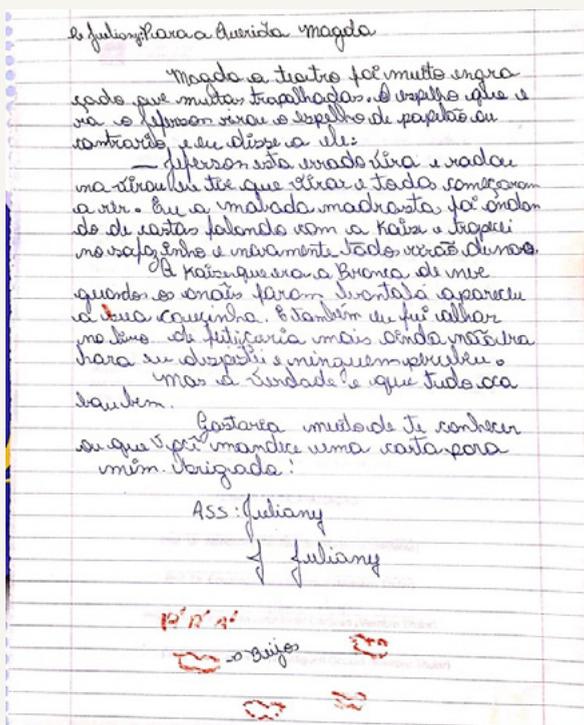
Gratidão por tudo o que vivemos juntas. Gratidão por permitir que eu entrasse em sua vida. Gratidão por ser, além de minha eterna orientadora, a amiga Magda Soares.

Desejo-lhe um Feliz Natal desse ano desafiador e um Ano Novo com energias redobradas e com os sinos dobrando em nome da paz, amor, saúde e felicidade.

Abraços carinhosos e saudosos,

Kátia Cancionila Janzkovski Cardoso

PS. Envio uma cartinha de Juliana, aluna da minha pesquisa, escrita em 1996, "Para a querida Magda", na qual ela lhe conta sobre um teatro meio atrapalhado que desenvolvemos.



Belo Horizonte, 22 de dezembro de 2020

Magda, minha mãe escolhida,

Te conheci na década de 1980, no curso de Pedagogia, quando você me ensinou a olhar para a alfabetização como direito das crianças e um dever a ser reconhecido todos os dias na prática docente. Aprendi então que deveria adotar como princípio profissional um olhar de estranhamento para a (des)aprendizagem da escrita e de compreensão para o fracasso da escola pública.

Anos mais tarde (década de 1990), quando já atuava como professora da rede pública de Belo Horizonte, tive, por obra da vida, a oportunidade de reencontrá-la em um momento muito delicado da minha trajetória profissional. Buscava compreender a resistência dos meus alunos às propostas supostamente inovadoras apoiadas na abordagem de textos autênticos em sala de aula. Conversando com você, consegui perceber que é muito bom quando os alunos resistem às nossas bem-intencionadas propostas, quando essas não fazem sentido para eles! Foi nesse momento que, por suas mãos, o conceito de letramento se tornou importante para que eu pudesse repensar minha prática em sala de aula. Hoje, me dou conta da forte presença do pensamento de Magda Soares na minha formação profissional.

Anos mais tarde (década de 2000), o convívio mais próximo com sua produção acadêmica e com seu compromisso com as escolas públicas me estimulou a me tornar pesquisadora. Aos poucos, fui aprendendo que pesquisa e ação educacional são indissociáveis no fazer de uma professora. Aprendi ainda que amizade e admiração também fazem parte da vida de quem ensina.

Anos mais tarde (exatamente em 2020), encontros distantes que me fizeram valorizar ainda mais uma boa conversa no final da tarde em uma varanda ensolarada ou chuvosa, os momentos de trabalho e aprendizagem em uma sala de estudos, e os instantes de admiração em uma biblioteca cheia de livros e bruxas.

Na reta final deste surpreendente ano, para alimentar a resiliência, essa capacidade que você nos ensina como exemplo de vida, fico

a me imaginar trabalhando na formação de professoras com o livro *Alfaletrar*. É o que desejo como um bom e feliz 2021!

E, se desejar coisas boas nos faz seguir em frente, desejo ainda abraço apertado, brilho no olhar e sabedoria da minha maior e melhor referência como educadora!!!

Obrigada!

Um grande abraço, com carinho.

Sara Mourão

Porto Alegre, 22 de dezembro de 2020

Querida professora Magda Soares,

Sou Renata Sperrhake, tenho 34 anos e sou professora da Faculdade de Educação da UFRGS. Fui uma estudante de Pedagogia que se apaixonou pela alfabetização no 4º semestre do curso, ao fazer uma disciplina sobre o tema com uma professora maravilhosa que admiro demais (Luciana Piccoli). Foi nesse momento que conheci alguns dos teus textos e, através deles, comecei a te conhecer também. Confesso que, ao lê-los, nessa época da minha vida, ainda não reconhecia a tua importância como pesquisadora e professora, mas desde lá eles passaram a formar a alfabetizadora que fui e a professora que sou.

Foi trabalhando como bolsista de iniciação científica que conheci mais o teu trabalho, pois a pesquisa em que eu trabalhava como bolsista era sobre o estado do conhecimento na área da alfabetização no Rio Grande do Sul, e eu li os relatórios que tu fizeste ao conduzir a pesquisa nacional. Então, também fui me tornando pesquisadora tendo a ti como referência na área da alfabetização.

Ao trabalhar em escolas públicas de Porto Alegre como alfabetizadora durante quatro anos, pude enxergar e viver o cotidiano da prática de ensino da leitura da escrita e ver como o estudo constante faz toda a diferença para lidar com os problemas e dificuldades da sala de aula. E nesse momento me ajudou tudo o que aprendi nos textos (muitos deles teus) e nas aulas da graduação. Ao mesmo tempo, pude viver o encantamento de ver crianças aprendendo a ler e a escrever e reafirmar minha escolha pela luta pela alfabetização de **todas** as crianças. Aqui, sei que damos as mãos. Mesmo de longe sem nos conhecermos, pois essa luta nos alia e nos une, com certeza.

Em 2016, quando prestei concurso para ingressar na FAGED/UFRGS, li teu livro *Alfabetização: a questão dos métodos* para me preparar e falei dele na defesa da produção intelectual. Impossível falar de alfabetização e não te citar, pois és a maior referência no assunto no Brasil! Sem a menor dúvida! Tu e teus livros foram e são fundamentais para mim! Os teus dois últimos livros, de 2016 e de 2020, são de uma generosidade intelectual imensa! Muitas vezes

me emociono lendo; me impressiono com a densidade das discussões e com tudo o que tu sabes!

Não posso deixar de mencionar nessa carta uma frase de Jorge Luis Borges que citas logo na terceira página do "livro de capa azul": "Que outros se vangloriem das páginas que escreveram; eu me orgulho das que li". E eu me orgulho de ler Magda Soares. De aprender com Magda Soares. De assistir Magda Soares (vi todas as tuas *lives!*). Eu me orgulho de ter a ti, professora Magda Soares, como inspiração constante e permanente no trabalho com alfabetização.

Desejo um lindo Natal e um maravilhoso Ano Novo, com muita saúde e felicidade.

Muito obrigada. Por tudo. Abraços carinhosos,

Renata Sperrhake

Trás-os-Montes, 21 de dezembro de 2020

Querida Magda,

Espero que esteja bem ao cruzar os mares revoltos deste ano que se finda.

Como poderíamos imaginar que uma criaturinha que ocupa o espaço do invisível e cuja medida é feita em nanômetros (25nm – apenas, vinte cinco nanômetros!) poderia colocar em suspensão e, infelizmente, suprimir, aos milhares, a vida de seres cujas medidas ou grandezas são feitas em modos mais dilatados. Encontro-me em Trás-os-Montes, como nos forçou estar essa diminuta criatura que tem como aliado o abominável ser que capitaneia este nosso Brasil.

Como muitos de nós, vivo um cotidiano contido entre paredes rompidas, somente, por ondas virtuais. Não, não! Ondas seriam de rádio! Hoje, estamos no tempo da fibra. E, graças a ela, aos *streamings* e às *lives*, pude te ver nos últimos meses. Mesmo sendo assim, difundida pelos pixels de uma tela, a sua presença reavivou conexões que atravessam tempos e espaços nos quais vivi.

Um movimento retrô foi se instalando nesses últimos meses. Retrospectiva. Retrospecção. Quando a conheci e passei a ter a sua companhia, soube que já não estaria sozinha. Antes que me aventurasse pelas ruas do Palmares, potenciais veredas a serem exploradas na geografia do lugar, nas ribanceiras convolutas de meus pensamentos e escrita, haviam sido delineadas nas conversas que tínhamos. Reuniões de orientação em grupo: Dute, Brisa, Marildes, Lia, Leiva e eu. A lembrança das conversas em torno de fichas catalográficas – Objeto de Estudo, Referencial Teórico, Ideário Pedagógico, Metodologia, Resultados. Categorias para análise de artigos, dissertações e teses sobre alfabetização (a palavra letramento estava ainda em tessitura!). Um banco de dados que se construía. Na olaria desses pequenos tijolos, lá ia eu dando os primeiros passos de pesquisadora. Lembro-me de uma das primeiras reuniões de que participei, para planejamento de como atender demandas que vinham da rede pública de ensino para a formação de professores. A roda que se fez foi ampla – mais de cinquenta pessoas atenderam ao seu convite. A maioria mulheres, essas fortes

guerreiras que não fogem à luta. Houve o tempo das reuniões de sexta à tarde. A Faculdade se aquietava, os corredores esvaziavam, telefones silenciavam (não havia celular!). A tarde nos era boa. No final do corredor, em sua sala ampla, com um quê de improviso, nos encontrávamos – você, Dade, Dute e eu. Condizia que estivéssemos ali a fazer malabarismos na construção de futuros. Esse era um dos muitos espaços em que o Ceale ia tomando forma.

Em sua sala, a mesa era redonda. Uma das poucas que se encontravam na FaE naquele tempo. Para mim, a mesa-redonda se tornou um símbolo – a *blueprint* – de um jeito de contrapor, explorar e congregar ideias e ações. Esse *blueprint* reconheço em amigos e colegas com que tive e tenho a sorte de conviver ao longo de minha vida. E torço para que o reconheçam em mim. Penso que uma das *serendipities* que compartilhamos é essa – termos encontrado você e, com você, nos reunido em torno de ideias, ideais e ações.

Agora, mais do que nunca, olho de Sírius, quando a vejo. Vejo a vida em perspectiva. Perspectiva de quem indaga e quer se juntar a outras pessoas para a transformação do que não é justo, do que discrimina e não permite a muitos o acesso a coisas boas de aprender e de ser que a vida oferece. O seu jeito, impregnado de um indelével lema – “conhece o dever e cumpre-o” – serve como farol para navegantes que se perdem em mar revolto, como esse que atravessamos agora. Você me faz renovar a esperança e a fé na luta que resolvemos travar. Como canta o Gil: *andar com fé eu vou, que a fé não costuma falhar*. E eu digo: nem Magda!

Um grande abraço, com saudades. Que em breve possamos nos encontrar fora da tela.

Lalu

Belo Horizonte, 21 de dezembro de 2020

Querida Magda,

Há algum tempo não escrevo uma carta pessoal...Tempos pós-modernos em que a interlocução ganha outros contornos. Realidades perpassadas pela presença e ausência de tudo e de todos, de tantos e de ninguém. Não pensei duas vezes antes de lhe escrever imediatamente, ao receber o convite, de forma tão quente como este solstício em uma tarde chuvosa na qual vivemos o alinhamento de Saturno e Júpiter.

Sempre terei seus sorrisos na memória em meus primeiros dias de chegada na Faculdade de Educação! Seus olhares que guiaram minha mente nos dias aflitivos de jovem professora! Suas falas sempre me alertaram para o cuidado com o outro e nós mesmas, mulheres nas ciências! Latinas, pardas, negras, indígenas... Entre afagos nas muitas comemorações desde a inauguração de obras: físicas e literárias, autorais e de afetos até as despedidas de tantos e todos que passaram pelos corredores do Ceale e CECIMIG.

Seu vigor intelectual me estimulou a crescer e a resistir na ação docente, no papel de mãe, pesquisadora e de orientadora. O seu marco de investigação, que ousa o nunca dito e que cria o novo, subsidiou minhas reflexões pessoais nos momentos de dúvidas e nas interlocuções que nunca tivemos oportunidades de concretizar, mas que por terceiros me atravessaram. Certamente muitas pessoas igualmente foram transpassadas por seus discursos, nomeadas em nossas listas de estudantes, desconhecidas de nosso cotidiano, transeuntes de nossos discursos que circulam em mundos que não conhecemos.

Neste ano de distanciamento, escrever uma carta toma um significado totalmente novo para mim, por ver os meses passando pelas janelas virtuais e minhas rugas insistindo em serem refletidas pelo espelho da tela de uma outra sala de aula. Não conseguiria escrever nada que não fosse permeado por um sentimento de gratidão, de respeito e de humildade por estar aqui em casa, sentindo segurança

e afago de minha família. E é esse sentimento que gostaria de compartilhar com você, Magda! Meu sentimento de filha que abraça

a mãe, e mãe que afaga a filha. De mulher que compartilha a dor e o silêncio e enfrenta de cabeça erguida a vida pública.

Magda, terei sempre o orgulho de ter compartilhado com você anos de vivência que me marcarão eternamente.

Gratidão por todo seu legado ao nosso pequeno planeta chamado FaE!
Boas festas em paz, harmonia, saúde e serenidade.

Silvania Sousa do Nascimento

Recife, 18 de dezembro de 2020

Querida Magda,

Neste difícil final de 2020, aproveito a escrita dessa carta aberta, viabilizada pel@s querid@s amig@s que hoje fazem o Ceale – esse gigante criado por você – para, mais uma vez, declarar o afeto e a admiração que você me inspira e que tanto me ajudam.

Magda, você marcou minha trajetória desde os 10 anos de idade, quando, aluno do Colégio de Aplicação da UFPE, pude estudar com seu *Português através de textos* e ampliar exponencialmente meu interesse pela língua portuguesa e meu prazer em “decifrá-la”. Lembro de passagens diversas da coleção, do quanto pude lá ter um primeiro contato com as obras de Cecília Meireles e outros gênios consagrados, ao mesmo tempo em que me apropriava das sutilezas subjacentes a nossa língua. Tenho certeza de que a oportunidade de ver o português a partir de suas revolucionárias lentes me auxiliou muito a continuar cultivando meu bem-querer à “última flor do Lácio” e a fazer surgir em mim o interesse por estudar o ensino e a aprendizagem dessa flor mutante.

No final do ensino médio, optei por uma graduação em Psicologia, mas já interessado por atuar na área de Educação. No final do curso, me voltei, definitivamente, para o campo da alfabetização, com o que retomei minha aproximação com seus livros e ideias. Lembro de, no início dos anos 1980, aprender muito com seus textos sobre “usos e funções sociais da escrita”, quando ainda não falávamos de “letramento”, e o quanto me fascinou ler *Linguagem e escola: uma perspectiva social*, assim que chegou às livrarias. Eram textos fundamentais para eu assumir minha nova atividade: formador de alfabetizadoras de redes públicas de ensino.

Sempre que posso, Magda, conto que vivi a oportunidade única e o prazer de ter você como examinadora de minha dissertação de mestrado (em Psicologia Cognitiva), em 10 de maio de 1986. Fiquei impactado com a seriedade que você demonstrou e com as 14 laudas que escreveu, com comentários sobre meu texto. Além de aprender que, sim, examinadores de teses e dissertações devem assumir

aquela tarefa com cuidado e compromisso para com o/a examinado/a, saí da sessão com outro tipo de ensinamento: você questionou o fato de eu ter feito a coleta de dados apenas com alunos da rede privada de ensino e que, portanto, não representavam a maioria dos estudantes de nosso país. O puxão de orelha foi suficiente para eu nunca mais repetir esse equívoco, ainda hoje frequente entre psicólogos que estudam alfabetização, leitura e produção de textos. Desde então, eu e meus orientandos temos optado por trabalhar com crianças e docentes das escolas públicas e, sempre que possível, comparar os desempenhos daqueles alunos com os revelados por seus pares de classe média... Mas, também, buscar investigar os casos bem-sucedidos de escolas e turmas de redes públicas, que nos dão esperança de superar o quase imutável *apartheid* educacional, que por aqui enfrentamos.

Naquele ano e nos seguintes, quando entrei na UFPE (1988), antes de partir para o doutorado, continuei lendo seus textos e nos encontramos em alguns congressos. Neles, pude assistir a conferências suas e me realimentar "presencialmente" com sua sabedoria e exemplo, essenciais para minhas atividades voltadas à formação de alfabetizadoras e à tentativa de compreender como se aprende a escrita.

Ao voltar do doutorado, no começo de 1996, tive a felicidade de ser convidado pelo Ceale, então dirigido por Dute (Antônio Augusto Batista), para apresentar minha tese sobre o aprendizado da ortografia por crianças brasileiras, e lá estava você! Desde então, Magda, voltar ao Ceale, à FaE-UFMG, reencontrar você e toda sua equipe tem sido um privilégio de aprendizado e nutrição para a alma: como acadêmico e como brasileiro preocupado com essa loucura que é nosso país.

Muitas têm sido as interlocuções (bancas, seminários, pesquisas e publicações, PNLDs, Provinhas Brasil, Pró-Letramentos, PNAICs...), com você sempre compartilhando sua sapiência conosco. Lembro que, em 2011, você me convidou para conhecer e colaborar com uma palestra para as alfabetizadoras de Lagoa Santa e, então, pude conhecer de perto essa grandiosa obra que você vem lá construindo, com tanto esmero e espírito democrático e que nos traz tanta força. Nas ocasiões seguintes em que voltei a Lagoa Santa, fiquei mais e mais impressionado com a qualidade das produções e atuações das docentes que com você e sua equipe lá aprendem. E mais esperanço-

so de que, sim, podemos fazer um excelente e inclusivo ensino de língua em nossas redes públicas.

Nos últimos anos, além das visitas e preciosas conversas na FaE ou em sua casa, temos trocado muitos e-mails e você me presenteou com duas outras experiências especiais: ser leitor, capítulo a capítulo, dos originais de *Alfabetização: a questão dos métodos* e do *Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. Chamo o primeiro de *handbook* e enfatizo o fato de ser, para meu conhecimento, a única obra desse porte escrita por **uma** pessoa. Sempre que retomo o livro, fico pasmo com a erudição e o rigor com que você nos brindou, ao revisitar e discutir a produção acadêmica de tantos países, divulgada em tantas décadas. Bravo!

Agora, ganhamos mais esse presente encantado, seu *Alfaletrar*, um livro indispensável para formarmos excelentes alfabetizadoras, inspirados no magnífico legado que você semeou e vem colhendo em Lagoa Santa. Em 2017 introduzi, em nossa pós-graduação, a disciplina "Alfabetização segundo Magda Soares". No sucesso que ela se tornou, passarão a ser obrigatórios, também, a leitura e o debate desse seu novo rebento, o *Alfaletrar*.

Querida Magda, com você aprendo/aprendemos que, nessa "arena" em que se transformou a alfabetização do país, é possível "encontrarmos nossa missão e buscar cumpri-la!" Sim, você tem ensinado, a mim e a milhares de brasileir@s, que podemos lutar por fazer – da creche à universidade – uma educação que promove equidade e justiça.

Obrigado por nos ajudar a nos tornarmos mais human@s, como pessoas e como coletivo!

Desejando um Natal bem tranquilo e anos novos bem mais palatáveis e prazerosos, com mais e mais trocas e livros gestados por sua maestria, daqui envio, mais uma vez, "aquele saudoso abraço", Mestra!

Artur

Magda, minha professora.

1972. Eu, terminando o curso de Letras-português/francês, fazia na Faculdade de Educação a disciplina de Didática de Português. Alguns dos meus melhores amigos faziam a mesma disciplina com uma professora que diziam fantástica! Contavam casos das aulas. Fiquei curiosa. Um dia, criei coragem (era muitíssimo tímida) e procurei a tal professora e pedi para assistir a uma aula. Ela concordou. E lá fui eu, conhecer a tão famosa Magda. Você!

Apaixonei-me. E, pela primeira vez, tive vontade de dar aulas de português, e não apenas de francês.

Na semana seguinte, eu a procurei e perguntei se poderia frequentar suas aulas até o final do semestre, já que o horário não coincidia com nada do que eu fazia. Você concordou e eu fui sua aluna "ouvinte" durante todo o curso.

Aí começou uma história de amor, de admiração.

Essa história continuou, logo após, quando fiz o concurso para ser professora de português na rede municipal de ensino de Belo Horizonte.

No primeiro dia em que compareci à escola para a qual tinha sido designada, já levei seu livro didático *Comunicação e expressão em língua portuguesa* debaixo do braço. Convenci a outra professora da escola a adotar também.

E aí a história continuou, de amor e admiração, durante muitos anos. Você sempre presente na minha sala de aula. Eu, descobrindo o prazer de dar aulas, de ver o progresso dos alunos, de acompanhar as descobertas da leitura e da escrita, da capacidade de argumentação

Alguns anos depois, desespero. O livro não seria mais publicado. Enchi-me novamente de coragem e procurei você, na sua casa! Disse que não sabia o que fazer sem seus livros. Você, pacientemente, convenceu-me de que eu era capaz de trabalhar com qualquer livro e aconselhou-me um outro.

Eu estranhei, os alunos estranharam, e decidimos juntos que trabalharíamos o novo livro como se fosse o antigo. E assim foi du-

rante mais algum tempo, até que o novo livro de Magda saiu. *Comunicação através de textos*. Não o antigo, com o mesmo nome, que eu também conhecia, mas um novo. E assim foi, até que eu me decidi a fazer o mestrado em Educação. Na dúvida, procurei quem? Magda Soares! Tentei o mestrado, e isso foi em 1982. Não fui aprovada. Continuei na sala de aula, em sua companhia.

Mais alguns anos e decidi tentar de novo. Novamente procurei você, que me encorajou. Dessa vez, 1992, fui aprovada. Tive você na minha primeira disciplina, a famosa ACPP, em várias outras e depois tive você como orientadora.

Você me guiou no meio dos medos de não ser capaz de terminar o mestrado, de escrever a dissertação. Depois, me encorajou a fazer o concurso para ser professora na faixa. E, quem é que estava na minha banca? Você! Enquanto dava minha aula seu olhar aprovador me sustentou até o fim.

Aprovada, tive você como minha colega na FaE, imagine só! Eu colega de Magda Soares.

Vou interromper esse texto aqui. Ele começa a ficar interminável!

E nem vou falar, como imagino que a maioria das pessoas estão escrevendo para você, do Ceale. Lá, encontrei o meu lugar na faculdade.

O que quero mesmo dizer, Magda, é que meu amor e minha admiração por você existem há cinquenta anos. E vão durar para sempre!

Você é muito importante para mim, para nós!

Um abraço carinhoso,

Ceres

*O que Magda significa em minha formação pessoal,
humana e profissional?*

Querida Magda,

amiga, mestra, orientadora, colega

De muitas outras formas eu poderia me dirigir a você, Magda, quando puxo o fio da memória, para trazer os momentos importantes em que nossos caminhos se cruzaram.

Em fins de 1960, ainda no Colégio de Aplicação, seu nome chegava a mim pelas vozes dos meus professores; também por vê-lo na autoria dos livros de sua coleção *Português através de textos*, adotado no Colégio Estadual, onde Sérgio estudava. Por meio de Eliane, finalmente a conheci, na rampa da Fafich (linda demais, com uma faixa a prender seu cabelo). No curso de Letras, eu esperava ansiosamente que fosse minha professora de didática, mas meu horário de trabalho como professora alfabetizadora não me permitia cursar a disciplina à tarde na FaE. Sua figura e seu trabalho ressoavam todo o tempo na apostila cor-de-rosa adotada pelo professor Guido Almeida, inesquecível mestre que ministrava a disciplina à noite.

Como professora de português, já no Rio, ao saber que você iria autografar uma nova coleção – *Comunicação e expressão em língua portuguesa* –, corri para a livraria Francisco Alves, para vê-la e ouvi-la. Meu coração vibrava forte a seu chamamento sobre a necessidade de mudar as práticas de ensino de língua (além disso, o sotaque mineiro me trazia de volta a BH...). Nem de longe eu suspeitava que, a partir daquele momento, você me abriria horizontes de possibilidades no trabalho com as linguagens. Dali em diante, passei a questionar meus planejamentos, meus objetivos e minhas ações (Bloom ainda ditava as ordens na minha prática...). Sabia que não haveria retorno: era absolutamente urgente quebrar alguns paradigmas.

Anos mais tarde, de volta a BH, eu a teria finalmente como professora, na pós-graduação, na FaE.

Um pouco dessa trajetória você já conhece. Um percurso bem acidentado, marcado por percalços e perdas. Mas de muitas alegrias também! Como professora na EM Eleonora Pieruccetti, adotávamos

a coleção *Novo Português através de textos*, criávamos situações significativas de usos da língua e investíamos especialmente na leitura e na produção de textos. Eu me realizava com os avanços dos alunos. Como professora de português no ensino médio do CEFET, novos desafios a enfrentar. A perspectiva social e discursiva de trabalho com a língua (que já praticávamos no municipal) não encontrava respaldo nas práticas de ensino ainda engessadas e estruturalistas para estudantes do técnico. Aos poucos, conseguíamos trazer suas propostas para as aulas. Em 1998, no ENAP – Encontro Nacional de Professores de Português de Escolas Técnicas, sediado no CEFET MG, você nos apresentou o fruto de sua pesquisa que mudaria novamente os rumos das práticas de ensino de línguas: *Letramento um tema em três gêneros*.

Magda, eu teria muito ainda a discorrer sobre a sua importância em minha vida em todos os sentidos e em todos os momentos –, mas esta carta ficaria extensa demais. Eu teria ainda que lhe falar de todas as vezes em que, como professora formadora, nas disciplinas de estudos linguísticos, de didática e de estágio, entre outras, eu me entusiasmava ao trazer seus textos para reflexão e discussão. E posso lhe dizer que todos eles, sem exceção, marcaram também a trajetória formativa daqueles futuros professores. Fiquei muito feliz (e porque não dizer, orgulhosa) quando você aceitou nosso convite para a aula inaugural do curso de Letras da PUC Minas, em 2008. Muitos de nossos ex-alunos ainda comentam sobre as suas reflexões naquela noite.

A vida, a correria, o “tarefismo” acabam por nos distanciar daqueles a quem queremos muito. Ainda bem que, nas redes sociais, continuamos ligadas pelo afeto e pela admiração. Neste contexto de pandemia, vê-la nas telas permitiu aproximar-me de você, ouvir sua voz de mestra e amiga.

Desculpe-me, Magda, se a canso com a narrativa de alguns dos episódios que me vêm à mente, mas confesso que relembrá-los me fazem recuperar também parte do meu percurso como pessoa e professora. E me emociono demais. Queria mesmo era ir aí para dar-lhe um abraço bem afetuoso, para poder lhe agradecer pelo muito que representou e representa em minha vida e em minha trajetória profissional.

O que dizer a alguém que significa tanto em nossa vida? Muito obrigada por tudo.

Que você tenha muita saúde e energia para prosseguir, para continuar o diálogo com os autores e, especialmente, com os professores, como só você sabe fazer quando se trata de ensino de língua e de trabalho com a linguagem, a leitura e a produção de textos.

Que o Natal renove nossas esperanças em um mundo mais democrático e justo, como você sempre salientou em suas aulas e escritos!

Com carinho e admiração,

Maria Angela

Magda, minha querida e eterna mentora,

Você acha que foi minha orientadora somente a partir do mestrado? Ledo engano!

Sendo eu esta nordestina negra, você me orientou, desde os anos 1970/80, toda vez que eu precisava dar uma boa resposta, nas minhas atuações pessoais, familiares ou profissionais.

Fiquei muito feliz ao ver minha filha, Agda, estudando nos livros didáticos de sua autoria.

Fiquei muito animada quando o Colégio São Tomás de Aquino, muito exigente, me perguntou quais os livros didáticos que eu recomendaria como professora e eu indiquei os seus. Além disso, quando cheguei ao Colégio Pitágoras, lá já estavam escolhidos os seus livros.

Na Especialização da PUC, no PREPES, antes de fazer Literatura Infantil com Antonieta Cunha (com quem, mais tarde, trabalhei, na Miguilim/Livraria da Criança), que foi sua orientanda, fiz o Curso de Língua Portuguesa Redação, com Milton do Nascimento, que tinha uma participação sua!

Fui me alimentando, aos poucos. Fui lendo e estudando você!

Deparei-me com uma frase sua, citada por você novamente, na sua fala ao Seminário de Pesquisa Educação e Linguagem, no dia 16 de dezembro de 2020: *Diferença não é deficiência*, endereçada aos/às professores/as, como eu, que vem norteando a minha vida, há muitos anos, e que tenho citado muito nos meus textos, quando trato de linguagem e escola.

Quando trabalhei no Pitágoras, na Usina Hidrelétrica de Samuel, em Rondônia, sentia-me muito mais animada e mais útil, ao trabalhar, no meio da floresta, com os filhos dos peões da obra do que com os filhos dos "doutores", que estudavam na capital, também comigo, mais tarde.

Nessa época, tentei o mestrado e fiquei apreensiva, quando meu nome não apareceu na lista dos aprovados. Mas meu coração pululou de satisfação, ao saber que você não poderia acolher uma orientanda, naquele momento, devido a um assunto urgente em Londres. Esperei com paciência.... Tentei de novo...

Depois, pude trabalhar com muito mais gosto, já concursada na Faculdade de Educação da UFMG, na disciplina Prática de Ensino de Português, após ter feito um mestrado sob sua orientação. Foi quando também fui impulsionada a fundar, junto com a Brisa e com Graça Paulino (depois com a Zélia), que tinha sido minha professora no PREPES, o Grupo de Literatura Infantil, hoje GPELL – Grupo de Pesquisa do Letramento Literário, do Ceale/FaE/UFMG. Mais recentemente tenho trabalhado literatura infantil e juvenil também em países africanos de língua oficial portuguesa, abrigo questões raciais, que são minhas, em diálogo com o Programa Ações Afirmativas na UFMG e com pesquisadores como Nilma (UFMG), Kabenguele (USP) e Boaventura (Universidade de Coimbra, onde fiz o segundo pós-doc, após o primeiro, muito produtivo, com Maria de Lourdes Dionísio e Rui Vieira de Castro, hoje Reitor da UMINHO, com seu aval e grande incentivo!).

Foram muitas as oportunidades em que você confiou em mim, mesmo quando eu mesma estava em dúvida, o que me impulsionou para grandes voos: doutorado-sanduíche, em Paris, com Anne-Marie Chartier (em companhia da sua outra orientanda, Isabel, “minha irmã”, segundo minha mãe, referindo-se a como ela me tratou, recém-operada!), tendo como consequência Anne-Marie na banca, a despeito dos meus problemas de saúde emocional, que você respeitou e esperou, até o último momento, me dizendo: “Eu não disse nada para Anne-Marie, ainda... Eu sabia que você iria continuar e terminar no prazo”, com defesas já combinadas com várias orientandas suas, em dezembro de 2000!

Tenho acompanhado, com muito gosto, tudo o que você (fundadora do Ceale) e Francisca (atual e eficiente diretora do Ceale), desde o início trabalhando juntas na pesquisa ABEC, têm produzido juntas, através de importantes *lives*, nessa pandemia, nesses últimos tempos!

Hoje fico observando e admirando a sua força, seu importante e democrático olhar para as camadas populares, sua clareza de ideias, seu afeto com todos/as nós!

Como eu gostaria de ABRAÇAR VOCÊ AGORA!!! NATAL ABENÇOADO!!! FELIZ ANO NOVO!!!

Com muito carinho...

Aracy

Belo Horizonte, 23 de dezembro de 2020

Querida Magda,

Espero que, apesar do pesadelo em que estamos imersos, você esteja bem.

Por aqui, tudo caminhando, embora não goste – assim como você – de viver na incerteza e de modo sobressaltado, como se houvesse sempre um imprevisto desagradável à espreita.

Pediram-nos que escrevêssemos o que você significa na nossa formação profissional e humana. Demanda difícil (e que foge ao gênero carta), principalmente porque corremos o risco de, por um lado, cairmos em uma bajulação “pegajosa e enjoada” e, por outro, não sermos capazes de expressar plenamente aquilo que sentimos. Diante desse dilema, optei por recordar algumas passagens da minha vida em que você esteve muito presente.

Ainda na graduação em Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco – estávamos em 1989 –, pude ler e debater, na disciplina de Didática, o livro *Linguagem e escola* e, sem nenhum exagero, aquela leitura me abriu uma chave de compreensão do mundo que nunca mais me abandonou.

Poucos anos depois, conheci você pessoalmente na banca de seleção do mestrado da FaE/UFMG e me surpreendi com a pergunta que me fez: sendo tão nova, eu conseguiria sobreviver (feliz), sozinha, em Belo Horizonte? Compreendi, ali, que a autora que eu conhecia por escrito, era uma pessoa “normal”, preocupada com questões do cotidiano e com a sanidade da “menina do Recife”, como ficaria me chamando depois. No mestrado, fui sua aluna na ACPP (Análise Crítica da Prática Pedagógica), aquela disciplina em que discutíamos os memoriais de todos os mestrandos que haviam ingressado naquele ano. Você dividia a turma com Ana Maria Casasanta, Glaura Vasques de Miranda e com alguns estudantes de doutorado que eram seus orientandos, como Dute e Gracinha. Lembro que escrevi, naquele momento, cartas para Alina Spinillo, minha prima, e para Artur Moraes, ambos professores da UFPE e pesquisadores da área de linguagem, dizendo mais ou menos a mesma coisa:

que estava (positivamente) surpresa com a postura que você tinha em sala de aula – alegre, acolhedora, de escuta atenta, de presença irradiante. Ainda no mestrado, fui sua aluna em uma disciplina em que li, pela primeira vez, Bakhtin, e reli, dessa vez com rigor, Bourdieu. Mais uma vez, as leituras e os debates que fazíamos em sala me abriram portas de compreensão do mundo que têm me acompanhado por toda a vida. Concluí o mestrado com uma dissertação sobre um tema totalmente diferente daquele proposto no momento da seleção – do trabalho como princípio educativo migrei para a análise do cotidiano da escola primária tendo como principal fonte a obra de José Lins do Rego. Aconselhada por nossa amiga Eliane Marta, minha orientadora, tive o privilégio de tê-la na minha banca. Da arguição, lembro muito pouco, mas se tornou inesquecível o que você falou sobre o papel da epígrafe nos trabalhos acadêmicos e do risco que eu havia corrido em escolher, na segunda parte das conclusões da dissertação, as seguintes palavras de Mário Quintana: “A gente pensa uma coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende uma terceira coisa... e, enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita”. Segundo você, eu própria colocava meu trabalho em um terreno escorregadio, sobre o qual não se pode sustentar uma pesquisa. Esse tipo de reflexão tem me acompanhado desde então, principalmente depois que me tornei professora de Metodologia de Pesquisa.

Um ano e meio depois de concluído o mestrado, me tornei sua orientanda de doutorado. Hoje, não sei como você me aceitou, com aquele projeto tão alheio ao que você mesma estudava: o papel das manifestações populares na formação das crianças na primeira metade do século XX. Depois das nossas primeiras conversas, principalmente na disciplina, que você dividia com Cury e Maria Alice e de que participavam os cinco doutorandos da nossa turma, restringi meu objeto ao cordel e à formação de leitores/ouvintes. Penso que chegamos a um acordo que atendeu aos nossos interesses comuns. Como aprendi mais concretamente ao longo de todos esses anos orientando dissertações e teses, trata-se de um tipo de acordo essencial a qualquer processo de orientação. Na mesma época, fui sua aluna também em outra disciplina, dedicada ao aprofundamento das relações entre oralidade e escrita. As leituras e os debates que fizemos foram tão intensos que me tornei uma pesquisadora do tema. Mais uma vez, você me apresentou portas de leitura essenciais para a compreensão do mundo. Durante os quatro anos de doutorado, você

acompanhou o desenvolvimento da minha pesquisa e da elaboração da tese com poucas intervenções, deixando-me tornar uma pesquisadora autônoma. Embora, na época (já se vão mais de vinte anos), isso me doesse um pouco, hoje vejo que a não diretividade não é sinônimo de ausência. Foi você que, durante uma Anped em Caxambu, me apresentou a Anne-Marie Chartier e possibilitou que eu fizesse doutorado-sanduiche com ela no INRP. Além disso, as chaves de leitura que você me apresentou estão totalmente presentes na tese que escrevi. Recentemente, ao escrever o meu memorial para promoção à classe de Professora Titular, todas essas coisas se tornaram muito claras. Aproveito para agradecer, mais uma vez, a leitura que você fez do texto, que me deixou muito feliz e emocionada.

A experiência de ter sido sua aluna em vários momentos e orientanda muito influenciou o meu próprio modo de ser professora. Como você, levo sempre os livros, empilhados em sacolas ou malas, para a aula, buscando apresentar os autores, os contextos de produção das obras e, eventualmente, problemas de tradução que elas trazem. Busco estar sempre atualizada com a bibliografia produzida fora do Brasil, pois você me ensinou que isso é um pré-requisito para ser um(a) bom(boa) professor(a) e um bom pesquisador(a). Há várias outras coisas que admiro em você, mas não consigo fazer e permanecem em meu horizonte às vezes como algo inalcançável. Formar professores(as) e contribuir para a melhoria da qualidade do ensino nas redes públicas é, por exemplo, algo que somente consigo fazer de forma indireta e pouco sistemática.

Deram-nos mil palavras para a escrita da carta. Preciso encerrá-la. Agradeço por tudo o que expressei e por aquilo que não houve espaço para expressar.

Beijos, com saudades,

Aninha

Florianópolis/Macapá, 22 de dezembro de 2020

Querida Magda Soares,

Esta carta é tecida por duas vidas inspiradas por sua vida durante a trajetória existencial e profissional. É uma honra enorme estarmos juntos na Presidência da Associação Brasileira de Alfabetização (ABAlf)-Gestão 2020-2021 e contar com sua presença, experiência de vida e aprendizagem. Em 2020, Professora Magda, você foi marcante em nossos corações e em nossas ações frente à ABAlf. E quando recebemos seu primeiro e-mail, colaborando com as Notas de Posicionamentos da ABAlf, em favor da educação e, em particular, da alfabetização, ficamos em êxtase com o vocativo "Caros Lourival e Adelman". Mostramos aos amigos, enviamos aos nossos alunos, felizes demais! Confessamos que até vaidosos/as dizíamos: "gente, Magda Soares escreveu para nós!!"

Pois é, Professora Magda, muitas vezes levados pelo cansaço causado pelo atual momento político do Brasil e agravado com a pandemia, temos em você uma fonte de vigor e esperança. Por isso, resolvemos escrever-lhe esta carta para que nos conheça um pouco e saiba o quanto nos foi/é importante na construção de nossas vidas como professor e professora.

Sim, nos dois extremos do Brasil nasceram para a docência duas pessoas que um dia se encontrariam pelos mesmos sonhos! Sonhos por anos compartilhados e embalados por você, Professora Magda Soares, que, por meio de seus livros, nos inspirou e nos inspira!

Um menino de Santa Catarina e uma menina do Amapá, que se tornaram professores e pesquisadores, apaixonados pela Educação Básica e com foco em uma escola da educação infantil à pós-graduação realmente democrática, solidária, universalizada e de qualidade!

O menino em Laguna, litoral sul de Santa Catarina, filho de um pescador e de uma rendeira que se alfabetizou via *Caminho Suave - Barriga, bá eu vejo a barriga do bebê*. "De uma família carente, na infância minha mãe para aumentar a renda familiar cuidava de pessoas idosas e eu chegava da escola e alfabetizava estas pessoas repetindo a lição".

Nascia ali o gosto pela docência e em especial pela alfabetização de idosos. "Encontrei você, Magda no curso de Magistério – Ensino Médio para os primeiros anos do ensino fundamental e depois no curso de pedagogia. Amor à primeira vista, nunca mais larguei. Uma alfabetização viva, pulsante, texto vivo e com vida em práticas pedagógicas significativas".

"Atuei como professor alfabetizador nas redes de ensino da grande Florianópolis e, posteriormente, em 1999, assumi uma vaga como professor universitário na área de alfabetização e prática de ensino na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Você sempre junto como uma ancoragem teórica e presença permanente em minhas ações de ensino, pesquisa e extensão."

A menina alfabetizou-se tardiamente, filha de ribeirinhos só aprendeu a ler aos 11 anos de idade, com sua tia, professora leiga. "Minha tia tirava leite da seringueira das 4 horas da manhã até as 2 da tarde. A partir desta hora, tornava-se 'a professora Esmeralda' (como hoje, desde sempre professor/a já tinha de ter vários empregos para sobreviver). Assim, minha tia botava sempre o mesmo vestido cor-de-rosa (a melhor roupa que tinha) e se aprumava toda para ensinar diversas crianças e jovens que vinham de todos os 'furos' de rios daquela redondeza". Essa mulher foi minha inspiração para seguir a docência.

Tal como aquele menino do Sul, "foi também no curso magistério que conheci Magda Soares, por meio de um livro que muito me inquietou: *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. Compreendi muito bem aquela obra, pois me enxergava ali. Foram muitas as vezes em que a professora de Língua Portuguesa me lembrava "não é registro, Adelma! é registro"; "não é tauba, é tábuá"! "É querosene e não 'queroseno', já lhe ensinei". E Magda Soares permaneceu em minha vida por meio de suas obras! Segui o caminho da docência e seus livros didáticos marcaram minha trajetória como docente do Ensino fundamental e Médio." Além de alfabetizadora tornei-me formadora de professores na Universidade Federal do Amapá e lá o livro *Letramento: um tema em três gêneros* foi a obra que me ajudou a formar diverso/as professoras e professores/as. Tenho orgulho de hoje ter ex-alunos/as mestres e doutores/as formados/as sob a influência da leitura de seus livros.

Quando passamos fazer parte da ABAlf, o amor por você aumentou, a mulher cujas obras líamos e relíamos por toda nossa vida era real,

de carne e osso como nós, estava conosco indignada com a situação do cenário político atual que interfere fortemente na educação de modo negativo; estava dividindo conosco a preocupação com as rupturas e retrocessos na política de alfabetização; estava conosco na luta nos enviando sugestões para as Notas e Cartas da ABAlf.

Agora temos mais e mais a certeza de que estamos juntos... Corações que vibram em defesa da alfabetização, da leitura, da educação de nosso país. Hoje seguimos fazendo da ABAlf um espaço plural e de resistência em defesa da alfabetização de crianças, jovens e adultos e idosos e você é e sempre será nossa grande fonte de força e de inspiração!

Com admiração e respeito,

Lourival Martins Filho e Adelman Barros-Mendes

Cartas para
MAGDA

Belo Horizonte, 23 de dezembro de 2020

Querida Magda,

O que posso dizer além de te agradecer? Magda, você me ensinou a ser pesquisadora e a ser professora, além disso, seus estudos mostram o seu compromisso e luta pela escola pública e pela alfabetização de todas as crianças. Sigo em busca dessa utopia!

Tudo o que sou aprendi com você, minha mestra!!

Gratidão!

Abraço afetuoso em tempos de pandemia.

Valéria Resende

Belo Horizonte, 23 de dezembro de 2020

Querida Magda,

Foi com muita alegria que fiquei sabendo das cartas para você. E – que coincidência interessante – foi nesta mesma semana que me lembrei muito de você, recordando várias situações em que nos encontramos ou convivemos.

Meu primeiro contato pessoal com você foi no PREPES. Fiz parte da primeira turma de especialização em alfabetização e até hoje tenho o caderninho de anotações de suas aulas (naquele tempo a gente escrevia tudo no caderno...) e me recordo com clareza de você sentada de frente pra turma. Ao lado da cadeira sempre havia uma bolsa de palha, lotada de livros, que você ia tirando conforme o assunto, mostrando o livro, falando sobre o autor e resenhando o conteúdo. Era muito bacana, viu? Me inspirava respeito e admiração. E me serviu de exemplo: também passei a levar uma sacola de livros de literatura (Coleção Vagalume e cia.), ia tirando e fazendo o marketing com meus alunos de 5ª e 6ª séries. Os alunos “compravam” fácil, fácil. Era nossa biblioteca ambulante. Entre as várias frases de imenso sentido que ouvi em suas aulas, uma ficou muito gravada: “O importante não é contar os erros dos alunos, o importante é saber por que os erros acontecem”. E era exatamente isso que eu queria saber... E a importância de a alfabetização ser multifacetada? Que descoberta pra mim... Foi um rumo novo no meu trabalho. E foi lá também que ouvi “letramento”. O sentido dessa palavra e a luz que esses novos conhecimentos me trouxeram foram um marco na minha carreira.

Do PREPES, Daniel Alvarenga, Marco Antônio e Milton – que também tinham sido meus professores nesse curso – me convidaram a participar de uma pesquisa que o recém-criado Ceale iria fazer: “Da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita”. Aceitei com a maior alegria e aí fiquei mais uma vez aprendendo com você (e com eles). Isso direcionou minha vida acadêmica. A partir da pesquisa, ingressei no mestrado. A minha dissertação garantia, a partir do estudo da nasalidade vocálica e do registro dela pelos aprendizes, que “Herrar é umano”. Rsrhrs

Continuei de certa forma ligada ao Ceale e ao que você fez permanecer lá. Fiz o doutorado, anos após, sempre pensando em como as pessoas registram suas ideias e o que permeia esse registro. Numa perspectiva mais ampla do que a ortografia, fui ver o que acontece no registro

de um boletim de ocorrência de trânsito, motivada por uma eventualidade em que meu filho sofreu um abalroamento e eu fiquei o tempo todo observando o policial colhendo informações e depois escrevendo. Como ele filtra os dados? Será que filtra? Como sintetiza tudo nesse espaço? Como lida com a emoção dos envolvidos? Como é orientado a fazer esse registro? Escreve com clareza? Comete erros? etc. etc.

Eu não fui o tempo todo alfabetizadora; na verdade, isso foi só o início e depois meu tempo foi mais dedicado aos alunos de 5^a e de 6^a séries. Mas apliquei tudo o que fora aprendendo com suas aulas do PREPES e em disciplina do mestrado, com suas orientações e comentários na pesquisa, e – muito, muito importante – evoluindo com as orientações para o professor em todas as suas coleções de livros didáticos de 5^a a 8^a. Foi um curso à parte de ensino de língua portuguesa (e de “Comunicação” também, né?)

Um dia você foi à Escola Municipal Prof^a Eleonora Pieruccetti fazer uma reunião conosco. Falamos sobre ensino e sobre livros didáticos. Você chegou a mencionar sua ideia de escrever uma coleção para 1^a à 4^a. Eu fiquei muito feliz e no final da reunião eu me enchi de coragem, cheguei perto e disse “por favor, faça mesmo a coleção de 1^a à 4^a”. E você respondeu sorrindo: “vou fazer!”, com toda ênfase. E fez, não foi? Rsrtrs

Você influenciou e direcionou todo o meu trabalho, me fazendo sempre buscar mais o que aprender. Além de ter mudado todo o meu conceito do que é língua e do que é ensinar língua, a partir do que aprendi com você busquei ampliar meus estudos, e não posso deixar de dizer que a sua pessoa sempre me inspirou segurança no trabalho; sinto em sua pessoa organização, persistência, planejamento, amor ao conhecimento, tudo isso demonstrado na qualidade de suas atividades acadêmicas. Junto a isso, vejo uma figura líder, respeitada por todos e de grande empatia com as pessoas a sua volta. Demonstrou, no meu ponto de vista, ter um compromisso político, no sentido de política como interesse e envolvimento em saber como a sociedade funciona, reconhecendo diferenças e injustiças, sem revolta.

É uma grande honra para mim conhecê-la pessoalmente, ter sido sua aluna, ter tido a maravilhosa oportunidade de trabalhar com você.

Muito obrigada por tudo! Desejo-lhe saúde, paz e... trabalho. Um grande abraço cheio de gratidão. Saudade!

Heloísa Alkimim

Glaura, 23 de dezembro de 2020

Querida Magda,

não é fácil começar uma carta que será lida não só por você, mas pelas tantas pessoas que lerão este e-book. Endereçada a você, a minha escrita sabe de antemão que outros vão buscar nela histórias que talvez escapem ao meu objetivo no envio desta carta. Mas, enfim, da mesma forma, vou querer ler todas as outras cartas com grande curiosidade a respeito das pequenas histórias sobre encontros, trajetórias, laços acadêmicos e afetivos, que juntos formarão um interessante mosaico de memórias. Acho que, na verdade, com essas diferentes cartas individuais, teremos um conjunto bem diverso que se aproximará da construção coletiva de um afeto.

Magda, eu te conheci em forma de livro didático e, na época, "Magda Soares" era apenas nome próprio, impresso nos livros de sua autoria. Livros que abriram novos caminhos no solo estéril da mesmice do ensino de português que eu praticava. Naquele tempo, início da década de 1980, os cursos de Letras não nos formavam para dar aulas, e esse aprendizado acontecia no exercício da profissão. No meu caso, e acredito que de outras pessoas da minha geração, apoiava-me em modelos de "aula de português" de quando fui aluna da educação básica (antigos primeiro e segundo graus). Posso dizer que bons livros didáticos foram a minha escola e me formaram como professora. Esse foi o nosso primeiro encontro e por isso minha gratidão.

O seu nome, que ganhou estatuto de referência de ensino de português para mim, só muito tempo depois perderia essa força bibliográfica. Isso aconteceu quando passei a frequentar o Ceale, integrando o Grupo de Pesquisa de Literatura Infantil e Juvenil, no final da década de 1990, e pude te conhecer pessoalmente em alguns eventos. Hoje confesso que não foi muito fácil para mim essa aproximação. O que deve ser normal quando o apreço e a admiração são tão grandes. Vou te contar um segredo paradoxal (expressão retórica nesta carta pública): sem nunca ter sido, você foi e é a minha professora. Vou listar aquilo que acho mais importante entre tantas coisas que tenho aprendido com você nessa minha caminhada e que me esforço, muitas vezes sem sucesso, para alcançar:

1. Não complicar o que pode ser dito/escrito de forma simples e clara. Nesse quesito, o da descomplicação avessa a volteios, vou deixando de lado tudo o que torne a linguagem pesada e inerte e, conseqüentemente, fechada. Eu tento, juro.
2. Reparar bem nas respostas que o mundo está dando e fazer as perguntas necessárias, um aprendizado que exige sensibilidade do olhar e capacidade de escutar. Tento, a partir disso que já te ouvi dizer várias vezes, me livrar de perguntas supérfluas sobretudo das que buscam reinventar a roda como se fossem novidades.
3. Construir uma trajetória coerente com as perguntas que nos mobilizam, sabendo que elas podem levar toda uma vida para serem ouvidas ou respondidas. Aprendo com você, Magda, que isso não se alcança com pressa ou com o imediatismo característico dos atuais modos de produção na vida acadêmica.
4. Ler, ler, ler literatura. A sua biblioteca, Magda, exala leitura por todos os poros. Senti isso quando estive algumas poucas vezes na sua casa e, mais recentemente, nas *lives* que a tiveram como cenário. Os livros dessa biblioteca não são meros objetos em segundo plano, diferentemente das muitas leituras que os ambientes letrados das *lives* oferecem! Na sua biblioteca pessoal, eles ganham vida na ordem própria da leitura que não é a ordem das aparências. O meu olhar curioso para aquelas estantes e mesas ficaria ali dias e dias buscando o que quer dizer “a linguagem na superfície estrelada de letras” daqueles livros.

Vou parando por aqui essa enumeração do que você tem me ensinado nesses anos de convívio bibliográfico e pessoal, lista que poderia se estender muito mais com aprendizados em diferentes situações que tive o privilégio de compartilhar com você. Vou caminhando para a despedida porque, afinal, este texto é uma carta entre outras e não posso perder isso de vista.

Falta pouco, espero, para nos abraçarmos pessoalmente. Depois da vacina, venha me visitar, quem sabe na época das jabuticabas.

Um grande abraço, e muita saudade,

Zélia Versiani

Florianópolis, 24 de dezembro de 2020

Querida Magda,

São tantos os desejos. São tantas as palavras que gostaria de dedicar a você para expressar o que significa Magda Soares na minha formação como professora e pesquisadora no campo da Educação. Mas, confesso, as palavras não cabem neste papel e também elas ficam saltitando diante do meu coração e de minhas mãos trêmulas. Queria lhe contar tantas coisas...

Enquanto lhe escrevo, ouço "Toré Aboiado", obra do jovem músico Rafael Galeffi que, para ele, "faz referência ao toré, ritual dançante dos índios, e ao aboio, canto típico dos vaqueiros do sertão". Ofereço-lhe como um singelo presente de Natal. Compartilho contigo que colecionava ao longo dos anos os nossos diálogos por meio de correio eletrônico. Neles, conversávamos sobre os desafios para se efetivar como professora em universidade pública, o crescimento do meu filho, Antonio Vitor, minhas impressões sobre o livro *Alfabetização: a questão dos métodos...* E o assunto que mais amava ler, quando você me contava sobre sua relação e encontro com Paulo Freire – o legado, seu Projeto em Lagoa Santa, as professoras, sobre o amor, a complexidade da vida e outros assuntos. E sabe o que aconteceu? Eu acredito que perdi essas interlocuções. Elas estão agora guardadas somente em minhas lembranças afetivas. Tentei buscar na memória do computador e não as encontrei. Penso que diálogos para serem eternizados precisam de alma e não de sistema operacional de computação. Assim aconteceu com os nossos encontros, eles se eternizaram em nossas memórias.

Magda, você é tão importante para o Brasil!

Lembra quando estive aqui na Jornada de Linguagem da FAED em 2013? Evento que organizava com outras colegas da Udesc, quando trabalhava lá? Mais de quinhentas professoras no auditório, atentas à sua fala! E você ali, incansável. Após sua palestra, você continuou firme e amorosa, atendendo a todas, tirando fotos, respondendo a cada uma que se aproximava acerca de suas dúvidas sobre o processo de alfabetização em seu município. Quando olho para

você, sinto uma alegria incomensurável e me inspiro. Eu tento ser como você! Tento responder a todos que me procuram aqui na UFSC, quer seja no grupo de pesquisa que coordeno quer seja por meio de correio eletrônico ou nas redes sociais. Busco dialogar, ser um ser humano o mais próximo de minha mestra. Eu sou privilegiada! Tive muitos professores e professoras inspiradoras. Li e convivi com escritores e escritoras inspiradoras. Eu me formei com pesquisadores e pesquisadoras inspiradoras. Você é uma delas. Você me inspira, Magda Soares. Eu já confessei mais de uma vez. Já falei para meus/minhas alunos/as também. Já deixei registrado em alguns espaços onde tive oportunidade.

Continuaremos nossas interlocuções, hoje renovadas com a possibilidade de refletirmos acerca do processo de alfabetização das crianças, sendo iniciado desde os quatro anos de idade, ou da educação infantil, mais sistemático até antes, por meio da leitura do seu livro *Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*, que segundo me relatou, na nossa recente troca de mensagens, teve a *"intenção de preservar a narrativa dos 12 anos, construída junto com as professoras e as crianças, e também que a experiência possa talvez ajudar outros municípios"*.

Como você me ajudou a "olhar", semelhante ao garotinho que pede ao pai que o ensine, no texto "A função da arte", da obra *O livro dos abraços*, do Eduardo Galeano (2000), quando mirava o mar pela primeira vez, compreendendo-o como sendo um vigoroso registro de sua "experiência com as professoras e as crianças de Lagoa Santa, durante 12 anos, uma ação pedagógica que acompanha o desenvolvimento cognitivo e linguístico das crianças, na descoberta do sistema alfabético e na compreensão e produção de textos – na faixa dos 4 aos 8 anos" (Magda Soares, 9 de novembro de 2020, por correio eletrônico).

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: – Pai, me ensina a olhar! (GALEANO, 2000, p. 111)

Em uma de nossas mensagens, que faz algum tempo, Antonio Vitor, meu filho tinha 3 anos e nossa reflexão girava em torno das questões da vida, eu lhe dizia que meu sentimento era semelhante ao do jovem Franz Kappus que, indeciso entre a carreira literária e a militar, escrevia para Rainer Maria Rilke. Lia e relia seus textos, ouvia suas palavras na sintonia das do escritor para o jovem poeta:

O senhor está olhando para fora, e é justamente o que menos deveria fazer neste momento. Ninguém o pode aconselhar ou ajudar – ninguém. Não há senão um caminho. Procure entrar em si mesmo. Investigue o motivo que o manda escrever; examine se estende suas raízes pelos recantos mais profundos de sua alma; confesse a si mesmo: morreria, se lhe fosse vedado escrever? Isto acima de tudo: pergunte a si mesmo na hora mais tranquila de sua noite: "Sou mesmo forçado a escrever?"
(RILKE, 1998, p. 22)

Só que no meu caso, ao invés de literatura, buscava ao seu lado saber sobre educação, didática e formação de professores. Gratidão à vida pela oportunidade. Que Deus em sua infinita bondade continue nos concedendo a graça de permanecermos dialogando.

Vou ficando por aqui, com muita saudade,

Jilvania L. S. Bazzo.

Querida Magda,

Que alegria poder compartilhar com você este momento tão especial!

Recordo-me com muita gratidão as oportunidades que a vida me ofereceu para estar mais pertinho de você.

Foram tantas e todas recheadas de incentivo e de estímulo para continuar lutando pela verdadeira educação.

Com você aprendi muito e, com certeza, você foi o incentivo maior para minha escolha profissional. E continua sendo, com seu exemplo, uma grande inspiração em toda a minha trajetória.

"Magda Becker Soares, educadora, amiga, incentivadora: a mestra primeira." Essa homenagem que Avani e eu prestamos a você quando escrevemos nosso livro expressa meu pensar e meu sentir a seu respeito.

Com carinho e afeto,

Sula

Campo Grande, MS, 3 de janeiro de 2021

Querida Professora Magda Soares

A possibilidade de trocar algumas ideias com a senhora por meio de uma carta é para mim um momento de grande alegria e de realização de um sonho, pois desde muito tempo sou leitora dos preciosos livros que produziu e publicou sobre a alfabetização e o letramento no Brasil.

Durante a minha trajetória profissional, como professora da educação básica e técnica na Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, sempre dediquei uma parte do tempo para os estudos e as pesquisas sobre o ensino da leitura e da escrita para crianças da escola pública. A alfabetização é uma das minhas paixões.

Atualmente sou docente sênior no Curso de Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Nesta universidade tenho orientado acadêmicas e aprofundado as investigações sobre o tema alfabetização e letramento. Como parte das atividades acadêmicas empreendidas na UEMS, há quatro anos, venho desenvolvendo um Projeto de Pesquisa com o objetivo de estudar a trajetória histórica da alfabetização no Brasil e em Mato Grosso do Sul, no período de 1979 a 2019, com foco especial no uso das cartilhas como um elemento constituinte da organização do trabalho didático nos anos iniciais do ensino fundamental.

Nessa trajetória de pesquisadora da alfabetização, tive oportunidade de ler, analisar e utilizar nas minhas reflexões as obras escritas pela senhora. Os livros, apenas para citar alguns, como: *Letramento: um tema em três gêneros* (2016); *Alfabetização e letramento* (2012) e *Alfabetização: a questão dos métodos* (2016), têm sido lidos e relidos por mim, nos últimos tempos, com o propósito de compreender com mais profundidade, o tema alfabetização, no trabalho que realizo na educação básica e na universidade.

Em 2020, prezada professora Magda Soares, eu aguardo com muita expectativa o lançamento do *Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever* (2020). Assim que adquirir o livro dediquei-me à leitura imediata e cuidadosa dele. Obra magnífica, que

revela todo o conhecimento acumulado pela senhora ao longo da vida dedicada ao estudo sobre a questão do “alfabetizar”. Nesta obra primorosa, nós temos o encontro desejado entre “teoria e prática” do processo de ensinar a ler e a escrever todas as crianças. Temos na referida obra, o registro valoroso da experiência de 12 anos na rede de ensino do município de Lagoa Santa, Minas Gerais, desenvolvida pela senhora junto às professoras alfabetizadoras. São ensinamentos muito significativos para orientar as aulas das professoras alfabetizadoras e os trabalhos a serem desenvolvidos pelos pesquisadores da temática. É uma obra que deve ser lida e estudada com muita atenção por todas e todos que, de alguma forma, têm se dedicado a compreender o complexo tema da alfabetização e do letramento no Brasil e em outros países do mundo.

O Grupo de Estudo Alfabetização e Letramento, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (do qual sou membro), que reúne professores da universidade e acadêmicos do curso de Pedagogia, colocou na agenda (2021) a leitura e discussão desta obra publicada pela senhora em 2020. Serão, com certeza, momentos de grande aprendizado para todos os participantes do nosso Grupo de Estudo.

Enfim, ilustre professora Magda Soares, devo dizer que toda a sua excelente produção acadêmica e os materiais de entrevistas aos meios de comunicação (vídeos e revistas) constituem uma referência basilar para os estudos que realizo há décadas, como também para a escrita das dissertações que oriento sobre alfabetização na UEMS.

Desejo à senhora vida longa e cheia de saúde para que possa aproveitar a vida pessoal e profissional. Ficamos no aguardo de novos e valorosos livros sobre alfabetização e letramento de crianças. Eles serão recebidos com muito carinho e com muito desejo de estudos em busca do aprimoramento das ideias sobre “alfabetizar”.

Abraço carinhoso

Profa. Dra. Iara Augusta da Silva
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/Campo Grande

Belo Horizonte, 26 de dezembro de 2020

Querida Magda Soares,

como me dirigir a você? Como escrever algo significativo para uma pessoa tão especial, cujo trabalho conheço em decorrência da entrada, já no mestrado em Educação, concluído na Universidade Federal de São João del Rei? Não sei, Magda, mas quero aproveitar essa oportunidade para expressar o quanto sua presença está viva e forte em minha formação e também nos espaços nos quais eu hoje transito.

Pois bem, Magda. Venho me formando pesquisadora e interessada prioritariamente no potencial de nossa universidade pública brasileira, tão desvalorizada nestes nossos tempos sombrios. Venho de uma família humilde, tive uma escolarização difícil, na rede pública e com poucos professores que souberam, de fato, compreender minha hiperatividade. Contudo, obtive alguns sucessos.

Minha mãe, professora primária de uma escola pública de um distrito de nossa cidade (atualmente com cerca de 20.000 habitantes), não deixava que nos faltassem livros e creio que esse fato foi essencial para que eu me interessasse pela leitura e me desenvolvesse na direção do atendimento das habilidades necessárias ao letramento escolarizado. Meu pai dizia que quem lê bem escreve bem e eu devorava livros infantis, imagéticos e os quadrinhos de Maurício de Souza.

A urgência por aprender a ler era no intento de ser independente para ler o que quisesse, quando quisesse e onde quisesse. E essa urgência foi atendida relativamente cedo. De fato, a escola pública transformou minha vida, mas também fez com que eu e meus colegas aprendêssemos a reproduzir visões de mundo dualistas e um tanto limitantes. O "grupo de lata", como era chamada minha escola, uma verdadeira escola em um contêiner, era frio demais ou calorento demais, dependendo do clima lá fora e quando a chuva caía, era difícil ouvir as palavras da professora.

No entanto, nossa escola foi modernizada, mas até os dias atuais ainda se fala na cidade que fulano estuda no "grupo de lata", mesmo tendo hoje paredes de tijolos. No ensino médio, Magda, tive meus

sonhos moldados, como Paulo Freire tanto alertou. Logicamente, para alguém como eu, a universidade era uma utopia, meus pais não sonhavam com isso e eu tampouco. As turmas eram separadas por letras, os bons alunos nas turmas A, os não tão bons nas turmas B. Sei que nunca adentrei uma turma A, mas perseverarei.

Talvez não tivesse o tal capital cultural que a escola esperava que eu tivesse, mas uma "tábula rasa" também não era. Bom, Magda, estou lhe contando isso porque vejo o quanto nossa formação básica é tortuosa e acredito na importância do desenvolvimento de pesquisas neste segmento, no ensino público e gratuito, tal como tanto tenho visto você defendendo nas *lives* das quais tem participado ultimamente.

Num rompante do destino, me formei em Ciências Contábeis, felizmente com financiamento estudantil, posteriormente com a bolsa PROUNI. Já era a primeira da família a me graduar, mas o amor pela educação e a vontade, inicialmente, de melhorar algo no ensino de contabilidade, que não estimulava o pensamento crítico para além dos números, balancetes e notas explicativas, me levaram ao mestrado em Educação da UFSJ. Logo migrei de vez para a educação e iniciei também um curso em Pedagogia pelo sistema UAB, com polo na Universidade Federal de Lavras.

Como é bom adentrar a universidade pública, Magda, esse era um mundo completamente novo para mim, as pessoas que encontrei, os ensinamentos que obtive me tornaram uma pessoa melhor, com o pensamento mais crítico e sensível às debilidades sociais que encontramos todos os dias. Ao entrar na universidade, próximo ao refeitório do Campus Dom Bosco, eu sempre era agraciada com a seguinte pergunta exposta em um grafite no muro: "O seu conhecimento chega na perifa?" Me inquietava com esse questionamento porque somos pesquisadores, somos financiados com dinheiro público e nossos cursos são mantidos dessa forma.

Iniciei atividades voluntárias de acompanhamento de alunos carentes para aprovação no ENEM em dois cursos populares distintos. Também desenvolvi cursos sobre escrita acadêmica fornecidos gratuitamente para alunos da universidade e participantes de alguns eventos acadêmicos. São pequenos, mas esses tijolinhos que criei podem ter contribuído para aprovações em cursos superiores e de pós-graduação e isso muito me felicita.

Entendo e me alegro, já que, nos últimos anos, a universidade pública se desenvolveu bastante em nosso país, hoje vemos retrocessos imensos, mas acredito na capacidade de resistência que nossa universidade e nossos pesquisadores possuem. Um dos primeiros textos lidos no mestrado, creio que por mim e por muita gente, foi "Para que pesquisamos, para quem escrevemos" e esse texto, juntamente com a aula proferida por você, para a professora Francisca, recentemente na disciplina de Seminários da FaE, me fazem pensar cada vez mais na responsabilidade social cunhada por nós pesquisadores e na devolutiva de nossas pesquisas e trabalho à sociedade.

Magda, ao chegar ao doutorado, conheci os famosos e aconchegantes corredores da FaE, nos quais tantas pessoas amigas se cruzam diariamente (infelizmente não mais por causa da pandemia hoje). Mesmo sem a conhecer pessoalmente, a vejo em cada corredor, em cada sala, sua presença está em cada olhar dos professores e seu legado, Magda, nos contagia.

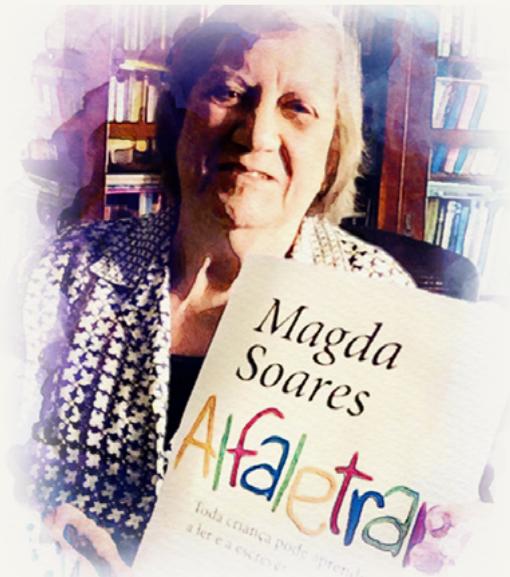
O Ceale, um dos nossos maiores patrimônios, permanece forte. E nós, os novos pesquisadores da FaE, vamos honrar seu esforço e seu amor pela Faculdade de Educação. Me sinto agraciada em poder transitar por esses espaços, por aprender com seus livros, por vê-la atuante em Lagoa Santa e falando cada vez mais de suas experiências.

Assim como a querida professora Francisca, também anseio por um livro que aborde o letramento literário e a escolarização da literatura, outro tema difícil e polêmico, mas que você trata de uma maneira sublime. Enfim, Magda, gostaria ainda de agradecer por sua presença, por sua luta, por sua força e por sua garra.

Abraços de uma estudante da FaE e de uma eterna admiradora.

Com carinho,

Paula Gomides



Poema para Magda

Magda Soares,
de tantas histórias!
De palavras solares,
Capturadas memórias
De vida e alfabetização,
De sonho e letramento,
Lançadas ao coração
Feito luz, conhecimento,
A se derramar na escola,
A derrubar eternos muros,
A combater as fórmulas,
A debater presente e futuro!

E agora, em seus oitenta,
Nos conduz a alfalettrar.
Eis que ela se reinventa,
Sempre pronta a lutar!
Sua escrita, potente razão,
(re)acende o sonho encantado
De valorização da educação,
Em um país de fato civilizado.
Magda, de tantos adjetivos,
Deveria um verbo se tornar.
Aprender com ela é imperativo:
- Vamos, então, magdar?

Anabela Ferrarini

Grupo de Pesquisa Alfafe - UFR Rondonópolis, MT, 25/09/2020

Minha querida Magda,

Estou realizando um sonho de contar-lhe um pouco de minha história profissional e dizer o quanto você esteve presente de forma marcante nessa trajetória e está, até hoje, me fortalecendo a convicção de que a formação de professores alfabetizadores precisa ser constante e construída no diálogo com os pares, dentro de um contexto de reflexão que articula dimensões fundamentais da alfabetização e suas especificidades e do letramento, enquanto sentido histórico-social da leitura e da escrita.

Quando entrei, por concurso, na rede pública municipal do Recife, em 1994, fui lançada ao desafio de alfabetizar uma turma de alunos repetentes (a coordenadora falava que alguns eram "tripetentes") e, a princípio, me apavorei. Vinha da experiência de ser professora da EJA na rede estadual e tive a sensação de que deveria tecer com aquela turma de crianças os diálogos que mobilizavam minha atuação com os jovens e adultos que também lutavam para se alfabetizar.

Em uma das formações continuadas da Prefeitura do Recife em que se lançava um programa de biblioteca pessoal do professor, a rede de ensino ofertou aos docentes seu livro *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. Foi a primeira leitura que fiz de um texto seu e marcou, definitivamente, minhas opções teórico-metodológicas. A partir daquela leitura, assumia, definitivamente, que meu compromisso com a alfabetização de pessoas, fossem crianças, jovens ou adultas, era um compromisso político, ético e exigiria de mim um embasamento sólido, para que não caísse nos modismos e pacotes que, via de regra, assolam as redes públicas de ensino, com interesses subjacentes nem sempre nobres.

Diga-se de passagem, minha formação para o magistério das séries iniciais tinha se dado em nível médio, com o curso normal. Na graduação havia cursado Psicologia com as modalidades de formação de psicóloga e licenciatura (o que me dava ainda um ligeiro embasamento sobre Educação). Então, sempre encarava os processos de formação continuada como um espaço fundamental para alimentar minha sede de conhecimentos sobre a área. Foi essa sede que me fez enveredar por uma trajetória acadêmica que se fortalecia com a prática: fui fazer mestrado em Educação e posteriormente douto-

rado também em Educação, ambos na UFPE. Magda Soares estava então cada vez mais presente em minha vida e a cada leitura e discussão de suas obras abria-se um universo de possibilidades e fortalecimento de escolhas.

Aqui preciso deixar registrado que, já no mestrado, pude acompanhar as aulas do Prof. Artur Gomes de Morais e, posteriormente, me incorporar a um grande projeto de formação continuada de professores, na rede municipal de ensino do Recife, conduzido pelo CEEL. Essa parceria CEEL/Secretaria de Educação do Recife envolveu uma formação de orientadores de estudo, do qual fiz parte, que nas escolas conduziram o trabalho de diagnose das crianças do ciclo de alfabetização, encontros de estudo no espaço da escola, da obra *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética*, organizada por Artur Gomes de Morais, Eliana Borges Albuquerque e Telma Ferraz Leal. A fundamentação teórica trazida por esse movimento, a dinâmica que isso trouxe à rede de ensino e o processo dialógico estabelecido nas escolas, lócus dos estudos desenvolvidos no processo formativo, nos abriam incríveis horizontes.

Algum tempo depois, assumindo uma função de gerenciamento de equipe na Secretaria de Educação do Recife, em uma gestão do PT, frise-se bem, tive a oportunidade de participar da equipe de coordenação do Projeto Professor Alfabetizador que teve a assessoria do CEEL desde a concepção à formação continuada dos participantes. O projeto nos possibilitava uma ação direcionada às crianças que não conseguiam ser alfabetizadas na dinâmica de suas turmas e necessitavam, assim, de um trabalho direcionado especificamente a impulsionar essa alfabetização. Àquela época tivemos a possibilidade de utilizar em primeira mão os Jogos de Alfabetização produzidos pelo CEEL e posteriormente adquiridos pelo MEC para distribuição nacional. A dinâmica era intensa: professoras realizavam acompanhamento de crianças em pequenos grupos, selecionadas a partir de uma diagnose. Todo o material era analisado e discutido com os formadores do CEEL, com quem mantinham encontros de formação para estudo, análise de atividades, oficinas de uso dos jogos e seus desdobramentos, acompanhamento do avanço das crianças com diagnoses bimestrais e, em paralelo, planejavam rotinas e atividades em encontros de formação com a equipe da secretaria de educação, coordenada por mim. O trabalho de minha equipe com os assessores do CEEL, mais especificamente Artur Morais, Eliana Albuquerque e Andrea Galvão, me aproximavam ainda mais das discus-

sões sobre a necessidade da “reinvenção da alfabetização”, o que era urgente, em especial no caso do Recife, onde a “a desinvenção da alfabetização” foi tão marcante e que pude sentir na pele.

Falar da experiência com o CEEL em minha vida profissional explica, de certo modo, o percurso trilhado sob a inspiração da perspectiva de alfabetizar letrando, cujo pilar tem sido seu trabalho ao longo desses anos, minha cara. Essa influência também foi decisiva quando escolhi, após a experiência com o projeto Professor Alfabetizador, voltar para a sala de aula e atuar novamente como alfabetizadora, agora me sentindo mais segura. Após três anos entrei no

programa de doutorado em Educação, sob a orientação da Prof^a Eliana Borges Albuquerque (UFPE) e coorientação da Prof^a Nadja Acioly-Régnier (Universidade de Lyon), e como não poderia ser diferente, desenvolvi minha tese com o título *Construção das práticas de alfabetização: elementos da formação continuada mobilizados no cotidiano da sala de aula* tendo, obviamente, como “meus santos padroeiros” Artur Gomes de Moraes e Magda Soares, a quem tanto tenho a agradecer.

Atualmente sou professora adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco e me sinto felicíssima agradecendo a você através dessa carta, por todo o sentido que sua obra trouxe à minha construção como professora e como militante da alfabetização e do letramento como direitos inalienáveis de todas e todos nesse país de tantas exclusões a serem combatidas. Obrigada por tudo que você representa para essa frente de luta, minha querida Magda Soares.

Ywanoska Gama
Professora do Departamento de Educação – UFRPE

Querida Magda,

Há um tempo, sentimos sua falta pelos corredores, nas aulas e orientações da Faculdade. Eu também, agora, estou sumida de lá, mesmo antes da pandemia porque me aposentei em 2019. Estou voluntária na pós-graduação me propondo a um processo de transição.

Senti muita vontade de falar com você, nossa vida se encontrou ao longo dos anos, quero saber de você, como está? Eu torço para que esteja frequentando aquela linda sala de morada de algumas bruxas, lendo jornais, livros e escrevendo, mas não muito. Se estiver fazendo outras coisas, espero que esteja bem, satisfeita consigo mesma e insatisfeita com o que fazem com a educação nos últimos tempos.

A aposentadoria é uma droga mesmo, mas nos dá uma liberdade que sempre foi almejada, ter tempo para fazer nada, tempo para curtir família, tempo para ver filmes, tempo para... agora temos tempo, acredito, mas... fica um vazio, melhor tratar isso como desafio para dar outros passos, não é mesmo?

Vim então escrever para você e me vieram à memória muitas coisas que me fazem te respeitar e admirar, pensar como foram fortes os poucos momentos que nós estivemos juntas, também os muitos momentos que estivemos tantos com você.

Te agradeço pela oportunidade de participação em meu ingresso na pós-graduação, na banca de mestrado, na viagem a Brasília quando o ministro queria te ouvir sobre o processo de alfabetização no Brasil e a Secretária de Educação Básica solicitou que eu a acompanhasse, as palestras, as reuniões, a disciplina dos estudos de Bourdieu; tanta lembrança bonita e forte! Você deixa marcas fortes.

Minha memória me leva para anos atrás e veja por quê.

No ano de 1981, se não me falha a memória sobre essa data, estive numa recepção, no Teatro Tuca, da PUC-SP, para recepcionar Paulo Freire, recém-chegado do exílio; ele entrou vestido de branco, aclamado de pé pelo auditório hiperlotado, fez aquelas falas bonitas e transformadoras, amorosas e impulsionadoras para nós presentes. Lindo demais! Inesquecível! Aquele momento me fez pensar

não em ser só professora, mas em ser formadora, como que me abriu a mente e o coração para pensar o ensino de matemática como parte da educação.

Por que me lembro disso? Teve um significado extraespecial. Veja só.

Por esses anos da década de 1980, morei em São Paulo, frequentei o "movimento contra a carestia" e apoiei, com minha presença e trabalho em fins de semana, movimentos de pessoas muito pobres por uma moradia minimamente digna; também estive presente, por anos, nos movimentos bastante iniciais pela retomada dos sindicatos da Zona Sul da cidade de São Paulo, tomados pelos pelegos durante a ditadura militar. Pensávamos, três pessoas e eu, profissionais de classe média, que podíamos estar naquele bairro para apoiar os trabalhadores tão oprimidos e impedidos de participar, agora, naqueles anos, dando os primeiros passos de retomada de movimentos pela defesa de direitos.

Estávamos no bairro denominado Grajaú que sempre aparecia nos jornais com relatos de assaltos e violências, mas nossa vida ali no dia a dia não mostrava isso. Fui professora numa escola estadual daquele bairro por cinco anos, ela era de madeira inicialmente, eu não me sentia bem em usar uma blusa de frio como professora quando meus alunos tiritavam no frio paulista. Um dia, passaram ratos pelo chão da sala, só eu me apavorei, os alunos os expulsaram. Depois a escola foi construída de concreto, muito grande e bonita como mereciam os estudantes daquele bairro popular.

Então, atuava como militante do movimento popular e era professora no mesmo bairro, fui conhecendo as pessoas, morava nas imediações. Questões pessoais me levaram à mudança de Belo Horizonte para aquela cidade. Na sequência histórica, todos atuamos para a construção do Partido dos Trabalhadores. Aí já são outros casos...

No movimento desse bairro, havia um grupo de mulheres que estudavam, se qualificavam e também faziam atividades de conhecimento do corpo e de seus direitos. As organizadoras desse grupo me propuseram pensar em um projeto de alfabetização, havia 17 mulheres do grupo que não sabiam ler.

Eu, professora de Matemática, identificada com as causas sociais dos pobres e contra as injustiças sociais desde o ano de 1968, me achava ótima na sala de aula, expunha a matéria, me dava muito bem

com alunos e colegas, promovia avaliações e, como era costume, reprovava quase metade das turmas, porque matemática era difícil mesmo... Assim eu pensava, dando sequência ao que eu aprendi na minha formação. Como poderia recusar um pedido daqueles? Não era da área da linguagem, o que pensar da alfabetização de adultos? Já tinha ouvido falar num "Método Paulo Freire", então me propus a pensar em algo, fui atrás para conhecer o tal método, visitei projetos de que tinha ouvido falar, li algumas coisas do autor.

Achei muito fácil, o pragmatismo impulsiona, sabe; compreender o contexto, buscar as palavras, selecionar treze palavras que poderiam ser adequadas ao processo específico daquelas mulheres... Fiz uma espécie de apostila, impressa em mimeógrafo a álcool e dei início ao processo em uma sala da igreja católica local, reunindo 14 mulheres, algumas esposas dos militantes dos movimentos por moradia, contra a carestia e, até mesmo, do movimento operário.

Cada palavra, seu sentido e significado, seus usos, suas sílabas e letras, falando, escrevendo, comentando; cada frase, seu sentido e significado, suas palavras, falando, escrevendo, comentando... Assim fomos, aos trancos e barrancos, eu fui me empolgando, parecia que dava certo e, aos poucos, aquelas mulheres, a maioria negras, donas de casa, mães, militantes, adultas, iam declamando as palavras, escrevendo e lendo!

No entanto, fui sentindo a responsabilidade do próprio método, as compreensões, os entendimentos, os registros, tudo isso ia dando uma dimensão de presença da vida daquelas mulheres, suas dores e alegrias, seus lugares sociais como esposas, mães, militantes, seus direitos. Fui ficando muito impressionada com o que ocorria, pois o crescimento das mulheres era muito claro, muito rápido; procurei outras leituras para compreender melhor o que ocorria, a "Pedagogia do Oprimido", a volta de Paulo Freire, os diversos movimentos de alfabetização pelo estado de São Paulo. Percebi que aquele era também um movimento igual aos movimentos de que participávamos.

A certa altura daquelas atividades para alfabetização, naquela Igreja, a equipe de coordenação do grupo de mulheres pediu que eu fizesse uma reunião dos maridos com as esposas durante uma aula, eles queriam entender o que estava sendo feito. Achei interessante e então marcamos um dia para que viessem, chegaram alguns,

fizeram muitas perguntas e nos falaram que suas mulheres estavam diferentes, estavam preocupados, queriam entender, pois elas não tinham mais tanto medo de sair, faziam perguntas, queriam saber coisas; enfim, o que eu me lembro é de que os maridos estavam estranhando suas mulheres agora, seja porque faziam perguntas que não faziam antes, seja porque argumentavam sobre seus direitos e posicionamentos na família, o que não faziam antes.. Então é isso que fazem aqui? Terminamos aquele encontro, eles e eu, sem entender bem o que acontecia.

Leitura da palavra, leitura da vida! Nossa, vivi isso ao vivo e em cores! As mulheres se transformavam pela leitura, pelo significado que as palavras passavam a ter quando as liam e compreendiam; e a mobilidade social, pegar ônibus e ler o folheto de propaganda do supermercado! Olha que era um processo bem inicial, minhas amadoras intervenções foram certamente cheias de falhas. Imagino quanto mais foram potencializadas na sequência as aprendizagens para aquelas mulheres que vivenciavam as diversas ações oferecidas pelo grupo, no sentido profissional, político, pessoal, sexual..

Mergulhei no mundo de Paulo Freire, fiquei incrivelmente tocada por essa experiência e daí, parece hoje óbvio que ocorresse, comecei a questionar a minha própria prática como professora. Me sentia agora péssima, incapaz de ensinar conteúdos matemáticos como sempre fazia, queria agora entender tudo, por que os alunos se tratavam agressivamente, por que não compreendiam a simplicidade e a beleza da lógica matemática, por que não aprendiam como queríamos. Muitos outros questionamentos eu me fiz: professora ou educadora? Militante atuante na defesa dos direitos e o direito à educação?

Meados dos anos 1980, com a ascensão do movimento social no país na sua totalidade, volto minha atenção para a vida pessoal e para os estudos, retorno para Belo Horizonte onde tentei a seleção para o mestrado na Faculdade de Educação da UFMG, fui reprovada na primeira vez em 1989, mas ingressei para a turma de 1990 e você, Magda, estava na minha banca. Só um programa que tinha como propósito acolher as pessoas dos movimentos sociais poderia ter me recebido, pois vinha de muita experiência profissional e política, prática, mas a formação teórica bastante frágil. Foi uma oportunidade importantíssima que eu tive e que temos proporcionado a muitos e muitos pós-graduandos ao longo das últimas décadas,

e todos sabemos: você, Magda, com outros colegas, traçaram esse belíssimo projeto de formação a que demos continuidade, formando gente ética, competente e capaz de atuar na realidade social tão desigual e diversa que vivemos.

Na banca, você se lembrou de mim do movimento estudantil da UFMG, época em que a ditadura agia por meio até de uma polícia secreta, levando muitos a prisões e torturas; nós, estudantes de graduação, buscamos abrir algumas portas fazendo denúncias e lutando por democracia; época em que muitos professores da Universidade foram perseguidos. Na banca, fez perguntas acolhedoras e, no ano seguinte, proporcionou estudos que me levaram a compreender melhor a escola como instituição reprodutora e formadora, a importância da linguagem e, ainda, o compromisso com a busca de respostas às desigualdades escolares.

O contato com o conceito "letramento" veio depois e abriu minha mente para compreender o processo de alfabetização das adultas e do denominado Método Paulo Freire no seu contexto histórico e no contexto em que eu recorri a ele. Magda, eu, da Matemática, li e estudei seus livros, estive em muitas de suas palestras, com alegria de ver sua energia e lucidez, suas indicações de respostas reafirmando seu compromisso com a educação para todos. Pude assim me engajar profissionalmente no campo da Educação Matemática, também pensando numa matemática para todos.

Foi muito rica a oportunidade de acompanhá-la a Brasília, quando o ministro Fernando Haddad a convidou para ouvir suas ideias e opiniões sobre a alfabetização no Brasil; fomos conversando no trajeto de sua casa ao aeroporto, de lá, durante quase três horas, com os dirigentes nacionais da educação, também na volta. Suas críticas à escola abandonada pelos governantes por décadas, suas críticas à formação de professores, especialmente para a alfabetização, levaram, ao governo, um conjunto de elementos da realidade nacional e contribuiu para a construção de alternativas àquela época. São lembranças muito gostosas e prazerosas que me constituíram.

Querida professora, espero que você esteja bem, que tais lembranças possam te dizer o quanto você se afirma como uma educadora brasileira de enorme valor, que nos proporcionou sempre aprendi-

zagens e, principalmente, uma postura profissional comprometida com a alfabetização e a compreensão do papel da escola.

Alegria demais eu sinto agora em poder te dizer estas palavras.

Meu abraço afetuoso e te digo, como eu disse sobre a minha primeira professora de Matemática: quem não teve uma professora inesquecível? Eu tive duas.

Samira Zaidan
Belo Horizonte, janeiro de 2021

São Bento do Sapucaí, 4 de julho de 2021

Ei, Magda,

A Francisca, como sempre, está inventando coisas difíceis: agora é escrever uma carta para você, mas uma carta – gênero tão pessoal e privado – que será tornada pública.

Não tem coisa, para mim, mais difícil. Por um lado, nossa relação sempre foi baseada sobretudo em longos momentos de silêncio e não propriamente em palavras. Sempre teve por base, acredito, o trabalho. O meu, o seu. A duradoura e feliz amizade se fazia aí, na discussão sobre aquilo em que trabalhávamos, nas conversas sobre a Universidade, a FaE e, principalmente, o Ceale, essa utopia pela qual lutamos tanto. Sempre foi por esses assuntos que o silêncio da amizade se formou, talvez quando admirava seu escritório, na casa nova e na antiga, talvez no café com casca de limão tomado no quintal de sua casa da Rua Sergipe, no uísque de fim de tarde, mas certamente, numa coincidência extraordinária para nós dois: como nosso amigo Montaigne disse, “porque era você, porque era eu”. Amizade, amor. Não é o que vivemos? Então: como transformar esse silêncio em palavras? Como transformar o não dito em dito, o que se passou em silêncio em palavras, o privado em público?

Outra dificuldade inventada pela Francisca: ela propõe que eu me lembre de você, como se fosse algo passado, nos encontros havidos ao longo da vida. Nada mais difícil também: nossa amizade sempre se baseou mais no presente – e em nossa presença, mesmo por e-mail – do que no passado, embora este, com o fantasma de minha saída do Ceale e, posteriormente, da UFMG, sempre me assombre por trazer uma expectativa de futuro não realizada. Agora porque eu era eu, não outro.

Me emociono aqui: todos os amigos com os quais trabalhamos e deixamos de ser próximos; os projetos inacabados ou não-realizados, as decepções, a doença, uma mente em frangalhos – logo ela. Mesmo assim, continuamos uma e outro presentes na vida de cada uma ou cada um. Sinto falta de todos: Milton do Nascimento, Wanderley Geraldi, Eunice Nicolau, Dade, Francisca, Graça Costa Val, Lalu, Gracinha, Ana Galvão, Eliane Marta, Ceris Ribas, Ceres Prado, Luiza, Isabel, Brisa e de tanta gente mais.

Então: como falar de uma relação tão delicada e baseada no presente, num contínuo que começou num curso de especialização do Prepes em "Redação", quando eu tinha vivido apenas um terço de minha vida, aos 22 anos?

Descobri, outro dia, assistindo a uma conferência sua, que, nessas cartas encomendadas pela Francisca, todos se lembram de sua sacola de palha cheia de livros nas aulas. Eu também. Eu me lembro de ver você sentada na mesa do professor, enquanto todos estávamos em círculo. Eu estava sob a janela. Havia passado mal e vomitado na noite anterior porque pensava que não estava à altura do curso. Era julho, o sol que vinha da janela ajudava a esquentar. Logo conheceria meus colegas: Lúcia, Gilda Parenti, de Passos, e várias outras professoras do Sul de Minas, os de Rondônia, do Pará e do Amapá. Não imaginava que depois daria aulas no mesmo curso. E lá estava você: no ar frio e fino, sentada, com a grande sacola de livros ao lado, e com seu olhar verde-pálido, com sua expressão tão difícil de definir, entre o acolhimento e alguma ironia, entre a aceitação e certo distanciamento.

Na sua disciplina, sobre textos descritivos e narrativos, vivi, de modo prático e pela primeira vez, a experiência de uma verdadeira enunciação; de assumir um ponto de vista pessoal; de dizer a partir de quem sou. Desde então essa enunciação, dirigida ao Outro, teve também você como a "leitora-modelo". Com isso, passei a viver uma grande tensão entre escrever para o Outro e escrever para um objeto de amor.

Foi outra coisa, acho, porém, que nos uniu mais decisivamente. Foi nessas aulas na PUC que conheci dois de seus livros: primeiro uma coleção de livros para o então ensino de 1º Grau – o *Português através de textos*, da editora Abril, com o livro do professor com espirais – e também o *Técnicas de redação*, escrito com o Edson Nascimento. Como coordenava o ensino de Português num conjunto de escolas católicas de 1º e 2º graus, consegui que o livro adotado fosse o seu. Vivi, então, o meu dia a dia de professor e coordenador com sua coleção debaixo do braço, aprendendo, descobrindo, ensinando.

Foi como se meu mundo mudasse, embora saiba que as nossas inclinações, nossas leituras, o que para nós faz sentido seja sempre uma feliz coincidência entre as disposições e atitudes do leitor e do autor. Outra vez, Magda: "Porque era eu, porque era você".

Várias coisas me levaram a conservar essa coleção de livros do professor até hoje. A seleção textual – sobretudo crônicas – era tão boa, tão delicada, que levava a uma implicação subjetiva também do leitor: Fernando Sabino, Rubem Braga, Clarice Lispector, Paulo Mendes Campos, Drummond, Otto Lara Resende. As ilustrações e capas em cores diferentes para o livro de cada série: o vermelho e o vermelho pálido para a 5ª série, o azul para a 6ª, o laranja para a 7ª e o marrom para a 8ª. A reprodução em menor escala, no livro do professor, com respostas (o professor em início de carreira precisava às vezes delas), e, mais importante, com comentários a cada atividade, explicitando seus objetivos e dando sugestões de abordagem. Havia neles ainda os vários quadros com os objetivos do ensino da leitura, da produção de textos, da gramática, do vocabulário, mostrando, para mim, o necessário a ser atingido, as expectativas da aprendizagem. Até a “materialidade” do livro foi pensada por você: as espirais tornavam a abertura do livro e sua utilização tão fáceis. Creio que foi pela primeira vez que notei a importância do formato do livro, de sua *mise-en-page*. Aprendi também sintaxe e morfologia com seus livros e seus quadros de análise quase chomskianos.

Foi essa coleção que me formou como professor. Foram livros que – apesar de alguma coincidência entre autor e leitor-modelos – mudaram minha vida. Há um Dute antes e um Dute depois. Talvez tenha sido uma zona de desenvolvimento proximal criada por você. Ela resultou numa mudança de ser, de atuar como professor, de entender os alunos e os objetos de ensino. Esse encontro se transformou, logo, em amor, nesse incrível, para mim, encontro de dois *habitus*.

Foi nesse curso que conheci também o *Técnicas de redação*, pelas mãos do Daniel Alvarenga: mais à frente, quando fui escrever meu memorial para a seleção de Mestrado da FaE, a enunciação – esse discurso para o Outro – se sustentaria nos tópicos frasais, nas formas de desenvolvimento do parágrafo, em sua conclusão e no estabelecimento de relações entre o que veio antes e o que veio depois.

A partir desse curso, se passou tanta coisa, não é, Magda? A decisão sobre se eu iria para a FaE ou para a Fale fazer meu mestrado, com Milton do Nascimento, num bar em frente à PUC, tomando chope. Depois o mestrado na FaE, sob sua orientação. Depois meu concurso para professor da FaE, motivo, para mim, de tanto orgulho. Depois o Ceale, esse objeto de tanto amor e de tanto investimento pessoal. E o doutorado, o Centro de Documentação do Ceale, as avaliações de

livros didáticos para o MEC, o curso para professores de Português para a Vitae, a assessoria, também pela Vitae, ao governo do Maranhão, e toda uma rede de amizade que para mim se formou: os amigos do Recife, do Rio, de São Paulo. O jovem professor nascido em Itabirito estava conhecendo o mundo. Houve, ainda, as disciplinas no mestrado e no doutorado. Você nunca foi uma professora que fazia espetáculo para nos conquistar: a conquista vinha de uma apresentação sistemática de um campo de estudos – a relação, por exemplo, entre linguagem e pensamento, desde a hipótese Sapir-Whorf até Vygotsky e Luria, Bernstein, Labov, Bourdieu, os trabalhos sobre o impacto da escrita em sociedades, grupos sociais e indivíduos, que a levou ao conceito de letramento. Só agora, depois de algum tempo, é que noto que acompanhamos você na elaboração desse conceito, pouco a pouco, passa a passo. Mas isso não quer dizer que sua presença, nas aulas, não se impusesse, no modo tão delicado de relação que você estabelecia conosco, ao ouvir nossas bobagens e atrevimentos, de acolhê-las e nos olhar com seu olhar mais especial que nos fazia sentir cada um, um indivíduo, cada um, um indivíduo especial e singular.

Agora tudo mudou, menos a nossa amizade e minha admiração. Agora sou um "fazendeiro", como você gosta de implicar. Talvez mais um "fazendeiro do ar", porque vivo de inventar coisas: jardins, hortas, restaurante, pomares, cafezal, olival, azeite e o que mais for objeto de invenção. Com prazer, trabalho numa pesquisa sozinho, tento conhecer melhor esse território que é a Mantiqueira, dou assessoria às supervisoras e professoras da escola que minha mãe inventou, dei recentemente umas aulas pela internet. O "fazendeiro do ar" vive com saudades de você e a segue nas várias *lives*. A última foi a coisa mais linda que já vi, aquela sobre o Paulo Freire e você. Porque você é você e eu sou eu, morro de saudades do que também fomos.

Estou escrevendo no "correr da pena". Eu me lembro: conheci a expressão, como objeto de estudo, quando você introduz o gênero epistolar no livro da 7ª série do *Português através de textos*, com base numa carta dirigida a Monteiro Lobato. Lembra?

Agora é no correr das teclas. Nossa, lembrei agora de minha primeira máquina de escrever, comprada porque eu queria e porque você assim pediu na primeira sessão de orientação de seu grupo de mestrandos.

Apesar das dificuldades iniciais criadas pela nossa querida Francisca, acabei conseguindo, finalmente escrever. Eu gostaria de ter podido escrever, na verdade, uma espécie de memorial sobre o trabalho que desde muito eu buscava fazer e que encontrou em você a possibilidade de sua realização. Infelizmente, tudo mudou. Mas pode saber, Magda, que você é, junto com a Vera, mesmo que de modo diferente de com ela, o grande amor de minha vida, minha grande amizade. Aquela que me transformou. Aquela que só se explica "porque você é você e porque eu sou eu".

Magda, querida, espero que essas "mal traçadas linhas" aqueçam seu coração nesse momento tão difícil para todos nós e, especialmente, para aqueles que vivem em situação de maior vulnerabilidade. Mais ou menos, estamos todos vulneráveis. A essa destruição da arena de debate público pelo riso canino e pelos latidos dos que querem conservar um passado inexistente. A essa intensa fragmentação do mundo tal qual o víamos, tal qual para nós existia. Minha vontade é que essa carta chegue perto do aniversário que você não gosta de comemorar, setembrina, sete-setembrina.

Com muitas saudades,

Dute

PS: encontrei em meus arquivos do computador a saudação que fiz há tanto tempo para você, quando se tornou Professora Emérita da Faculdade de Educação e da UFMG. Acho que ela ainda explica toda a admiração que eu, mas muitos de nós também, temos por você:

Senhor Reitor e Vice-Reitora, Diretoras da Faculdade de Educação, autoridades presentes, meus colegas, Magda:

Estamos reunidos esta noite para comemorar uma trajetória que entre nós se cumpriu; um ciclo que se realizou. A professora Magda Soares, após 40 anos servindo, cotidianamente, a esta Faculdade e a esta Universidade, aposentou-se há cerca de um mês. Estamos reunidos esta noite para assinalar essa perda, para reconhecê-la e para transformá-la, por meio dessa alquimia que os rituais realizam, num alento para as

nossas esperanças de construir uma Universidade mais próxima de nossos ideais, iluminada pelo exemplo dessa professora e pelo brilho singular de sua trajetória. Estamos reunidos esta noite para denegar essa perda, concedendo a essa professora um título para o qual, pela primeira vez em sua carreira, não concorreu nem se submeteu: por meio do título de professor emérito, nós a fazemos reingressar na Universidade e a convidamos a dela continuar participando e continuar para ela contribuindo, como fez ao longo desses 40 anos.

Eu estou aqui, Magda, para, em nome desta Faculdade, fazer esse convite e apresentar as razões pelas quais o fazemos.

São três razões principais. A primeira delas é a de que, poucas vezes, temos a oportunidade de acompanhar uma carreira universitária que tão plenamente se cumpriu. Não estou me referindo aos resultados dessa carreira nem a suas repercussões no campo intelectual: estou me referindo ao modo intenso e incondicional pelo qual você se dedicou à vida universitária, vivendo plenamente suas condições e contradições, afirmando seus valores que mereciam ser defendidos e negando aqueles que mereciam a crítica, evidenciando suas possibilidades, apontando suas limitações. Você diz, em seu memorial:

"Minha opção pela vida universitária não foi fruto do acaso ou de oportunidade eventual: ingressei nela, é verdade, por uma oportunidade eventual, mas permaneci por escolha consciente e decisão segura. A universidade me atraiu – e é isto que até hoje me prende a ela – por ser, talvez, a única instituição da sociedade capitalista cuja função e fim é a crítica social aliada à ação social, a única instituição em que é possível viver plenamente a contradição entre crítica e ação, contradição que é o verdadeiro motor do progresso social. Filha de professor universitário profundamente sensível aos problemas sociais e voltado para a busca de suas soluções, numa luta que teve como principal palco a universidade – palco em que, portanto, desde cedo estive presente; neta de ferrenho republicano e defensor ardoroso da liberdade e da racionalidade humanas – homem que ensinava a menina de quatro, cinco anos a cantar a Marselhesa; produto de uma educação metodista, seita protestante cujo fundamento é a responsabilidade social do cristão e seu compromisso com a luta contra a injustiça e a discriminação sociais – assim fui criada, assim fui feita,

assim me fiz, e só na vida universitária poderia encontrar – e encontrei – campo para viver (e sofrer) integralmente minha contradição: o inconformismo com a realidade social, que busca expressão na crítica, e o compromisso com a prática social, que obriga à ação nessa mesma realidade. Mais que local de trabalho, mais que a realização profissional, pois, a universidade foi e tem sido, para mim, a realização de um projeto de vida, provavelmente impossível fora dela.”

Diante de uma carreira como essa – eu não posso deixar de usar essa imagem gasta – tenho a sensação de estar diante de um fruto maduro, pleno; de estar diante de um sentido que se realizou. Deve agora ser colhido – ou arrancado como você tem preferido dizer ao se referir à passagem do Eclesiastes: em vez de “há um tempo de plantar e outro de colher”, você gosta de “há um tempo de plantar e outro de arrancar”. Arrancar esse fruto, assinalar a conclusão desse ciclo, desse sentido que se cumpriu. E ao mesmo tempo iniciar um outro. É para isso que estamos aqui esta noite, comemorando e celebrando.

Estamos aqui também para acusar uma perda e tentar transformá-la em ganho. Não ter você mais aqui participando do jogo que jogamos, como parceira ou adversária, é algo que em muito nos empobrece. E você deu muito a esta Faculdade. Durante mais de quarenta anos você se dedicou cotidianamente aos desafios de concretizar os ideais da vida universitária – que sempre foram seus ideais – e às dificuldades de constituir o campo pedagógico como, simultaneamente, uma área de conhecimento autônoma, no interior do campo intelectual, e uma área de ação política por meio da Educação, estreitamente vinculada às demais esferas da vida social e à desigual distribuição dos capitais econômico, social e cultural. Ascendeu a cada nível da carreira universitária mediante concurso e submetendo-se à avaliação de seus pares. Conciliou, ao longo dessa carreira, as diferentes atividades, de natureza tão diversa, que constituem a vida acadêmica. Elegendo as relações entre linguagem, sociedade e o fenômeno educativo como seu principal objeto de estudo, ensino e ação, você escreveu e defendeu teses, avaliou teses, publicou inúmeros artigos e livros, deu aulas, fez pesquisa, orientou mais de 50 teses e dissertações, dirigiu esta Faculdade, da qual foi uma de suas criadoras; dirigiu seu programa de Pós-Graduação por muitas vezes; criou e dirigiu o CEALE; criou e esteve à frente do

periódico *Educação em revista*; sempre esteve envolvida nas discussões realizadas na Congregação da Faculdade, na Câmara do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino e no Colegiado da Pós-Graduação; foi membro de inúmeras comissões na Faculdade, na Universidade, no Conselho Estadual de Educação, no Ministério da Educação, no CNPq. Nunca deixou, enquanto administrava, de pesquisar, de ensinar, de orientar e de agir pela melhoria da educação brasileira. Formou a maior parte dos professores da Faculdade, seja diretamente, através da docência e da orientação formal, seja indiretamente, através de uma orientação informal, da capacidade de compartilhar e acolher, do papel de líder que sempre lhe atribuímos.

Somos o que somos, nesta Faculdade, em grande parte, por causa, Magda, de sua ação e de seu exemplo: você criou boa parte das instituições que compõem esta Faculdade e seus agentes. Estamos aqui, portanto, esta noite, para também expressar a você o reconhecimento por ter nos tornado o que somos; estamos transformando essa perda num legado: o nosso desejo de que sejamos sempre capazes de renovar seu exemplo cotidianamente, enfrentando integralmente, como você sempre fez, os desafios de responder da melhor maneira, da maneira mais responsável, da maneira ética, da maneira mais reflexiva e, como sempre você nos ensinou, da maneira mais divertida, às dificuldades propostas pela vida acadêmica e pelo campo da ação e do conhecimento educacionais.

Estamos aqui, esta noite, por fim, por denegar essa perda, por meio de um convite: ao reconhecermos seu mérito, o mérito de sua carreira e de sua experiência universitárias, nós reivindicamos o mérito de poder continuar a contar você, no jogo que jogamos e que você nos ensinou a jogar; a contar com seu olhar de Sirius, com seu olhar acolhedor e próximo, a nos dizer que sim, que seremos capazes de reinventar seu legado: de viver este nosso pequeno mundo como você o viveu, integralmente, plenamente, e com a humildade suficiente para deixar que o sentido de nossas trajetórias e de nossa instituição se cumpra e se realize, voltando sobre si mesmo, como um círculo, como um fruto que amadurece e pede, como você fez, como nós fizemos aqui, para ser arrancado e, paradoxalmente, assim ser incorporado e mantido sempre vivo.

Belo Horizonte, 2001.

Querida Magda:

Desculpe o atrevimento de escrever como se fôssemos amigos íntimos. Mas não resisti. Afinal, foi esse o sentimento que tive, ao lembrar das muitas formas com que você contribuiu para a minha formação.

Tudo começou ainda no final da década de 1960, em Campinas (SP). Estávamos em plena ditadura militar, meu pai acabava de assumir o departamento de Microbiologia da Unicamp. E eu cursava o terceiro ano ginasial, no Colégio Estadual "Culto à Ciência", que fazia questão dessas aspas. No começo do ano letivo, a professora de Português, D. Maria José, anunciou que o livro adotado na disciplina era... *Português através de textos*.

Lá pelo meio do semestre, algumas lições já vencidas, D. Maria José chamou a nossa atenção para um "detalhe": alguém tinha selecionado e organizado os textos, assim como a matéria e os exercícios do livro que estávamos seguindo. Nos informou que o "através" do título mostrava que estávamos estudando Português por meio dos textos que íamos lendo a cada lição. E ainda disse uma coisa que nunca esqueci: "Ler e compreender textos é o ponto de partida do estudo da língua, e não o contrário".

Olhei com respeito aquele livro pequeno, sem gravuras e de formato diferente dos outros. E assim ouvi, pela primeira vez, a voz do autor. Daí por diante, nunca mais deixei de tentar perceber, a cada novo livro adotado na escola – e não só o de Português –, o jeito de ensinar *daquele* professor que nunca pisava o chão da minha sala de aula, mas mostrava os caminhos. Passei a fazer juízo sobre esses livros, a ter opiniões: "Pretensão e água benta, cada um toma o que pode!...".

A experiência com o *Português através de textos* foi decisiva para a minha inclinação para as Letras: a matéria e os exercícios me permitiam compreender a gramática como um mecanismo da língua, uma espécie de "Física" que desentranhava os mecanismos do idioma; já os textos, me introduziram a dois autores que amo até hoje: Rubem Braga e Cecília Meireles. Tocado pelas crônicas de ambos e por um poema da Cecília (se não me engano, "Madrugada na aldeia"), li muito o Príncipe dos Cronistas. E acabei conhe-

cendo toda a obra poética da Cecília, que releio com frequência, dizendo mentalmente alguns dos poemas – principalmente os de *Solombra* – como se fossem mantras ou orações: “*Vens sobre noites, sempre. E onde vives? ...*”

Muitos anos depois, já professor da PUC-SP, fui convidado pelo CENPEC a montar e coordenar a equipe que avaliaria, para o Ministério da Educação, os livros de Língua Portuguesa dos anos iniciais do ensino fundamental. E me vi sem chão: o que deveria ser avaliado, naqueles livros? Como? Com que critérios?

Quase por acaso, descobri, num dos gabinetes da Secretaria de Educação Fundamental, uma publicação recente que mesmo os funcionários da casa desconheciam: *Definição de critérios para avaliação dos livros didáticos*. O livro apresentava e discutia, entre outras, a experiência coordenada por você em definir critérios para avaliar livros de Português, sob encomenda da FAE. Inexperientes que éramos, a publicação foi a salvação da lavoura. Lemos, estudamos, discutimos, contrastamos outros trabalhos pertinentes sobre o livro didático de Português. E essa foi a referência de base para o trabalho que fizemos, dos princípios e critérios às fichas de avaliação; dos procedimentos aos objetivos. Que textos os autores selecionavam para os seus livros? Qual a relevância desse pequeno acervo? Que trabalho os autores propunham, com base nele? Que contribuição davam para o acesso do aluno ao mundo da escrita e à compreensão do funcionamento da língua?

Definição de critérios para avaliação dos livros didáticos foi o nosso “Livro Didático da Avaliação”, como você pode perceber. E esse foi o nosso segundo encontro virtual. Só uns dois anos depois nos conhecemos pessoalmente, mais uma vez por conta dos livros didáticos e da Avaliação, naquela altura já promovida diretamente pelo MEC e tendo você na coordenação dos trabalhos com as cartilhas. Foram poucos os nossos encontros, mas aprendi muito sobre alfabetização e letramento, vendo sua atuação com a equipe e ouvindo suas orientações. Conheci o Dute, seu orientando à época e braço direito nos trabalhos de avaliação. Com ele, aprendi outro tanto; e tive acesso ao CEALE, que se tornou uma referência inescapável para a nossa reflexão sobre o LD e o ensino de Língua Portuguesa. Não por acaso, as cartilhas logo foram entendidas como “livros de alfabetização”. E toda a concepção de material

didático para o letramento e a alfabetização iniciais passou por uma grande e decisiva transformação.

A “bancada mineira” juntou-se definitivamente às “bancadas” baiana, pernambucana e paulista. E as universidades de origem desses pesquisadores e professores – UFMG, UFBA, UFPE, PUC-SP – passaram a sediar o processo e a coordenar os trabalhos, enquanto eu me recolhia à comissão técnica. Uma grande produção acadêmica tomou o livro didático de Português como objeto de estudo. E as avaliações, a cada nova edição, puxaram um bom debate sobre o ensino de língua portuguesa como língua materna. Lamento muito que o PNLD tenha perdido essa pegada pedagógica nos últimos anos, especialmente no atual desgoverno. Mas a experiência cultural, intelectual e política desse período, em que você foi uma presença decisiva até quando não queria, permanece. E vai voltar a dar o que falar e o que pensar, assim que o País sair do surto atual. Tenho certeza!

Por fim, quero dizer que devo a você muitas das minhas conquistas pessoais: a poesia de Cecília e Rubem Braga, a descoberta do livro didático e a intuição de uma mecânica linguística (com a valiosa colaboração da D. Maria José), a pretensão de avaliar a pertinência de materiais didáticos de ensino de língua materna, a preocupação com o acesso ao mundo da escrita pela *criança popular*, como dizia o Darcy Ribeiro.

Não é pouco. Impossível retribuir à altura. Mas muito a agradecer e abraçar, como na canção; e nada mais pedir.

Um forte abraço.

Egon

São Paulo, 28 de janeiro de 2021

Brasília, 6 de janeiro de 2021

Querida Magda,

em tempos tão difíceis como os que estamos atravessando, pensar em você tem sido para mim uma forma importante de resistir, de segurar firme o vaso da esperança para que ele não desabe da estante da vida e se torne uma coleção de cacos. Quero te contar uma coisa que você não sabe. Quando iniciei minha graduação na UnB, fui aluno da Stella Maris Bortoni-Ricardo, que me revelou a sociolinguística. E foi mesmo uma revelação. Fui criado por pais assumidamente comunistas, e a percepção do mundo pelo prisma social tem sido não só uma posição política e ideológica, mas uma forma de vida. Também desde cedo me interessei pelas línguas, quis aprender algumas delas, e a isso juntei uma paixão pela escrita que só fazia crescer. Quando descobri a sociolinguística, senti um verdadeiro alívio: não precisava inventar uma disciplina que unisse a perspectiva social com a teoria linguística que tanto me fascinava – ela já existia.

Em seu curso, a Stella nos fez ler três livros: *O que é ideologia*, da Marilena Chaui; *Linguagem, escrita e poder*, do Maurizio Gnerre; e o seu *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. Todos me marcaram muito, mas o seu se tornou para mim um verdadeiro “problema”. É que desde então não tenho conseguido escrever nada sem tentar intrometer no meu texto alguma citação dele. A linguagem direta e clara, o diagnóstico preciso e o desmascaramento dos compromissos ideológicos subjacentes aos construtos teóricos de educação linguística que você analisa se tornaram para mim um modelo a ser seguido. Descobri Bourdieu, que foi fundamental na minha tese de doutorado. Uma escrita de compromisso e militância foi o que encontrei em *Linguagem e escola*, foi o que me transformou num admirador incondicional do seu trabalho. Eu falava tanto do livro em aula que os alunos se referiam a você como “Santa Magda Soares” (risos). Pois a verdade é que ele está sempre em cima da minha mesa, com mais de 2/3 de cada página sublinhados e anotados, porque o texto é tão compactamente coerente que é impossível a gente se limitar só a uma ou outra frase. Me lembro de ter ouvido certa vez o Sírio Possenti dizer que é um livro que ele queria ter

escrito. Fiquei muito feliz quando saiu a nova edição revista e atualizada e, claro, meu ego inflou e bateu no teto quando topei com as várias referências ao meu trabalho nessa versão nova.

Mas as epifanias não ficaram por aí. Afinal, em 1998 você publicou *Letramento: um tema em três gêneros*. Eu fui aluno, na Universidade Federal de Pernambuco, do Luiz Antônio Marcuschi, uma das mentes mais espantosamente brilhantes com que já convivi, bem numa época em que ele se dedicava aos estudos das relações entre fala e escrita. Com ele aprendi a desconfiar da visão tradicional, a famosa "great divide", que professa uma separação radical entre oralidade e escrita. Foi com ele que ouvi pela primeira vez a palavra *letramento*. Mas foi o seu livro de 1998 que me ajudou a colocar no devido lugar as ideias sobre o tema que andavam meio dispersas na minha cabeça. Me ensinou não só muito do que é letramento, como também do que são os gêneros textuais, outro conceito que aprendi com Marcuschi. Passei então a recomendar insistentemente que as pessoas lessem "o livro preto da Magda" antes de começarem a falar de letramento.

Um tempo depois, fui convidado pelo Egon para entrar na operação de guerra que é o processo de escolha dos livros didáticos a serem comprados pelo governo, naquela época em que existia um Ministério da Educação neste país. Entre as tantas coleções que tínhamos de analisar e avaliar apareceu *Português: uma proposta para o letramento*. Outra paixão à primeira vista. Fazia tempo que muita gente dizia que era preciso abandonar o ensino explícito e nomenclaturesco da gramática para se concentrar nas práticas de leitura, escrita e reflexão sobre a língua. Só que ninguém ainda tinha conseguido fazer isso de verdade. E aí aparece a sua coleção, para ensinar a garotada e, ao mesmo tempo, e tão importante quanto, para ensinar a gente como é que se faz. Como diz o Egon, o manual do professor dessa coleção é um primor, uma síntese extremamente didática de tantas discussões e pesquisas feitas durante décadas. Esse manual passou também a ser vítima constante dos meus assédios amorosos: cito aqueles objetivos do ensino de língua em praticamente todas as palestras que tenho feito e nos textos que tenho escrito desde então.

Essas três obras – *Linguagem e escola*, *Letramento* e a coleção didática – me emocionam (é este o verbo) porque nelas vejo um percurso teórico e de engajamento profissional nítido e em transformação. Em *Linguagem e escola* você advoga pelo ensino da "língua

legítima” como arma para que os alunos das classes subalternas possam lutar em pé de igualdade com os das classes médias e altas. Em *Letramento* e na coleção didática, esse objetivo é substituído por outro: o acesso permanente e ininterrupto às práticas sociais da leitura e da escrita, que inevitavelmente conduzem à reflexão linguística (é impossível ler e escrever sem ativar nossas intuições epilinguísticas, né?). Aquela ideia de que é preciso ensinar uma norma (compartilhada por tanta gente empenhada em discutir a educação linguística no Brasil) perde força em proveito de algo bem mais amplo e democrático, que é o letramento generalizado. E agora você me vem com essa história de *alfaletrar* que vai me obrigar de novo a sair dos meus cuidados para ser mais uma vez um devotado aluno seu.

Isso aqui era pra ser uma carta pessoal, mas a minha relação pessoal com você passa inevitavelmente pelo impacto profundo que seu trabalho tem tido na minha vida, que seria muito mais pobre sem ele. Por isso, só posso terminar agradecendo e dizendo: Magda, eu te amo!

Marcos Bagno

Belo Horizonte, 12 de fevereiro de 2021

Querida Magda

Fiquei muito feliz com esta iniciativa de "Cartas para a Magda", que vai dar oportunidade a muita gente, como eu, de lhe dizer o que ainda talvez tenha ficado por lhe dizer, diretamente, com todas as letras, ou todos os sons. Em meus depoimentos, palestras e documentos escritos, seu nome sempre aparece, ao lado da nossa querida Ângela Vaz Leão, como grande inspiradora de vida e de carreira. No entanto, talvez nunca tenha expressado a você essa importância. É claro que, desde o tempo de aluna na licenciatura, no iníciozinho dos anos 1960, na Rua Carangola, o rosto encantado (meu e dos demais colegas), durante as surpresas nas suas aulas de Didática do Português, deve ter revelado a admiração e a reverência que continuariam ao longo dos anos. Mas não sei se em palavras, diretamente dirigidas a você, esse recado ficou faltando.

Mas era a você que eu recorria, em caso de dúvida. Foi você que me incentivou a fazer um concurso para dar aulas em Bocaiuva, para lá chegar nomeada, então casada, porque o maridão tinha ido chefiar o hospital da cidade. Foi a você que recorri, pedindo sua opinião, quando, de volta a Belo Horizonte, em 1969, fui convidada pela mesma Dona Ângela, então diretora, para dar aulas de espanhol na Faculdade de Letras. E seu apoio foi tão entusiasmado, que logo aceitei, quase sem medo... Assim foi, enquanto estive mais próxima, como professora da UFMG. Mas foi assim também, quando a vida me levou para outros caminhos: mesmo de longe, era a sua voz que ecoava, muitas vezes, em muitas ocasiões, sobretudo para reavaliar determinada situação. Mais até do que seu grande conhecimento, foram suas atitudes que me valeram. Por exemplo, sua busca, muitas vezes discreta, por evitar ou reparar qualquer tipo de injustiça – grande ou pequena. E seu constante incentivo à liberdade de seus alunos, para trilharem caminhos próprios e independentes, para "desmamar", alçar voo, ir em frente. Esses ensinamentos não têm preço, e os encontrei não em livros, mas em pessoas (poucas, na verdade) que os praticam, como você fez a vida inteira. Por isso, para terminar a carta já longa, quero fazer uma revelação: todo dia 7 de setembro, de onde estiver, faço duas homenagens: a meu

pai, nascido nessa data, e a você. De longe, faço-lhe nesse dia uma reverência muito especial, desejando-lhe, como agora, vida longa – iluminada e iluminadora. Que por muito tempo ainda tenhamos a oportunidade de ouvi-la, como “ponto fora da curva”, como se declarou há poucos dias. Que continue a nos passar conhecimentos, mas sobretudo esse exemplo de atitudes – firmes e lisas!

Um grande e carinhoso abraço da

Antonieta

Nova Lima, 13 de julho de 2021

Querida Magda, saudades. Muitas.

Imagina só que hoje me senti tão feliz quando me pediram para falar sobre a sua importância na minha vida profissional e apresso-me em escrever-lhe alguns aspectos. Não foi difícil selecionar alguns que considero marcantes, pelo menos, me apresso em lhe contar sobre quatro momentos da minha formação, nos quais fui privilegiada pelas suas contribuições acadêmicas e, especialmente, pela sua generosidade como pessoa: no Ensino Médio, como professora alfabetizadora, na minha formação acadêmica de mestrado e doutorado e como docente da Faculdade de Educação.

Adolescência

A primeira lembrança que tenho da sua presença em minha vida me faz voltar à década de 1970, em Belo Horizonte. À Rua Pernambuco, que abrigava o imenso prédio cor de rosa – escolhida intencionalmente – do Instituto de Educação, exclusivo naquela época para mulheres que cursavam o magistério. O colégio era considerado a mais importante escola de formação de professoras para o Ensino Fundamental. Ali frequentei o Curso Normal e, aos dezoito anos me tornei professora alfabetizadora de escolas públicas, profissão que exerci durante dezoito anos. Mas não quero me desviar do assunto, é sobre a minha formação que pretendo falar um pouco. Quero relatar um caso que vivenciei durante o Curso Normal que foi determinante para a minha formação como leitora.

Na década de 1970, o Instituto de Educação ainda era um dos colégios públicos tradicionais da cidade. Quem estudou nele carrega casos de uma época de ouro permeada pelo peso da tradição, por meio da qual se destacava a sua proposta pedagógica, particularmente o seu corpo docente. Me recordo que o colégio adotava critérios para a seleção dos livros didáticos, usados pelas diversas áreas do currículo, considerando a sua excelência e inovação de suas propostas. Sabia desse critério de distinção do colégio porque amigas da minha idade, que estudavam em outras escolas públicas ou privadas, comparavam os seus livros didáticos com os meus por meio de comentários sobre a atualidade e as adequações (ou exigências) para “níveis mais elevados” de ensino e aprendizagem.

Pois bem, lembro-me do nome de quase todos os livros didáticos em que estudei, mas quero contar de um em particular. Os professores de Português do Curso Normal usavam a sua coleção, *Português através de textos*, edição da década de 1970, que se tornou um importante instrumento da minha formação como leitora. O uso desse livro didático foi tão marcante na formação de toda a minha turma do colégio que, até hoje, quando nos encontramos (tenho laços permanentes de amizade com algumas amigas dessa época) tecemos comentários a esse respeito. Eu sou capaz de recordar os detalhes gráficos de cada volume, a estrutura organizativa das suas atividades e diversos textos que compunham a sua proposta curricular. Além disso, nos foi proporcionado vivenciar significativas situações de aprendizagem, mediadas pela sua coleção. Fui aluna, durante os três anos do Curso Normal, do professor Albanito, considerado um dos profissionais de destaque do IEMG, pois adotava uma didática inovadora nas suas aulas de Português, ao utilizar o seu livro didático que era o principal estruturador da prática. Para você ter uma ideia, ao longo de cada mês, após a leitura de um conjunto de textos literários apresentados no seu livro, o professor Albanito sugeria que escolhêssemos um daqueles autores e lêssemos a obra original que serviu de fonte para o seu trabalho. Esta orientação criava um grande movimento das alunas em busca de empréstimos de livros de literatura na biblioteca do colégio. Na década de 1970 as bibliotecas escolares tinham um papel importante na formação dos alunos, não só pelos seus acervos de literatura, mas também como fonte de pesquisa para as outras disciplinas. Além dessa atividade complementar, duas vezes em cada semestre escolar, o professor Albanito selecionava algumas dessas obras que lemos, para que aprofundássemos o estudo do estilo literário dos seus autores. A finalização desse estudo culminava sempre com um trabalho em grupo, cujo objetivo era o de adaptarmos o texto de diferentes obras para uma apresentação teatral. Como IEMG tinha um magnífico auditório (creio que hoje não deve estar tão bem preservado), as nossas apresentações tinham um caráter de estreia profissional, pois exigiam um longo tempo de preparação que incluía ensaios após o horário, confecção de cenários e figurinos, sonoplastia, direção, além da adaptação do texto, é claro. Tais eventos foram tão marcantes em nossas vidas que a minha turma do IEMG guarda diversos documentos desses trabalhos, desde as versões dos textos adaptados que criamos, bem como as fotografias de registro de cada apresentação. Temos uma página na internet, na qual compartilhamos os registros particulares que

foram guardados por cada aluna. Eu me lembro de alguns trechos dos textos que adaptamos para o teatro de autores como Cecília Meireles, Drummond, tantos outros. Aliás, o inesquecível foi o trabalho que realizamos com o poema "O navio negreiro" de Castro Alves. Por tudo isso, a leitura literária se tornou uma marca da identidade da nossa turma. Realizamos encontros anuais até hoje que são movidos por essas lembranças e animados pela leitura de poesias, atividade obrigatória.

Veja só, minha querida, foi, portanto, por meio de seu livro didático, usado com maestria pelo professor Albanito, que conheci os grandes autores da literatura brasileira. A minha família de classe média baixa (minha mãe era dona de casa e o meu pai, funcionário público estadual) não tinha recursos financeiros nem capital cultural, para possibilitar aos quatro filhos o acesso a livros de literatura. Por isso, a escola foi importante espaço para esse tipo de formação. Os seus livros didáticos me ensinaram a gostar de literatura, com grande paixão. Nunca mais parei de ler. Durante a minha juventude formei uma pequena biblioteca literária com as sugestões de leitura do seu livro. A sua coleção de livros didáticos me formou. Ela me ensinou a amar a literatura. Eu comecei a ter interesse pela profissão de professora, a partir dessas experiências com o ensino de Língua Portuguesa vivenciadas no Curso Normal.

Alfabetizadora

O segundo momento que gostaria de relatar para você refere-se ao meu trabalho como professora alfabetizadora, da rede municipal de Belo Horizonte. Você já conhece toda essa minha trajetória, pois a relatei muitas vezes durante o meu mestrado, principalmente a fase construtivista em que éramos conhecidas como tietes de Emília Ferreiro. Mas tem um detalhe que nunca lhe contei. O trabalho que realizamos no final da década de 1980 ganhou repercussão, após uma reportagem de jornal que destacava os resultados positivos com a alfabetização das crianças. O fato é que passamos a ser solicitados para participar de diversos eventos promovidos por redes de ensino, para apresentar o nosso trabalho. Um deles foi um seminário que a Secretaria de Educação de Contagem promoveu no ano de 1990. A programação incluía relatos de experiências de

trabalhos com alfabetização e, ao final – a mais esperada, claro! – uma conferência de Magda Soares. Você falou para os professores sobre os métodos de alfabetização. De um conjunto de práticas a serem apresentadas, a minha escola foi a última, o que significa que ocorreu antes da sua conferência. Eu me lembro do meu grande nervosismo, pois enquanto apresentava o trabalho de alfabetização desenvolvido na minha escola foi possível ver a sua figura lá no fundo, na porta de entrada do auditório, de pé, atenta ao que eu explicava. A figura física também foi outra surpresa: os olhos esverdeados, cabelos curtos, altiva e bonita. Eu a conhecia apenas de nome, principalmente como a “Magda dos meus livros didáticos”. Foi a primeira vez que a via pessoalmente. Soube, logo no início da minha apresentação, que aquela figura era você, pelo burburinho do auditório, manifesto quando perceberam que já estava presente no local. Minha apresentação, a partir daquele momento, foi toda dirigida a você. Minha alma, durante a apresentação, encolhida de sentir por uns momentos que o público se reduzira para mim a uma única pessoa, do nosso trabalho estar em jogo, de sentir-me avaliada por uns momentos, para depois tingir-me de uma segurança tão grande por vê-la atenta me observando, interessada naquilo que apresentava quanto a que hoje revelo para você o meu carinho. Ao terminar, nos cruzamos no corredor de acesso ao palco e foi quando você veio me cumprimentar e disse o seguinte: “Tenho uma afilhada que estuda na sua escola. Ela é filha da minha manicure e me sinto muito responsável pela escolarização dela. Após assistir a sua apresentação estou mais tranquila”. Minha emoção, durante o seu comentário, foi tamanha que não soube o que lhe responder, mas confesso que fez emergir um sentimento de responsabilidade cumprida, de sentir-me grata por vivenciar um momento como aquele, capaz de tingir-me depois de uma lassidão tão feliz durante a apresentação semelhante a que sentia no cotidiano do trabalho em minha escola.

Preciso ainda contar que logo depois desse encontro, recebemos na escola um convite do Ceale para apresentarmos o nosso trabalho no evento “Perspectivas Ceale”, criado há pouco tempo e que inaugurava o debate de pesquisadores com escolas públicas no interior da universidade. Eu queria te dizer que esses dois encontros foram determinantes para que, pela primeira vez, eu compreendesse a necessidade de refletir teoricamente sobre o trabalho que realizava, o que, inevitavelmente, me levou a me interessar pelo mestrado.

A formação acadêmica

Ah, Magda querida, o que vou contar agora já é sabido por você. Toda a minha formação na pós-graduação teve como foco beber das suas contribuições acadêmicas. E fui privilegiada. Por isso não posso deixar de falar da marca deixada pelo seu ensino, principalmente para a minha turma do mestrado. As suas aulas eram imperdíveis, disputadas, pois as discussões sobre educação sempre tocavam em questões relativas à realidade socioeconômica do Brasil. Os alunos das diferentes áreas de pesquisa eram estimulados a perceber como o uso da leitura estava presente de maneiras diferentes no cotidiano de crianças de classes sociais distintas e a intervir diretamente na realidade. A sua abordagem era tão segura e fundamentada que tornava concreta a realidade da nossa educação e nos obrigava a assumir a nossa parcela de responsabilidade nessa luta por uma educação de qualidade em nosso país.

Muito imatura e com dificuldades de distanciamento de minha prática na escola pública, lembro que pouco avançava na elaboração de meu projeto de pesquisa de mestrado. Contudo, o seu olhar atento, a disponibilidade quase sem limites e o carinho com que orientou o meu projeto foram fundamentais para a minha formação. Você sabia provocar e me colocar para refletir, sempre de forma respeitosa, sobre aquilo que era fundamental na minha pesquisa. Era impossível não ultrapassarmos a barreira do formal e nos aproximarmos de uma relação mais íntima com você, pois a sua generosidade nos levava da admiração à paixão, não é mesmo "Divina Magda"? Esta forma carinhosa de denominá-la passou a ser usada por muitos de nós, seus alunos, orientandos, admiradores.

Como docente

Finalmente, não posso deixar de reconhecer que a minha entrada como professora na Faculdade de Educação se deu pelas portas do Ceale, em todos os sentidos. No dia de minha banca de concurso, nervosa e um pouco insegura, busquei consolo e orientações no Ceale. Você estava lá preocupada, solidária e amiga. Além de tranquilizar-me, ofereceu o Ceale e seu acervo para me preparar para a prova didática. Após aprovada, todas as exigências acadêmicas da universidade estavam assentadas no Ceale: o meu projeto de pesquisa na área de alfabetização; o programa da disciplina de

Didática incorporava, a contragosto das colegas de Setor, temas na área de Linguagem; e a extensão se fazia nas atividades promovidas pelo próprio Centro.

Confesso que ao longo dos anos essa minha identidade cealense gerou alguns desentendimentos no Setor de Didática, ao qual pertencia. Eu te digo também que um dos meus maiores desafios foi assumir a direção do Ceale, principalmente pela primeira vez, pois isso me foi delegado logo que ingressei na universidade. Era o meu primeiro ano de trabalho, ano de 1997, pouco ou quase nada conhecia sobre a organização da instituição e o Ceale passava por um período de esvaziamento, decorrente da ausência de muitos profissionais que saíram para qualificação. O único projeto em andamento era a sua pesquisa "O estado do conhecimento da alfabetização". A dura aprendizagem sobre as regras de funcionamento da universidade me possibilitou formalizar a regulamentação do Ceale, ainda não efetivada como Centro de Extensão. Compreendi que embora o centro articulasse uma radiografia da realidade escolar com uma rigorosa pesquisa das experiências na área, necessitava de um polo institucional mais ágil e focalizado. Ao longo dos quinze anos como docente da Faculdade de Educação, participei da ampliação e consolidação do trabalho do Ceale. Durante a minha segunda direção, no período dos dois governos do presidente Lula, participei das ações que colocaram o Ceale no cenário acadêmico nacional como referência obrigatória nas pesquisas e publicações da área da alfabetização e para a formação de professores da escola pública. Quanto orgulho tenho de ter vivido tudo isso com os meus colegas, todos seus herdeiros. Quanto orgulho tinha quando o seu nome era citado por outros profissionais de universidades parceiras que tinham Magda Soares como referência na área e como modelo para a criação de outros centros de formação.

A sua decisão de se aposentar ocorreu no período de minha primeira gestão. Confesso que me senti desolada. Na sua última semana de trabalho na universidade, você foi até o Ceale, entrou na sala da direção que eu ocupava ainda insegura, inexperiente e fez o comunicado formalmente. Surpresa perguntei a razão daquela decisão (confesso que o sentimento de abandono tocou levemente o meu coração) e me respondeu: "Saio antes que me convidem a sair. Faço 70 anos, tenho outros projetos".

Pouco a pouco é que fui percebendo que não existe tempo de parada para você. Sua liberdade com o tempo se intensificou um pouco mais,

à medida que envelhecia para lhe permitir voar cada vez mais, mas sempre com os pés no chão da realidade da escola pública. Quanto orgulho tenho de conhecê-la!

Enfim, toda essa conversa não é nada reveladora, nada do que foi escrito é capaz de revelar todos os encontros que fazem parte de nossas vidas, nem eu pretendia. Mas parece-me que me sinto satisfeita, aliviada com o que escrevo, com o que lhe digo. Tenho um sentimento de que é necessário falar de todas essas coisas. Agradecer, agradecer, mil vezes. Escrevo para você por puro carinho, por me sentir eternamente sua aluna, sua colega de trabalho, sua amiga por você ter cruzado o meu caminho, por fazer parte da minha trajetória profissional.

A sempre grata,

Ceris Ribas

PS: quando toda essa loucura da pandemia cessar quero visitá-la em sua casa, novamente.

**Resposta de Magda
às cartas incentivadas
pelo Ceale**

Queridas e queridos remetentes das cartas-surpresa. Surpresa, sim! A iniciativa de sugerir que escrevessem cartas para mim foi do Ceale, em segredo (sabiam que eu, sempre constrangida com homenagens, ia tentar impedir a concretização da ideia...). E então, surpreendentemente, há poucos dias, recebi um arquivo com dezenas de cartas! Que emoção! E quantas expectativas diante daqueles textos dirigidos a mim!

Fui lendo uma a uma, sentindo cada um e cada uma de vocês ao meu lado, trazendo de volta um passado de convivência e de construção de amizades. Cartas de tantos e tão queridos colegas, ex-alunas e ex-alunos, amigos e amigas, leitoras e leitores de meus livros, gente que fez e faz parte importante e significativa de minha vida profissional e pessoal, gente que construiu comigo, em parceria, tudo o que pude fazer para tentar realizar os meus, os nossos ideais e sonhos para a educação neste país.

Gostaria de poder responder a cada uma das cartas, que cada uma e cada um de vocês me recebesse em uma interação pessoal; mas são dezenas de cartas, eu não teria condições para responder a cada uma individualmente; desculpem, então, a carta coletiva, nela procuro expressar as repercussões em mim do que encontrei presente nas cartas.

As cartas, todas elas, trouxeram respostas a dúvidas e incertezas que tenho vivido nestes últimos anos de minha vida pessoal e profissional. Aos 88 anos, estou sempre a refletir sobre o passado, a me analisar, fico olhando para trás e me perguntando: será que valeu a pena a vida vivida? Será que vou permanecer viva na memória e na saudade dos que demonstram, em suas cartas, as marcas que minhas aulas, meus livros, minha presença deixaram nessas e nesses que me declaram, em cartas, o que signifiquei para cada uma e cada um? Nesta fase da vida, fico refletindo e me analisando: "o que é afinal que realizei nesta minha passagem pelo planetinha?" As cartas me deram respostas que me confortaram. Quantas professoras e professores disseram que mudaram o rumo de suas opções profissionais em decorrência de minhas aulas e palestras, da leitura de meus livros, textos, artigos... declararam a influência que eles têm tido em trazer a primeiro plano as crianças das camadas populares e as escolas públicas!

Muito me emocionou também a frequência com que vocês destacam a interação que construo com quem me lê ou ouve, a empatia que nos uniu e une, a proximidade, e a simplicidade com que escrevo e falo de teorias e práticas... disso eu não sabia, é se ver do ponto de vista do outro, e é se ver tal como eu gostaria de ser vista.

Confesso que, se soubesse antes desse projeto de "cartas para Magda", teria tentado impedi-lo... agora vejo que foi, está sendo, neste final de vida profissional, e também pessoal, uma recompensa pela vida vivida, sinto que agora posso dizer que "afinal, valeu a pena!"

Que cada uma e cada um de vocês recebam minha gratidão e minhas muitas saudades da convivência com vocês. Guardem-me sempre em seus corações.

Magda

Posfácio

Este é um posfácio muito singular. Escrito originalmente em francês, há quase uma década, por ocasião dos 80 anos de nossa homenageada, é assinado por Anne-Marie Chartier, pesquisadora do Laboratoire de Recherche Historique Rhône-Alpes/École Normale Supérieure de Lyon. Pela precisão com que a autora se refere às lições que teria aprendido com Magda, o depoimento de Chartier sintetiza da forma mais feliz possível os ensinamentos de que todas as nossas cartas dão o seu próprio testemunho. Em sua primeira publicação, o texto foi traduzido por Ceres Prado Leite. Foi ela também a responsável por um rápido contato com Chartier agora, para que se pudesse trazer o texto como posfácio desta publicação.

“Três lições que aprendi com Magda Soares” foi publicado em 2012, no *Jornal Letra A* (novembro/dezembro), como parte das homenagens da ocasião. Desde que o texto foi escrito, muitas coisas mudaram no Brasil e na educação. Talvez, agora, Chartier não mais se surpreendesse positivamente com o País. Mas muita coisa boa aconteceu. O livro esperado com impaciência foi publicado. Aliás, foram dois: *Alfabetização: a questão dos métodos*¹ e *Alfalettrar* toda criança pode aprender a ler e a escrever². Os movimentos de aproximação de teoria e prática continuam, pelo esforço contínuo de muitos daqueles que transitam predominante em um ou outro desses dois mundos, tão diferentes, mas com tantos interesses e objetivos em comum. E, sim, Magda Soares continua *inacreditável* e *verdadeira*.

1 SOARES, Magda. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto, 2017.

2 SOARES, Magda. *Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020.

Três lições que aprendi com Magda Soares

Autora: Anne-Marie Chartier

Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Paris V e pesquisadora do Instituto Nacional de Pesquisas Pedagógicas da França

Tradutora: Ceres Prado Leite

A primeira vez que tomei o avião para ir ao Brasil foi nos tempos do Collor. 1991? 1992? Como eu não tinha certeza de voltar um dia “ao país do cruzeiro”, guardei uma cédula como lembrança. E eu tinha razão. Quando voltei, o Brasil era o país do real. Conheci, então, um país que os jovens de hoje não podem nem imaginar. Por outro lado, quando se trata de educação, os temas que discutíamos e que nos inquietavam nesse tempo tão distante, em que não tínhamos nem PISA nem Internet, nem tablets, ainda são os mesmos. Viagem após viagem, vi a situação das escolas e dos professores melhorar, mas (no Brasil como na França) a questão continuava sendo democratizar o ensino, melhorar as interações entre alunos e professores, em resumo, lutar contra o fracasso escolar.

O avião estava atrasado. No aeroporto Charles de Gaulle, enquanto aguardava o embarque, li, pela primeira vez na vida, um livro inteiro em português. Era um pequeno livro, *Linguagem e escola: uma perspectiva social*, publicado em 1986. Eu tinha sido convidada a vir ao CEALE por Magda Soares e me sentia muito intimidada por encontrar uma professora universitária tão famosa. Começando a ler esse livro, descobri, assustada, que eu entendia tudo: Magda me fez acreditar que eu compreendia o português. Vinte anos depois, essa lembrança continua a me parecer inacreditável. Ela escrevia com perfeita clareza, eu concordava com tudo o que ela expunha e me sentia “em casa” nessa língua desconhecida. Minhas surpresas se relacionavam apenas ao “rumor da língua”. Num dicionário, eu havia encontrado as palavras

desconhecidas que se repetiam em todas as páginas (“crianças”, “fracasso”), tão estranhas aos meus ouvidos franceses. Desde essa experiência inaugural, as crianças permaneceram para mim como sendo “aqueles que gritam”, pois a palavra me remetia a “criant”, participio presente do verbo “crier”, em francês, que significa “gritar”. Já a expressão “fracasso escolar” me levava a pensar em barulho de vidro quebrado ou acidente rodoviário, pois eu me lembrava da palavra francesa “fracas”, que tem esse significado. Na França, a palavra que usamos para fracasso é “échec” e ela faz pensar sobretudo no “jeu d’échecs”, o jogo de xadrez, esse jogo silencioso onde não há vencedor sem vencido. Assim, lendo Magda, descobri duas coisas: que as explicações para o fracasso escolar, no Brasil, eram semelhantes às da França, o que era tranquilizador. Ao mesmo tempo, eu entendia que as análises teóricas dos livros não me ensinariam a respeito das diferenças entre as escolas da França e do Brasil. Para conhecê-las, eu teria que ir até as escolas. E foi o que eu fiz.

Quando Magda me recebeu em Belo Horizonte, levou-me a um restaurante que hoje não existe mais, o Mala e Cuia, onde descobri que a cozinha de Minas se parecia com a dos meus Alpes natais. Comer carne de porco com polenta, logo depois de descer do avião, isso também era tranquilizador. Magda falava francês como se tivesse feito seus estudos em Genebra, de onde saíram tantos pesquisadores da área da psicologia da criança. Fiquei sabendo, com surpresa, que eu estava enganada, mas ela me surpreendeu ainda mais quando começamos a falar sobre salas de aula e professores.

Seus artigos de pesquisa, seus relatórios em inglês para organizações internacionais, tudo o que pude ler dela, depois disso, me impressionou menos do que seu interesse pela realidade cotidiana da escola. Nos discursos dos acadêmicos daquele tempo, os maus resultados da escola eram atribuídos à ignorância dos professores, ignorância, na verdade, da pesquisa. Eu já era bastante cética em relação a essa ideia, pois era difícil atribuir aos pesquisadores os enormes progressos da alfabetização ao longo do século XX: tratava-se, antes de tudo, do resultado do trabalho dos professores, facilitado por medidas sociais e políticas. Como eu fazia pesquisas e trabalhava também com formação de professores, tinha aprendido, por prudência, a manter separadas essas duas partes de minha vida profissional. Eu pensava que haveria sempre um abismo entre, de um lado, as questões colocadas pelos pesquisadores e, de outro, os problemas que os professores tinham que

resolver todos os dias. Magda me fez pensar que eu poderia, talvez, estar errada. Foi a segunda coisa em que ela me fez acreditar: que há uma maneira de fazer pesquisa que poderia se aproximar das realidades da sala de aula.

E é por isso que sempre gostei tanto de voltar ao CEALE. Eu voltava por causa da hospitalidade brasileira. Voltava também pelas amizades estabelecidas ao longo dos dias e, principalmente, para me revigorar. O CEALE foi para mim um lugar mítico e frágil, onde se imbricavam de forma natural o trabalho de pesquisa, o conhecimento sobre a sala de aula e as questões a respeito da formação de professores. Em outros centros universitários, em Paris como em São Paulo, a segmentação das pesquisas especializadas (em psicologia, em linguística, em didática, em literatura, em sociologia, em história) proíbe uma tal convergência de saberes em torno do que hoje se chama de “letramento”. Eu senti que era a incrível cultura de Magda que possibilitava manter essa abertura. Essa conjugação era singular demais para poder ser reproduzida com facilidade. Mas Magda me fez acreditar que aquilo que existia em algum lugar poderia também existir em outros.

Como eu não tinha o título de “Professeur d’université”, mas apenas o de doutora, não tinha o direito, na França, de orientar teses de doutorado.

Magda, entretanto, enviou-me doutorandas para estágio sanduíche em Paris. Eu nunca soube o que ela esperava exatamente de mim, mas a terceira coisa em que ela me fez acreditar foi que eu saberia coorientar pesquisas, mesmo que não tivesse o direito a isso.

De minha parte, eu tinha certeza de que os projetos de tese eram bons, já que tinham sido aceitos por ela. Mas eu não era psicóloga, linguista ou especialista em didática; eu trabalhava com a história da leitura escolar. Eu conhecia apenas a escola francesa e ignorava tudo a respeito das pedagogias de alfabetização no Brasil. Pensei então que Magda me confiava “suas meninas” para que eu cuidasse de sua saúde, como faz uma madrinha por suas afilhadas exiladas por um ano em Paris. Eu me preocupava, então, em que elas pudessem comer bem sem pagar muito por isso. Em relação à alimentação intelectual, eu encontrava seminários, eu as inundava de livros, de revistas, de artigos. Eu encontrava salas de aula em que elas pudessem fazer observações, assim eu poderia ver a escola francesa através de seus olhos. Tudo isso visava prevenir os riscos de depressão que ameaçam todos os brasileiros que são confrontados ao frio, ao céu cinza, às longas noites de inverno.

Tomei consciência, muito tempo depois, de que o artifício de Magda era outro: em Paris, como as doutorandas não podiam mais se lançar ao campo de pesquisa para juntar cada vez mais dados, elas deveriam voltar ao que já tinham coletado, reler, anotar, colocá-los em ordem para redigir a tese. Eu tinha prometido que leria seus textos, pois acreditava que entendia o português escrito. Mas o português das alunas não era o de Magda e eu era obrigada a pedir esclarecimentos sobre tudo: sobre o objeto de pesquisa, o campo, a coleta de dados, suas escolhas, as entrevistas com os atores, suas referências teóricas. Cada uma deveria conseguir me explicar, em francês e em voz alta, o que ela esperava daquele projeto. Magda me provou assim que, das turmas de alfabetização até o final dos estudos universitários, os alunos podem progredir graças a professores que não sabem muita coisa e entendem menos ainda, se estes têm realmente vontade de se instruir “em campo”.

E depois, Magda se aposentou, e eu também. Ela continua a ir até as salas de aula e eu também. Espero a publicação do seu novo livro com impaciência. Lendo Magda, continuarei a acreditar que a pesquisa teórica e o conhecimento prático do ofício podem caminhar no mesmo passo. E continuarei a acreditar que entendo perfeitamente o português. É inacreditável, mas é verdade. É isso que você é para mim, Magda, inacreditável, mas verdadeira.

Em agosto/2021, Anne-Marie Chartier escreveu: *J'ai relu le texte pour Magda, je n'ai rien à rectifier! Je continue de le signer tel quel.*

Professora titular emérita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais — onde fundou o Ceale (Centro de Alfabetização e Leitura) —, Magda Becker Soares é uma das principais referências em alfabetização e letramento do País. Tendo contribuído de forma decisiva, ainda, para a pesquisa e a prática de ensino de língua portuguesa na educação básica.

Seu legado, no entanto, vai muito além do que suas obras acadêmicas e didáticas permitem supor. Envolve um conjunto de afetos, de memórias, de experiências vividas e sentidas por todos os que a conhecem não só *através de textos*, mas também pessoalmente ou por meio das muitas *lives* em que continua compartilhando conosco seus saberes e seu trabalho — sempre em favor de uma escola pública de qualidade, inclusiva e emancipadora.

Tendo em comum um encontro definitivo com o trabalho de Magda, muitos educadores — no mundo acadêmico ou no das práticas de sala de aula — atenderam ao chamado do Ceale para uma homenagem a sua fundadora. E escreveram, para esta publicação, cartas em que testemunham a força intelectual, política, ética e afetiva do diálogo que puderam travar com a professora, com a pesquisadora e com a figura humana.

Nos textos aqui reunidos é possível entrever, *na perspectiva sempre pessoal e subjetiva de cada autor ou autora*, alguns dos principais objetos de preocupação do ensino de língua materna em nosso País nas últimas quatro décadas: “métodos” de alfabetização, práticas de letramento, leitura e produção de textos, ensino de literatura, construção de uma representação cientificamente correta da língua, elaboração e avaliação de livros e outros materiais didáticos de qualidade, tratamento republicano da diversidade linguística, acolhimento ao português brasileiro, combate ao preconceito linguístico etc. E em todos esses temas, é possível ver o quanto o trabalho de Magda Soares revela sua pertinência e sagacidade.

No ano em que completa seus 31 anos, o Ceale dá início, com esta publicação, a estudos, pesquisas, reflexões e debates que, debruçando-se sobre velhos e novos interesses, tomarão a obra de Magda Becker Soares como referência, numa homenagem aos 90 anos que ela completará em 2022.



